



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia alusiva à primeira solda do Gasoduto Urucu/Manaus**

Coari-AM, 01 de junho de 2006

O nosso chefe do cerimonial está com uma voz muito mais potente do que a minha. Eu não sei se é porque eu vinha para o Amazonas que eu peguei uma gripe esta noite. E me disseram que eu tinha que experimentar uma gripe devido à umidade do Amazonas. Posso garantir que é pior do que enfrentar em Brasília.

Mas meus companheiros, minhas companheiras de Coari, do estado do Amazonas,

Meu querido companheiro Eduardo Braga, governador deste estado, parceiro de todas as horas,

Meu companheiro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Meu caro Berlarmino Lins de Albuquerque, deputado estadual e presidente da Assembléia Legislativa do estado do Amazonas,

Meu caro senador Gilberto Mestrinho, que tem me ajudado de forma extraordinária na Comissão de Orçamento, no Senado,

Meus queridos companheiros deputados e deputadas que têm ajudado o governo Átila Lins, Carlos Souza, Francisco Garcia, Humberto Michiles, Lupercio Ramos, Silas Câmara, Vanessa Grazziotin,

Meu querido companheiro, senhor Manuel Adail Amaral Pinheiro, nosso querido prefeito de Coari,

Meu querido companheiro Serafim Fernandes Correa, prefeito de Manaus,

Meu caro José Wilson Matos Cavalcante, presidente da Câmara Municipal de Coari, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os vereadores,



Meu querido companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras, um homem que teve a coragem de levar para o Conselho da Petrobras a decisão de fazer o gasoduto Coari/Manaus,

Nossa querida Flávia Grosso, superintendente da Suframa,

Meus companheiros deputados estaduais,

Vereadores,

Prefeitos,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu, na verdade, estava olhando as pessoas falarem e estava vendo uma parte do povo se abanando por causa do calor e uma outra parte, que não teve acesso à galeria coberta, procurando um lugar para sair do sol. E vocês viram, vocês perceberam, que o pessoal que organizou também não teve dó de nós, aqui, pois colocaram as cadeiras no sol e nós tivemos que voltar lá para trás.

Possivelmente, pela euforia do ato, pelo simbolismo do que estamos fazendo aqui, nenhum de vocês ainda tenha a dimensão do que vai acontecer no estado do Amazonas, do que vai acontecer na cidade de Coari e em outras cidades da região, pelo fato de hoje termos dado o primeiro ponto de solda no gasoduto de centenas de quilômetros que vai levar a riqueza do solo dessa região, transformado em gás, para o desenvolvimento do estado do Amazonas e da capital.

O Amazonas é visto por muita gente como se fosse um estado muito grande, possivelmente a maior floresta, a maior reserva de floresta tropical do Brasil e do mundo. E, muitas vezes, os governantes não se dão conta de que neste estado, que é o maior estado do país na sua dimensão territorial, é um estado e uma região, ou melhor, uma região, que tem, aproximadamente, 20 milhões de habitantes. E que as pessoa que moram na Amazônia querem tudo igualzinho às pessoa que moram em São Paulo, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, no Mato Grosso. As pessoas querem trabalhar,



querem estudar, as pessoas querem viver dignamente e decentemente. As pessoas não podem ser tratadas como se fossem pessoas de segunda classe, porque estão mais distantes dos centros de decisão da política brasileira.

Possivelmente, Governador, eu tenha tido a sensibilidade de decidir construir o Coari/Manaus, porque em 1989, quando eu perdi as eleições para Presidente, eu fui para casa refletir e percebi que eu não conhecia o Brasil. Quem visita o Brasil em campanha não conhece o Brasil, porque você desce no aeroporto, vai para o palanque, do palanque para o aeroporto e vai embora. Eu resolvi fazer a Caravana da Cidadania em 1991, 1992, 1993 e 1994. Percorri 91 mil quilômetros deste país, de barco, de trem, de carro e de ônibus. Atravessei este país do Oiapoque ao Chuí. Aqui mesmo, no estado do Amazonas, eu saí de barco, numa peregrinação durante 14 dias visitando cidades e mais cidades, até chegar a Belém e, depois de 91 mil quilômetros, de visitar mais de 600 cidades ribeirinhas, eu me dei conta da diversidade do Brasil, da diversidade econômica, social e cultural.

Mas ao mesmo tempo eu me dei conta que não é porque temos alguma diferença na nossa cor, nos nossos olhos, na nossa cultura, nos nossos hábitos alimentares que nós não teríamos que ser tratados em igualdade de condições. Tem muita gente no Brasil que acha que o estado do Amazonas não deveria ter a Zona Franca: “a Zona Franca de Manaus é uma idéia de competitividade empresarial que deixa as pessoas em outros estados em situação desfavorável”.

Quando nós tomamos posse, nós resolvemos prorrogar, até 2023, o funcionamento da Zona Franca de Manaus, porque a Zona Franca é a veia principal do desenvolvimento deste estado. Saímos de pouco mais de 50 mil trabalhadores para mais de 100 mil trabalhadores e é o que vai acontecer a partir de agora com esse gasoduto. No início, serão 3 mil e 400 empregos diretos e 10 mil empregos indiretos. Desses empregos, 60% terão que ser contratados daqui, do estado do Amazonas. Não podem trazer gente de fora



para trabalhar aqui. E por que tem que ser daqui? Para valorizar a mão-de-obra qualificada que foi formada aqui numa parceria extraordinária entre o governador do estado e a Petrobras, porque se não der essa oportunidade, essas meninas, governador, e esses meninos de azul que nós estamos vendo aqui, e os meninos e meninas que estão aí em pé, não terão oportunidade de progredir na vida, não terão a oportunidade de estudar, não terão a oportunidade de trabalhar e, possivelmente, terão que peregrinar para uma capital, seja Manaus ou outra qualquer, à procura de uma sorte.

E nós estamos cansados de ver no dia do aniversário, no dia de natal, no dia de ano novo, mães, por este Brasil inteiro, chorando a ausência de filhos e filhos chorando a ausência de mães, porque tiveram que se afastar para ter uma chance de trabalhar ou para ter uma chance de estudar. Nós tomamos a decisão de tirar as universidades das capitais, todas as universidades brasileiras eram nas capitais, então, o jovem de Coari ou de Benjamim Constant, que quisesse estudar um curso qualquer, ele teria que largar a família e ir para Manaus sem emprego, sem dinheiro para pagar uma casa para morar, um quarto para morar e, muitas vezes, sem dinheiro para comer.

Então, nós resolvemos que não é o estudante que tem que andar atrás da universidade na capital, são as universidades que têm que andar atrás dos estudantes onde eles estiverem neste país. É por isso, Governador, que em apenas 41 meses nós estamos fazendo quatro universidades federais novas no Brasil, estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos fazendo 43 extensões universitárias, levando o curso para o interior do Brasil, porque não há nenhuma melhor oportunidade do Brasil se desenvolver do que a gente investir na formação dos nossos meninos e das nossas meninas.

Eu queria, Governador, dizer a Vossa Excelência, aqui em Coari, que a relação do governo federal com o governo de Vossa Excelência, não é a relação apenas de dois entes federativos, é a relação de um político que tem dimensão dos problemas do seu estado, que por isso tem sido parceiro do



governo federal, não recusando nenhuma parceria que nós nos propusemos a fazer. E isso, certamente, permitiu que em pouco tempo o governo do estado contribuísse de forma decisiva para que a gente tivesse um licenciamento prévio para fazer essa obra, porque não pensem que foi fácil.

Entre a gente decidir fazer e eu estar aqui, hoje, são mais de dois anos, brigas e mais brigas, brigas na justiça, briga no Ibama estadual, no Ibama federal, no Ministério Público Estadual, no Ministério Público federal, ou seja, uma confusão, depois briga entre as empresas que ofereciam preços muito caros e a Petrobras exigia que baixassem o preço. Hoje, graças a Deus, nós estamos aqui, para dizer a vocês: é a segunda revolução industrial no estado do Amazonas. A primeira foi a implantação da Zona Franca de Manaus, e a segunda é o gasoduto Coari/Manaus.

Entre nós aqui tem um homem que poderia ser muito mais famoso mas não é, porque a televisão não o descobriu, o nosso querido Felipe (Inaudível), um homem que tem dado uma contribuição enorme em defesa do estado, em defesa do desenvolvimento deste estado e que tem sido parceiro na divulgação das coisas boas e das coisas ruins mas, sobretudo, é um homem otimista que acredita neste estado, que acredita neste país.

Eu queria dizer para vocês, quando eu vejo essas meninas sentadas, numa perspectiva extraordinária de estudar, eu fico pensando: daqui a 20 anos, ou daqui a dez anos, o Brasil que os nossos filhos irão viver, será um país infinitamente melhor do que o Brasil que nós herdamos dos nossos pais. Infinitamente melhor.

Por isso, meus companheiros, eu não vou ler o meu discurso, possivelmente ele vai ficar aí, se a imprensa local quiser, depois o prefeito distribui. Mas eu queria dizer para vocês: tem dia que a gente acorda chateado, tem dia que a gente acorda não tendo razão para viver. Hoje foi um dia desses, eu levantei gripado, pensei que o mundo ia acabar tal era a dor nas costas, o cansaço, a quantidade de lençinhos que eu já utilizei para espirrar, a dor nos



olhos, e eu falei: o dia hoje não vai ser bom. Ao chegar aqui e ver vocês, eu quero dizer, valeu a pena viver o dia de hoje. Valeu a pena porque vocês simbolizam o otimismo de que este país precisa. Saio daqui com a certeza de que daqui a dois anos, esteja onde eu estiver, lá em São Bernardo do Campo, em Brasília, em qualquer lugar, eu espero, meu caro Eduardo, que você, eleito governador, me convide para vir visitar esta obra pronta, realizada, concluída e gerando energia.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês. Prefeito, obrigado pelo carinho. Poucas vezes eu vi um prefeito dar um presente ao Presidente, sem ter o presente não mão para dar, mas de qualquer forma o presente apareceu e eu quero dizer que nós fomos tratados com muito carinho. Saio daqui, vou para Manaus, onde vamos fazer um ato com o prefeito de Manaus, com o governador, para resolver um problema de palafitas em Manaus.

Embarcamos para São Paulo e vamos, em São Paulo, inaugurar mais uma grande obra da Petrobras, vamos inaugurar o sistema de formação profissional da Petrobras, vamos anunciar o investimento de 900 milhões de dólares – reais ou dólares, José Sérgio? Dólares. Anunciar na refinaria de São José dos Campos, e assim este país vai crescendo. Tem gente que não acredita nisso, tem gente que aparece na televisão todo dia para xingar, tem gente que aparece todo dia para vender coisas negativas.

Hoje, eu disse para a imprensa que quem governa este país não tem tempo de ficar batendo boca com quem quer que seja, quem governa este país com seriedade, não bate boca com o adversário, mas sai para a rua para trabalhar, para ver o sorriso feliz do nosso povo.

Muito obrigado e boa sorte.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante primeira solda na obra do gasoduto Urucu/Manaus

Coari-AM, 01 de junho de 2006

Eu vou apenas agradecer e, na verdade, dar os parabéns à Petrobras pelas decisões que tem tomado junto com o Conselho Nacional de Política Energética; agradecer aos empresários que acreditam na política energética brasileira; agradecer aos trabalhadores da Petrobras pela competência que têm demonstrado nesses 52 anos de existência, quando ela atinge a sua auto-suficiência.

E dizer para vocês que, há pouco tempo, vocês acompanharam pela imprensa, nós fomos pegos, num momento delicado em que a Bolívia resolve nacionalizar o seu gás. Em nenhum momento eu questioneei a nacionalização do gás da Bolívia porque o gás é deles, eles têm o direito de fazer o que bem entendem com o gás. Nós temos consciência de que a Bolívia precisa do gás e o Brasil também precisa do gás. E a Bolívia precisa vender para o Brasil e o Brasil precisa comprar. Mas o que aconteceu foi um sinal de que um país que quer ser uma potência, como o Brasil quer ser, uma grande nação desenvolvida, a gente não pode ficar dependendo, no campo da energia, nem da Bolívia, nem dos Estados Unidos, nem da China, nem da Rússia, nem de países africanos, nem de países da América Latina. Nós temos tecnologia, temos mão-de-obra, temos competência e assumimos o compromisso de até 2008 resolver 90 e poucos por cento dos nossos problemas de gás no Brasil.

Mas, muito mais do que isso, os testes que a Petrobras faz com o álcool na termelétrica, o extraordinário sucesso que a Petrobras apresentou na reunião da Comissão de Política Energética com o HBio, que é uma inovação no campo energético, misturando o óleo bruto de oleaginosas com o óleo diesel e tirando o óleo diesel sem o enxofre que tem o nosso, um óleo de



melhor qualidade. E essa é uma revolução no mundo e eu não tenho dúvida nenhuma em afirmar, aqui, aos companheiros da Petrobras, aos empresários, que o Brasil tem todas as características e todas as condições para se transformar, nos próximos 20 ou 30 anos, na maior potência energética do mundo. Poucos podem competir com o Brasil. Nós temos tanta tecnologia quanto eles, mas nós temos um território abençoado por Deus, nós temos como plantar um monte de coisas.

Eu dizia para o José Sérgio Gabrielli: logo, logo os companheiros da Petrobras vão ter que, além de falar da prospecção do petróleo, vão falar do plantio de petróleo, vão plantar óleo diesel. E aí vai ajudar a desenvolver o Norte do país, vai ajudar a desenvolver o Nordeste do país. Nós temos a mamona, nós temos o dendê, nós temos a soja, nós temos o girassol, nós temos o caroço de algodão e a nossa selva Amazônica deve ter tanta coisa que a gente não descobriu ainda. Quando a gente descobrir, a gente vai perceber que nós seremos donos do nosso nariz.

É importante lembrar o que aconteceu conosco no século XXI. Nós começamos este século dizendo ao FMI que não queríamos mais o dinheiro deles e devolvemos o dinheiro deles, pagamos o que devíamos ao Clube de Paris, pagamos ainda os títulos da moratória de 1986, do presidente Sarney. E todos vocês que trabalham sabem que nós somos muito mais nós mesmos quando a gente não deve nada a ninguém, quando a gente pode andar de cabeça erguida neste mundo velho de guerra.

O Brasil tem essa vocação e nessa vocação do Brasil está representada a competência da Petrobras. Eu queria também fazer justiça aqui ao governador Eduardo Braga que se empenhou de forma extraordinária para que esse gasoduto saísse, ao Ministério do Meio Ambiente e à Secretaria do Meio Ambiente do estado, ao Ibama estadual, ao Ibama federal que compreenderam a necessidade de fazermos essa obra sem causar nenhum dano ao meio ambiente. Então, eu acho que o Brasil marca um passo importante.



E eu fico mais feliz porque durante muito tempo as pessoas não se importaram com o desenvolvimento da região Norte, nem da região Nordeste do país, e eu sonho com um país mais equânime, eu sonho com um país em que as pessoas possam transitar de um estado para outro, para fazer turismo, para namorar, para estudar, para passear, mas que as pessoas tenham no seu estado a possibilidade de morar na sua cidade natal, a possibilidade de morar junto de seus parentes.

Então, meu querido José Sérgio Gabrielli, meu querido Ildo Sauer, engenheiros da Petrobras, diretores da Petrobras, governador, senadores, deputados, empresários e meus queridos companheiros trabalhadores. Hoje é um dia que marca mais um passo extraordinário na vida dessa musa da indústria brasileira chamada Petrobras.

Muito obrigado e parabéns a todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da 2ª edição do Salão do Turismo – Roteiros do Brasil

São Paulo-SP, 02 de junho de 2006

Eu estava brincando com o Walfrido que ele tem o direito de errar meu nome tantas vezes, que não vai lhe acontecer nada. O que ele não pode é errar o nome da Sheila, nem meia palavra, que vai lhe acontecer muita coisa.

Meu querido Walfrido, ministro do Turismo,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Minha querida companheira Marisa,

Minha querida Maria Isabel Salvador, secretária de Estado de Turismo do Equador, em nome de quem cumprimento os demais representantes sul-americanos que prestigiam este evento,

Meu caro Marcelo Sáfadi, presidente do Fórum Nacional dos Secretários e Dirigentes Estaduais de Turismo,

Senador Aloizio Mercadante,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,

Meus companheiros deputados federais. Eu vi que tem vários deputados aí, mas como não colocaram o nome de todos na nominata, eu fico proibido de citar um, mas eu estou vendo vários deputados aqui,

Deputados estaduais,

Meu caro Carlos Gutiérrez, representante da Organização Mundial do Turismo para as Américas,

Senhores e senhoras, secretários estaduais e municipais de turismo,

Senhores empresários do turismo que participam deste evento,

Funcionários do Ministério do Turismo,



Funcionários da Embratur,
Amigos jornalistas,
Companheiros e companheiras,

Vocês estão percebendo que eu estou com a voz mais fanhosa do que habitualmente eu tenho, portanto, eu não vou fazer o meu discurso por escrito, Walfrido, porque você é, sobretudo, um estraga-prazer, porque os meus assessores, quando vão fazer um discurso sobre turismo, primeiro ouvem dele o que está acontecendo na área. Só que ele passa e, depois, ele falou tudo que está no meu discurso. Então, será um repeteco. Mas eu tenho outras coisas para falar sobre turismo, que eu acho que podem ser mais interessantes até do que o que está escrito. Depois, o que está escrito, eu vou deixar com o Ministério, se quiser publicar em algum lugar, pode ser publicado.

Primeiro, é uma alegria, Walfrido, ter participado de todos os eventos do turismo que o Ministério patrocinou. E participei por uma única razão, porque eu tinha que provar a mim mesmo, tinha que provar ao país, que era possível levar o turismo a sério no Brasil e fazer com que o turismo deixasse de ser as vontades eventuais de quem tinha um pouco de recurso para viajar ou as vontades espontâneas de alguns empresários que queriam fazer um investimento na área do turismo, para se transformar numa política de governo, para se transformar numa política de Estado, com orçamento, com estrutura e com credibilidade de que as coisas pudessem acontecer.

E tudo vem de muito longe. Eu conheci muita gente que trabalhou em órgãos federais do turismo e, muitas vezes, eu achava que essas pessoas não tinham a dimensão do que era o turismo, porque o turismo era sempre um apêndice de uma outra secretaria, era sempre um apêndice de um outro ministério. O mesmo cidadão que fazia um discurso dizendo que o turismo era prioridade número um, ele colocava Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, Ministério da Educação, Esporte e Turismo, Secretaria da Agricultura



e Turismo, ou seja, na verdade o turismo era apenas uma frase bonita para ser utilizada nos palanques, não era uma coisa concreta e objetiva para ser colocada em prática.

E eu penso que quando você, junto com a tua equipe, propuseram aos empresários do turismo aquele Plano Nacional do Turismo, eu penso que nós começamos a consolidar, no Brasil, uma verdadeira política de turismo. Está aqui o nosso companheiro da ANAC, está aqui o nosso brigadeiro da Infraero. E você estava falando, Walfrido, estava lembrando de duas coisas: primeiro, quando eu comecei a fazer as Caravanas da Cidadania, em 1991, eu me lembro de algumas delas, eu saí de Assis Brasil, na divisa do Brasil com o Peru, lá no Acre, e vim parar em Dourados, no Mato Grosso do Sul. Depois, eu saí de Garanhuns, na minha terra natal, e fiz o mesmo percurso que fiz quando vim para cá de pau-de-arara, em 1952. Eu vim de ônibus, não mais de pau-de-arara. Depois, eu fiz da Serra da Canastra, fui visitar a Serra da Canastra, descí, peguei o rio São Francisco, passei em Pirapora, o rio não tinha navegabilidade, andei um pouco mais para a frente, fui em Caririnha, na Bahia, peguei um barco, fiquei 14 dias andando no rio São Francisco até chegar em Juazeiro da Bahia. Depois, eu fiz uma outra viagem de 14 dias pelo rio Amazonas de barco, parando em quase todos os municípios e vilarejos. E cada viagem que eu fazia, ia firmando a convicção de que nós tínhamos um potencial extraordinário, que muitas vezes eram mais conhecidos por pesquisadores estrangeiros do que por nós mesmos, brasileiros. E fui firmando a convicção. E aí decidi montar o Ministério do Turismo.

E veja que engraçado, quando eu digo que Deus é generoso comigo, é porque algumas coisas aconteceram que não estavam previstas, que parece que têm o dedo não meu, mas o dedo de alguém. Eu não conhecia o Walfrido, quando eu pensei no nome do Walfrido, me disseram: “cuidado com esse homem, ele privatizou todas as empresas de Minas Gerais”. Eu falei: bom, mas eu vou conhecê-lo. O chamei um dia à tarde, quase no fim da tarde, para



conversar um pouco, ele estava sendo vítima de uma leviandade daquelas que um bom inimigo não faz, mas que os maus-caráteres de vez em quando fazem. E ele então me contou: “Presidente, depois de conversar um pouco, eu não posso aceitar porque estou sendo vítima de acusação”. Eu falei, me diga uma coisa: você é culpado? Ele falou: “não”. Então, Walfrido, levanta a cabeça, vamos enfrentar juntos e vamos criar o Ministério do Turismo.

Além da surpresa de ter conhecido o Walfrido, a surpresa maior foi a equipe que ele montou. Quer dizer, o Walfrido, ele foi procurar, não por recomendação minha, porque eu não indiquei para ele sequer o ascensorista do Ministério dele, ele teve total liberdade e, para minha surpresa, ele montou, possivelmente, uma das mais belas equipes que já tratou de turismo por conta do governo Federal.

Bem, e possivelmente ele se cercou dos mais competentes assessores, dos mais competentes empresários. O dado concreto é que nós estamos colhendo hoje aquilo que foi plantado há 40 meses atrás. Então, Walfrido, ao invés de você me agradecer, eu acho que eu deveria te agradecer pelo seguinte: você é um político nato. Se eu colocasse você e o Aloizio Mercadantes numa cela presos, do jeito que vocês dois decoram números e falam sem parar, um dos dois ia, não ia acontecer. Porque eu fiquei imaginando que o Walfrido queria ser candidato a alguma coisa, imagina um político que não quer ser candidato a nada. Eu comecei a ficar preocupado porque eu falei: bom, estamos chegando na hora de começar a colher o que foi plantado, de consolidar, vai vir esse mineirinho aí dizer que vai ser candidato a alguma coisa. Eu chamei o Walfrido e falei: Walfrido, eu gostaria que você ficasse no Ministério, eu gostaria que você não fosse candidato a nada, eu sei que é um sacrifício, porque ao terminar o mandato, nem ele, nem eu sabemos o que vamos fazer, possivelmente, ele me contrate para ajudá-lo em alguma coisa lá no Pitágoras, quem sabe. Mas, para minha agradável surpresa, ele falou: “Presidente, eu estou com o senhor até o final. Se o senhor precisar de



mim, eu estarei até o dia 31 de dezembro como Ministro, para ajudá-lo a concretizar esse sonho”.

E eu não tenho dúvida nenhuma de que ninguém é insubstituível, que poderia ter outros companheiros que pudessem fazer, até fazer mais, mas acontece que você não pode mexer no time que está ganhando. Isso é uma máxima do futebol, e eu acho que as coisas estão tão engrenadas no Ministério do Turismo, há uma tamanha leveza na relação entre o Ministério do Turismo e os empresários do turismo neste país, que eu acho que mexer qualquer coisa agora é a gente jogar um mal-estar, é a gente criar uma nuvem pesada sobre uma área que precisa ser leve, que precisa ser alegre, que precisa ser quase como uma pluma, porque não tem turista pesado, aquele que está sempre de mau humor, esse não faz turismo, esse, no máximo, pára num boteco e toma uma para esquecer o mal dele. O turista, ele quer descansar.

E eu queria contar dois casos para vocês. O turismo é muito ligado à auto-estima, o turismo é muito ligado às coisas que a gente acredita, às coisas que a gente fala. Eu vou contar dois casos para vocês. Veio almoçar, no Itamaraty, o Príncipe das Astúrias e a Princesa, e o Itamaraty, por tradição, tinha o hábito de fazer uma comida internacional, era uma comida menos brasileira, era uma comida mais internacional, aquelas porçõezinhas pequenas – eu pelo menos gosto de sustança – e eu comecei a ficar meio perturbado e conversava com os companheiros: por que a gente não serve comida brasileira? Por que a gente não oferece pratos típicos brasileiros e tal? E um belo dia os companheiros se convenceram, porque nada pode ser obrigado, essas coisas têm que ter convencimento, porque se você obriga e não dá certo, o cara fala: “está vendo, eu falei, você é culpado.” Então, quando é convencimento, a gente vira cúmplice. E veio o Príncipe das Astúrias e sua Princesa, e eu e a minha princesa, mais o Celso Amorim e a princesa dele, resolvemos fazer uma oferenda um pouco mais nobre para o casal, e oferecemos uma feijoada. E podem crer, havia quem dissesse assim para mim:



“Presidente, feijoada é muito pesada, Presidente, a Princesa não está habituada a comer feijoada.” Pois bem, qual não foi nossa agradável surpresa, que a Princesa repetiu duas vezes a feijoada e disse a mim e à Marisa que de todas as viagens internacionais que ela tinha feito, ela nunca tinha comido uma comida tão extraordinária como aquela feijoada que foi servida naquele dia. Esse é o primeiro fato.

O segundo fato, foi o presidente Chirac, agora. Ninguém vai falar de comida para os franceses, ninguém. Aliás, se tem uma culinária, uma cozinha que é uma das razões do turismo, é a cozinha francesa. Mas os franceses lá comem melhor do que os que pensam que são franceses aqui. Aqui a porção é maior. Eu falei: gente, nós temos que servir para o Chirac uma substância brasileira. Vamos colocar aí um monte de comida: galinha cabidela, tucunaré, tambaqui, feijão tropeiro, farofa. Sabe o que ele falou para mim? Ele falou assim: “presidente Lula, o senhor sabe que eu nunca aceitei, na minha vida, comer nos países que eu visito, pratos internacionais? Eu posso chegar onde chegar, eu como a comida daquele país, pode ser o mais pobre ou o mais rico, eu não como esses pratos internacionais que a gente encontra da Mongólia ao Chuí, não como, eu quero é a comida local.” O que isso despertou, Walfrido, na minha consciência, é que eu acho que poucos países do mundo têm a diversidade cultural, a diversidade culinária que nós temos, é que muitas vezes nós somos habituados à mesmice, mas pouca gente tem. É só ir no Pará, em Minas Gerais e na Bahia e em vários estados do Nordeste para a gente perceber a diversidade cultural. O que você encontra de pratos diferentes que você nunca imaginou que tivesse! Nunca imaginou. E se a gente dá para que outras pessoas possam experimentar essas coisas, é uma coisa exuberante, é uma coisa que motiva as pessoas a virem. E não tem um que não goste, eu duvido que tenha uma alma estrangeira capaz de recusar um elogio a uma moqueca baiana, duvido. Ele pode dizer que tem um pouquinho mais de dendê, um pouquinho menos, mas ele vai querer outra vez, ou uma moqueca



capixaba, ou um pato do tucupi, ou uma bela feijoada, ou um caldinho de feijão com uma cachacinha de entrada.

Essas coisas é que nós temos que valorizar, porque se o cidadão vem da Escócia e chega aqui a gente mete um uísque nele, ele fala: “espera aí, isso eu bebo todo dia, o que é que tem no pedaço aqui para eu beber?” É isso que ele quer saber e eu acho que é isso, Walfrido, que vocês começaram a mostrar, ou seja, vocês tiveram a capacidade, não de criar o turismo no Brasil, o que vocês estão fazendo é dar ordenamento a uma coisa que existia dispersa, a uma coisa que existia sem muita valorização.

Por isso eu quero dizer que este 2ª Salão do Turismo é a consagração de uma coisa que nós podemos melhorar. Você estava falando aí e eu estava pensando, eu nunca vi tantos números, “tantos passageiros para cá, tantos para lá, tantos para acolá.” Como a gente não pode contar, nós temos que acreditar. Mas eu estava pensando, não tem coisa mais desagradável do que a gente descer naquele *finger*. Quando você desce num estado, agora os aeroportos estão todos bonitos, os aeroportos brasileiros estão bonitos. O de São Paulo, Kassab, você viu como melhorou? Melhorou substancialmente. Acho que o Kassab não pegou avião depois que melhorou o aeroporto. Todos os aeroportos brasileiros vão ficar, nos próximos anos, para ninguém botar defeito. Mas você entra naquele *finger*, se você desce num estado que está calor, é meia hora a andar numa frigideira.

Brigadeiro, meu caro presidente da ANAC, meu caro Walfrido, por que a gente não utiliza todo aquele paredão da porta do avião, atravessando todo o *finger* para a gente fazer divulgação das coisas bonitas que tem no estado? Por que a gente não coloca os melhores lugares do estado para o passageiro ir vendo? Porque eu lembro de um túnel do turismo que vocês fizeram não sei onde, que nós visitamos, acho que foi aqui mesmo em São Paulo, por que a gente não faz um acordo, Brigadeiro, na Infraero? Você com a ajuda da ANAC, com a ajuda do Ministério do Turismo, do Governador do estado, por que cada



aeroporto não tem um espaço de cinco minutos, onde a pessoa que desceu, mesmo que seja um chato que só vem trabalhar, não tem problema, mas o cara passe por um lugar em que veja as coisas boas daquele estado, em que dê de cara com os melhores teatros, com os melhores cinemas, com as melhores praças, com as melhores casas de shows, ou seja, para que ele chegue na cidade e fale: “puxa vida, eu estou sendo tratado com respeito nesse estado, alguém está preocupado comigo, alguém está interessado em mim.” Se não for assim, como é que o cara desce do avião? O cara desce do avião, se ele tiver lido o jornal dentro do avião, ele fala: “Ih, deve ter bandido por aí.” E será que o taxista vai dar volta comigo a mais e levar uma bandeirada a mais? Será que eu vou ser assaltado?

Então, nós podemos, com gestos, transformar a vida dessa pessoa em algo mais palatável, mais alegre no estado, porque não é só dinheiro. A gente fala: “falta dinheiro, falta dinheiro.” Neste país, falta menos dinheiro e mais criatividade nas pessoas, mais sensibilidade de fazer as coisas. O que custa fazer isso? Nada. Apenas uma decisão: reunir os governadores. Porque também o governador não pode ficar chorando que não tem turista. Para querer turista é preciso mostrar bem o estado, mostrar as coisas boas do estado, mostrar que o estado tem potencial. Ninguém vai fazer turismo porque tem fome no Nordeste; ninguém vai fazer turismo porque tem violência em São Paulo ou porque tem PCC aqui, ou porque tem PCC no Rio de Janeiro, ninguém vai fazer turismo por isso. A gente vai fazer turismo se tiver muita cultura, muita beleza, muita praia, muito verde e, por que não dizer, muita coisa boa. Se tiver muita coisa ruim, o máximo que vai é a Polícia Federal.

Então, vamos tratar, a partir deste encontro, se a criação do Ministério do Turismo a gente poderia dizer que foi o início da segunda revolução no turismo no Brasil. Nós agora poderemos criar a terceira revolução, vamos transformar os aeroportos, em qualquer estado do Brasil, não é falta de dinheiro, o estado mais pobre ou o estado mais rico, o pessoal chegou no



aeroporto, tem que ter um tratamento decente, não pode ser aquele monte de gente vendendo coisa e gritando, não. Uma coisa leve, bonita, alegre, com os melhores lugares do estado, a gente vai fazer as pessoas acreditarem muito mais no turismo. Eu acho que a gente poderia fazer uma terceira revolução no turismo, até que a gente possa, daqui alguns anos, concretizar todos os números que você falou.

Eu quero agradecer aos empresários do setor. Eu tenho tido muitas reuniões com vocês, sei da dedicação, sei das necessidades, que nós temos que melhorar muito, o estado tem a sua parte, vocês têm a de vocês, mas eu queria pedir uma coisa à ANAC e à Infraero. Não é possível, até precisava a Organização Mundial da Saúde dar um recado, de vez em quando, porque dizem que a gente viajar 13 ou 14 horas no avião econômico, numa classe econômica, a gente tem que fazer exercícios, não dizem? É porque o cara que escreveu isso nunca andou numa classe econômica de um “Jumbão” lotado. Ele vai perceber que não tem nem como ir ao banheiro, quanto mais para fazer exercício. Mas, de qualquer forma, dizem que nós temos que mexer as pernas, esticar as pernas, porque senão pode dar trombose, pode dar “não sei das quantas lá”. Não tem isso? Então, gente, pelo amor de Deus, é preciso parar com essa coisa. O cidadão que mora na Alemanha e quer ir conhecer a Amazônia e vem de vôo de carreira normal, ele não tem que vir até São Paulo ou até o Rio de Janeiro para depois voltar mais 4 horas para lá. Por Deus do céu, vamos tornar a vida das pessoas mais agradáveis, ou seja, o cara sai, o cara vem para São Paulo, passa por cima do Amazonas, anda mais 4 até São Paulo, depois mais 4 horas de volta, além da chatice de ficar duas horas no aeroporto. Ou seja, nós levamos o cidadão a um sacrifício ao invés de facilitarmos a vida dele.

Da mesma forma que esse cidadão, quando mora no Nordeste ou no Norte, não tem que vir ao Rio de Janeiro ou a São Paulo para ir para Europa. Gente, porque ele dobra o horário da viagem dele. Se ele está em



Pernambuco, se ele está no Pará, se ele está no Ceará para ir para a Europa, ele vai levar quantas horas? Vai levar oito horas, sete horas. Agora, se ele tiver que vir para cá, andar quatro para cá, mais quatro para voltar, ou seja, ele dobrou a viagem, encareceu tudo na vida dele.

Então, eu sei que é mais fácil falar do que decidir, é difícil implementar. Mas nós não podemos mais continuar do jeito que estamos, não podemos mais. Se o Cacique Raoni quiser sair da sua tribo e ir para os Estados Unidos, ele não teria que vir em São Paulo ou Rio de Janeiro, ele deveria, de lá mesmo, de onde está, embarcar e ir embora. E nós precisamos fazer isso.

A outra coisa, Walfrido, é pensar numa revolução no transporte regional, na aviação brasileira. É preciso a gente pensar. Essas coisas a gente não pode chutar, mas é preciso que a gente pegue a Infraero, a ANAC, o Ministério do Turismo, a Aeronáutica para a gente pensar e apresentar para este país uma nova dinâmica na aviação brasileira, porque a que está aí é antiga, é velha e precisa ser superada, porque o Brasil mudou e vai mudar muito mais, o turista mudou e vai mudar muito mais. Ninguém quer comprar um vôo direto daqui a Pequim, porque morre dentro do avião, precisa parar um pouquinho, pelo menos para esticar as pernas.

Meu querido, os palpites estão dados. Meus parabéns por esse 2º Salão do Turismo e, sobretudo, meus agradecimentos aos trabalhadores que montaram isso. Eu sei que não foi você, sei que não foi o Guanazes, sei que foram os trabalhadores que vieram montar isso aqui. Meus agradecimentos aos funcionários do teu Ministério, meus agradecimentos aos empresários que acreditam no turismo, trabalham pelo turismo. E posso dizer para vocês, a gente fica invejando a Espanha que tem 60 milhões de turistas, que a França tem 67 milhões. Nós só temos quatro milhões e poucos, cinco ou seis, mas não está longe o dia em que nós poderemos ter 10, 11, 12, 15 ou 20 milhões. Não depende deles, depende de nós. A distância que hoje é a desculpa para não vir ao Brasil, será diminuída pela grandeza da alma e da cultura do povo brasileiro.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio de investimentos da Petrobras no estado de São Paulo

São José dos Campos-SP, 02 de junho de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras da nossa extraordinária cidade de São José dos Campos, de todas as cidades do Vale do Paraíba,

Companheiros e companheiras petroleiros e petroleiras,

Meu caro Cláudio Lembo,

Meu caro Luiz Marinho,

Meu caro Aloizio Mercadante,

Meus caros companheiros e companheiras deputados federais Angela Guadagnin, Ary Kara e Jamil Murad,

Meu caro Eduardo Pedrosa, prefeito de São José dos Campos,

Meu caro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Meus amigos e minhas amigas, vereadores e deputados estaduais,

Meu caro Luiz Valente, gerente-geral da Revap,

Dirigentes sindicais aqui presentes,

Demais diretores da Petrobras,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, eu queria dizer uma coisa para vocês: um presidente da República e um governador de estado e um prefeito mantêm uma relação institucional, e os entes federativos, ou seja, o estado, o município e o governo têm que se relacionar, independentemente de qualquer coisa que aconteça no país. E nós não podemos permitir que num processo eleitoral a gente possa ferir uma coisa sagrada da Constituição brasileira, que é a existência da



relação institucional entre as autoridades municipais, estaduais e federal. Por que eu estou dizendo isso? Porque eu estou numa inauguração institucional. Se fosse um comício, certamente o Cláudio Lembo não viria aqui, ou o prefeito não viria. Eu quero explicar para vocês, porque essas coisas têm problema, e têm problema desagradável para eles e pode ter para mim. Eu posso vir uma vez, a convite deles, inaugurar uma obra que eles estão fazendo, e pode acontecer o contrário para mim, eu posso até ser admoestado.

Essa é uma coisa, sem querer ferir a liberdade de expressão, que nós temos que compreender. E, no caso do Cláudio Lembo, compreender uma outra coisa: o Cláudio Lembo, eu tenho relação de amizade com ele desde 1978. Eu vou contar uma ironia do destino, ironia pura: eu conheci o Cláudio Lembo junto com o governador Paulo Egídio Martins. Eu tinha ganho um terreno para o Sindicato dos Metalúrgicos, para fazer um clube de campo. Fizemos um churrasco para 30 mil trabalhadores e o Paulo Egídio Martins veio com o Cláudio Lembo. Qual é a ironia do destino? É que o Cláudio Lembo era candidato a senador contra o Fernando Henrique Cardoso, em 1978.

O Cláudio Lembo e o Paulo Egídio Martins – que era um governador com quem eu tinha uma boa relação e que teve um papel muito importante na ocasião da morte do Wladimir Herzog, em 1975, quando prenderam todos os membros do Partido Comunista, o Paulo Egídio Martins teve um papel extremamente importante para segurar a barra aqui, em São Paulo – vieram ponderar para mim se eu não queria votar no Lembo. E eu disse: “olha, não, porque nós temos aí um outro candidato e tal”.

E de lá para cá, vejam, o Lembo foi reitor da universidade, do Mackenzie. E eu quero dizer para você, porque eu tenho que fazer justiça: eu consigo separar as minhas divergências políticas da minha relação de amizade. Amizade é amizade, e posso dizer para vocês que, desde 78 até agora, são 28 anos, já fui convidado várias vezes para fazer palestra no Mackenzie, onde o Cláudio Lembo era o reitor, e quero dizer para vocês que



sempre fui tratado com fidalguia, com respeito e com muita dignidade. Por isso, eu quero que vocês saibam: o Cláudio Lembo é governador, é um político ligado ao PFL, mas vocês sabem que tem, em todos os partidos políticos, gente melhor, gente pior, gente civilizada, não civilizada. E eu posso dizer para vocês que este homem é um político civilizado, independentemente do partido em que ele estiver. Ele é um homem de bem e por isso eu o respeito.

Dito isso, eu quero dizer uma outra coisa para vocês. Este é um mês em que eu estou... o mês de maio, não porque é o mês dos noivos e das noivas, mas é um mês em que eu estou particularmente feliz. Feliz, porque algumas coisas que nós plantamos, no começo do governo, e que demoraram para vingar... Sabe aquela planta que você planta e ela não brota, e você fica pensando que ela morreu e às vezes ela nasce quase pensando que vai morrer, e demora para crescer, e você não consegue acertar o adubo que você vai colocar e, de repente, você acertou o adubo e a planta cresce de forma extraordinária... É o que está acontecendo conosco, neste momento, e eu vou explicar o porquê.

Durante o processo de disputa política, havia, na direção da Petrobras, alguns diretores da Petrobras que entendiam que a Petrobras era uma empresa eminentemente de prospecção de Petróleo. Portanto, ela tinha, inclusive, que comprar as suas plataformas no exterior, porque a Petrobras não tinha competência de produzir as plataformas, porque não tinha estaleiros preparados no Brasil, porque a indústria naval brasileira era incompetente, e aí as nossas plataformas era compradas da Noruega, sei lá de onde, Singapura.

Bom, eu resolvi, naquela ocasião, comprar uma briga e dizer que a Petrobras podia produzir aqui. Aí fui atrás dos meus companheiros sindicalistas, petroleiros, dos engenheiros da Petrobras, da indústria naval, fizemos reuniões na indústria naval, conversamos com os sindicatos, o pessoal da indústria naval, dos patrões e dos empregados, e provamos a nós mesmos que era possível fazer. Eu lembro até um dia em que saiu um artigo



desagradável, publicado como matéria paga na Gazeta Mercantil, dizendo que eu estava blefando, que nós não tínhamos condições de fazer plataformas aqui. Pois bem, hoje... e também porque naquele tempo se tinha uma visão da Petrobras apenas como uma empresa territorial. A gente estava em Angola, mas a Petrobras não tinha muita ousadia, ela tinha medo de se juntar a outras coisas maiores, ela tinha medo dessa competição, como ela é muito bonita, ela tinha medo de se misturar. E eu entendia que a Petrobras não tinha que ter medo de ninguém. Se tem uma empresa no Brasil que não tem que ter medo de competir, do ponto de vista da sua competência tecnológica, do ponto de vista da qualidade dos trabalhadores, é a Petrobras. Ela disputa com quem quer que seja, seja chinesa ou americana, ela disputa com qualquer um, porque ela está altamente qualificada para fazer esse debate.

Então, por que eu comecei dizendo que estava feliz, Governador? Porque hoje nós estamos produzindo plataformas, este mês ainda vamos anunciar, numa demonstração da recuperação da indústria naval brasileira, a construção de um total de 26 navios, de um total de 46 que queremos construir aqui com aço brasileiro, com metalúrgico brasileiro, com mulher brasileira, com homem brasileiro, nós vamos construir nos estaleiros do Brasil, não vai precisar fazer em Cingapura ou em lugar nenhum. E também porque eu tive a honra de ser o presidente da República do Brasil no dia em que eu subi a P-50. Eu vi uma parte da P-50 ser montada, a visitei antes, mas eu fui lá acionar o botão que sinalizava a auto-suficiência de petróleo. O orgulho de ser presidente do Brasil, o orgulho de ser brasileiro, o orgulho de ser um cidadão comum e perceber uma empresa do tamanho da Petrobras anunciando ao mundo: nós agora somos auto-suficientes em petróleo, e daqui a pouco nós estaremos na Opep, porque seremos grandes exportadores de petróleo, é uma coisa extraordinária.

Feliz, porque esses dias a Petrobras me apresentou uma outra coisa em que eu tenho uma parcela de culpa. Porque, governador, quando eu tomei



posse, logo no início, o ministro Roberto Rodrigues, que você conhece muito bem, entrou na minha sala e falou o seguinte: “presidente Lula, eu acho que nós poderemos fazer uma revolução na agricultura brasileira com o biodiesel”. Aquilo me entusiasmou, nós montamos uma equipe, aquilo na verdade já estava no meu programa de governo, era uma peça do programa. Fiz um grupo interministerial, começamos a trabalhar, e começamos a fazer pequenas usinas de biodiesel, sobretudo do girassol, da mamona, para ajudar o povo do Nordeste. E é uma coisa geradora de empregos, porque a gente também estava pensando, não apenas no petróleo, mas pensando em gerar empregos no campo, sobretudo na parte mais pobre do Nordeste e de Minas Gerais.

O Programa de Biodiesel está um sucesso extraordinário. A Petrobras é a compradora, participa do leilão, e a gente garante preço mínimo ao companheiro sertanejo que planta mamona. Então, a coisa está indo maravilhosamente bem, o mundo inteiro querendo aprender com o Brasil, mas eis que a Petrobras me prega uma surpresa. Eles já estavam fazendo testes há algum tempo e resolveram fazer uma revolução energética no mundo, não no Brasil. A Petrobras, há 15 dias me apresentou, no Conselho Nacional de Política Energética, um novo tipo de diesel, ou seja, eles conseguiram a proeza de misturar o óleo vegetal da soja – mas pode ser da mamona, pode ser do girassol – no óleo diesel e esse óleo sai com uma qualidade extraordinária, sem o enxofre do óleo diesel brasileiro, e ainda produz mais 2% de GLP, ou seja, de gás de cozinha. O que demonstra o quê? Demonstra aquilo que eu venho afirmando: o Brasil será, no século XXI, quer queiram, quer não, independentemente de quem estiver governando o Brasil daqui a 20 anos, o Brasil será a maior potência energética do mundo, e a gente vai estar fazendo uma combinação: vamos estar fazendo prospecção de petróleo aqui no Brasil, em Angola, em Moçambique, em São Tomé, aonde tiver, nós vamos estar lá, disputando com quem quer que seja. Mas, ao mesmo tempo, nós vamos estar plantando petróleo.



Então, José Sérgio Gabrielli, os futuros diretores da Petrobras vão dizer: “bom, nós queremos comprar um barril de petróleo e um barril de mamona, um barril de petróleo e um barril de soja”. Porque nós vamos transformar esses produtos no petróleo que nós tanto investimos durante 50 e poucos anos para chegar onde nós chegamos. Essa é uma revolução que, possivelmente, vocês que são novos vão ver, que os netos de vocês irão viver muito densamente porque é uma revolução para o mundo. Cada presidente de outro país que eu conversei – ainda na semana passada conversei com o presidente Chirac, esta semana eu conversei com o coordenador da União Européia, o ex-primeiro ministro de Portugal, Durão Barroso, conversei com o Tony Blair, conversei com a ministra da Alemanha – quando a gente conversa sobre o HBio – já tem um nome: HBio – fica todo mundo querendo discutir com o Brasil sobre esse tal do Hbio.

Então, eu estou feliz, mas estou feliz também porque, desde o começo do governo que nós decidimos fazer o gasoduto Coari-Manaus. É um gasoduto de quase 600 quilômetros ligando Coari a Manaus para levar o gás para a indústria de Manaus. E vocês não sabem o tanto de dor de cabeça: Ibama para cá, Ministério Público para lá, faz licitação daqui, anula dali, as empresas pedem mais, a Petrobras, corretamente mão-de-vaca que é, não dá o tanto que as empresas querem, pede nova licitação. Finalmente ontem nós fomos a Coari dar o primeiro pingão de solda no gasoduto que agora vai ser feito definitivamente.

E isso vai colocando o Brasil na era em que o Brasil vai se transformar independente de energia. Nós não vamos precisar ficar brigando com a Bolívia, brigando com o Chile, brigando com a Argentina, com os Estados Unidos, com o Irã, com o Iraque. Nós não precisamos brigar por ninguém. Nós brigaremos por qualquer outra coisa mas, se Deus ajudar, nós vamos ser auto-suficientes em energia em todos os níveis, donos do nosso nariz, independentes, e vamos fazer o nosso povo ser mais rico, ter mais empregos, ganhar mais salário e



viver a vida que nós estamos merecendo há 500 anos e que ainda não tivemos oportunidade de conseguir essa vida.

Se não bastasse isso, eu participei agora há pouco com a Petrobras, em um hotel ali em São Paulo, da contratação da Petrobras no Programa de Aprendizizes, que vão ser 70 mil ao todo, dos quais 2.700 a Petrobras está contratando. Jovens de 15 a quantos anos? De 15 a 18 anos, jovens pobres da periferia que vão ser aprendizes da Petrobras e nas empresas que trabalham com a Petrobras para que aprendam uma profissão, para que nos dêem a certeza de que vão ser homens trabalhadores, vão casar, constituir família, criar os seus filhos sem a gente assistir jovens sendo presos, violentados, como habitualmente a gente vê nas páginas de jornais deste país.

E também por anúncio disso aqui: 900 bilhões de reais, 2 bilhões de dólares para deixar esta refinaria aqui nova, zero quilômetro, produzindo mais, de melhor qualidade, gerando mais emprego.

E, além disso, o gasoduto que o José Sérgio Gabrielli falou. É um gasoduto que não é para trazer mais gás, apenas. É porque vocês estão lembrados do que aconteceu na Vila Socó, em Cubatão, há muito tempo atrás, que passava não sei se um gasoduto, um oleoduto, sei lá o que passava lá, o que eu sei é que pegou fogo e queimou quase toda a favela chamada Vila Socó, lá em Cubatão.

Agora, o que a Petrobras está fazendo, dando uma demonstração de que a Petrobras tem juízo, tem responsabilidade, é que ela vai fazer 500 quilômetros de gasoduto em 22 cidades de São Paulo, para tirar os gasodutos do centro da cidade, do local onde mora gente, para permitir que as pessoas possam dormir tranqüilas toda noite, sem correr nenhum risco de vida. Isso chama-se responsabilidade social da Petrobras, significa humanismo da Petrobras.

Por isso, eu vou com a Petrobras, no final da semana que vem, ao Rio de Janeiro, anunciar um pólo petroquímico da Petrobras com o Grupo Ultra, o



maior pólo petroquímico do país. E essas coisas vão me deixando feliz, porque significa que o pezinho de laranja que nós plantamos já não está apenas o brotinho, as laranjas já começaram a aparecer, já estão maduras, a gente já pode chupá-las. Muito mais do que chupá-las, a gente já pode distribuir essa laranja para uma parcela muito grande da população brasileira.

Eu estava aqui, José Sérgio, e vi um companheiro levantar uma plaquinha ali, falando do ProUni. O ProUni é uma revolução na educação deste país. Eu não canso de agradecer ao ministro Fernando Haddad e ao ex-ministro Tarso Genro, porque foram autores da idéia. A gente tinha uma dificuldade, o Cláudio Lembo, como homem de universidade sabe, as universidades públicas em São Paulo, as federais e as estaduais, elas têm apenas 98 mil alunos. O ProUni, em apenas 14 meses, colocou nas universidades brasileiras e, sobretudo, só na de São Paulo, 64 mil jovens da periferia para fazer universidade. E aqui, em São José dos Campos, pela placa, ali, são 2.600 jovens. Ou seja, numa demonstração... E desses jovens, 40% são afrodescendentes, são meninas e meninos negros, são 1.200 indígenas. E agora, em junho, vai ter mais 47 mil vagas. Isso é uma revolução no nosso país. E, se Deus quiser, vai ter muito mais, porque, sabe, a Petrobras, você vê o pessoal da Petrobras, eu acho que tem poucas fábricas no mundo com a diretoria e os funcionários qualificados como tem a Petrobras. Cada técnico daquele é formado, a gente acha que eles ganham bem: “ah, o cara ganha 15 mil reais, ganha demais, ganha 20, ganha demais”. É porque a gente acha que o Ronaldinho ganha demais. Pelo que ele faz, ele até merecia ganhar mais, logo, logo, vai trocar de time, porque deve ganhar mais. O Corinthians não pode pagar, meu filho. Nós falimos.

Mas veja, mas um técnico desses, um técnico da Petrobras, em qualquer empresa do mundo, ele ganharia mais do que ele ganha na Petrobras, ganharia mais na iniciativa privada, porque a gente demora muito para formar um ser humano, formar um grande profissional leva tempo. Não é



apenas fazer faculdade, é fazer faculdade, fazer 500 cursos de aperfeiçoamento, fazer outros cursos, até que a pessoa vire, assim, PHD, vire gente competente mesmo. E a Petrobras é isso.

É por isso que nós estamos fazendo, e vamos completar quatro universidades federais novas, é por isso que nós transformamos seis faculdades em universidades, é por isso que nós estamos criando 42 extensões universitárias das federais para o interior do país. É por isso que este mês ainda nós vamos inaugurar 14 escolas técnicas neste país, porque a juventude brasileira não pode perder a esperança no seu país, não pode perder a esperança no seu governo, porque senão, veja, qual é o problema?

O Cláudio Lembo sabe que, como reitor do Mackenzie, muitas vezes um jovem passava no vestibular, quando chegava no mês de fevereiro ele ia lá para se inscrever: “ah, quanto custa a mensalidade?” Dependendo do curso, 800, 900 reais. O jovem voltava para casa, sem nenhuma esperança, às vezes o pai desempregado, ele não estudava. O ProUni está resolvendo isso.

E, no Brasil, durante os últimos 30 anos, toda vez que alguém falava: “precisa colocar dinheiro na educação”, os governantes falavam: “Não, não podemos gastar, isso é gasto, não pode gastar”. Primeiro, nós mudamos esse conceito: educação não é gasto, é investimento, primeira coisa. Segunda coisa, o dinheiro que a gente tiver dó, o dinheiro que a gente não quiser investir em educação hoje, a gente vai, obrigatoriamente, investir em cadeia amanhã. Então, nós temos que saber o que é mais rentável para o país, o que é mais sadio para o país, o que é mais produtivo para o país.

É por isso que eu estou convencido de que o país não pode mais ficar naquela situação de não fazer os investimentos corretos. Se nós quisermos mais empresas como a Petrobras, se nós quisermos mais profissionais qualificados como tem a Petrobras, nós podemos ter medo de qualquer coisa, só não podemos ter medo de investir em educação, cuidar das crianças na pré-escola, na escola, no ensino fundamental, cuidar do nosso jovem no ensino



médio e cuidar do nosso jovem na universidade. Se nós quisermos que o Brasil saia do rol dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento para o dos países desenvolvidos, meus queridos companheiros, fiquem certos: eu não tenho... lamento profundamente não ter tido um diploma universitário, lamento. Não digo isso com orgulho, não, gostaria de ter. Até gostaria de ser economista, viu Aloizio? Veja que coisa. Até gostaria de ser economista, não fui.

Agora, eu acho que teve muita gente neste país que estudou em escola pública, não pagou nada, depois que se formou, alguns deles esqueceram de que outros também precisavam estudar. Como eu vivi o sentimento de milhões de chefes de famílias neste país que vêem o seu filho terminar o colegial, o ensino médio, e não dá perspectiva nem de emprego nem de universidade para esse filho, eu quero dizer para vocês: eu farei tudo o que estiver ao meu alcance que possa garantir... o jovem pode não ir para a universidade se ele não quiser, mas se ele quiser, nós temos que ter obrigação moral de, em curto tempo, garantir que todos tenham uma oportunidade na vida. A oportunidade faz o homem e faz a mulher. Se a gente der, as pessoas pegam, agarram e não largam mais em proveito da vida. Se a gente não der, as pessoas podem cair nos descaminhos da vida.

Eu estou aqui na frente de homens e mulheres desta cidade industrial, cidade de ponta em tecnologia, uma cidade de causar inveja a qualquer cidadão de qualquer lugar do mundo. E por que a gente não pode sonhar daqui a 20, 30 anos a gente ter, quem sabe, milhares de cidades como esta aqui? Basta a gente querer. Não tem nada impossível, o impossível é apenas um pouco mais difícil. Se nós fomos capazes de criar uma Petrobras, nós seremos capazes de fazer muitas outras coisas neste país.

Eu quero, meu querido José Sérgio Gabrielli, em teu nome, cumprimentar toda a diretoria da Petrobras, todo o corpo técnico da Petrobras,



cumprimentar todos os trabalhadores da Petrobras, porque vocês simbolizam aquilo que o restante dos brasileiros gostaria de ter e de ser.

Muito obrigado, boa sorte a vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Qualificação Profissional do Prominp e do Programa Jovem Aprendiz

São Paulo-SP, 02 de junho de 2006

Eu vou contar as páginas aqui, para ver se é muito longo o discurso, para diminuí-lo pela metade.

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,

Meu caro Aloizio Mercadante,

Meu caro companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro José Renato Ferreira de Almeida, coordenador executivo do Prominp,

Meu caro Alberto César Bonardi Dias, presidente da Fundação Pró-Cefet,

Senhor Rubens Naves, diretor-presidente da Fundação Abrinq,

Nossos queridos jovens Cristiane Farias, Alan Tany e Ana Rodrigues, que receberam o crachá simbolizando os outros 292 jovens,

Senhores diretores da Petrobras,

Diretores da Agência Nacional de Petróleo,

Senhores do Ministério do Trabalho,

Empresários,

Meus companheiros representantes das outras instituições que participam do Prominp,

Meus amigos da imprensa,

Há uma coisa na vida de um ser humano que poderia tornar todos mais iguais. Entretanto, a forma de organização da sociedade, a distribuição de renda de um país, muitas vezes permite que jovens que são inteligentes não



tenham oportunidade, outros que não são tão inteligentes tenham mais oportunidades, e aí a gente vê a sociedade se dividindo de forma injusta, porque não permitiu que todos pudessem colocar o seu potencial intelectual e profissional para fora.

Eu não sei se os pais dos meninos e das meninas estão aí, mas quando eu entreguei o crachá, vi o José Sérgio Gabrielli entregar o crachá e Marinho, naqueles 30 segundos que aconteceram esse fato, a minha cabeça voltou a 1960, quando eu descobri que tinha uma chance de fazer um curso profissional. Obviamente que eu não tive a felicidade de ser na Petrobras, senão hoje eu estaria no lugar de um de vocês aí. Não foi a Petrobras, mas foi quase igual, chamava-se Fábrica de Parafusos Marte. Essa fábrica estava precisando de um menino para mandar para o Senai. Eu ainda não tinha completado 15 anos de idade, e hoje até parece ser muito simples e irrelevante falar num curso profissionalizante no Senai, mas naquele tempo, e eu acredito que ainda hoje, para os pais dessa juventude, ter acesso a um curso profissional, muitas vezes é a substituição da universidade que esse jovem não pôde ter.

E foi graças a isso, e aí eu quero falar diretamente para os premiados, para aqueles que vão ser aprendizes da Petrobras ou de outras empresas que participam do Prominp, que essa é uma oportunidade rara, e a partir do momento em que vocês começaram a exercer essa atividade, a vida de vocês nunca mais voltará a ser a mesma. Posso garantir que se vocês se dedicarem, há possibilidade de vocês evoluírem cada vez mais. Quando terminarem esse aprendizado, aparecerão outros na frente de vocês. Se não aparecer, vocês irão buscar, porque tudo depende de um começo, e vocês estão tendo um começo.

É importante dizer para vocês que foi graças a um diploma de torneiro mecânico que eu aprendi, e eu repito isso sempre, porque isso, para mim, é uma marca na minha vida. Por conta de um diploma de torneiro mecânico, que



eu aprendi e tirei o diploma em 1963, no Senai, eu fui o primeiro filho de uma família de oito filhos a ter uma casa própria, fui o primeiro a ter televisão, fui o primeiro a ter um carro, fui o primeiro a ter uma geladeira, fui o primeiro, muitas vezes, a ganhar de salário, o valor do salário mínimo. Muitas vezes.

Portanto, quando eu estava entregando o crachá e abraçando aquela menina, eu me lembrei de quando eu ia para o Senai. Eu tinha que fazer um teste no Senai também, viu, Santa Rosa? Você tinha que fazer um teste. E eu não sei porque, eu queria ser torneiro mecânico. Eu nem sabia o que era ser torneiro mecânico. Eu tinha a impressão do meu irmão, eu tinha um irmão que era mecânico, consertava carros na frente de casa e eu achava bonito, ele todo sujo de graxa, de macacão, os bolsos cheios de estopa, estopa toda suja. Eu achava bonito, eu queria ser aquilo. Eu nem sabia o que era, mas eu queria ser aquilo. Eu cheguei lá, tinha vaga de torneiro mecânico no Senai, tinha de fundidor, tinha mais duas ou três profissões, e eu falei: não, eu quero ser torneiro mecânico porque eu achava que era parecido com aquilo que o meu irmão fazia. E aí, quando eu cheguei na fábrica, não tinha muito o que fazer, era moleque, 14 anos, me colocaram para catar pedaços de ferro no chão, em uma metalúrgica pequena, não era tão higiênica como as fábricas de hoje. Minha mãe tinha consertado um macacão para mim, era bonito, um macacão que não era nem da metalúrgica, porque não tinha. Era de uma fábrica de peneiras, e minha mãe desmanchou e fez para mim. Eu me senti o máximo. Eu ia trabalhar, eu andava, acho, um quilômetro e meio a pé ali na Vila Carioca. Eu achava que todas as meninas que passavam na rua, olhavam para mim. Eu me achava, sinceramente, fantástico.

Pois bem, eu estava tão fantasiado com aquela história de aprender uma profissão e de ser mecânico que, no primeiro dia de trabalho, me colocaram para ficar catando os pedaços de ferro... o pessoal cortava ferro na prensa e sempre sobrava um pedaço lá que caía, eu ia lá apanhando aquilo e colocando perto de um forno. E quando chegou na hora do almoço, me deu um calafrio



porque eu queria ser mecânico, estava de macacão, estava trabalhando em uma metalúrgica e não estava sujo. Então, minha mãe ia achar que eu não estava trabalhando. Quando apitou para sair para almoçar, eu fui em um latão de 200 litros de óleo, um óleo que a gente utilizava para temperar peças – você colocava a peça no fogo e ela ficava fervendo de vermelha, aí você metia aquele óleo para temperar – e eu falei: vai ser aqui mesmo. Aí ninguém estava vendo, eu peguei aquele óleo e esfreguei todo na minha roupa, cheguei em casa o próprio mecânico, e minha mãe ficou muito orgulhosa de mim.

Eu estou contando isso para vocês, jovens, porque não são muitas as oportunidades que o jovem brasileiro tem hoje. Se a gente olhar a idade de quem está preso, se a gente olhar a idade de quem está na Febem, se a gente olhar a idade dessas pessoas que estão cometendo crimes, você não vai encontrar ninguém de 80 anos, você não vai encontrar ninguém da terceira idade. Normalmente, são jovens que têm 24 anos, 18, 19, 17, 25, 30, e essas pessoas só chegam a isso pela desesperança, só chegam a isso porque, muitas vezes, dentro de um cubículo onde mora uma família pobre, as pessoas não vêem horizonte e não tendo horizonte, a gente vai tentando se aproveitar daquela primeira oportunidade que aparece, independentemente do que seja a oportunidade.

Eu vi no depoimento de uma menina, aí na televisão, que os pais dela são referência. É por isso que eu também me convenci de que não é a pobreza que leva a pessoa a ser bandido ou a participar de um crime. Ajuda, mas o que leva mesmo um jovem a se desencaminhar é a desagregação da estrutura da família. Eu fui criado, na idade de vocês eu morava nos fundos de um bar, em um quarto e cozinha, morávamos em 13 em um quarto e cozinha, tinha dias que não tínhamos o que comer, mas nós tínhamos uma mãe que abria as asas para que nós soubéssemos que, a qualquer perigo, a gente tinha que voltar para debaixo das asas dela. E minha mãe criou oito filhos. Treze, porque pobre



do Nordeste é assim: vai chegando mais pobre, vai pondo dentro de casa. Pobre não rejeita pobre. Essa é uma máxima da sociedade.

Então nós éramos em oito irmãos. Todos nós fomos criados, todos nós nos casamos, constituímos famílias e ninguém cometeu nenhum erro na vida, passamos a ser pessoas da sociedade com comportamento civilizado. Mas se o jovem não tem dentro de casa uma perspectiva de trabalho, se ele não tem uma perspectiva de estudo, se o pai está brigando com a mãe, se se separam e há uma guerra dentro de casa, onde o jovem não compreende os pais, os pais não compreendem o jovem, e ele perde a perspectiva, para chegar ao abismo é apenas um passo. E essa tem sido uma preocupação constante. É por isso que, nesses três anos, nós criamos muitos programas para a juventude. Mas a dívida que nós temos é tão grande que nós vamos precisar criar muitos outros programas para que a gente possa atender essa crescente demanda que a juventude nos coloca todo santo dia, para que a gente possa atender esse, que é o maior desafio. Porque esses bandidos que vocês viram na televisão esses dias assustando São Paulo, matando policiais, na década de 80 deviam ser meninos de 4 anos de idade, de 5 anos de idade, e que quando nós passamos na rua falávamos: “nossa, que criancinha bonita, que criança maravilhosa, que gordinho, que bochechudo”. Só que essa criança não teve, no tempo certo, a sua esperança atendida, a sua escolaridade atendida, quem sabe por outros problemas que envolveram toda a sua família. Porque nós temos o hábito, quando a coisa não está boa para a gente, de culpar o vizinho, de culpar o amigo. E muitas vezes, nós não procuramos, dentro de nós mesmos, onde é que está o nosso desvio, onde está o nosso defeito.

Então, quando nós criamos o Prominp, quando, lá no Rio de Janeiro, anunciamos, eu não tinha a certeza de que seria tão rápido que a gente poderia viver esse dia de hoje. O que nós estamos fazendo hoje aqui? Nós estamos dizendo para um agrupamento de jovens no Brasil, de meninas e de meninos pobres, estamos dizendo a eles: “olhe, vocês estão tendo uma



oportunidade”. A Petrobras, que é a mais extraordinária empresa brasileira, está assumindo o compromisso de ter, como aprendiz, 2 mil e 700 jovens deste país inteiro. O programa todo prevê logo, logo, com outras empresas, 70 mil jovens. Isso significa que vocês poderão ter a mesma chance que eu tive, vocês poderão ter o mesmo caminho que eu tive, quem sabe muito melhor, porque é a Petrobras que está dando o aprendizado para vocês, não é a minha humilde Fábrica de Parafusos Marte. Mas, aquela fábrica humilde de parafusos Martes, por conta da profissão, eu arrumei emprego numa empresa maior, por conta de uma empresa maior eu aprendi política, fui para o sindicato e, por conta de tudo isso, hoje eu estou, aqui presidente da República. E quem disse que, daqui a 15 anos, dez anos, não pode ser um de vocês que esteja falando no microfone e eu sentado, aqui, já velhinho, tossindo, falando: “meus parabéns, meu presidente da República”. Por que não pode ser exatamente isso? Nós vamos continuar apostando nisso, nós vamos continuar.

José Sérgio Gabrielli, você que era titular de economia da Universidade Federal da Bahia, grande quadro intelectual brasileiro, eu vou dizer uma coisa para você, José Sérgio: em 1998, eu não sei porque neste país o Ministério da Educação decidiu que o governo Federal não ia mais ser o responsável pelo ensino técnico, deixou-se de investir em escola técnica. Nós, agora, revogamos a lei e este ano vamos inaugurar 32 escolas técnicas neste país. Porque você não pode ter um faxineiro e um engenheiro, você tem que ter vários cursos e vários profissionais nesse meio tempo, porque senão fica uma distância muito grande. Da mesma forma que há muito tempo não se fazia universidade neste país, meu caro Santa Rosa. E nós, nesses 42 meses de governo, já estamos fazendo 4 universidades federais novas, já transformamos 6 faculdades em universidades e estamos fazendo 43 extensões universitárias, todas começando neste ano. Sabe por quê? Porque se nós não apostarmos na educação, se nós não apostarmos na formação da nossa juventude, quanto mais as nossas empresas crescerem e todas elas precisarem de mão-de-obra



qualificada, mais rara será essa mão-de-obra qualificada, menos competitividade terá o Brasil nesse mundo globalizado e menos empresas virão investir no Brasil, e as empresas brasileiras, se tiverem que investir irão investir, em outro lugar atrás de mão-de-obra.

Meus queridos meninos e meninas, eu queria dizer para vocês que não faz muito tempo que neste país aqui altos dirigentes da Petrobras diziam na televisão, escreviam nos jornais, que o Brasil não estava preparado para produzir plataformas, diziam que o Brasil não estava preparado para produzir uma série de coisas que, agora, não é, Augusto, estamos produzindo. Se você não deposita confiança no teu taco... a gente aprende é de pequeno. Se nós não depositarmos confiança na nossa gente, na nossa indústria, no nosso trabalhador, quem é que vai acreditar em nós? O nosso concorrente? O nosso concorrente vai querer nos asfixiar. E, por isso, nós estamos acreditando na formação.

Eu vou dar um dado para vocês ficarem surpresos. Todo o sistema de ensino público no estado de São Paulo, que é o maior estado da Federação e que, hoje, tem apenas 18% dos estudantes universitários em escola pública, 82% estão em escolas privadas, em uma demonstração de que foi premeditado o abandono da escola pública neste país, e que só o ProUni, todo o sistema público, Aloizio Mercadante, gera aqui entre 91 mil e 98 mil vagas, entre USP, Unicamp e as federais. Só com o ProUni, em 14 meses em São Paulo, nós colocamos 64 mil meninos e meninas pobres da periferia desse estado para fazer universidade, com bolsas garantidas, por um acordo feito. E fazemos isso porque não tem saída. Não há, na história da Humanidade, nenhum país do mundo que se desenvolveu pela ignorância, não há. Todos que se desenvolveram, acreditaram piamente na Educação e na formação da sua gente.

É por isso que nós... eu, particularmente, tenho certeza de que a alma de quem está aqui está um pouco lavada hoje, porque o surgimento de vocês e



deste Programa vai concretizar uma coisa que eu dizia no começo do governo: quando a gente começa um governo, é como se você tivesse plantando uma lavoura, você planta um pé de laranja, não adianta você ficar batendo em cima dele, “por que é que não deu? Tem que dar agora”. Não, tem um tempo de maturação, você tem que roçar embaixo, limpar, jogar água, não deixar que tenha veneno, que tenha bicho, que tenha qualquer coisa, até que, um dia, você vai lá, pega a laranja, pode descascá-la e chupá-la gostosamente. Hoje, José Sérgio, é o dia da colheita. Nós plantamos e não foram poucos os que acharam que o nosso pé de laranja tinha morrido, não foram poucos os que ficaram em volta do pé de laranja sapateando e dizendo “isso aqui não vai dar em nada”. E hoje, através do Prominp e através da Petrobrás, nós estamos tomando um gostoso copo de suco de esperança.

Meus parabéns a todos vocês, aproveitem e boa sorte.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Unidade de Ensino Descentralizada (UNED) de Paracambi

Paracambi-RJ, 09 de junho de 2006

Bem, primeiro quero cumprimentar o ministro da Educação, meu companheiro Fernando Haddad,

Quero cumprimentar o meu querido companheiro prefeito de Paracambi, André Luiz Ciciliano,

Quero cumprimentar o nosso querido professor Luiz Edmundo Vargas de Aguiar, diretor-geral do CEFET Química de Nilópolis,

Quero cumprimentar o senador Marcelo Crivella, que muito tem apoiado o governo no Senado da República,

Quero cumprimentar os nossos companheiros e companheiros deputados e deputadas federais Carlos Santana, Elaine Costa, Jandira Feghali, Jorge Bittar, Luiz Sérgio e Sandro Matos,

Quero cumprimentar os deputados estaduais e deputadas Délio Leal, Cida Diogo, Gilberto Palmares e Jurema Batista,

Quero cumprimentar os prefeitos Artur Messias da Silveira, de Mesquita,

Quero cumprimentar Carlos Rogério dos Santos, de Queimados,

Quero cumprimentar Darcy dos Anjos, de Seropédica,

Quero cumprimentar Eduardo Ramos da Paixão, de Engenheiro Paulo de Frontin,

Quero cumprimentar Eurico Pinheiro Bernardo Júnior, de Vassouras,

E quero cumprimentar – nem sabia que você chamava Luiz – Luiz Lindberg Farias Filho, de Nova Iguaçu,

Quero cumprimentar os nossos queridos “mata-mosquitos”,

Bem, primeiro quero dizer que o que nós fizemos hoje eu poderia ter



feito ontem, em Brasília, e resolvi fazer aqui, porque durante muitos e muitos anos, nesses últimos anos, todas as vezes que eu vim ao Rio de Janeiro, em algum lugar tinha um companheiro mata-mosquito reivindicando o reconhecimento da legalização do seu direito de trabalho. Então, eu acho que vocês cumpriram a missão de vocês, andando com esses “mosquitões” pelo Brasil afora, e eu cumpri com a minha missão, de reconhecer a digna profissão de vocês.

Quero cumprimentar as mulheres, os homens e as crianças de Paracambi e da região,

Quero cumprimentar o companheiro Miguel, que estava lá em Maria das Graças,

Quero cumprimentar a Jaqueline, que é do MEC,

Quero cumprimentar todas as pessoas que estavam em Maria das Graças,

E quero dizer aos companheiros do Colégio Pedro II que eu ia a Realengo hoje, não fui, mas, se eu vier para o Rio de Janeiro, no dia 14, possivelmente, Fernando Haddad, a gente tenha que pagar o compromisso que a gente não pôde cumprir hoje, lá em Realengo.

Mas, meus companheiros, companheiras, ficar diante de um monumento como este, sabendo que durante quase um século foi uma fábrica, razão da existência desta cidade, geradora de riquezas, geradora de empregos para mulheres e homens durante quase um século, e saber que hoje, em função dos avanços tecnológicos, em função da diversidade da indústria, ela não pode funcionar mais como uma empresa, transformar um monumento como este numa escola técnica, a gente pode dizer, Fernando, que, sem dúvida nenhuma, será a escola técnica mais bonita do Brasil.

Isto aqui não é o lançamento de uma pedra fundamental, é o lançamento de milhões de tijolos que já estão fincados aí, preparados para começar as



aulas. E vou dizer para vocês porque eu quero resolver o problema das escolas técnicas no Brasil e da formação profissional. Primeiro, porque eu sou pai de cinco filhos. Segundo, porque eu devo tudo o que eu sou na vida, primeiro a vocês, depois a um curso profissional que eu fiz aos 14 anos de idade. Vocês sabem, eu não fiz universidade, não porque eu não queria fazer, mas porque na época, como hoje ainda, milhões de brasileiros e brasileiras não podiam fazer. Jovens de 17, 18 anos terminam o segundo grau, prestam vestibular, passam, e quando vão se matricular em fevereiro e ficam sabendo do preço da mensalidade, voltam para casa desanimados, sabendo que estão perdendo a esperança de ter um curso superior. Isso, em parte, nós estamos tentando resolver, e não é fácil resolver, em pouco tempo, o descaso de 500 anos neste país.

Como disse o nosso ministro Fernando Haddad, nós iremos terminar este ano com quatro universidades federais novas que estamos fazendo, iremos terminar com seis faculdades que estamos transformando em universidades, iremos concluir 42 extensões universitárias por todo o interior do país. Ontem, aprovamos um projeto de lei criando mais nove escolas técnicas para se juntarem às 32 que estamos fazendo, portanto, vamos ter logo, logo, mais 41 escolas técnicas no Brasil. E ainda é muito pouco, diante das necessidades.

Eu vou contar uma coisa para o Fernando Haddad, que é professor da USP e, possivelmente, não tenha vivido esse drama. Um menino desses, Fernando, escolha aí qualquer menino desses que tem 16 anos de idade, que já concluiu o ensino fundamental e vai fazer o segundo grau. Muitas vezes ele quer trabalhar para ajudar no orçamento da família, mas pelo fato de ele ter 17 anos, ter concluído o ensino fundamental e o segundo grau e não ter uma profissão, esse jovem tem uma dificuldade muito grande de arrumar emprego.

Eu me lembro de que o meu filho Luis, que é o meu caçula e que tem 21 anos, ficava pedindo para mim: “pai, eu quero trabalhar, pai eu quero



trabalhar.” Eu falava: “o que você sabe fazer? Nada”. Ou seja, ele tirou o colegial, mas não tinha uma profissão, então vai ter que trabalhar de balconista numa loja, vai ter que fazer qualquer coisa, porque não tem profissão. E eu digo isso, Fernando, porque se essa menina toda tivesse a oportunidade de junto com o segundo grau aprender uma profissão, com uma profissão eles seriam profissionais em qualquer lugar do país e em qualquer lugar do mundo. Quando você chega com uma carteira dizendo que você tem uma profissão, você é tratado com deferência pelo departamento de recursos humanos das empresas. O cara até pode dizer que não tem vaga, mas ele vai ficar com a sua ficha, porque ele sabe que está diante dele um profissional qualificado, de quem amanhã ele pode precisar. Quando a gente não tem profissão, eles nem fazem a ficha da gente, eles falam: “pode ir embora, volte outro dia”.

Então, eu digo e repito sempre: eu sou filho de uma mulher que teve oito filhos, teve 12, quatro morreram, ficaram oito vivos, eu sou o caçula dos homens, e eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter um diploma primário, fui o primeiro a aprender uma profissão. Por conta disso, por conta de ter uma profissão, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma casa própria, eu fui o primeiro filho a ter uma televisão, a ter uma geladeira, a ter um carro. Por conta de uma profissão, Fernando.

Você não imagina o quanto na vida de uma menina ou de um menino um curso, por mais simples que seja, de secretária, uma menina que tem uma iniciação em informática, que sabe manusear um computador, a possibilidade de ela ter um emprego é muito maior do que uma pessoa que não tem nenhuma iniciação profissional. Se um menino tiver um curso de eletricista, um curso de projetista, um curso de desenho, qualquer coisa que possa dar a ele uma credencial, um curso de Turismo ou de uma série de profissões novas que apareceram no mercado, a possibilidade de ele arrumar um emprego... se não tiver aqui em Paracambi, ele vai em outro lugar, vai ali, e arruma um emprego. Ele vai comprar o jornal no final de semana e vai ter uma vaga para ele. Agora,



se não tiver profissão, é triste. A gente sai de casa de manhã, bota a carteira profissional no bolso, anda até uma, duas horas da tarde, volta para casa com a carteira suada e amassada e, quando chega em casa, tem gente que chama a gente de vagabundo porque não arrumou emprego. Essa é a verdade, meu querido Ministro da Educação. Essa é a verdade para milhões e milhões de adolescentes neste país, de quem nós precisamos cuidar com muita urgência porque se a gente não cuidar enquanto é adolescente e tem esperança, nós teremos que cuidar mais tarde, quando ele for adulto, já sem esperança, para gastar com cadeia o dinheiro que a gente não gastou com escola.

Por isso é que cada vez que eu venho inaugurar uma escola técnica, um curso profissional, eu volto para casa, deito a cabeça no travesseiro e falo “mais uma missão cumprida”. Acontece que no Brasil estava proibido fazer escola técnica. Uma pessoa qualquer, que eu não sei quem, não importa quem, mas normalmente deveria ser alguém que tinha diploma universitário, deveria ser alguém que já tinha tirado o seu diploma e, muitas vezes, as pessoas tiram o seu diploma e esquecem que os outros também precisam tirar. Então, neste país, em 1998 alguém decidiu mandar para o Congresso Nacional um projeto de lei em que a União não deveria mais cuidar do ensino técnico.

O dado concreto é que, possivelmente, faltasse a algumas pessoas no Brasil conhecer profundamente a realidade brasileira. A realidade brasileira, pelo interior do país, pela periferia das grandes cidades, pelo interior do Nordeste brasileiro, do Norte do país, as pessoas ainda são muito carentes, as pessoas são muito necessitadas de coisas que nós, que moramos nas capitais, não nos damos conta. Gente, quando nós criamos o Programa Luz para Todos, possivelmente um jovem que nasceu no centro de uma cidade, com luz elétrica, que pisou no asfalto, já nasceu com calçada, guia, sarjeta, asfalto, não tem dimensão dos valores dessa coisa. Quando a gente chega no interior do Brasil – e já fizemos 3 milhões e meio de pessoas atendidas – e a gente acende uma luz, no fundo, no fundo, nós estamos tirando uma pessoa do



século XVIII e levando para o século XXI. É como se fosse uma máquina do tempo.

Agora, essas pessoas que estão mais afastadas, essas pessoas não têm sindicato, essas pessoas não têm partido político, essas pessoas não têm com quem reclamar. Então, se o Estado ficar esperando alguém ir lá no Palácio falar: “Presidente, nós queremos isso”, não vai. O governo é que tem que ir lá onde estão as pessoas, o governo é que precisa conhecer a totalidade do território nacional. E eu aprendi isso muito cedo, fazendo as Caravanas da Cidadania, sabendo a necessidade do nosso povo.

Nós precisamos, viu, Fernando, nesses nossos cursos, aqui, eu estou vendo muita mulher, aqui, e tem um curso que as mulheres pedem muito, que é um curso de enfermagem. Em vários lugares que eu vou está cheio de moça dizendo: “Eu queria ter um curso de enfermagem”. Na faculdade mesmo, que a gente está inaugurando, alguém vai falar: “Bota um curso de enfermagem aqui, Presidente”.

Eu acho isso extremamente importante, porque o Brasil precisa disso, sobretudo, nos lugares mais pobres. Porque, também, o Brasil é assim: você chega na avenida Paulista, chega na avenida Copacabana, chega na rua da Praia, em Porto Alegre, tem médico trombando em médico. Agora, quando a gente vai para o interior, pode pagar o que for que não tem médico. Tem uma disparidade neste país. Então, nós precisamos fazer com que a gente dê formação, em função da realidade de cada local.

Então, meus companheiros, confesso a vocês que... hoje eu vi uma matéria no jornal, não sei nem se está com meus assessores, aí, o Lindberg deve ter lido. Hoje, a imprensa publica uma matéria que me faz, primeiro, muito feliz, ou seja, é o melhor nível de renda dos pobres, desde 1960. Esses dias, eu vi uma outra manchete que me deixou feliz: 94.2% das crianças pobres, no Brasil, já comem 3 vezes ao dia.

Eu quero dizer para vocês uma coisa que eu aprendi: muitas vezes, no



meu gabinete, no gabinete do Presidente nunca entra boa notícia, quando ninguém consegue resolver, aí chega para mim, quando resolvem no Ministério, nem me comunicam, fazem a festa lá no Ministério. Mas quando dá problema, aí vai lá, no meu gabinete: “Presidente, está difícil, vê aqui se resolve”.

Mas eu, como tenho muita paciência e muita boa vontade, eu estou convencido do seguinte: muitas vezes, no meu gabinete, entra gente para pedir projetos de 3 bilhões, 4 bilhões, 5 bilhões, 6 bilhões, tudo grandes projetos. E o que a gente faz para o povo pobre custa tão pouco, neste país, porque o pobre não tem megalomania, o pobre quer coisa simples: ele quer ter o direito de morar, ele quer ter o direito de tomar café, almoçar e jantar, e ele reivindica o direito de ter uma boa qualidade de saúde e de ter uma boa qualidade de educação. Ele pede pouca coisa. E ele quer trabalhar, ele quer estudar. É pouca coisa, é por isso que nós acabamos com esse negócio de dizer: “Ah, estamos gastando dinheiro com pobre”. Eles gastam com pobre, eu invisto nos pobres, porque quando um governo garante que uma criança tome café de manhã, almoce e jante, esse governo não está precisando de mais uma consulta médica no hospital, portanto, fica mais barato, fica mais barato cuidar para as pessoas não ficarem doentes.

Quando a gente falava de educação: “Ah, está gastando muito com educação, é ganância, ganância, ganância”. Não, não tem nenhum investimento mais rápido e de retorno mais garantido do que dar conhecimento a um ser humano. Por mais elementar que seja, quando um ser humano tem conhecimento, ele sofre uma revolução interna. Eu me lembro que eu vim aqui no ano passado no curso de alfabetização, e tinha uma senhora de 94 anos de idade, e ela, ao receber o diploma de alfabetizada, falou para mim: “Presidente, eu quero que o senhor venha quando eu tirar o meu diploma universitário, porque eu vou prestar vestibular para fazer universidade”. Uma pessoa com 94 anos, com a esperança que tinha aquela senhora, nos motiva a dizer para



vocês, mais jovens: “não há nenhuma razão para a gente perder a esperança. Não há nenhuma razão para a gente não acreditar que pode construir um amanhã muito melhor do que o hoje que nós vivemos. Não há nenhuma razão para a gente não acreditar que o ano que vem será melhor do que o ano passado”. O que nós não podemos é permitir que o pessimismo tome conta de nós. Nós temos que nos levantar com energia positiva, pensando as coisas para frente, acreditando que é possível. Afinal de contas, nós somos cristãos ou não somos? Nós temos fé ou não temos? Então, por que a gente vai perder a esperança? Quando nada tiver mais solução, a gente pede uma ajudazinha para Deus, ela vai vir e a gente se salva.

Muito obrigado, gente, meus parabéns e até outro dia.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do novo centro do Consórcio Social da
Juventude do Grande ABC**

Santo André-SP, 03 de junho de 2006

Meus queridos amigos e amigas do ABC,
Meus queridos jovens do nosso país,
Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,
Meu querido prefeito de Santo André, João Avamileno,
Meu querido companheiro Aloizio Mercadante,
Meu caro Claudio Schowe, presidente do Conselho de Administração da
Cooperativa de Consumo da Volkswagen,
Meu caro Teodoro Brasília de Lima, coordenador-geral do Consórcio,
Meus companheiros deputados estaduais,
Deputados federais,
Prefeitos,
Vereadores,
Mas, sobretudo, meus queridos jovens, meninos e meninas do ABC
paulista,

Quando a nossa chefe do cerimonial estava fazendo a apresentação, e depois, quando o Teodoro falou, eu senti um clima, como há muito tempo eu não via, de manifestação da juventude. Nós estamos na cidade de Santo André, mas me parece que tem mais gente de São Bernardo e Diadema que gente de Santo André aqui. Eu acho que a política que nós temos feito para a juventude brasileira possivelmente não tenha chamado a atenção, ainda, de muita gente neste país. Possivelmente os prefeitos não saibam de tudo,



possivelmente os políticos não saibam de tudo e, possivelmente, a imprensa não saiba de tudo que nós estamos fazendo para a juventude neste país.

Eu queria começar, ministro Marinho, porque você e o Teodoro já falaram praticamente tudo sobre o Consórcio Social. Eu queria lembrar a vocês que, quando nós tomamos a decisão de fazermos a Universidade Federal aqui no ABC, não foi uma coisa que surgiu da minha cabeça depois que eu virei presidente da República, não. É que eu, muitas vezes, ainda quando dirigente sindical na década de 70, não me conformava de ser a Região do ABC, uma das mais ricas do país, e a gente não tinha aqui, no ABC, uma universidade federal, onde a gente tinha um dos maiores parques industriais de todo o país. A impressão que eu tinha era de que nós éramos castigados porque ganhávamos um pouco mais do que a média dos trabalhadores brasileiros.

Quando chegamos lá tinha um projeto, esse projeto foi aprovado e nós fizemos uma inovação. Aqui, ao invés da gente contratar um engenheiro para fazer o projeto da universidade, nós fizemos um concurso. Esse concurso já foi realizado e agora já está em licitação, para começar a construção da obra da nova universidade que, quando estiver completa, vai ser uma universidade para 20 mil alunos, aqui no ABC.

O vestibular é agora este mês. As aulas vão começar com 1.500 alunos, a partir de setembro, num prédio alugado. E, enquanto isso, nós vamos construindo o prédio para ver se, em setembro do ano que vem, a gente já pode aumentar um pouco mais. Mas, o que é importante, é que nós estamos também abrindo concursos, e já foi realizado um para a contratação de 120 professores com atividade mínima de doutor. Ou seja, para dar aula aqui, não basta ser professor, tem que ser professor-doutor, porque vai ser universidade de muita qualidade, universidade de ponta, sobretudo universidade tecnológica.

Mas não é apenas isso. Diadema jamais tinha imaginado ter um braço de universidade, e nós levamos lá, me parece que sete cursos ligados à área de saúde. Levamos para Guarulhos 10 cursos ligados às áreas de humanas;



levamos para Santos cursos ligados à área de Medicina; levamos para Sorocaba e vamos levar para Osasco. Ainda este mês vamos anunciar em Osasco e vamos ver o que podemos fazer, porque são muitas coisas. O Brasil ficou muito tempo sem investir em universidades. Só para vocês terem uma idéia, em São Paulo, que é o estado mais rico da Federação, 82% de todos os jovens que estudam em universidades no estado de São Paulo, estudam em universidade privada. Apenas 18% estudam em escolas públicas. Como é que nós resolvemos mudar isso? Nós fizemos duas coisas: a primeira é como garantir que mais jovens entrem na universidade, já que a gente não tem tempo de construir todas as universidades que nós precisamos e nem dinheiro.

E aí, meus queridos professores e alunos, foi uma idéia genial do nosso ministro Fernando Haddad, que propôs que fizéssemos um convênio com a rede privada de educação, que fizéssemos uma isenção de determinados impostos que eles pagavam e, o equivalente ao valor do pagamento que eles tinham que fazer, nós transformaríamos em bolsa de estudo. Dessa engenharia toda, surgiu uma coisa chamada ProUni, que já colocou, até janeiro deste ano, 204 mil jovens na universidade, dos quais, só no estado de São Paulo, 64 mil jovens, dos quais 40% são afrodescendentes, 1200 são indígenas e agora, neste mês, vamos colocar mais 46 mil alunos. Nós vamos chegar então a 251 mil vagas em todo o Brasil, sobretudo para as crianças das escolas públicas que não conseguem passar no vestibular das federais e que, muitas vezes, presta o vestibular, passa e, quando chega no mês de fevereiro, que vai fazer a matrícula, percebe que a mensalidade custa 800 reais, 900 reais, mil reais. Volta para a casa desanimada, desalentada, porque não tem dinheiro para pagar.

Pois bem, o ProUni resolveu uma parte disso. Mas só para vocês terem uma idéia, nós começamos a ter a primeira universidade federal no Brasil em 1920, a primeira. Aí teve governo que fez cinco, teve governo que fez quatro, governo que fez duas. A verdade é que nos últimos anos diminuiu muito. Eu



então tomei a decisão. Possivelmente, porque eu não tenho diploma universitário e tenho filho estudando em escola paga, é que sei o sacrifício de um pai que trabalha, que ganha 2000 reais por mês, 1500 e que tem que gastar metade para educar o filho. E eu sei que o maior legado que um pai pode deixar para um filho, o maior legado que uma mãe pode deixar para a filha, não é um carro, não é uma casa, é um diploma universitário, é uma profissão, porque significa a independência desse jovem.

Por conta disso, eu queria dizer para vocês: nós ainda não chegamos a quatro anos de governo, e vocês podem pegar na história do Brasil quem foi que fez mais. Nós já fizemos e estamos fazendo, quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos fazendo 43 extensões universitárias, ou seja, estamos levando as universidades das capitais para o interior do país, para permitir que a juventude que mora nas cidades pequenas e médias do Brasil tenha a oportunidade de, próximo da sua terra natal ou na sua própria terra natal, encontrar um jeito de se formar, de aprender uma profissão, e não ficar na expectativa de ter que agir como se fosse nômade, viajando o Brasil inteiro para prestar vestibular, atrás de uma vaga numa universidade.

E, se Deus quiser, nós vamos fazer o milagre da educação neste país, porque eu tomei uma decisão na minha vida: no meu governo, é proibido falar em gasto quando a gente fala de educação. A gente gasta quando a gente tem que construir uma cela numa prisão. Educação é investimento porque é profissão, é sabedoria, é inteligência. E cada jovem que a gente formar, depois de quatro anos, ele retribuirá, quem sabe em pouco tempo, quatro ou cinco vezes aquilo que foi investido para sua formação.

Marinho, a coisa era tão grave no Brasil que, em 1998, não sei quem tomou a decisão, que o governo federal não tinha que se preocupar mais com escola técnica. Não era da responsabilidade do governo federal. Ora, um absurdo total, eu diria quase que um crime contra a juventude brasileira. Pois



bem, nós então mandamos para o Congresso. Mudamos a lei e este ano, até dezembro, se Deus e Nossa Senhora Aparecida ajudar, nós vamos inaugurar 32 escolas técnicas novas neste país para dar ao jovem a oportunidade de continuar estudando.

Está no Congresso Nacional para ser votado, no Senado, o Fundeb, que é o Fundo Nacional de Educação Básica. Para que a gente possa garanti-lo, significam 4 bilhões e meio de reais a mais para a educação. Aumentamos de oito para nove anos o tempo de permanência de uma criança na escola. Antes como é que funcionava? Uma pessoa de classe média, que podia pagar uma pré-escola, colocava o seu filho com seis anos numa pré-escola. Quando ele atingia sete é que ele entrava na escola, aí já tinha contato com lápis, caderno, caneta, ou seja, ele já tinha uma certa familiaridade. E o coitado do mais pobre que não tinha pré-escola, entrava com sete. Ele entrava praticamente analfabeto. Ele não conhecia nada.

Então, costumava-se dizer: “por que essa criança é inteligente e a outra não é?” Não era verdade. Era que uma tinha tido oportunidade e a outra não. Então, nós começamos agora, a partir de seis anos de idade. Isso é gradativamente. A partir de seis anos todas as crianças vão entrar na escola. Todas vão ter a mesma oportunidade para que a gente possa provar que todos são inteligentes. O que precisa é tomar café da manhã, almoçar, jantar, ter tranqüilidade em casa e estudar.

Pois bem, eu digo para vocês que, quando abraço uma menina e um menino que vieram falar comigo, eu poderia estar abraçando cada um de vocês, porque eu tenho uma inveja de vocês muito grande, vocês têm 18 anos, 17, têm 20. Eu já estou com 60. De vez em quando a gente falava: não, eu já passei pela idade de vocês. Tenho mais experiência que vocês. Hoje, os mais velhos não têm mais experiência, porque na era da informática, um moleque de oito anos consegue fazer no controle remoto de uma televisão o que um velho de 60 não faz nunca. Ou seja, nós estamos vivendo uma geração em que o



neto é mais esperto do que o avô. Que o neto sabe muito mais que o avô.

Então, veja que coisa engraçada, vocês estão começando a vida profissional de vocês e estão tendo uma oportunidade. Eu não sei quais as dificuldades que vocês têm dentro de casa. Mas, se tem uma coisa que eu queria pedir para vocês, como avô, como pai, como presidente da República, é que vocês não permitam nunca que haja desarmonia dentro da casa de vocês, que conversem com a mãe de vocês, conversem com os pais de vocês. Se tiverem problemas, enfrentem de cara e discutam, porque não tem nada pior na vida de um adolescente do que ele perceber que os pais estão em desarmonia. Ele não consegue ter referência, fica desempregado, não tem escola, a vida da pessoa vira um verdadeiro inferno.

Então, é preciso que a gente saiba que tudo será melhor se a gente tiver vivendo em harmonia, se a família estiver bem. E eu falo isso porque fui uma criança igual ou mais pobre do que qualquer criança que tem aqui, fui criado praticamente sem pai, com uma mãe com oito filhos. Morávamos num quarto e cozinha em situação degradante. Mas toda vez que a gente pensava em fazer alguma coisa ruim, eu lembrava da minha mãe e lembrava que a gente não podia fazer nenhum mal para ela e nem envergonhá-la. E não tem nada mais sagrado do que o pai e a mãe de vocês. Por mais errado que eles estejam, tente ajudar a consertá-los, porque a gente só vai perceber que eles são importantes quando eles não estiverem mais.

Mais uma coisa importante que eu queria dizer para vocês era a quantidade de políticas que estamos fazendo para a juventude brasileira. A primeira coisa que fizemos foi criar uma Secretaria Nacional da Juventude. Essa Secretaria é ligada à Presidência da República e junto ao Conselho Nacional de Juventude. O governo federal mantém 22 programas exclusivos para jovens e 77 ações em outros programas, nos quais os jovens são o público principal. Apenas em 2005, meu caro Aloizio Mercadante, presta atenção nisso – que você é bom em decorar números – apenas em 2005 o



governo federal investiu na juventude brasileira 3 bilhões e 830 milhões de reais nos mais diferentes programas que demos para a juventude brasileira. Primeiro, você conhece o Programa ProJovem. O Programa era para as capitais.

Num primeiro momento, nós entendíamos que nas capitais é que estavam as grandes concentrações de jovens morando na periferia, muitos vivendo em área de risco. Então nós resolvemos criar um programa para as capitais. Acontece que nem todos os prefeitos entenderam. Aqui para São Paulo, por exemplo, na capital, nós colocamos 30 mil à disposição do prefeito e lamentavelmente ficamos um ano esperando, Aloizio, e o prefeito não atendeu as 30 mil vagas e nós não preenchemos. Daí, nós tomamos a decisão de estender para a região metropolitana, porque São Paulo tem São Bernardo, Santo André, São Caetano, Diadema, Guarulhos, Mauá, Ribeirão Pires, Osasco, que são grandes cidades e que nós então resolvemos estender.

O que é o ProJovem? O ProJovem é você pegar jovens de 18 a 24 anos que terminaram a quarta série, mas não terminaram o ensino fundamental, e que não estavam estudando, para concluir a oitava série e fazer com que esse jovem possa concluir o ensino fundamental e aprender uma profissão. Nós damos 100 reais para cada jovem como ajuda de custo e também a prefeitura pode organizar para que ele tenha um trabalho comunitário. Foram 182 mil jovens.

O Primeiro Emprego, o Marinho já falou aqui do Primeiro Emprego. O ProUni, eu já falei do ProUni. O Brasil Alfabetizado alfabetizou 1 milhão e 200 mil jovens. O Soldado Cidadão, que é uma paixão, é uma coisa dos meus sonhos, sobretudo para os meninos que estão aqui. O Soldado Cidadão, este ano, nós vamos ter 100 mil jovens a mais. São jovens em idade de serviço militar, normalmente da periferia, que estarão se incorporando às Forças Armadas Brasileiras, 50 mil agora no primeiro semestre. Esses jovens, além de aprender a disciplina militar, além de aprender as coisas do seu país, vão



aprender uma profissão e, quando ele sair do Exército, vai estar muito mais qualificado para adentrar ao mercado de trabalho.

O Programa Segundo Tempo é um programa que tenta criar as condições de prática de esporte para o aluno que estuda de manhã fazer esporte à tarde, e para os que estudam à tarde fazer esporte de manhã. São 1 milhão e 300 mil crianças e adolescentes participando. O Agente Jovem, assistência social, aula de saúde, cidadania e meio ambiente, são bolsas de 65 reais por mês, durante um ano, para jovens de baixa renda de 15 a 17 anos, temos 167 mil jovens. Nossa Primeira Terra são 17 mil títulos entregues a jovens agricultores que queremos que continuem trabalhando no campo.

Nós poderemos fazer muito mais. Se houver a compreensão da combinação entre estado nacional, os estados, as prefeituras, os empresários brasileiros e as entidades da sociedade civil como eu vi, aqui, agora, essa quantidade de entidades extraordinárias participando, com o mínimo de ajuda do governo federal. Nós poderemos, daqui a alguns anos, sonhar em afirmar que a juventude brasileira está tendo a sua oportunidade.

Eu queria concluir dizendo para vocês uma coisa: nós temos, na vida da gente, vocês percebem que em todas as atividades da vida humana, a idade entre 17 e 30 anos é a idade em que a gente pode tudo. O jogador de futebol atinge o auge da sua carreira entre 20 e 30 anos. O lutador de boxe atinge o auge da sua carreira entre 20 e 30 anos. Apenas a profissão da gente é que, quanto mais velho vai ficando, vai ficando aprimorado.

Então, eu estou querendo dizer para vocês o quê? Eu estou querendo dizer que o momento não é de desesperança, porque, de vez em quando, a gente liga a televisão, ouve um rádio ou lê um jornal e vê acontecer uma desgraça com um jovem. Aquilo é passado, como se fosse toda a juventude que estivesse vivendo aquilo. Agora, se as pessoas viessem aqui e vissem o outro lado da moeda, e vissem que no Brasil a grande maioria da juventude não está perdida. A grande maioria da juventude acredita que o amanhã será



muito melhor, será muito mais produtivo, será muito mais garantido para ele.

Então, vocês não podem perder a esperança. Um jovem não pode perder a esperança. Ora, se uma pessoa com 60 anos, como eu, ou uma pessoa com 70 que está aqui, ainda acredita, quer viver e quer fazer as coisas. Eu fui no Rio de Janeiro participar de um processo de alfabetização. Entreguei o diploma de segundo grau para uma senhora de 94 anos de idade e ela me disse: “Presidente, eu quero que o senhor venha me entregar o diploma quando eu me formar na universidade, porque eu não quero morrer sem fazer universidade.” Se uma mulher de 94 anos tem essa esperança, porque um jovem de 18 anos vai perder a esperança? Vocês não podem perder a esperança. Vocês têm que acreditar que o Brasil não vai jogar fora a oportunidade dele no século XXI.

O Brasil jogou fora no século XIX. O Brasil jogou fora no século XX. Só para vocês terem uma idéia, de 1980 a praticamente 2000, a economia brasileira esteve estagnada. Ela não cresceu ou cresceu muito pouco. É uma geração de jovens. Esses meninos que vocês vêem aí, de vez em quando, sendo presos na Febem, no PCC, são jovens, resultado da década perdida. São jovens, resultado da década de 80, quando nós não investimos corretamente em educação, quando nós não investimos corretamente na formação da nossa juventude.

Se um político quiser falar, “vocês são o futuro da Nação”, nós precisamos começar a investir em vocês agora, ontem, anteontem e não depois de amanhã, porque depois de amanhã, possivelmente, já será tarde.

Eu queria então terminar parabenizando as entidades, parabenizando o Ministério do Trabalho e dizendo que se tem uma coisa que um presidente da República pode dormir todo dia satisfeito é quando ele encontra um grupo de meninas e meninos como nós estamos vendo aqui, com a alegria de pessoas que ainda não encontraram toda a mina de ouro, mas já sabem onde está. Já sabem que ali tem e vocês estão buscando.



Que Deus possa abençoar cada um de vocês. Que Deus possa dar paz e muita tranqüilidade para os pais de vocês para que eles, ao invés de atrapalhar, sejam a mola propulsora para incentivá-los a se transformarem nos filhos que eles sonharam e que o Brasil precisa.

Muito obrigado a todos vocês. Boa sorte e até outro dia.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
lançamento da Pedra Fundamental do Pólo Petroquímico de Itaboraí**

Itaboraí-RJ, 14 de junho de 2006

Prefeito,

Meu caro Vícter, secretário de estado do Rio de Janeiro,

Meu caro dr. Paulo Cunha, do Grupo Ultra,

José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Prefeitos aqui presentes,

Primeiro, nós temos que agradecer a todos aqueles que trabalharam para que nós pudéssemos chegar a este dia. Segundo, o Rio de Janeiro, Vícter, tem direito, não só porque é o estado que mais produz petróleo no Brasil, mas porque o Rio de Janeiro é um estado de incomensurável grandeza, seja do ponto de vista da sua população, seja do ponto de vista cultural, seja pelo que ele representa para a história passada e para a história futura do nosso país.

Houve momentos em que pessoas não acreditavam que isto fosse acontecer. E nós estamos aqui apenas fazendo justiça a uma briga antiga do estado do Rio de Janeiro. É uma pena que a Governadora, por problemas de saúde, não esteja aqui, porque ela foi uma das pessoas que brigou muito para que este dia acontecesse. Eu acho que nós temos que agradecer a todas as pessoas.

Isto aqui não é obra de um homem, não é obra de um governo, não é obra de um empresário. Pela magnitude e pela grandiosidade do projeto, isto aqui é obra de uma Nação, ou seja, todos nós, mesmo os estados que são vizinhos do Rio de Janeiro têm um pouco a ver com o que está acontecendo aqui hoje. É importante que todos tenham clareza, nós hoje viemos aqui



assumir o compromisso público, colocamos todos os documentos dentro de uma caixa que vai ser enterrada aqui – não é, dr. Paulo Cunha? – para a gente abrir quando vier inaugurar. Ela só vai ser inaugurada se tudo der certo em 2011, portanto, é uma obra gigantesca que vai levar pelo menos seis anos para ser construída, cinco anos, e o nosso compromisso é trabalhar: o governo do estado, o governo federal, os Ministérios envolvidos e a Petrobrás, para que a gente comece essa obra em 2007, em janeiro de 2007.

Se tudo der certo, se o Ministério do Meio Ambiente, se quem cuida do meio ambiente no estado do Rio de Janeiro, se a Petrobrás, se o BNDES, se todos os ministros trabalharem afinados como esta banda que vai tocar daqui a pouco para nós, certamente a gente pode começar isso em janeiro de 2007. É uma obra que vai gerar milhares de empregos diretos e indiretos e, certamente, vai mudar muito e para melhor a cara do estado do Rio de Janeiro, porque é um estado que recebe, tanto quanto São Paulo, muitos nordestinos, muita gente de toda parte do país e, portanto, é um estado que precisa gerar empregos, e isto vai contribuir de forma decisiva.

Como todos nós somos muito jovens ainda, daqui a 15 anos a gente vai discutir o significado do Pólo Petroquímico aqui no estado do Rio de Janeiro, o que mudou a cara da indústria petroquímica, o que mudou a cara do Rio de Janeiro e a cara do Brasil.

O Victer tem razão, a Petrobrás, houve um tempo em que ela não se interessava muito por nada que não fosse apenas a prospecção de petróleo. Ela foi tirada desse ramo até porque havia alguém que imaginava, um dia, vender a Petrobras. É verdade e isso tem que ser dito, houve alguém que pensou em vender a Petrobras. Graças a Deus, a Petrobras é uma empresa de uma solidez extraordinária, de credibilidade excepcional, tem uma capacidade de investimento maior que todos os estados brasileiros e maior até que o governo federal. E a Petrobras, com esse Pólo Petroquímico, está dizendo que vai participar de forma definitiva do desenvolvimento deste país em todas as



áreas e, além do Pólo Petroquímico, a Petrobras nos presenteia este ano com duas coisas importantes. Primeiro, com a auto-suficiência do petróleo; segundo, com o lançamento de um novo produto, que está na moda no mundo inteiro. Ainda ontem, o Bill Clinton, numa conversa com o Moreno, presidente do Banco Mundial, disse que o Brasil deveria servir de modelo para a energia renovável.

Isso é muito importante porque, lamentavelmente, tem algumas pessoas no Brasil que só dão importância para as coisas que nós fazemos quando alguém dos Estados Unidos fala bem. Quando não fala, as pessoas não dão muita importância. E a Petrobras, além da auto-suficiência, está produzindo um novo combustível, chamado Hbio, o nome é bonito, o nome científico parece uma coisa lunática, mas vai fazer uma revolução energética neste país.

É por isso que eu repito, todo santo dia, que o século XXI é o século do Brasil, nós já perdemos algumas oportunidades, não perderemos mais essa, e o Brasil será o país de maior potencial de produção de energia renovável do planeta Terra. Nós, agora, vamos além de prospectar petróleo, vamos plantar petróleo através da soja, através do girassol, através da mamona, através do pinhão manso, através do dendê, através do caroço de algodão. Ou seja, com tudo que produzir óleo, nós vamos gerar milhões de empregos para os trabalhadores que trabalham no campo neste país e para os trabalhadores que trabalham na indústria.

Portanto, Itaboraí está de parabéns, a Petrobras escolheu uma área próxima do Rio de Janeiro, muito próxima da capital do Rio de Janeiro, numa área com uma população muito grande, porque são milhões de pessoas que moram nessa região e, portanto, o que está acontecendo é apenas o reconhecimento da importância do Rio de Janeiro para o Brasil, é o reconhecimento de que o Rio de Janeiro tem direito a esse projeto, e o reconhecimento de quem trabalhou para que este projeto viesse para cá. Hoje, pode-se dizer que o sonho está realizado e vai ser muito bem realizado quando



tiver milhares de trabalhadores ganhando o pão de cada dia, trabalhando na construção, depois trabalhando na indústria e depois trabalhando nas indústrias que virão em torno do pólo.

Por isso, Prefeito, meus parabéns, Vítter, meus parabéns, parabéns à Petrobras, parabéns ao Grupo Ultra, ao BNDES, que vai entrar na parceria dando um financiamentozinho, parabéns a todos os diretores da Petrobras e, sobretudo, parabéns ao povo do Rio de Janeiro.

Muito obrigado gente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração do Dia Mundial do Meio Ambiente e de
lançamento de ações para o desenvolvimento sustentável da Amazônia**

Palácio do Planalto, 05 de junho de 2006

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Senhores embaixadores acreditados junto a meu governo,
Ministra Marina Silva, do Meio Ambiente,
Ministro Márcio Thomaz Bastos, da Justiça,
Ministro Paulo Sérgio Oliveira Passos, ministro dos Transportes,
Luiz Carlos Guedes Pinto, ministro interino da Agricultura, Pecuária e
Abastecimento,

Meu caro Nelson Hubner, interino de Minas e Energia,
Meu querido companheiro Pedro Brito, ministro da Integração Nacional,
Meu querido companheiro Guilherme, ministro do Desenvolvimento
Agrário,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, secretário-geral da Presidência da
República,

Senadora Ana Júlia,
Deputados federais Luiz Carreira e Zé Gerardo,
Senhor Tasso Rezende Azevedo, diretor-geral do Serviço Florestal
Brasileiro,

Meus amigos e minhas amigas,
Meu caro Rolf, presidente do Incra, desculpe,

Eu estava discutindo com a Marina, porque eu achava que não era
preciso fazer discurso. Acho que ela fechou com chave de ouro e eu, antes de
fazer a leitura que ela quer que eu faça, aqui, eu falei para ela se ela não podia



mandar fazer como na Câmara dos Deputados: chegar na mesa e pedir para incluir nos anais da Casa.

Meu caro Mércio, presidente da Funai.

Primeiro, agradecer às entidades da sociedade civil que não se deixaram abater, em nenhum momento, desde o dia 1º de janeiro de 2003, e acreditaram que era possível, teimando e trabalhando, nós construirmos o que estamos colhendo hoje. Nem sempre é fácil, porque quando se fala de meio ambiente no Brasil, normalmente é um pouco daquilo que a Marina falou, o meio ambiente é tratado como se fosse um instrumento que atrapalha o país a se desenvolver e crescer. Sempre foi assim, quando, na verdade, o dia de hoje prova que ao invés do Ministério do Meio Ambiente, o Ibama e as entidades que cuidam do meio ambiente atrapalham, o que eles fazem, na verdade, é dizer para a gente como fazer as coisas de forma correta, mesmo que demore um pouco mais.

Não está no meu pronunciamento, mas eu queria lembrar que esta semana eu fui dar o primeiro ponto de solda, ou melhor, ver um soldador dar o primeiro ponto de solda, porque é tão delicado que eu não quis arriscar estragar uma tubulação. Eu fui dar o primeiro ponto de solda com os trabalhadores no gasoduto Coari/Manaus, que desde 1985 vem sendo prometido ao estado do Amazonas e ao norte do país, e que nunca foi feito. E nunca foi feito porque nunca se levou a sério a combinação do desenvolvimento sustentável com a política correta, mesmo que demore um pouco mais, um mês, um ano a mais, mas que quando você então começa a fazer, você faz tendo a certeza que não está cometendo nenhum erro e nenhum equívoco.

Da mesma forma que nós vimos o Guilherme anunciar uma coisa que começamos a discutir no final de 2003. Havia sempre, na nossa cabeça, a questão da violência no campo, da violência na região do Pará. Pessoas que



tinham 100 hectares, 150, 200 hectares e que, às vezes, morriam defendendo aquela terra, tentando provar que era deles e não conseguiam provar.

Então, nós decidimos: vamos, primeiro, dar a terra para eles, o descontente é que brigue com eles, para a gente poder garantir que haja um pouco de tranquilidade. Mas isso levou dois anos para poder ser feito, porque tem um monte de coisas envolvidas nisso e, somente uma combinação perfeita, numa frase cunhada pela companheira Marina, de colocar em prática no nosso governo a transversalidade, é que permitiu que a gente não discutisse um projeto num Ministério, depois em outro, depois em outro, quando é mais simples e mais objetivo juntar todo mundo e tentar construir a política de Estado conjuntamente. Isso permitiu que nós chegássemos aos 63. Disso, também, estamos falando há quantos anos? Quantas brigas, quantas coisas que pareciam impossíveis? E a boa vontade de vários ministros envolvidos na construção de uma coisa que todos nós entendíamos extremamente importante, e que era preciso cuidar de preservar antes que fosse destruído? Ou seja, nós estamos colhendo hoje uma obra que certamente será motivo de orgulho para o povo brasileiro. Sempre terá um ou outro descontente, sempre haverá alguém que vai dizer que perdeu uma oportunidade de investimento, que a sua madeireira ia crescer mais e não cresceu, sempre haverá aquele que poderá dizer: “não, eu ia fazer uma expansão de mais um milhão de hectares de soja para lá ou ia criar mais mil cabeças de gado.” Sempre haverá. Mas no fundo, no fundo, eu quero dizer a todos vocês que trabalharam neste projeto, ministros, entidades, deputados, senadores, ou seja, que a nossa futura geração será eternamente agradecida pelo exemplo que nós vamos dar ao mundo, de como é possível sermos brasileiros e não sermos predadores, como costuma se dizer do Brasil no exterior.

Mas como eu tenho que ler um discurso que a Marina pediu para eu ler aqui, eu vou me comportar e vou ler o discurso. De forma, Marina, meus



parabéns, meus parabéns Guilherme, Paulo Sérgio, Brito e demais ministros aqui, meus parabéns pelo resultado final da obra. Falta muito, porque quando a gente consegue construir um metro de benfeitoria, sempre aparece alguém querendo destruir um quilômetro daquilo que está feito. Mas, com a paciência que vocês demonstraram aqui, com a maturidade, certamente o Brasil e o mundo serão eternamente agradecidos a este projeto.

Vamos ao que interessa agora. O plano de desenvolvimento sustentável da área de influência da rodovia BR-163 tem uma característica que o diferencia de boa parte das políticas públicas. A verdade é que hoje estamos tratando de um processo em pleno andamento, e se ele ganha maior visibilidade agora, é porque já inclui dezenas de ações preventivas e estruturas postas em prática.

Estamos corrigindo três décadas de ocupação desordenada e conflituosa ao longo dos 1.764 quilômetros da Cuiabá/Santarém, que cortam a Amazônia legal brasileira, desde o Mato Grosso até o Pará. Eu quero lembrar aqui uma coisa importante. Na campanha de 1989, eu fui a Santarém, quando os companheiros de fé de Santarém queriam que eu fosse no marco zero e assumisse o compromisso de que eu iria construir a rodovia. Eu me recusei a ir ao marco zero, porque eu não tinha conhecimento da rodovia, como é que eu ia me comprometer? Eu sei que outros foram, governaram, mas não fizeram. Ou seja, eu não fui porque eu achava que era contar uma mentira para a sociedade brasileira e, depois de tantos anos, estamos aqui, falando da BR-163.

Essas medidas, tão bem expostas pela nossa querida companheira Marina Silva, estão sendo implementadas de forma articulada e progressiva por 21 ministérios do nosso governo e convergem para o mesmo objetivo. Trata-se de assegurar que o poder de Estado e a vontade da cidadania se façam presentes antes, durante e depois da recuperação e do asfaltamento total da estrada.



A pavimentação começa, agora, a avançar em mais dois trechos, sob a responsabilidade dos soldados do Batalhão de Engenharia do Exército Brasileiro. O primeiro é entre as cidades paraenses de Santarém e Rurópolis, o segundo vai de Garantã do Norte, no Mato Grosso, até a divisa com o Pará. Além disso, o Exército também substituirá, na rodovia, 14 antigas pontes, ainda feitas em madeira, por novas estruturas de concreto, com muito mais segurança e capacidade de tráfego.

E a continuidade das obras está garantida com o edital da Parceria Público Privada da BR-163, a ser publicado ainda este ano. Ele definirá um novo padrão de financiamento, permitindo ao governo viabilizar recursos para a conclusão de todo o trajeto, num prazo de dois a três anos. Estamos falando, portanto, de um mutirão, de uma empreitada que combina o asfalto com o ordenamento fundiário, econômico e ecológico de toda a área de influência da BR 163.

Essa região equivale a aproximadamente 14 e meio por cento do território nacional. Se os números estiverem errados, corrija-me Marina, são praticamente 1 milhão 230 mil quilômetros quadrados, onde vivem dois milhões de brasileiros em mais de setenta municípios. E é aí que se encontra um dos mais dinâmicos pólos agrícolas do país, que será beneficiado com uma redução de custos de aproximadamente 35% com a conclusão desta obra.

Expressivas populações indígenas e concentrações de agricultores familiares, assim como as comunidades ribeirinhas e quilombolas, compartilham esse mesmo espaço. E alguns dos maiores afluentes do rio Amazonas compõem esse mosaico representativo de um dos mais importantes ecossistemas da Terra.

O que está em jogo, nesse pedaço da Amazônia brasileira portanto, não é pouco, nem é algo tão simples que se possa resolver com a lógica maniqueísta do tudo ou nada. Trata-se, na verdade, de um desafio emblemático à nossa capacidade de construir um novo modelo de desenvolvimento



sustentável no século XXI. A pavimentação da BR 163 é uma demanda de trinta anos que chegou até o presente. A nós cabe, agora, atendê-la, mas com todo o cuidado e a prevenção necessários para que nossas riquezas ambientais sejam preservadas para o futuro.

As medidas em andamento refletem um arsenal de conhecimentos acumulados pela ciência, pelos movimentos sociais e pelas políticas públicas que nos encorajam a dizer que esta obra pode demarcar a Idade da Razão na Amazônia brasileira. Queremos que a BR-163, em vez de abrir caminhos para o desmatamento regional, seja uma ligação virtuosa entre a floresta e o desenvolvimento.

Meus amigos e minhas amigas,

Para vencer o desafio imposto pela continuidade da pavimentação da rodovia, definimos quatro eixos de ações. Estamos promovendo o Ordenamento Territorial e a Gestão Ambiental da região, bem como o incentivo e o fomento a Atividades Produtivas Sustentáveis. Ao mesmo tempo, obras de infra-estrutura e logística estão em andamento. Essas ações ocorrem no mesmo momento em que implantamos mecanismos de participação democrática que asseguram às comunidades locais o controle sobre o seu destino e o destino do seu lugar.

O zoneamento ecológico e econômico será feito em todo o eixo da BR-163. Planos Diretores Municipais estão sendo implementados em mais de duas dezenas de municípios do seu entorno, propriedades de até 500 hectares terão sua regularização acelerada. Investimentos em grandes mosaicos de unidades de conservação garantem um cinturão verde de defesa e de vigilância pública na área de influência da rodovia.

A Amazônia reúne 46 milhões de hectares de áreas de conservação, dos quais 15 milhões foram criados em nosso governo. No ano passado, reduzimos em 31% a derrubada da floresta. Foi a primeira grande vitória contra a devastação nos últimos nove anos. Essa ofensiva conta agora com uma



trincheira inédita formada pelo Distrito Florestal Sustentável da BR-163. Trata-se de uma área de 16 milhões de hectares, com um terço destinado ao manejo florestal. É ali que estamos implementando, pela primeira vez, os dispositivos da lei de Gestão de Florestas Públicas, que permitem explorar de forma sustentada recursos florestais em áreas da União.

Esse projeto possibilitará à região a receita de 740 milhões de reais com os produtos florestais e a geração de 100 mil empregos. E o que é mais importante: ele estabelece uma nova referência de cálculo econômico que institui a supremacia do manejo sustentável sobre a ação predatória e clandestina na região. Também estão sendo feitos investimentos na recuperação de estradas vicinais e na melhoria dos sistemas portuários. Ações para erradicação do trabalho escravo e do trabalho infantil, bem como de proteção às terras indígenas, foram intensificadas. E o Bolsa Família está presente em 67 municípios da BR-163, garantindo uma renda mínima mensal já a dois terços de suas famílias mais pobres.

Meus amigos e minhas amigas,

Esse esforço combinado sintetiza não apenas o compromisso com uma obra, mas a confiança num método. Digo isso porque a decisão de recuperar e ampliar a pavimentação da rodovia BR-163 não estava prevista em nosso plano de governo. Se decidimos executá-la agora é porque estamos convencidos de que podemos fazer desse projeto uma referência concreta do PAS, o Programa Amazônia Sustentável, que já foi discutido com todos os governos da região e agora se encontra em fase de audiência pública.

Nós sabemos que uma estrada é um símbolo de uma determinada concepção de progresso. Na maioria das vezes, porém, ela é uma armadilha do progresso que se resume a transferir populações e desafios de um lado a outro do território, sem planejar o futuro nem prevenir os impactos. Foi essa corrida para frente, rumo a lugar nenhum, que orientou em grande medida a ocupação da Amazônia brasileira no passado. E a BR-163 foi uma dessas



válvulas de escape de milhões de esperanças trituradas por um modelo de ocupação perverso e ambientalmente irresponsável.

Hoje, todavia, temos instrumentos ambientais e trunfos de consenso político que nos dão a certeza de que é possível olhar para frente sem repetir o ficou para trás. Quem olhar para o futuro neste dia Mundial do Meio Ambiente vai enxergar que o destino da natureza e o destino da sociedade humana, em especial nos países mais pobres, estão visceralmente entrelaçados. Quem olhar para o passado há de lembrar que Chico Mendes não era contra o progresso que traz saúde, educação, oportunidades, emprego e renda. Tampouco a freira Doroty Stang pregava o isolamento das comunidades humildes na Terra do Meio. Na verdade, ambos se opunham à lógica excludente, que faz do progresso uma pista de mão única, na qual o povo sempre viaja como passageiro de segunda classe, e a natureza, como carga clandestina de ações predatórias.

Quem olhar para o presente, desse modo, terá a confirmação cristalina de que equilíbrio ambiental e miséria são incompatíveis, não é possível cuidar de um e desdenhar o outro. Fica mais fácil, assim, enxergar a legitimidade dos anseios da maioria da população que vive hoje no eixo da BR-163. São anseios de crescimento, de cidadania e de bem-estar que devem ser preservados, juntamente com a floresta, a salvo dos desequilíbrios da pobreza, da extinção da esperança e da erosão do futuro. É essa a preservação que já começamos a fazer na BR-163.

Meus parabéns à transversalidade, e meus parabéns a quem dirigiu esse processo.

Muito obrigado



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de início das obras da nova Transnordestina**

Missão Velha-CE, 06 de junho de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Ceará,
Meus queridos e queridas companheiras de Missão Velha,
Meus queridos companheiros e companheiras do nosso querido
Nordeste brasileiro,

Meus companheiros e companheiras sindicalistas aqui presentes,

Hoje é um dia histórico para o Nordeste brasileiro. Eu queria que, sobretudo os mais jovens, compreendessem que esta ferrovia já existe há muito tempo, mas também já não funciona há muito tempo. Eu vim, agora, num trem para cá, andamos a 15 quilômetros por hora. A nova Transnordestina vai andar a 80 quilômetros por hora.

Esta ferrovia, ela será um marco a mais na redenção do Nordeste brasileiro. Durante um século houve uma parte da classe política brasileira que se conformava que uma parte do Brasil fosse rica e a outra parte do Brasil fosse pobre. Parece que estava escrito na Bíblia que nós, nordestinos, tínhamos nascido para sofrer. Parece que estava escrito em algum lugar que nós éramos uma raça de segunda categoria e, portanto, nós não deveríamos receber os benefícios que todos os 180 milhões de brasileiros têm direito de receber. Eu sei o que é essa discriminação.

Todo mundo sabe que eu sou pernambucano, mas todo mundo sabe também que eu devo tudo o que eu sou ao estado de São Paulo, porque foi lá que eu cheguei, com 7 anos e me criei até chegar a ser presidente da República.

Agora, quando alguém é eleito presidente da República de um país,



essa pessoa não pode ficar olhando o seu umbigo, essa pessoa não pode ficar olhando apenas o seu mundo pequeno do gabinete ou essa pessoa não pode ficar olhando apenas aquelas pessoas que podem se aproximar do presidente para pedir ajuda. Nós temos que olhar os 8 milhões e meio de quilômetros quadrados deste país. E eu digo sempre que não é diferente o papel de um presidente da República, de um governador de estado ou de um prefeito, do papel de um pai ou de uma mãe. Nós temos que olhar para o conjunto da família e não apenas para o filho mais bonito ou para o filho mais gordo.

Foi por isso que nós decidimos dar ao Nordeste aquilo que o Nordeste tem direito há muito tempo, aquilo que o Nordeste já deveria ter, porque se depender de um tipo de político, todos os investimentos irão para uma região do país que já tem as coisas. E o Nordeste vai continuar esquecido, vai continuar empobrecido e nós, então, temos hoje aqui no Nordeste, no estado do Ceará, o lançamento de um Pólo Siderúrgico, em Fortaleza. Temos em Pernambuco e em Recife, o lançamento de uma refinaria, numa parceria com a Petrobras e com uma empresa venezuelana. Agora, estamos fazendo essa ferrovia que é quase como se fosse a espinha dorsal de um ser humano, ligando todas as partes do corpo, para que o Nordeste brasileiro deixe de ser a eterna região pobre do país e passe a ser uma região rica e desenvolvida, capaz de gerar os empregos e as oportunidades que a sociedade brasileira precisa.

Essa ferrovia, só para vocês terem uma idéia, que tem hoje uma capacidade de transporte de um milhão e meio de toneladas, vai passar a ter uma capacidade de 30 milhões de toneladas, vinte vezes mais. O custo, que hoje é de 20 dólares por tonelada, vai passar a ser de cinco dólares por tonelada, isso significa o quê? Diminuindo o custo vai aumentar o lucro das pessoas que produzem o nosso produto para ser mais competitivo no mercado internacional.



Combustível: atualmente essa ferrovia gasta 16 litros... é por quilômetro? Por mil? Ela vai gastar apenas 3,5 litros. Esta ferrovia tem uma locomotiva hoje, de potência de 1.200 HP, vai ter uma locomotiva de 3.600 HP. Portanto, nós estamos construindo, no coração do Nordeste brasileiro, uma ferrovia tão moderna como qualquer ferrovia moderna de qualquer país do mundo, seja Estados Unidos ou seja Europa.

É importante, meus companheiros e companheiras, que vocês saibam que eu devo este dia de hoje a muita gente. Mas, o companheiro Ciro Gomes, a quem eu determinei que trabalhasse a engenharia financeira, está aqui o meu ministro dos Transportes, o Paulo Sérgio – eu resolvi não deixar na mão do Ministério dos Transportes – que era uma homenagem ao Ciro Gomes, que é cearense, para que ele trabalhasse a engenharia financeira para construir esta ferrovia.

Posso dizer para vocês que o sofrimento foi muito grande, o sofrimento foi de quase três anos. Um dia, a gente acertava tudo, no outro dia faltava dinheiro, no outro dia a gente acertava o dinheiro, no outro dia faltava mais dinheiro, no outro dia a gente acertava mais uma coisa, no outro dia tinha uma lei proibindo, e nós, como nordestinos teimosos que somos, resolvemos colocar como questão de honra, porque foi aqui nesta região, que em 1089, o nosso saudoso governador Miguel Arraes, que foi comigo para São Paulo, me disse: “Lula, se um dia você for eleito Presidente da República, pelo amor de Deus, faça logo essa Transnordestina, que é a redenção do Nordeste brasileiro”. O doutor Arraes não está vivo, não está entre nós, mas certamente ele tem muita responsabilidade por esta ferrovia.

Esta ferrovia vai ajudar o Piauí, vai ajudar o Maranhão, vai ajudar o Pernambuco, vai ajudar o Ceará, ela pode ajudar Alagoas, pode ajudar Sergipe e logo, logo, quando a espinha dorsal estiver pronta, pode ajudar a Paraíba e pode ajudar o Rio Grande do Norte. Nós vamos ter trens de carga e vai ter também de passageiros, porque é inexplicável que num país do tamanho do



Brasil a gente tenha perdido a capacidade de investimento em ferrovia ao longo desses últimos 50 anos. Quase tudo que nós temos de ferrovia foi feito no começo do século passado ou no final do século XIX, e foi destruído. E agora nós estamos começando a reconstruir, porque nós entendemos que isso vai ser bom para o desenvolvimento, para os empresários, para os trabalhadores e, sobretudo, para a economia brasileira.

Portanto, quando eu digo que vir aqui, hoje, é um dia histórico, é porque eu sou nordestino e sei o que a gente passa por este país afora, e sei que o Nordeste está muito mais próximo do mundo desenvolvido e, portanto, o Nordeste pode crescer muito mais. Não é só turismo não. O Nordeste tem que ter turismo, mas o Nordeste tem que ter indústria, tem que ter uma agricultura forte, porque isso é que dá base para que este país se desenvolva.

Como é que nós vamos gerar empregos para milhões de adolescentes que terminam o ensino fundamental, querem trabalhar e não conseguem? Graças a Deus nós já resolvemos mais uma parte, a Universidade Federal do Cariri, a extensão já vai começar as aulas agora, a partir de agosto, para seis cursos. E nós pretendemos aumentar ainda, porque nós também estamos acabando com essa história de que universidade tinha que ficar só na capital, a universidade tem que vir para o interior, porque no interior tem homens e mulheres, tem adolescentes e tem crianças que, portanto, precisam ter oportunidade.

Esta terra nordestina, que já poderia ter dado um salto de qualidade, meu querido prefeito... eu queria dizer que eu não sei por que o canteiro não foi feito aqui, depois o Benjamin pode explicar para você, porque, por mim, eu faria um canteiro em cada cidade.

Mas, de qualquer forma, eu queria dizer a vocês, meus companheiros, que nós estamos terminando o nosso mandato. No dia 31 de dezembro eu completo quatro anos na Presidência da República. Eu tenho comigo o orgulho de poder provar algumas coisas ao povo brasileiro. Primeiro, eu duvido que em



algum momento da história deste país alguém já se preocupou com os pobres como nós estamos cuidando nesses quatro anos. Eu duvido que o estado do Ceará, que o estado de Pernambuco, que o estado de Sergipe, que o estado do Maranhão, eu duvido que em algum momento histórico, tenha tido um governo central que se preocupasse em cuidar dos fracos deste país, em cuidar da parte mais pobre da população, da mulher que não está em partido político, da mulher que não está em sindicato, das pessoas que não estão organizadas, mas que nem por isso são menos importantes, são seres humanos que precisam ser bem tratados.

E está aí o Bolsa Família, meu caro Lúcio, chegando este mês a 11 milhões de famílias neste país. Está aí a agricultura familiar do Nordeste que quase não tinha acesso ao Pronaf, está aí a agricultura familiar do Nordeste produzindo. E quando produz e o preço cai, nós compramos o produto para o preço ficar mais alto, para o sertanejo não perder. Então, cuidar do Nordeste não é nenhuma coisa menos importante. Era muito mais fácil a gente ficar dentro de um gabinete olhando para a aristocracia que vai lá fazer pressão para querer dinheiro. Mas duro é a gente dormir toda noite lembrando que neste país tem milhões e milhões de almas, homens e mulheres, que não conhecem Brasília, que não conhecem o gabinete do Presidente, que não conhecem o gabinete do Governador, que não conhecem o gabinete dos deputados e que, portanto, não têm como fazer pressão. É para esses que nós temos que olhar, são essas mulheres de 50 anos, com a fisionomia enrugada, de tomar sol do dia em que nasce ao dia em que morre. São esses trabalhadores, com as mãos calejadas, não de roubar, mas de trabalhar no cabo da enxada, de sol a sol, que nós temos que olhar. São essas crianças, muitas vezes desnutridas, que nós temos que cuidar para que tenham uma boa educação. E quando a gente resolve ajudar, tem gente que não gosta, aliás, eu acho, meus queridos governadores, que há uma tradição política no Brasil, que é uma coisa perniciosa, as pessoas não gostam de quem gosta de pobre.



Talvez as pessoas tenham um pouco de receio, porque quando a gente tem empresários sérios a gente conversa sério, e o acordo que nós fizemos, o financiamento e a parceria para fazer esta ferrovia, só foi possível também por causa deste homem aqui, o Benjamin, que é um empresário muito bem-sucedido no Brasil, mas, acima de tudo, é um brasileiro. Com esta gente séria nós queremos trabalhar, fazer parcerias, fazer acordos para desenvolver o Brasil. Mas nós não queremos mais permitir que o Brasil deixe de olhar para a parte mais pobre.

Esta semana eu fui a Coari, lá no estado do Amazonas, dar o primeiro ponto de solda no gasoduto Coari-Manaus, que são 600 quilômetros de gasoduto para levar gás para a capital do estado do Amazonas. Porque lá também as pessoas não querem que se desenvolva. Fazia 20 anos que as pessoas esperavam. Agora, vamos começar, governador Lúcio, o gasoduto do Espírito Santo que vem para cá, porque se nós queremos uma siderúrgica aqui, nós vamos ter que ter muita energia aqui também e esta semana, sexta-feira, eu vou dar o pingão de solda no gasoduto, porque o Brasil não vai jogar fora esta oportunidade que nós estamos tendo.

Cada um de vocês sabe quanto está custando o quilo de arroz, cada um de vocês sabe quanto está custando as coisas que vocês compram para levar para dentro de casa, para dar de comida para os filhos. E essa conquista não é minha, essa conquista é da confiança que vocês estão depositando nas coisas que nós estamos fazendo neste país. E podemos fazer muito mais, e podemos juntar os homens de bem para que a gente faça muito mais.

Por isso eu comecei dizendo que estava feliz. Feliz pela ferrovia, feliz pelo Nordeste, feliz para Universidade Federal do Cariri, feliz pelo Pólo Siderúrgico, feliz pelo Programa do Biodiesel. E ainda estou frustrado companheiros, porque também dei ao companheiro Ciro Gomes a incumbência de fazer o projeto da transposição das águas do rio São Francisco.

Este homem trabalhou que nem um condenado, fez um dos projetos



mais extraordinários que este país já conheceu. Vamos tirar apenas 1% da água para trazer para o Nordeste brasileiro, para o Ceará, para uma parte de Pernambuco, para a Paraíba, mas aí vocês sabem que quem bebe água não está preocupado com quem tem sede. Não foram poucos aqueles que têm água gelada na geladeira que negaram um copo de água a um nordestino que estava com sede. Porque eles não sabem o que é um cabritinho morrer de sede, eles não sabem o que é um cidadão que tem uma única vaquinha de leite, vê-la morrer por sede, eles não conhecem o que é sede.

Então, o projeto está... são ações e mais ações, liminares e mais liminares. Agora tem uma no Supremo Tribunal Federal. No ano passado nós tínhamos dinheiro para fazer, não pudemos fazer. Tivemos que gastar o dinheiro com outras obras. Agora, o Brito me falou que tem mais 400 e não sei quantos milhões para começar. O Exército está pronto para começar, mas tem uma liminar no Supremo Tribunal Federal. Enquanto isso, a água está passando, caindo no mar, e o povo do Nordeste à espera de que a água venha para matar sua sede, para poder tomar um banho, para poder se tratar melhor.

Mas, de qualquer forma, eu estou esperançoso, meus caros governadores, de que este ano a gente consiga começar essa obra. O Exército está pronto e tudo o que a gente quer fazer, Lúcio, é muito difícil. A BR-101, que liga praticamente todo o litoral nordestino brasileiro, nós passamos dois anos e meio, cada vez que a gente fazia uma licitação, uma concorrência, entrava alguém com uma liminar proibindo. Parece que há um grupo de pessoas neste país que trabalha 24 horas por dia para não permitir que as coisas aconteçam. O que nós tivemos que fazer? Nós tivemos que dar a BR para que o Batalhão de Engenharia do Exército brasileiro começasse a fazer a 101. E assim as coisas vão andando no Brasil. A única coisa que eles não tinham, que eles não conheciam, é que este país não está governado por um brasileiro comum, a única coisa que eles não sabiam é que este país está sendo governado por um brasileiro que é retirante nordestino, que sabe o que é



a fome, que sabe o que é a sede, que sabe o que é ver uma mãe agarrada com oito filhos passando fome, no rabo da sua saia, sem ter um bocado de feijão com água para colocar no fogo.

Eles precisam saber que este país nunca mais voltará a ser o mesmo, este país conquistou o direito de progredir, este país conquistou o direito de se desenvolver. O povo aprendeu, não apenas a gritar que está com fome, mas o povo aprendeu a ir atrás da comida. E este povo quer apenas o quê? O nosso povo, ele quer apenas o direito de trabalhar, o direito de estudar, o direito de criar sua família. Nesta cidade aqui, Prefeito, quantas mães estão aqui, agora, tendo os seus filhos em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em Fortaleza. É aniversário, é natal, é ano novo e as mães não estão com os filhos perto, porque estão tentando ganhar a vida lá. Com esta ferrovia, se Deus ajudar, eles vão poder ganhar a vida trabalhando na sua terra natal, porque vai ter desenvolvimento. E a gente vai poder viver muito mais tranquilo.

É por isso que eu quero terminar dizendo para vocês: eu queria fazer justiça aqui numa coisa. Eu não estou numa campanha política, eu estou num ato institucional, eu estou aqui como presidente da República, isto aqui é um ato oficial, não é um comício, e eu quero dizer a vocês: vai ter eleições para presidente, para governador, vocês têm livre escolha, mas eu queria dizer para vocês, eu queria fazer justiça aqui e quero fazer diante de vocês. O governador Lúcio Alcântara, nesses quatro anos de mandato, eu quero que vocês prestem atenção, porque eu não quero cometer injustiça, o companheiro Lúcio Alcântara, nesses quatro anos, foi um companheiro que teve uma relação de muita lealdade comigo como presidente da República, eu quero reconhecer porque vocês têm o direito de gostar de quem vocês quiserem, mas eu, como presidente da República, quero fazer justiça. Este homem, nesses quatro anos, foi de um comportamento muito digno na relação comigo, na relação com o Ciro, na relação com todos os Ministérios. Então, Lúcio, meus agradecimento também pelo teu comportamento, pela tua lealdade conosco.



Agora, quero agradecer ao Mendonça, governador de Pernambuco, quero agradecer ao Wellington, quero agradecer a todos os ministros, porque daqui nós vamos no Castanhão, agora, fazer uma visita lá. Está aqui o Paes de Andrade que foi o homem que começou o Castanhão nos poucos dias em que foi presidente da República, em 1986. Hoje ele está chique, é embaixador do Brasil lá em Portugal.

Mas gente, eu queria terminar dizendo para vocês o seguinte: esta obra aqui, esta Transnordestina, Benjamin, quero até que você levante aqui, para ver o seguinte, esta obra tem, para mim, uma importância, eu diria, extraordinária e fundamental porque eu tenho consciência de que esta obra é o começo de um novo Nordeste, é a redenção do nosso Nordeste. Então, Benjamin, eu queria te pedir, como empresário, dono da ferrovia – o BNDES está aqui, nosso parceiro – que a gente não medisse sacrifício, que a gente tentasse encurtar todo o tempo possível para que a gente, no menor tempo, possa ter esta ferrovia definitivamente acabada, porque atrás desta ferrovia certamente vai vir o progresso para o Nordeste brasileiro. Olha a cara dessa gente aqui, Benjamin, olha a fisionomia dessa gente, você veja que aqui tem mulheres com 50 anos, com a fisionomia sofrida. Em alguns lugares do Brasil, uma mulher de 50 anos parece uma menina de 30. Aqui não. Aqui as pessoas são mais sofridas por causa do sol, por causa das necessidades. Então, eu queria dizer para você, que é para essa gente, é para esse tipo de brasileiro, que é praticamente metade dos brasileiros deste país, que a gente tem que fazer esta ferrovia no menor espaço de tempo possível.

E eu quero pedir aos governadores que não dêem trégua ao governo, cobrem aos deputados, cobrem, porque a gente só sabe trabalhar se tiver alguém cobrando, se não tiver ninguém cobrando, a gente pensa que está tudo bem, está tudo maravilhoso. É preciso cobrar diuturnamente, porque somente assim a gente vai fazer as coisas que precisam ser feitas no nosso país.

Quero dizer, Prefeito querido de Missão Velha, que saio daqui



convencido de que, se estiver vivo daqui a alguns anos, voltarei aqui, não só para ver a cara de alegria desse povo, mas para poder passear numa ferrovia moderna transportando carga, transportando passageiro e, mais importante que isso, transportando a esperança do sertanejo brasileiro, do sertanejo que não perde nunca a esperança, do sertanejo que sofre, mas sofre de cabeça erguida, do sertanejo que sofre, mas acorda e dorme todo dia acreditando que o nosso Padrinho Cícero, do Juazeiro, vai ajudar a gente a ter uma manhã melhor.

Só com essas palavras que eu quero agradecer a vocês, quero agradecer do fundo da minha alma e quero dizer para vocês: tem muita coisa para acontecer neste país. E podem ficar certos de que vai acontecer.

Quero terminar dizendo a todos vocês o seguinte: o Ciro Gomes aqui foi o que falou mais bravo, o Ciro Gomes foi o que falou mais duro. Isso é uma coisa de cearense, de Sobral. Eu quero dizer para vocês o seguinte: quando a gente atinge 60 anos de idade, a gente não tem o direito de ficar nervoso. Quem está na Presidência não tem o direito, quem está na Presidência tem que engolir sapo, rã, cururu, calango, o que tiver que engolir, mas não pode perder as estribeiras. É como um pai, um pai não vai chegar em casa toda hora brigando com a família, nós temos que chegar tentando harmonizar. Eu, de vez em quando, sou atacado, eu conto até 10 e fico me perguntando: por que estão me atacando? Então, eu fico sempre contando, aí eu conto até 10 outra vez. O Ciro Gomes, que é o mais nervoso, vive pedindo calma para mim.

Então, Ciro, eu estou calmo, estou tranqüilo, sei das nossas responsabilidades, sei o que temos que fazer neste país, sei o que significa a transformação que está acontecendo no Brasil. Esse povo está com ar mais feliz, eles estão percebendo que as coisas estão melhorando, eles estão percebendo que as coisas estão ficando mais acessíveis. É o agricultor, é a dona de casa, é o aposentado que há muitos anos não tinha tido aumento real de salário, é o salário mínimo que melhorou, ou seja, tudo isso é um bolo de



boas notícias que vai consolidando o novo Brasil. E quando a gente tenta criar um novo Brasil, os defensores do velho Brasil vão ficando irritados, vão ficando nervosos.

Eu quero dizer para vocês uma coisa, eu saio daqui e volto para Brasília, de Brasília vou para o Rio, do Rio vou para São Paulo, de São Paulo vou para Paris, de Paris vou não sei para onde, mas uma coisa que eu nunca esqueço é que nessas veias aqui tem sangue nordestino correndo 24 horas por dia, e é esse sangue que me motiva a olhar o Nordeste com muito carinho.

Muito obrigado, gente, que Deus abençoe todos vocês e até a minha volta para fiscalizar a ferrovia.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita
ao Complexo do Castanhão**

Jaguaribara-CE, 06 de junho de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Ceará,
Meu caro companheiro Pedro Brito Nascimento, ministro da Integração
Nacional,

Meu caro Altemir Gregolin, secretário de Pesca e Aqüicultura,
Meu companheiro Ciro Gomes, ex-ministro da Integração,
Minha querida companheira Patrícia Sabóia, senadora da República,
Meu caro Paes de Andrade, embaixador do Brasil em Lisboa – e todo
mundo conhece bem o nosso querido Paes de Andrade,

Meus companheiros deputados federais Arnon Bezerra, Eunício Oliveira,
Inácio Arruda e José Pimentel,

Meu caro companheiro José Machado, presidente da ANA,
Senhores prefeitos dos municípios beneficiados pelos projetos
Alagamar, Curupati e Mandacaru,

Adelmo Queiroz de Aquino, prefeito de Alto Santo,
Ariosvaldo Saldanha, prefeito de Jaguaratama,
José Sérgio Pinheiro, prefeito de Jaguaribe,
João Dilmar, prefeito de Limoeiro do Norte e presidente da Amovale,
Gostaria de cumprimentar a nossa prefeita Maria Emília Granja, de
Jaguaribara, cuja ausência nós sentimos, porque houve um certo transtorno,
um acidente de carro, mas está tudo bem,

Meus caros deputados estaduais,

Meu querido José Alves, coordenador regional do MAB,

Minha querida Raimunda Neta Silva,

Meu caro José Orlando de Freitas,



Meus companheiros e companheiras das famílias assentadas,
Moradores e moradoras do Vale do Jaguaribe e região,
Meu querido companheiro Teodoro Santana,

Eu penso que o problema de falar por último é que os companheiros que falam primeiro, todos exímios oradores, já falaram tudo o que poderiam falar do Castanhão e, portanto, eu me sinto, aqui, no direito de não repetir o que eles já falaram.

O Ciro Gomes tocou num assunto extremamente importante: não basta juntar a água, porque o Brasil tem muitos açudes. Se a gente apenas juntar a água, como em muitos açudes que nós temos no Nordeste brasileiro, o sol é capaz de beber 30% dessa água sem pedir licença a ninguém e sem causar nenhuma distribuição de renda a ninguém.

A grande obra de um projeto dessa envergadura, que todos nós, brasileiros, temos que agradecer a todos que trabalharam nela, seja Paes de Andrade, seja Fernando Henrique Cardoso, seja Tasso Jereissati, seja Lula, a todos que colocaram dinheiro, nós temos que agradecer. E temos que agradecer o papel que o Dnocs está jogando, porque não faz muito tempo, o Dnocs era visto, pela sociedade brasileira, como uma instituição que tinha que ser fechada, porque, segundo a imprensa, era um antro de corrupção. Todo mundo queria que o Dnocs fosse fechado.

O que está provado, agora? Uma instituição, uma empresa como o Dnocs, ela, por si só, não rouba, não pratica corrupção, se você escolher, para administrá-la, homens sérios, e montar a equipe séria para dar dimensão ao projeto. Portanto, Teodoro, eu quero agradecer o trabalho extraordinário que você, e não apenas você mas, sobretudo, a equipe que trabalha com você, os seus diretores e, sobretudo, os funcionários.

Vocês podem ficar tranquilos, porque comigo não há nenhuma demanda dos trabalhadores que me deixe nervoso ou irritado. Eu posso dar ou não dar,



porque isso eu falo com meu filho, eu faço com a minha mulher quando ela pede uma coisa: se eu posso, eu dou, se eu não posso, não dou. Agora, para vocês, também é com essa sinceridade.

Agora, eu nunca vou esquecer que os trabalhadores brasileiros ainda precisam conquistar muita coisa para ter o pagamento justo pelo trabalho prestado a este país. E quanto melhor forem as condições de trabalho e quanto melhor for o salário, mais trabalhadores vão trabalhar com mais competência. Eu tenho clareza disso, porque passei 27 anos dentro de uma fábrica e sei o que é a gente ser bem tratado, a gente ser respeitado, a gente se sentir satisfeito no local em que a gente trabalha. Então, eu quero que vocês saibam disso.

Acontece que nós pegamos uma demanda reprimida. Vocês sabem que durante anos e anos os funcionários públicos brasileiros foram destratados, foram acusados, foram achincalhados. Desde a campanha de 1989, bastava um trabalhador ganhar 50 centavos a mais, que já era considerado marajá. E vocês sabem o quanto vocês comeram o pão que o diabo amassou. E vocês sabem que leva um tempo para a gente poder reestruturar todas as carreiras dos servidores públicos brasileiros, porque eu parto do princípio de que, quanto melhor nós os tratarmos, mais produtivos eles serão, e elas também, e mais ganhará a sociedade brasileira com os bons trabalhos prestados pelos nossos servidores.

Mas eu acho que o Dnocs demonstra aquilo, Ciro, que nós falamos da Sudene, da Sudam, porque havia um hábito no Brasil de que, quando você descobria que tinha corrupção numa instituição, você fechava a instituição e o ladrão ficava solto. Nós adotamos a política de que é melhor prender o ladrão e manter a instituição funcionando com técnicos competentes. Então, eu acho que o Dnocs, que há pouco tempo era tido pela sociedade brasileira como uma vergonha, hoje é tido como um orgulho, porque se dedica a servir ao povo



brasileiro com os seus conhecimentos tecnológicos e com o pouco dinheiro que tem. O Brito vai colocar um pouco mais.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é agradecer o povo cearense. O povo cearense fez um favor de me emprestar o Ciro Gomes para ser ministro. E nesses trinta e poucos meses que trabalhamos juntos, quase 40 meses, eu pude me dar conta da grandiosidade do caráter, da grandiosidade da lealdade, do homem de princípios e do homem determinado que é o companheiro Ciro Gomes. O Ciro é daqueles jogadores que você põe em campo e não precisa nem dar camisa com número e falar: joga, o que nós temos é que derrotar o adversário. Ele joga o jogo que tem que ser jogado.

E depois vocês me deram ainda o Pedro Brito, que era o secretário-executivo do Ministério da Integração. O Ciro, ao sair para ser candidato, eu não pude impedi-lo. Eu, então, vou aproveitar o Pedro Brito, e vamos ver se ele, um companheiro cearense também, vamos ver se ele é bom de bola. E quero dizer para vocês que estou satisfeito com o trabalho que o Pedro está fazendo, porque é um homem de muita competência. Obviamente que eu não posso falar do Ciro, porque o Ciro parece que está querendo ser candidato, a gente não pode falar de candidatura, a gente não pode falar de candidatura, só depois das convenções.

Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: a história contada aqui pelo Eudoro, de que tudo isso começou em 1910 com um engenheiro americano, veja, nem brasileiro era, um engenheiro americano que começou a pensar um projeto, e depois passou por Juscelino, e quem sabe Getúlio tenha pensado, e quem sabe João Goulart tenha pensado, e quem sabe alguns militares também tenham pensado. Isso chegou ao Paes de Andrade que fez a autorização para que houvesse a licitação. Depois de feita a licitação, o que a gente pensa? A obra vai começar no dia seguinte. Puro engano. Aí tem uma quantidade de demanda, tem a questão do Ministério Público, tem a questão de licitação, tem a questão de meio ambiente, tem intrigas políticas. Depois de 1989, quando



Paes de Andrade deu a autorização, a obra só foi começar em 1995, seis anos depois. Ela já foi inaugurada várias vezes, é capaz de ter tanta placa aí que até pode deixar o muro meio assim.

De qualquer forma, eu vim aqui por outra razão. Eu vim aqui porque uma vez eu fui visitar um açude lá em Serra Talhada e fiquei indignado com tanta gente que estava morrendo de fome, passando privações na beira de um grande açude que tinha em Serra Talhada. E, naquele tempo, eu fui embora para casa pensando: como é possível você construir um açude, juntar água e não utilizar essa água para gerar riqueza para esse povo? Como é que você gera riqueza? Você gera riqueza fomentando a indústria da pesca, você gera riqueza fazendo irrigação, você gera riqueza fazendo turismo. Eu, se fosse jovem outra vez e fosse me casar, certamente eu ia querer passar a minha lua-de-mel vendo aquela cachoeira que eu vi agora há pouco, mais bonita do que todas que eu já vi, porque eu já vi muitas cachoeiras, mas essa daqui, feita pela engenharia brasileira, é de uma beleza extraordinária. Quem sabe um dia o Ciro vá ser empresário do turismo, e coloque uma gôndola aí, como se estivesse em Florença, e fique alugando a gôndola para ganhar um dinheirinho.

O dado concreto é que o que está sendo feito aqui, do ponto de vista da aqüicultura, do ponto de vista da pesca, é uma revolução que está acontecendo no Brasil, porque antes o governo federal não dava as águas da União para fazer aqüicultura, para fazer criação de peixes, não dava. Nós tomamos a decisão e agora a gente pode dar. E vocês ouviram aqui o que o nosso Secretário Especial da Pesca falou: são mil hectares de lâmina d'água. Mil hectares de lâmina d'água é água para caramba, é água que vai permitir que algumas centenas de pescadores possam, com tanques especiais, criar o seu peixe e não precisar sair de madrugada para ficar se aventurando o dia inteiro com um anzolzinho para tirar uma piabinha. Não, ele vai controlar, do tempo que ele coloca lá ao tempo que ele tem que tirar, e o peso que ela está, para vender. E aí, vai até fazer um chapeuzinho para vender para o Presidente,



porque isso aqui é de couro de tilápia e eu ganhei de graça. O perigoso de usar chapéu de couro de tilápia, sabe qual é, Ciro? É que já está cheirando a peixe aqui, eu estou com fome, daqui a pouco eu estou comendo o meu próprio chapéu.

Mas, vejam, isso vai permitir que algumas centenas de famílias tenham, de forma mais confortável, de forma mais saudável, uma possibilidade de ganhar o pão para si e para sua família, de ter uma renda. Ela, tendo uma renda, vai comprar no comércio, o comércio vai crescer, vai gerar um emprego para uma comerciante, para um comerciante. As coisas começam a andar sem que a gente perceba. Da mesma forma, a agricultura irrigada, são três hectares para cada pessoa. Vocês viram aqui que nós entregamos um equipamento de aspersão para os companheiros. Eu perguntei se eles sabiam montar, eles não demonstraram que sabiam montar, alguém vai ter que vir ajudar o pessoal a montar. Mas, três hectares de agricultura irrigada valem por 50 na seca. Então, a pessoa vai poder escolher o que plantar e não vai ficar dependendo do sol e da chuva. Ela vai irrigar e vai colher a cada tempo, vai ter a certeza da produção, portanto, vai ter a certeza de uma renda, vai ter a certeza de um salário e, se não tiver preço, vocês já sabem que no nosso governo a gente garante, comprando a agricultura do pequeno produtor, para não permitir que ele fique por conta do mercado.

Então, eu vim aqui para isso, eu vim aqui não foi para ver uma lâmina d'água, não, porque eu estou cansado de ver. Eu vim aqui para ver uma revolução chamada Projeto de Utilização das Águas Reservadas neste país, e nós temos duas experiências: aqui e em Itaipu, lá em Foz do Iguaçu, no Paraná. São dois modelos que, na hora em que a gente tiver a certeza do sucesso, nós vamos implantar no Brasil inteiro, e aí a gente vai melhorar a vida de milhares e milhares de companheiros.

Ele falou aqui de uma coisa que era da carteirinha dos pescadores. Quando nós entramos no governo, diziam que tinha 500 pescadores. Isso era



número chutado, a gente não tinha certeza, porque nessas coisas tem muita gente que também faz alguns erros, algumas falcatruas e tinha gente que não era pescador, registrado como pescador. Nós fizemos um cadastro, deve dar 400 mil pessoas que estão, hoje, cadastradas no Brasil com a profissão de pescador. Por isso, essas pessoas, dependendo de onde elas pescam, na época do defeso, ou seja, na época da criação, em que a gente não pode pescar, essas pessoas vão receber o salário-desemprego para que não fiquem com fome. Essas pessoas passam a ter o direito previdenciário, que é o mínimo que a gente pode fazer, porque quando a gente está de férias e vai para uma praia ou vai passear, a gente só quer saber de comer peixe fresco, a gente não quer saber quem pescou ou a dificuldade de quem pescou aquele peixe. Muitas vezes esse companheiro não tem escola, muitas vezes ele é analfabeto e, muitas vezes, não tem escola para o filho estudar.

Então, cuidar disso é cuidar do mais fraco, é a gente cuidar dos mais necessitados, é permitir que essas pessoas tenham acesso à cidadania. É isso que nós queremos fazer e fazemos com carinho, e é por isso que nós despertamos, em alguns, tanto ódio contra nós, tanta mágoa, tanto ressentimento. Na história do Brasil sempre foi assim: é proibido fazer as coisas para o pobre. A história política do Brasil é cheia de exemplos. Na hora em que você tenta governar para os mais fracos, pode ficar certo de que você vai ter muitos inimigos.

Então, **Ciro**, eu quero te agradecer pelo trabalho, muito menos pelo dinheiro que nós colocamos aqui, mas pela definição do que nós queremos fazer agora, que está pronto. Agora já tem o muro, já tem a água, a estrada que nós fizemos, de 28 quilômetros, que diziam que a gente não deveria fazer porque iria demorar cinco anos para encher, encheu em um ano. Se a gente não tivesse feito a estrada, ela estava 10 metros abaixo d'água hoje. Então, **Ciro** e **Pedro Brito**, muito mais pela definição do Projeto. Isso aqui não é um açude apenas para juntar água para o sol beber. Isso é um açude para juntar



água, o sol vai levar o seu pouquinho para fazer chover depois, mas nós queremos que a parte que fica aqui, se transforme em energia para a barriga das nossas crianças, para o cérebro das nossas crianças e que, em função dessa água, a gente possa ter um pouco mais de riqueza neste país.

É por isso que eu saí de Brasília para vir aqui, para dizer para vocês: valeu a pena, Paes de Andrade, assinar o Decreto da Concessão. Valeu a pena cada centavo colocado aí e valeu a pena a gente ir aprendendo. Eu fui, agora, ver a Estação de Piscicultura. Quando nasce uma tilápia, um peixinho, um alevino no rio, os grandes comem e, de cada um milhão, sobram quantos? Dez, 12, 15, sei lá se sobram. E os pequeninhos a gente ainda vai pegar para comer. Quando a gente o cria em cativeiro, em tanque, a gente tira 10 mil, 20 mil, 30 mil, 40 mil, 50 mil, nascem todos, e a gente vai colocá-los na água, já em um tamanho importante para começar a crescer. Então, a gente não vai ter dúvida de que vai plantar e colher.

Então, meus companheiros, eu quero dizer para vocês, companheiros do MAB, mulheres e homens desta região, trabalhadores, prefeitos, deputados, vereadores e ministros, quando a gente vem visitar um projeto como este é que a gente volta para casa com a certeza de que vale a pena a gente acreditar neste país, de que vale a pena a gente acreditar nos projetos importantes. Então, eu saio daqui satisfeito, realizado, para chegar em casa e contar para dona Marisa: dona Marisa, eu fui ver um projeto que um dia você vai ter que ver, porque aquele projeto é o sinal de que se o povo nordestino ainda passa fome é porque durante quase um século os governantes resolveram não tratar o Nordeste com o respeito que o Nordeste brasileiro merece.

Muito obrigado, meus companheiros, e até outro dia.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de mensagem que encaminha Projeto de Lei de criação do Fundo Setorial de Audiovisual (FNC) e mecanismos de fomento ao setor

Palácio do Planalto, 07 de junho de 2006

Meu companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Meu querido companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,

Meus companheiros e companheiras ministros de Estado Luiz Fernando Furlan, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Sérgio Machado Rezende, da Ciência e Tecnologia; Orlando Silva Júnior, do Esporte; Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; a nossa companheira Eva, que substitui o nosso companheiro Tarso Genro,

Embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Vocês foram o único setor da sociedade brasileira que conseguiram trazer o Rachid, da Receita Federal, aqui numa reunião no Palácio. E melhor ainda, ele está rindo, significa que ele foi bem convencido.

Meu caro Orlando Sena, secretário nacional do Audiovisual,

Meu caro Grassi, nosso presidente da Funarte,

Meus companheiros e companheiras representantes da classe cinematográfica,

Pitanga de chapéu novo,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu, na verdade, não precisava falar porque o Gilberto Gil falou o que todos vocês queriam ouvir e talvez o meu discurso seja uma cópia do discurso dele. Entretanto, eu queria agradecer a todos os companheiros do Ministério da Cultura que trabalharam para que nós pudéssemos chegar ao dia de hoje.



Vocês sabem que fazer um projeto de lei, mandá-lo ao Congresso Nacional, é uma coisa muito simples, a gente pode contratar o jurídico da Casa Civil ou o jurídico do Ministério da Cultura, eles fazem o projeto e você manda, e quando você manda, ele pode demorar 10 anos, 15 anos, 20 anos e não ser votado. Quando você faz a opção de construir um projeto que regulamenta um setor qualquer da atividade econômica brasileira e você ouve os agentes que participam, direta ou indiretamente, naquela área, você primeiro assume o compromisso de que aquele projeto é para valer, portanto, quando ele chegar no Congresso Nacional, o governo tem a incumbência de fazer com que os seus aliados priorizem esse projeto.

Segundo, a sociedade, ela tem o compromisso de fazer com que aquilo que foi elaborado possa ser votado tal como nós enviamos ao Congresso Nacional. Obviamente que sempre respeitando o direito do Congresso Nacional de fazer as mudanças que lhe convier, de preferência se for para melhor, se for para pior não precisa fazer.

E esse é um compromisso histórico que nós estamos concretizando aqui. Vocês sabem que já apanhamos muito, já tentamos fazer coisas que não foram muito compreendidas ou, quem sabe, não estavam de acordo mesmo. E o Gil sabe quantas chibatadas nós tomamos. E agora construímos um projeto de que cria um fundo que pode dar ao audiovisual brasileiro a sustentabilidade definitiva para que a gente tenha uma indústria mais forte, mais competitiva, aproveitando a criatividade do povo brasileiro.

Como o meu discurso tem muita coisa que o Gil já leu, vocês viram que o discurso do Gil é de poucas páginas e muitas letras. O meu, é de muitas páginas e poucas letras. Eu não vou ler, Gil, vou apenas dizer uma coisa para vocês. Vocês vão sair daqui e vão entregar este projeto no Congresso Nacional. Certamente vocês serão muito bem recebidos pelo Presidente da Câmara, pelo Presidente do Senado, sobretudo, depois do que aconteceu ontem na Câmara dos Deputados.



Muitos de vocês que acompanham a minha vida sabem que eu nasci do movimento social. Eu fiz as greves que tinham que ser feitas neste país, eu fiz as passeatas que tinham que ser feitas neste país para conquistar a democracia, fizemos as caminhadas que imaginávamos que eram necessárias ser feitas, vim a Brasília fazer passeata, caminhada, comício, na frente do Congresso Nacional, cobrar de deputado, mas na minha cabeça sempre permeou a certeza de que a democracia também nos impõe limite de responsabilidade e nos impõe o limite das coisas que podemos ou não fazer.

Na medida que extrapolarmos os limites impostos pela democracia, estaremos cometendo atos ilegais e, portanto, estaremos à disposição de pagar o preço de desrespeitar a democracia. O que aconteceu no Congresso ontem, não foi um movimento reivindicatório, até porque não apresentaram pauta. Na semana passada, eu fiz na minha sala, no meu gabinete, reuniões com os trabalhadores rurais brasileiros, e fizemos acordos com todos os trabalhadores ligados à Contag, os trabalhadores ligados à Confederação Nacional da Agricultura, fizemos acordo com a Fetraf do Brasil, que representa agricultura familiar. E nesse gabinete, aqui em cima, e nesta sala aqui embaixo, já entrou uma quantidade de gente que jamais tinha imaginado colocar os pés dentro de um palácio da Presidência da República.

Aqui já entrou sem teto, aqui já entrou sem terra, aqui já entrou todo tipo de movimento que vocês possam imaginar. Nunca, em nenhum momento, nós criamos qualquer dificuldade para que o movimento pudesse vir aqui nos entregar reivindicações e reclamar. Nunca, em nenhum momento, e vamos continuar agindo assim, afinal de contas, foi para isso que eu ganhei as eleições, para garantir que a parte da sociedade que não tem os acessos que normalmente uma outra parte tem ao poder político, possa ter.

Entretanto, o que nós vimos ontem, não foi uma cena de democracia, foi uma cena de vandalismo, foi uma cena de pessoas que perderam o limite da responsabilidade no trato da coisa pública. As pessoas podem até não gostar



do Congresso Nacional, eu fui deputado quatro anos e desisti porque não quis mais ser deputado, mas todos nós aqui somos testemunhas de que este país era muito menos seguro e era menos gratificante quando a gente não tinha o Congresso Nacional funcionando, fechado pelo autoritarismo brasileiro.

A sociedade brasileira aceita as manifestações, aceita as passeatas, aceita as greves, aceita o protesto. A sociedade aprendeu que isso faz parte da democracia. Em todo mundo civilizado é assim, na Suécia, na Finlândia, na França, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, ou seja, você pode pegar o país que você quiser como modelo que você vai perceber que o povo se manifesta, que tem enfrentamento com a polícia, isso já está absorvido pelos democratas do planeta Terra.

Agora, toda vez que um movimento extrapola os limites da democracia, este movimento não está representando os anseios democráticos da sociedade. Porque se os companheiros tivessem uma pauta de reivindicação, que nos entregassem. Aqui tem dez ou 12 ministros que conversam com os movimentos sociais toda hora e todo dia, aqui ninguém pergunta de que partido é, de que religião é, de que pensamento ideológico é, ninguém pergunta. Aqui, foi movimento, tem o direito de ser recebido e tem o direito de ser atendido ou não, de acordo com as nossas possibilidades.

Quando vocês vão ao Congresso Nacional, eu acho extremamente importante, porque é o primeiro agrupamento de pessoas que vai ao Congresso Nacional depois do ato de ontem. E eu acho importante que vocês vão ao Congresso Nacional, para dar a certeza aos deputados, para dar a certeza à imprensa, para dar a certeza ao Presidente da República, de que o que aconteceu ontem é uma coisa que não faz parte da cultura política e da visão de democracia que todos nós acreditamos, quem praticou vandalismo, pagará pelo vandalismo praticado. Quem pratica a democracia, será beneficiado pela democracia que nós estamos construindo.



Gil, meus parabéns, parabéns a todos os companheiros que trabalharam, parabéns a todos vocês ligados à indústria do audiovisual, e eu espero que a gente prontamente aprove esta lei e que a gente possa dinamizar ainda um pouco mais a cultura no nosso país.

Boa sorte.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Seminário “Brasil nos Trilhos”

Blue Tree Park – Brasília-DF, 07 de junho de 2006

Quero cumprimentar o ministro Paulo Sérgio Passos, ministro dos Transportes,

Cumprimentar Mauro Dias, presidente da Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários,

Cumprimentar o presidente do BNDES, Demian Fiocca

Cumprimentar Júlio Fontana, presidente da MRS

Cumprimentar Benone Shimitz, presidente da Ferropar

Cumprimentar o Bernardo Hees, presidente da América Latina Logística,

Cumprimentar o Elias Negri, diretor da Brasil Ferrovias,

Cumprimentar Ângelo Batista, presidente da Companhia Ferroviária do Nordeste,

Cumprimentar o Rodrigo Villaça, diretor da Agência Nacional de Transporte Terrestre,

Cumprimentar o companheiro Guilherme, aqui, da Funcef,

Cumprimentar os trabalhadores que, merecidamente, ganharam estes prêmios, não sei se em dinheiro ou ganharam o mesmo troféu que eu ganhei.

Quero dizer para vocês que eu, ontem, quando o Paulo Sérgio me disse desse encontro, eu disse a ele que não tinha recebido, não tinha sido informado, que era para colocar na agenda, porque se eu soubesse eu teria assumido o compromisso de vir desde o começo, porque já faz algum tempo que nós tomamos a decisão de recuperar as ferrovias brasileiras. Aliás, muitos de vocês participaram, em 2003, quando nós lançamos o Programa de Revitalização das Ferrovias Brasileiras, muitos ainda um pouco céticos com



relação à possibilidade de aquilo acontecer ou não, e nada como um dia atrás do outro para a gente provar que aconteceu. E aconteceu com muita dificuldade. Aconteceu com muita dificuldade porque nós tínhamos problemas políticos – não temos problemas de compreensão das próprias empresas –, nós tínhamos problemas de compreensão da própria agência, nós tínhamos problema de falta de hábito de usar trens neste país.

O que nós estamos percebendo agora, eu não vou citar números aqui, porque já falou o Paulo Sérgio, já falou a Funcef, já devem ter falado outros dirigentes, quando os números são bons, todo mundo decora e fala com facilidade, quando não são... Tem uma pessoa que ainda disse: “o que é bom eu mostro, o que é ruim eu escondo.”

O dado é concreto é que nós estamos vivendo um momento, eu diria, se não auspicioso, muito bom na ferrovia brasileira, e com perspectiva de fazermos coisas ainda muito melhor. Vocês acabaram de ouvir o Presidente do BNDES, ele disse aqui, e se não disse, pensou, que dinheiro não é problema, portanto, o BNDES está disposto a arcar com os seus compromissos e com as suas responsabilidades para financiar. Para isso o projeto precisa ser exeqüível, um projeto que tenha substância e bases econômicas. Eu estou dizendo isso porque na Transnordestina, nós levamos praticamente dois anos e meio, quase três anos para construir a engenharia financeira e poder anunciá-la ontem. E vocês sabem que em política é assim mesmo, tem gente que não gostou que nós anunciamos ontem, porque tem gente que gostaria que não acontecesse. Isso é que nem futebol, eu cito sempre futebol porque todo mundo conhece futebol, sobretudo agora que a Seleção é unanimidade. Mas no futebol você está sempre torcendo para o seu adversário tomar um gol, nunca para marcar, na política também é assim. E nós estamos fazendo aquilo que está ao nosso alcance.

Olhe, se dependesse do governo, tem o famoso gargalo em Belo Horizonte, um problema que discutíamos há mais de seis meses, uma dívida



da Vale do Rio Doce com o governo, em que a Vale do Rio Doce assumiu o compromisso de fazer, depois a orientação jurídica que não podia ser feito assim, e não foi feito. O dado concreto é que uma coisa que poderia estar resolvida não foi feita.

Vocês sabem que eu fui um crítico da Ferrovia Norte-Sul, aliás, fiz questão de fazer uma autocrítica no dia em que nós fomos inaugurar um trecho da Ferrovia. E, hoje, nós vamos terminar o mandato fazendo, em quatro anos, mais que tudo o que foi feito nos outros anos, porque nós tomamos uma decisão política de que vamos levar a Ferrovia pelo menos até Palmas nos próximos anos. Tendo o dinheiro, tendo a decisão política, tendo os empresários que querem tocar o negócio, tendo os empresários que querem construir e tendo os trabalhadores precisando de emprego para trabalhar, o que falta? Absolutamente nada.

Nós estamos tentando resolver todos os gargalos que temos, que são muitos, trechos pequenos mas que implicam em prejuízos, não permitem que as empresas possam ter a rentabilidade que deveriam ter porque, por exemplo, lá em São Félix, na Bahia, nós temos quanto? Nós temos seis manobras que demoram praticamente nove horas e que inviabilizam praticamente uma cidade, não é isso, Alexandre? Praticamente a cidade. Bem, fazer tudo isso parece simples, a gente decidir e começar a fazer. Mas entre uma decisão de fazer, aprovar tudo, conseguir licenciamento prévio, fazer as coisas funcionarem, leva tempo.

O dado concreto, objetivo, é que eu, particularmente, estou feliz com o setor. Eu fui, no começo de 2004, reinaugurar a Cobrasma, a Cobrasma, tantas lembranças do passado, fechada. O Ivoncy lochpe não está aqui não? O Ivoncy lochpe, depois de tanto reclamar, depois de tanto lamentar, nós fomos a uma fábrica em que ele participa da administração, ver a alegria daqueles trabalhadores que tinham sido mandados embora em 68 voltar a trabalhar e produzir vagão, e ver o número de vagões que nós estamos produzindo. Eu



quero ver o mesmo número de locomotivas, porque não tem sentido o Brasil não produzir as locomotivas aqui. Quando a gente não tinha uma decisão política de ter um sistema ferroviário forte, não tinha a decisão de ter uma fábrica de locomotivas.

Eu trabalhava na Villares ainda, em 1972, quando a Villares resolveu ir montar uma fábrica em Araraquara para produzir locomotiva. Me parece que a experiência não deu em nada, porque não se produziu locomotiva, não se comprou locomotiva, não se fez ferrovia, pelo contrário, entramos numa era de desativar as poucas que tinham. E, de vez em quando, quando vou em Araraquara, eu visito uma fábrica de locomotivas, parece-me que uma parceria da Villares com a GE que não deu certo. Agora me parece que está sendo construída pela própria GE, em Sumaré, pelo menos foi o compromisso que a Direção da GE assumiu comigo, de voltar a produzir locomotivas, tentar acreditar que é verdadeira a retomada da construção das nossas ferrovias.

E, mais importante ainda, é fazer um compromisso de que essas ferrovias podem ser para cargas, para facilitar e baratear o custo-Brasil, aumentar a rentabilidade de quem produz, mas também fazer uma combinação entre carga e passageiro porque, se nós quisermos que cresça outro tipo de indústria, como a do turismo, por exemplo... eu fiquei imaginando ontem, no lançamento da Transnordestina, com alguns trens de passageiros o que não pode se fazer funcionar aquele pedaço de chão do Brasil.

Portanto, meus amigos e minhas amigas, eu não posso repetir o que já foi dito. Só posso dizer para vocês que não tem volta, ou seja, a demora que nós tínhamos acabou. Eu me lembro que quando nós fizemos a primeira viagem de trem, lá no Mato Grosso, nós viajamos uns 100 quilômetros, naquele tempo nós tínhamos um problema de um gargalo ali, na Serra de Santos, um trecho pequeno, e estavam uns dois empresários no vagão, nós sentamos, conversamos, eu achei que tinha acertado. Dois anos depois eu percebi que não tinha acontecido nada, porque os empresários também não se entendiam.



Agora eu penso que há uma certa harmonia no setor. Eu acho que há gente querendo investir, todo mundo está convencido de que foi um erro estratégico do país abandonar o sistema ferroviário, todo mundo hoje está convencido de que nós precisamos recuperar não apenas os leitos que nós tínhamos, que ainda são economicamente viáveis, mas construir aqueles que faltam.

E aí o meu desafio para vocês é o seguinte: apresentar um projeto. Fazer projeto de viabilidade porque não basta... teve pessoas que participaram do processo de privatização, ficaram com a ferrovia na mão e ficaram com um monte de dormentes apodrecidos na época, trilhos enferrujados, sem ter investimento, sem ter parceria. Vou contar um caso aqui para vocês: quando nós fomos a Campinas lançar a retomada da Brasil Ferrovias, com investimento anunciado de 2 bilhões de reais, eu tinha ligado para o Guilherme, e falei: "Guilherme, eu quero saber se a Funcef vai ou não vai colocar dinheiro na Brasil Ferrovias. Vocês são participantes". "É, mas a empresa não está dando lucro porque nós já colocamos tanto..." Eu falei "se você quer recuperar o que você investiu, essa empresa tem que dar lucro, rapaz, então você tem que colocar um pouco mais porque senão vai ficar com prejuízo".

E hoje nós estamos convencidos disso. O ministro dos Transportes está convencido disso, o BNDES está convencido disso, o ministro da Fazenda está convencido disso, o presidente da República está convencido disso. Se vocês estiverem convencidos disso, ninguém segura as ferrovias brasileiras. Um país da extensão territorial do Brasil, fazer um caminhão transitar neste país por 3 mil e 500 quilômetros, para levar uma carga, é, no mínimo, uma vergonha. No mundo moderno, um caminhão pode andar 400 quilômetros, 300 quilômetros, já está de bom tamanho. Agora, quem tem que andar muito porque é mais barato, mais econômico, mais puro, menos poluente, é trem e navio. É trem e, quem sabe, barcaça, que é um outro problema complicadíssimo, fácil de falar e difícil de fazer, porque quando você tenta fazer, se depara com o meio



ambiente que, nem sempre... e não é culpa do Ministério do Meio Ambiente ou culpa do Ibama, é culpa da legislação que é aprovada no Congresso Nacional, porque na hora de aprovar as leis, a gente aprova leis mais modernas do que as leis de Basílica, e na hora de executar, nós nos deparamos com o complemento daquela lei porque também, muitas vezes, vocês e nós, do governo, achamos que a culpa é do ministro tal, é do Ibama tal, estadual, e não é. Esses funcionários que fazem o licenciamento prévio, muitas vezes estão com uma espada na cabeça. Se eles derem um licenciamento prévio e alguém entrar com um processo contra eles, vão ter seus bens disponibilizados e aí não liberam.

Nós criamos uma coisa chamada transversalidade, que permite que a gente coloque todos os ministros envolvidos na mesa, para que todos sejam cúmplices das boas idéias e não façam projeto em um Ministério, depois de seis meses façam esse projeto em outro Ministério, depois de oito meses vá para o Ibama, depois... Nós temos casos no Brasil de hidrelétrica que, depois que estava quase pronta, foram pedir o licenciamento prévio, e aí quando não dá, falam “estão atrapalhando”. Não estão atrapalhando, é que é preciso cumprir a lei. Este país tem normas, tem regras que nós mesmos estabelecemos.

Então, se a gente fizer as coisas direitinho, a gente pode, em pouco tempo, recuperar o que nós não fizemos em 15 ou em 20 anos. Primeiro, porque o setor da produção acredita nisso. Segundo, porque vocês, acreditando nisso, e o governo acreditando nisso, quem pode impedir que a coisa ande? Ninguém, ninguém pode impedir.

Então, Paulo Sérgio, eu não vou dizer que a bola está com você porque você pode perder o pênalti. Eu vou dizer para você o seguinte: você não meça nenhum sacrifício, o Demian não meça nenhum sacrifício para que a gente possa fazer apenas o que tem que ser feito no país. Apenas isso. Nós não temos que inventar a roda, não temos que inventar o trem, não temos que



inventar a locomotiva, é fazer apenas o que o país precisa para dar o salto de qualidade.

Nós, hoje, para desgraça de alguns e para felicidade de outros, não somos mais aquele paisinho que, de vez em quando, decidia exportar e exportava 30 bilhões. Aí, no ano seguinte, decidia que não podia exportar, que ia fazer para o mercado interno e acabava com as exportações. Nós, hoje, somos um país de economia sólida, nós não estamos mais naquele tempo em que o Banco Central tinha que vender dólar para poder baratear o dólar. Hoje as pessoas querem que a gente compre para encarecer o dólar, por uma razão muito simples: o país cresceu, nós temos reservas como jamais tivemos na nossa história, e tem apenas quatro países no mundo que têm mais reservas do que nós. E vamos fazer mais, na medida em que vão crescendo as nossas exportações, vamos fazer muito mais. E quanto mais crescerem as exportações, que não são apenas de soja ou de minério de ferro, graças a Deus nós estamos diversificando as nossas exportações ao monte, os produtos manufaturados já estamos exportando muito. Então, se o país decidiu crescer, se o país decidiu combinar crescimento interno com exportação, não vai ter mais aquela bobagem de oscilação: dois anos exporta, dois anos importa, dois anos exporta. O ideal é a gente exportar o máximo possível e importar o máximo possível.

Eu tenho dito para muitos empresários que me procuram: “Puxa, Presidente, o dólar precisava subir um pouquinho”, porque na minha sala é assim, aquilo parece uma sacristia, entra um que está exportando e quer que o dólar suba, entra um que está comprando e quer que o dólar baixe, sabe, é assim, e eu tenho que ter resposta para tudo. O que que eu tenho dito? Apenas a seriedade vai permitir que o dólar encontre o seu equilíbrio, não tem mágica, porque todos que querem que o dólar suba ou todos que querem que o dólar desça querem o câmbio flutuante. E se querem o câmbio flutuante, é preciso que a gente tenha certeza da seguinte combinação: o que vai permitir que o



dólar encontre o seu equilíbrio, no momento certo, é uma combinação de redução das taxas de juros, que está acontecendo, é uma redução de aumento das importações, sobretudo de máquinas e equipamentos para modernizar a nossa indústria. Com o aumento das importações, com a redução de juros, automaticamente vai ter menos dólar no mercado e o dólar pode chegar ao patamar que ele precisa chegar, que ninguém ouse dizer qual é, porque ninguém tem coragem de dizer: é 1,30, é 1,10, é 2,50, ninguém tem. É aquele que for justo para que as pessoas continuem produzindo, vendendo e sobrevivendo.

Então, se a economia está sólida, e posso dizer para vocês – eu sei, certamente, que aqui no meio deve ter alguns economistas ou alguns empresários que foram economistas antes de serem empresários – que vocês sabem que, em nenhum momento da história deste país, não estou escolhendo governo nem fazendo comparação, em nenhum momento da história econômica deste país nós tivemos tantos fatores combinando entre si para dar solidez à economia brasileira. Nunca, nós nunca tivemos tanta solidez. É uma quantidade de coisas extraordinárias, de forma positiva para o país. A imagem do Brasil lá fora melhorou, nós valorizamos a nossa relação com a América do Sul e aumentaram substancialmente as nossas exportações. Hoje as nossas exportações para a América Latina são maiores do que para a Europa, ou seja, nós queremos crescer mais para a Europa, mas nós temos muito mais gente aqui, próximo de nós, querendo comprar. Nós ainda não fizemos a ferrovia para interligar ao Pacífico, a que tem está toda desmontada, nós precisamos fazer essas coisas acontecerem. Nós ainda não esgotamos o nosso potencial de relação com os países que fazem fronteira com o Brasil.

Então, nós temos um potencial extraordinário. Acabou aquele tempo em que a gente tinha que ficar recebendo a delegação do FMI aqui, em que desciam pessoas no aeroporto, a televisão filmava, uma mulher e um homem que vinham para cá, para sentar com os nossos ministros, para dizer o que



eles tinham que fazer. Hoje não precisa mais. Não devemos ao FMI, não devemos ao Clube de Paris, pagamos os títulos da moratória, ainda do governo Sarney. Portanto, hoje nós somos um povo, como diria uma gíria nordestina, nós somos donos da carne seca. Não dependemos mais de outros. Eu tenho dito ao BNDES: quando um empresário precisar fazer um investimento, nós temos que facilitar porque um dia eu perguntei, no BNDES – já faz tempo, demorou muito, não é, Demian? – “escutem aqui, entre eu fazer um pedido de empréstimo e esse empréstimo sair, quanto tempo demora?” Me disseram assim: o tempo médio é de 275 dias. Aí não há dinheiro que seja emprestado, porque tem que passar por um cara, passa por outro, volta para o outro. Parece o time do Corinthians jogando, está sempre indo para trás agora. Olha que eu já falei muito bem do Corinthians, mas agora está em um processo meio ruim.

Então, o BNDES precisa agilizar. Quando o projeto for de interesse estratégico para o país, é preciso vencer barreiras. Tem que vencer barreiras do BNDES, tem que vencer barreiras a Agência Nacional, tem que vencer barreiras o Meio Ambiente, por que senão como é que o país vai para frente, se a gente vai perdendo tempo? Um tempo desses, um empresário chegou assim para mim e falou “Presidente, eu estou com uma hidrelétrica para construir há 14 anos. Eu vim aqui – falou o nome dos governos, que eu não vou citar – falei com beltrano, disse que ia sair, falei com cicrano, disse que ia sair”. Eu falei: o senhor não percebeu que alguém que demora 14 anos lhe enganando, sabe que essa hidrelétrica não vai sair? Era mais fácil dizer não vai sair. Vamos procurar outro rio, outro espaço e vamos fazer outra hidrelétrica. Porque senão fica brincando, anunciando as coisas e não acontecem.

Quero dizer para vocês que eu era cético com relação ao Plano de Revitalização das Ferrovias. Vocês estão lembrando que eu nem fiz discurso naquele dia, quem estava lá percebeu que eu não fiz discurso. Nós agora estamos colhendo frutos, as primeiras uvazinhas da nossa parreira, podemos



colher muito mais depressa. Eu só quero que vocês saibam: a intenção do governo é total e absoluta, a intenção do BNDES é total e absoluta. Agora que o BNDES está com mania de baixar juros, então, vai facilitar muito as coisas para quem fizer investimento.

No mais, eu quero agradecer a todos vocês que estão acreditando nessa nova velha mania de transporte, que é a ferrovia. Quero agradecer a vocês que estão fazendo os investimentos, porque não foram poucos os investimentos feitos também nos últimos três anos, foram alguns bilhões de reais, por volta de 5 bilhões só do setor privado, o que demonstra, claramente, a confiança de vocês. E eu acho que nós temos tudo para daqui... eu trabalho com o horizonte de 15, 20 anos porque eu acho que esse é o tempo correto para você pensar um país. Eu acho que nesses próximos 15 ou 20 anos, quaisquer que sejam os governos que vierem depois, se eles tiverem seriedade no trato da infra-estrutura, certamente nós seremos um país que terá, finalmente, concluído aquela frase que todo político usa em época de campanha “um sistema intermodal de transporte”. Sabem que todo candidato é obrigado a decorar essa frase porque os entendidos de transporte falam, os empresários cobram, então todo mundo fala “não, vamos construir o nosso sistema intermodal de transporte”. Eu acho que é muito bonito falar, difícil de fazer mas, de qualquer forma, se a gente trabalhar com o horizonte de 15 ou 20 anos, a gente vai poder concluir, finalmente, o tão sonhado sistema intermodal de transporte, sem que os caminhoneiros façam uma greve, pensando que nós estamos querendo tirar a função de transporte dele.

Portanto, meus parabéns a vocês, é com orgulho que eu participo, eu fiquei muito orgulhoso quando fui à Ferrovia Norte-Sul prestar uma homenagem, inclusive ao presidente Sarney, porque foi vítima de muitos discursos meus, contrários, viu, Juquinha? Não, quem fazia discurso contra ele era eu, Nelson Jobim, nós fazíamos discursos de que ele estava ligando nada a nada, para vocês perceberem que todo mundo erra também, não é só o



Corinthians que erra, todo mundo comete erros. O que é importante é quando a gente cometer erros, a gente ter humildade de fazer autocrítica e falar errei, o caminho não é este, eu vou por aquele. Duro é persistir no erro. E eu acho que este país errou quando resolveu desacreditar nas ferrovias. Não foram poucos os trilhos que foram desativados neste país. Nós chegamos a um momento – o Juquinha sabe – em que a gente não tinha nem dormente mais, em que este país não produzia mais trilhos, ninguém acreditaria, no mundo, se a gente fizesse isso.

Então, meus parabéns a vocês, meus parabéns aos trabalhadores, porque me parece que os trabalhadores agora estão... se você me der o chapéu, com muito prazer... Só espero que, depois deste chapéu, não venha a pauta de reivindicação para mim.

Gente, olha, muito obrigado. Saibam de uma coisa: não vacilem nessa questão da ferrovia. Eu digo sempre o seguinte: nós perdemos o século XIX, nós perdemos oportunidades enormes no século XX. Os que têm cabelos brancos aqui, como eu, sabem quantas vezes este país esteve à beira de virar um país desenvolvido, mas aí alguém inventava uma mágica e o país mergulhava outra vez numa crise.

Então, eu queria pedir para vocês: não vamos permitir que este país jogue fora o século XXI. Se o século XIX foi da Europa, o XX foi dos Estados Unidos, por que nós vamos deixar o século XXI ser da China e não vamos dividir com eles o bolo do crescimento e da riqueza do nosso país?

Portanto, eu acho que não é apenas o Presidente que está nos trilhos, eu acho que todos nós precisamos entrar nos trilhos para ganhar a Copa do Mundo e ganhar a ferrovia, no Brasil.

Obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio de conjunto de medidas na área da educação e de entrega do prêmio do 1º Concurso “Literatura para Todos”

Palácio do Planalto, 08 de junho de 2006

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República,
Excelentíssimo Fernando Haddad, ministro da Educação,
Minha companheira Marisa,
Meus companheiros ministros e ministras aqui presentes,
Companheiro Nelson Machado, da Previdência Social,
Sérgio Machado Rezende, da Ciência e Tecnologia,
Altemir Gregolim, da Secretaria de Aqüicultura e Pesca,
Eva Maria Dal Chiavon, interina da Secretaria de Relações Institucionais,
já que o nosso Tarso Genro está na Espanha,

Meus queridos companheiros e companheiras deputados e senadores
Alex Canziani, Alice Portugal, Antônio Carlos Biffi, Carlos Abicalil, Colombo,
Edson Duarte, Gilmar Machado, João Matos, Maurício Rands, Neyde
Aparecida, Paulo Delgado,

Minha querida senador Ideli,
Senhor Vincent Defourny, representante da Unesco no Brasil,
Senhoras e senhores, prefeitos aqui presentes e prefeitas,
Meus companheiros reitores das universidades federais do nosso país,
Senhoras e senhores diretores dos Cefets,
Meus amigos e minhas amigas ligados à área da educação,
Meus caros jovens e adultos alfabetizados,
Senhoras e senhores premiados do 1º Concurso “Literatura para Todos”,
Meus amigos e minhas amigas,



Que os outros Ministérios não venham pedir dinheiro agora, porque a educação levou tudo.

Meus amigos, a construção do Brasil do século XXI, a grande obra à qual dedicamos todo o nosso empenho, obstinação nos últimos anos, chega hoje a um momento de importância singular. É inegável que graças a um enorme esforço de toda a sociedade esta empreitada teve sucesso ao implantar um sólido alicerce de regeneração econômica, social e financeira a partir de 2003. E hoje estamos fixando uma das vigas mestras mais importantes para a sustentação dessa obra. Falo de um conjunto de medidas que consolidam tudo que fizemos nos últimos anos para resgatar a escola pública.

O eixo indutor desse processo é o Projeto de Lei da Reforma da Educação Superior que enviamos ao Congresso Nacional. Com ele queremos garantir o financiamento, expandir e qualificar a universidade brasileira para que ela seja cada vez mais acessível à nossa juventude. Esta é uma reforma comprometida com a disseminação do saber e das oportunidades. Não com a homologação do privilégio nem com a dependência econômica.

O Projeto de Lei da Reforma do Ensino Superior, construído com a participação direta e qualificada das entidades do setor em todos os seus níveis e da sociedade civil em geral, assegura autonomia constitucional a todas as instituições universitárias. Garante também às universidades federais, por dez anos, o repasse de 75% da receita constitucional vinculada à educação. Ao mesmo tempo consolida a responsabilidade social sobre a destinação dos fundos públicos, estabelecendo um critério de desempenho e qualidade na repartição dos recursos.

Nós sabemos que o sistema público de ensino deve ser um instrumento efetivo de equidade social. E isso se faz com a inclusão e o apoio de grupos menos favorecidos na escola. É por esse motivo que na reforma propomos a destinação obrigatória de 9% da verba de custeio das instituições federais,



exceto salários, à assistência estudantil, garantindo que os estudantes de menor renda tenham condições de se sustentar durante o curso universitário. Com isso, a juventude pobre é especialmente beneficiada. Hoje, ela já conta com 25 mil matrículas em instituições federais, garantidas pelo sistema de quotas e o projeto de reserva de vagas propõe que, até 2010, este sistema destine 50% das matrículas no ensino superior. A maior assistência estudantil e o avanço do ProUni, que já oferece bolsas a 203 mil jovens em escolas privadas, certamente ajudará a mudar para melhor o destino desta parte tão significativa da nossa sociedade.

Minhas amigas e meus amigos,

Hoje, estamos também enviando ao Congresso Nacional, dois projetos de lei que vêm se somar a todas as ações já efetuadas para a expansão da rede federal de instituições de ensino superior. Um deles cria a Universidade Federal do Pampa, sediada em Bagé e com nove campi em diferentes municípios do Rio Grande do Sul. O outro, transformou e transforma a Fundação de Ciências Médicas de Porto Alegre em Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde, dando à instituição, novos cursos e especializações.

Com esta ação, completamos a nossa meta de implantar dez universidades no Brasil: quatro completamente novas e seis por transformação, e 42 campi espalhados pelo interior do país. E há de criar 125 mil novas vagas em universidades federais durante o nosso governo.

Para assegurar a qualidade de ensino nesta expansão da rede pública, estamos autorizando a contratação de 2.300 novos professores, bem como a criação de 1.075 cargos para servidores técnicos administrativos. Além disso, 120 novos postos de direção e 420 novas funções gratificadas serão criados nesse processo que conta com investimento de 200 milhões de reais.

A ramificação de dezenas de campi pelo território nacional, em contato direto com as peculiaridades regionais, vai fortalecer ainda mais os laços da



inteligência brasileira com a agenda do desenvolvimento e ampliar o engajamento histórico da universidade na construção nacional. Os demais níveis do ensino público também serão beneficiados neste processo de democratização do conhecimento, por meio do Sistema Universidade Aberta do Brasil, que será mais conhecida por UAB, cujo decreto também foi assinado hoje.

Por meio da Universidade Aberta, a educação à distância será usada como ponte de cooperação entre a universidade e a rede pública de ensino, melhorando a qualificação do professorado brasileiro e, desta forma, aprimorando o aprendizado de milhões de crianças e adolescentes. Ao lado do Fundeb, que assegura investimentos adicionais de 4 bilhões e 300 milhões de reais à educação básica, desde a pré-escola ao ensino médio, essa iniciativa é imprescindível para que consigamos imprimir à educação pública o salto de qualidade que ela requer.

Minhas amigas e meus amigos,

Temos pressa e o nosso alvo mais urgente é, ao mesmo tempo, o mais nítido: trinta e quatro milhões de brasileiros, entre 15 e 24 anos de idade. Será, certamente, deles o comando deste país no século XXI. Nos anos 90, quando milhões desses jovens bateram à porta do sistema educacional, a resposta foi desconcertante. A última abertura de vagas para a contratação de professores na rede federal de educação profissional e tecnológica aconteceu em 1993. Em 1998, o descompromisso com o futuro jogou uma pá de cal na esperança. A União foi proibida de criar novas escolas de ensino técnico e agrotécnico. A Expansão do ensino técnico poderia ter criado a âncora que hoje falta na vida de milhares de jovens que perambulam sem destino. Ao invés de abrir portas, porém, a proposta de alguns foi reforçar um ferrolho, com uma nova aritmética penal, que abria vaga na cadeia a quem não teve vaga na escola.

Felizmente, meus amigos e minhas amigas, estamos conseguindo corrigir esse equívoco. Revogamos a lei absurda que impedia a expansão da



rede federal de educação profissional e tecnológica; definimos investimentos de 183 milhões de reais nessa área e estamos contratando 2.820 novos professores e mais 3.430 servidores. Estamos também enviando ao Congresso Nacional, o projeto que propõe a criação de mais nove unidades de escolas técnicas e agrotécnicas, que vão se juntar a 33 outras em implantação, totalizando 42 estabelecimentos federais com 74 mil vagas em 1.500 municípios brasileiros. Trata-se de devolver à juventude a dimensão do futuro como um tempo coletivo, quando o destino de cada um é um pedaço inseparável do destino de todos.

Meus amigos e minhas amigas,

Não é por coincidência que estamos anunciando essas medidas na mesma ocasião em que premiamos os vencedores do concurso “Literatura para Todos”. Este prêmio, afinal, é um grande símbolo de nossa política educacional, do seu alcance e também das inúmeras oportunidades que ela está abrindo para o segmento mais sofrido da nossa sociedade. Estamos premiando os escritores brasileiros e escritoras, que criaram obras de grande qualidade artística para um crescente número de brasileiros, que embora já estejam na juventude ou na fase adulta de sua vida, só agora têm a oportunidade de completar, ou mesmo de iniciar, os seus estudos básicos. Estas obras têm a virtude de unir a arte livre e autônoma a uma função social de valor inestimável. Criar o hábito da leitura em um público que começa a trilhar o caminho do conhecimento escolar.

Quero, portanto, dar os parabéns aos escritores que venceram este prêmio e às escritoras também. Vocês estão dando novas cores ao mutirão nacional e uma empreitada que reúne praticamente 100 mil alfabetizadores espalhados pelo país. Seu trabalho fortalece todas as medidas aqui anunciadas e ajuda a consolidar um grande pacto da esperança com a educação, para acelerar a construção de um Brasil cada vez mais justo.



Meu querido Fernando Haddad, meus queridos companheiros do Ministério da Educação, eu tenho por hábito, toda vez que estou participando de uma reunião, de fazer justiça às pessoas que se dedicam àquilo para que foram convidadas a vir para o governo trabalhar. Eu quero dizer que o Ministério da Educação vem há algum tempo sofrendo, participando e fazendo uma verdadeira revolução na educação brasileira.

Eu duvido que em algum momento da educação neste país, o Ministério da Educação esteve tão envolvido com a educação como esse Ministério está. Eu vou dar um exemplo, é difícil dizer que o Ministério da Educação não está envolvido com educação, eu vou dar um exemplo: os reitores estão aqui, reitores de todas as universidades federais brasileiras. Nunca tinha havido uma reunião dos reitores com um presidente da República. A impressão que passava era de que os reitores não podiam se encontrar com o presidente da República e não se sabe por que a explicação. E hoje eu brincava com eles dizendo que nós fizemos a terceira ou a quarta reunião com todos os 54 reitores e o único dedo que me falta na mão não foi mordida dos reitores. Posso garantir para vocês que nós estabelecemos uma relação de confiança, de cumplicidade boa, saudável, porque o que nós poderemos deixar como legado para as futuras gerações não é patrimônio material, é patrimônio educacional.

Podem ter certeza, meus queridos reitores, que todo pai e toda mãe neste país, por mais pobre que ele seja, por mais humilde que ele seja, não deseja deixar nenhuma herança. O que ele mais deseja é que o seu filho e a sua filha possam ter um diploma de universidade, ter uma profissão, ter alguma coisa que lhe garanta a sobrevivência.

Também a dedicação do Ministério da Educação para que a gente possa melhorar o ensino fundamental. Sem um ensino fundamental de qualidade, tudo fica mais difícil. Então, um ensino de qualidade pressupõe a gente melhorar a situação dos professores brasileiros porque acabou-se o tempo em



que os grandes artistas brasileiros faziam músicas de ternura para as nossas professoras. Acabou porque hoje a profissão de professor é uma profissão sofrida, as condições de trabalho não são boas na maioria dos lugares, o salário normalmente é inadequado, ou seja, você coloca 40 crianças dentro de uma sala de aula, coloca uma professora para tomar conta de 40 crianças e depois você oferece um salário que não dá sequer para ela sobreviver condignamente.

Então, essas coisas também não podem ser resolvidas de uma hora para a outra. Mas eu conheço o compromisso do Fernando Haddad e conheço o compromisso da equipe do Ministério. Nós estamos trabalhando para corrigir erros que foram feitos há muitos e muitos anos, e essas coisas têm que ser reconhecidas. Por isso, a Universidade Aberta é um passo extraordinário, porque é a possibilidade que nós temos de, na própria cidade, poder aperfeiçoar os nossos professores e professoras.

Um dia desses, o Fernando Haddad me dizia que tem cidade do interior em que as pessoas não querem mais ser professoras, porque as pessoas antigamente tinham o prazer de falar: “eu vou ser professora”. Tinham prazer, era uma coisa bonita. Hoje, as pessoas vêem o salário de um professor e ninguém quer mais ser professor. Eu falei: então nós vamos precisar agora fazer um programa especial, sobretudo nas cidades em que a gente tem falta de professores, nas cidades pequenas, mais longe, mais distantes, para que a gente possa ter uma motivação especial, para que a gente possa recuperar o prazer das pessoas sentirem o prazer que a nossa querida premiada recebeu, ou seja, viver um momento mágico dentro de uma sala de aula em que a professora se sente prazerosamente recompensada porque quem está ouvindo, entendeu o que ela falou, compreendeu o que ela falou e conseguiu levar para casa uma coisa extraordinária, que é uma vírgula a mais do saber. Então, esse momento só podemos criar se houver cumplicidade entre nós.

O Ministério da Educação tem feito um trabalho extraordinário. Eu não



sei em quantos momentos da história do Brasil nós conseguimos montar o Ministério da Educação e o Ministério conseguiu montar uma equipe tão extraordinária como essa.

E depois, uma coisa importante que o Fernando sabe: eu, toda semana ou a cada 15 dias, estou cobrando uma coisa na educação. A coisa que eu tenho mais prazer na vida, eu, que estou acostumado a receber pauta de reivindicação por tudo quanto é lado. Onde eu chego, é uma penca de papel pedindo coisas, e as pessoas pedem do emprego à casa. Já pediram para mim até carroça. Aí depois lembraram que não precisavam da carroça sozinha e pediram um cavalo também. Mas hoje eu posso dizer que isso deve ser motivo de orgulho para os reitores e para as nossas reitoras, motivo de orgulho para os nossos educadores. A coisa que mais me reivindicam hoje é extensão universitária e escola técnica.

Eu não sei se cada presidente da República que passou por este país, desde a Proclamação da República, tivesse feito a sua parte, certamente estaríamos hoje num país infinitamente mais avançado do que estamos.

Por isso, Fernando Haddad, eu quero te cumprimentar e te parabenizar por todos os companheiros e companheiras do MEC que não têm medido sacrifícios para levar o saber, seja através de uma sala de aula, seja através de um livro, seja através de um papel qualquer, para levar o conhecimento e melhorar a educação dos milhões de brasileiros. Certamente a passagem de vocês pelo Ministério da Educação vai medir o que era antes e o que vem depois, porque vocês fizeram a diferença na educação brasileira.

Meus parabéns, parabéns aos premiados, parabéns alfabetizando e parabéns a todos vocês.



**Videoconferência do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva
com a seleção brasileira de futebol**

Palácio do Planalto, 08 de junho de 2006

Presidente: Bem, primeiro queria cumprimentar o Parreira, o Zagalo. Cumprimentar e citar o nome do Cafu, como capitão. Cumprimentar todos os jogadores, e dizer para vocês que o Brasil já vive fortes emoções. Eu penso que todos vocês têm clareza de que o Brasil está vivendo um momento mágico. Primeiro, Parreira, ninguém admite que o Brasil não seja campeão. Eu nunca vi, na vida, tanta unanimidade.

Eu, esses dias, estive com a Primeira-Ministra da Alemanha, estive com o Chirac, estive com o Presidente da Comissão Européia, que é português, e todos eles estão torcendo para ir para a final com o Brasil. Então, nós já partimos do princípio de que todos acham que nós vamos para a final.

E eu acho que isso é bom. É bom porque, sobretudo os mais velhos, não é o caso de vocês, jogadores, que são todos muito jovens, mas o Zagalo, sobretudo, lembra perfeitamente bem que poucas vezes, no Brasil, nós tivemos uma unanimidade como essa que nós temos agora, na seleção brasileira. Eu penso que é a primeira vez que a comissão técnica, que o Parreira, o Zagalo e a comissão técnica convocam uma seleção sem que ninguém tenha citado qualquer jogador que faltasse. Isso é uma coisa impressionante, é uma coisa fantástica para o Brasil.

E eu obviamente acho que o trabalho que vocês estão fazendo é um trabalho que dignifica o esporte brasileiro. Todo mundo sabe que eu sou fanático por futebol, embora nunca tenha sido um bom jogador de bola, nunca tenha sido nenhuma “Brastemp” jogando bola, mas, de qualquer forma, sou fanático por futebol, sou daqueles que gosta de dizer o time pelo qual eu torço.



E eu queria dizer uma coisa para vocês, com carinho, Parreira. Primeiro, eu estou aqui com o ministro do Esporte, com o Orlando, companheiro que substituiu o Agnelo. Estou aqui com a minha esposa Marisa, para não deixar eu falar nenhuma bobagem para vocês. E eu queria, antes de passar a bola para vocês, dizer o seguinte: Parreira, uma coisa fantástica que está acontecendo no Brasil, além desse momento mágico que eu falei que estamos vivendo, é que o grau de expectativa do povo brasileiro é, possivelmente, o maior de todas as épocas.

E eu, Zagalo, lembrei de uma cena que, se eu não estiver dizendo o jogo correto, você pode me alertar. É que tem uma cena na Copa do Mundo de 58, quando a Suécia marcou o primeiro gol, na final, nós sofremos o gol, o Didi foi dentro do gol, pegou a bola, pôs embaixo do braço e saiu atravessando o campo, carregando a bola até colocar a bola no meio do campo, e passava conversando com alguns jogadores. Aquele foi um gesto que marcou a minha vida, eu tinha 13 anos, estou com 60, e marcou a minha vida, porque todo mundo sabe que às vezes um gol, num momento em que a gente não espera, pode causar um efeito psicológico tremendo nos jogadores que, se ficarem abalados, a gente pode até sofrer outro gol. Aquele gesto foi um gesto de um cidadão que dizia: “olha, nós temos time para ganhar, vamos começar o jogo e vamos ganhar”. E ganhamos, de 5 a 2, da Suécia. Aliás, você foi um que marcou, acho que você marcou 1 ou 2 gols naquele jogo com a Suécia.

Bem, Parreira, o time está aí. Você mesmo que por um milagre quisesse encontrar um jogador, no Brasil, melhor do que essa turma que está aí, não ia ter, ou seja, vão ter que esperar nascer ou se preparar. A tua confiança, hoje, se comparada com 2002, 1994, a tua confiança, hoje, é a mesma ou é maior do que a outra Copa que você participou como técnico?

Parreira: Sr. Presidente, em nome da Comissão Técnica, em nome dos jogadores, eu queria agradecer a oportunidade que o senhor está nos dando



de estar em contato com a Presidência da República, com todo o povo brasileiro, e agradecer esse apoio, de todo o coração. Eu quero dizer que nós todos estamos imbuídos desse espírito que se espalhou pelo Brasil todo, dessa epidemia em verde e amarelo que, a cada quatro anos, toma conta do povo brasileiro. Então, nós estamos vivendo esse momento, embora longe do Brasil, sabemos da expectativa, sabemos da confiança, do carinho, e nós estamos prontos para corresponder à sua expectativa. A confiança, hoje, é tão grande quanto foi em todo o momento em que a gente dirigiu a seleção brasileira. Os jogadores estão trabalhando com muita seriedade, com muita vontade, com muita determinação, e isso nós temos que demonstrar no campo. Favoritismo, nós esquecemos, temos que provar a cada jogo e a cada partida e acho que, mentalmente, psicologicamente, nós estamos prontos para esse desafio, enfrentar o mundo que quer vencer o Brasil. Nós vamos vender caro qualquer coisa que não seja o hexacampeonato.

Presidente: Pelo teu entusiasmo, acho que as coisas vão andar mais do que certo. Uma coisa, Parreira, que eu queria dizer para vocês, eu ia começar conversando contigo, dizendo uma frase famosa daqui, sobretudo em São Paulo: abrem-se as cortinas e começa o espetáculo. Era uma frase de um locutor esportivo muito famoso, o Fiori Giglioti, que morreu hoje, e eu, desde muito moleque, cansei de ouvir sua transmissão de jogos. Acho que vocês já foram comunicados aí, porque o que não falta é locutor esportivo. Parreira, uma coisa que é curiosidade minha, como Presidente da República, como torcedor, talvez do Orlando, talvez da Marisa, eu não estou vendo o Ronaldo aí. Estou vendo o Ronaldinho, mas não estou vendo o Ronaldo. Vira e mexe... eu, de vez em quando, encontro com o Ronaldo, eu sei que ele está magro, mas vira e mexe a gente lê aqui na imprensa brasileira que o Ronaldo está gordo. Afinal de contas, ele está gordo ou não está gordo?



Parreira: Ele está muito forte, Presidente. Ele mudou o biotipo dele, não é mais aquele garotinho de 94, fininho, ele está muito forte. Ele, realmente, teve um ano com certas dificuldades, ficou dois meses sem trabalhar no Real Madri, estava contundido... Ele está trabalhando com muita intensidade e, com certeza, estará pronto na Copa.

Presidente: O Zagalo pode falar uma coisa que eu queria perguntar para o Parreira, para ele, que é o seguinte: de todos vocês que estão aí, desde o Cafu, que me parece que é o mais experiente porque já participou de mais Copas, ninguém tem, no Brasil, a experiência que tem o Zagalo. O Zagalo já teve a oportunidade de participar da Copa como jogador, como técnico, como auxiliar, como membro da Comissão Técnica, e todas as vezes em que o Zagalo fala, o Zagalo passa o entusiasmo da vitória, ou seja, o entusiasmo de quem não se rende nunca, o entusiasmo de quem acredita que é possível ganhar. O teu otimismo, Zagalo, em 2006, é o mesmo de sempre?

Zagalo: Mesmo depois da operação, Presidente, eu vim com 110 volts do Brasil, estou com 220 aqui. Eu não perdi a voltagem, não, ela aumentou. De modo que, se tiver que dar curto circuito vai dar neles, não na gente. E, Presidente, nós começamos a Copa do Mundo em um dia em que... o nosso número, o nosso número 13, o 13 do PT, o meu 13 de Santo Antônio, eles estão juntos, e vamos a uma vitória, vamos botar essa verdinha e amarela lá para cima.

Presidente: Eu tenho fé em Deus, Zagalo. Vou fazer agora uma pergunta para o Cafu, vou mandar fazer uma fiscalização nas empresas dele lá em Santo Amaro. Eu queria dizer ao Cafu do carinho que eu tenho por ele, do respeito, da admiração que eu tenho por ele. O Cafu vai ser o capitão da seleção brasileira. Se o Cafu é o capitão da seleção brasileira, eu queria te dizer o



seguinte: olha, não deixa essa meninada tremer, em hipótese alguma.

Eu penso, Cafu, que como vocês são todos muito conhecidos, ou seja, vocês todos ficaram muito famosos no mundo inteiro, todo o mundo, todo final de semana, vê os jogadores brasileiros jogando, seja o Juninho, na França, seja você, na Itália, seja o Ronaldinho, o Ronaldo, o Cicinho e tantos outros, na Espanha, vocês sabem que vocês não terão moleza. Ou seja, qualquer time que entrar em campo e conseguir empatar com o Brasil, para alguns times já vale quase como uma conquista de Copa do Mundo, e vocês sabem disso.

Agora, muito mais vitória ainda terá um time que, não tendo a mesma história de futebol que tem o Brasil, conseguir expulsar um jogador brasileiro. Nós, aqui, cadê o Ronaldinho Gaúcho? Está aí? Nós não esquecemos que, depois daquele belíssimo gol de falta contra a Inglaterra, em 2002, logo em seguida ele foi expulso. Então, Cafu, dentro do campo você tem que pedir para esses meninos não perderem a paciência nunca.

Eu lembro que, na Copa dos Estados Unidos, o Leonardo ficou nervoso e meteu o cotovelo no rosto de um jogador lá e foi expulso. Então, eu acho, Cafu, que, como capitão, você precisa ficar de orelha em pé perto desses meninos e não permitir que eles percam a tranquilidade, mesmo que sejam provocados. Mesmo que sejam provocados, mesmo que sejam irritados, ou seja... O Roberto Carlos está rindo, mas é verdade. Não pode perder a estribeira, porque se a gente perder um jogador num momento importante, é uma falta, e vocês sabem disso. E o capitão tem um papel importante, capitão não é só para carregar aquela faixa no braço, não, é para coordenar o time dentro de campo.

E eu acredito, Cafu, que nós, e sobretudo vocês, dentro do campo... A gente, quando está fora, a gente sabe de tudo, não é? Não sei se você já foi torcedor, mas o torcedor, quando está fora, ele marcaria o gol de pênalti, ele pegaria o pênalti, ele bateria a falta correta, ou seja, o palpiteiro, faz tudo, e você sabe que todos nós aqui, no Brasil, somos um povo palpiteiro de futebol.



Mas dentro do campo, Cafu, você, que é o mais experiente, pelo amor de Deus, não deixe essa meninada perder a tranquilidade. O que nós sabemos fazer bem é jogar bola, o que nós sabemos fazer bem é ganhar títulos de Copa do Mundo, o que nós sabemos fazer bem é dar espetáculo futebolístico. Mas, numa Copa do Mundo, mesmo que tiver que marcar um gol de canela, feio, por favor, peça para eles marcarem e não peça para não marcar esse gol, porque é isso que vai tornar a auto-estima do povo brasileiro ainda mais elevada. Você já está com quanto? 34, 35 anos, Cafu? Pelo preparo físico que você tem, certamente você está pensando que ainda vai em outra Copa do Mundo. Vai depender muito do Parreira, mas vai depender muito da sua disposição.

Eu sou fã de uma coisa que o Parreira fez, quando foi treinador do Corinthians. Ele falava muito, dizia o seguinte: “Olhe, a tática para a gente vencer o jogo é a gente não perder a bola. A bola no nosso pé, nós não temos como tomar gol, se tiver no pé do adversário, a gente tem”. Então, esse equilíbrio que, muitas vezes, a gente vê em vocês, de segurar a bola, de não permitir que o adversário tome, é sagrado. É sagrado, e cada um de vocês tem muita experiência. Por isso, meus filhos, pelo amor de Deus... Eu estou vendo a cara do Dida preocupado. Dida, você, por favor, se tiver um pênalti, pegue, porque ninguém vai ficar feliz se você não pegar um pênalti. Espero que não tenha.

Mas, Cafu, então quero saber o seguinte: você, como nosso capitão, quando você fala com algum jogador que cometeu algum erro, ele fica bravo com você ou ele te respeita, como capitão?

Cafu: Bom, Presidente, em primeiro lugar, em nome dos jogadores, é um prazer enorme estarmos aqui falando com o senhor. Eu acho que todo mundo queria viver esse momento que nós estamos vivendo agora, falando com a autoridade máxima do nosso país. Fique sabendo que é um extremo orgulho estar aqui, falando com o senhor, neste momento.



Eu acho que, apesar da pouca idade da nossa equipe, são todos jogadores experientes, Presidente, todos eles sabem aquilo, praticamente, que vão fazer em campo ou não. Quanto às agressões, eu acho que foram episódios, e isso não vai acontecer mais. Eu acho que serviu de exemplo para todo mundo, e, hoje, as regras acabaram mudando de uma maneira, assim, muito rápida, então está todo mundo ligado naquilo que nós precisamos fazer dentro de campo, não é?

Mas eu tenho certeza que essa meninada toda vai entrar dentro de campo com muita determinação, muita vontade, para trazer aquilo que todo mundo quer, que é o hexacampeonato para o nosso país, não é? Num momento em que o nosso país está pintado de verde e amarelo, como o senhor próprio falou, eu acho que a alegria maior para o nosso país vai ser nós conseguirmos trazer esse caneco para eles, aqui.

E eu já estou com 36 anos, não é, Presidente, completados ontem. Vamos terminar esta Copa primeiro e depois vamos pensar na outra.

Presidente: Meus parabéns pelo aniversário. Parreira, uma pergunta agora para você, porque você está sempre muito sério. A pergunta é a seguinte: se fosse dado a você o direito de escolher com qual seleção você gostaria de disputar a final, que seleção seria essa?

Parreira: Presidente, a gente não tem escolha. Na verdade, não tem. O que nós queremos é chegar na final e ganhar de qualquer maneira. Nós estamos preparando... Não estou fugindo da resposta, não tenho predileção por nenhuma. O importante é que a gente chegue na final e traga o caneco, ganhe de qualquer uma delas. Nós temos time e condições de ganhar de qualquer Seleção. Na Copa do Mundo não dá para escolher adversário na final, não.

Presidente: Mas na tua compreensão, Parreira, veja, nós temos a Argentina



que sempre será...

Parreira: Não tenho nenhum sentimento, não tenho...

Presidente: ...nós temos a Alemanha, que sempre tem uma história...

Parreira: Com certeza quem chegar à final...

Presidente: Veja, nós temos algumas seleções tradicionais. Mas, já pensou chegar à final com o Japão, e o Zico, com a vontade que ele está de que o Japão derrote o Brasil, e os japoneses grudarem nos nossos jogadores aí, deixarem os nossos jogadores nervosos, não é preocupante para você, não, enfrentar o time do Zico ou enfrentar o time do Felipão no final da Copa?

Parreira: Não, não é não, Presidente. O importante é que o time chegue bem, com confiança, e que a gente imponha a nossa maneira de jogar, a nossa tradição, o nosso peso de pentacampeão. Isso que é importante.

Presidente: Eu vou passar a palavra agora para o nosso ministro do Esporte, o Orlando, que está aqui esperando ver se é aprovado no Congresso Nacional o Timemania, que está para ser votado esses dias, que é uma lei ainda do tempo do ministro Agnelo, que vai salvar o esporte brasileiro, porque vai criar condições para os times que estão devendo muito saldar, em parte, suas dívidas, e também vai criar condições para que a gente possa segurar jogadores um pouco mais no Brasil, quem sabe pagando um pouco mais também, e garantindo que o time que compre o jogador possa pagar ao time que o formou. Então, eu vou passar um pouco a palavra para o nosso ministro do Esporte, o nosso amigo Orlando.



Ministro do Esporte: Boa tarde a todos aí, na verdade, boa noite. Eu quero cumprimentar o nosso Parreira, o Zagalo, meu amigo Marco Polo Del Nero, que coordena a delegação brasileira, e todos os atletas, nossos campeões. O Brasil inteiro, como falou o nosso Presidente, está na expectativa, pintado de verde e amarelo, e na esperança de que vocês darão o máximo em campo, e a nossa confiança, já que vocês são os melhores do mundo, é que nós possamos ser, mais uma vez, campeões. Eu queria fazer uma pergunta para o Roberto Carlos. Aqui, no Brasil, muita gente está preocupada com o nosso sistema tático, que é um sistema tático muito ofensivo e a turma fala “aí atrás, vamos segurar com 4-4-2”. Vamos conseguir segurar aí atrás, Roberto? Eu queria que você dissesse para nós, para dar mais confiança nas torcidas, porque o nosso ataque é o melhor, e a defesa também. Mas eu quero que um dos defensores dê essa... mais confiança para a nossa torcida. E aí, Roberto, vamos segurar lá atrás?

Roberto Carlos: O time está treinando bem aqui, o professor está organizando bem os treinamentos, o time defensivamente. As pessoas da imprensa, às vezes, criticam que o nosso time é um pouco vulnerável aí atrás, mas está tudo perfeito. O professor está organizando bem o time para que os adversários não façam gol na gente. Podem ficar tranquilos aí no Brasil.

Presidente: Bem, eu tive o prazer de conhecer o pai do Roberto Carlos, e ele, que não cuide da defesa, que o pai dele disse que vai acertar quando ele voltar aqui. Parreira, uma outra pergunta que eu queria fazer para você, aqui, como curiosidade. No último jogo do Brasil contra a Nova Zelândia... já é a segunda vez que eu assisto jogo do Brasil mais recente, e quando você faz essa troca, que você troca 5, 6 jogadores, a gente percebe, claramente, que parece que a seleção cresce um pouco. Não sei se é porque os que são titulares não estão com a disposição de se colocarem para se machucar, não sei. Mas um dado



concreto é o seguinte: está ficando muito claro para todos nós que o Juninho Pernambucano é mais do que um exímio batedor de falta. É você que define quem bate falta ou são os jogadores dentro de campo?

Parreira: Não sou eu, não, são eles que definem pela qualidade, pelo retrospecto, pelo que eles fizeram. Então, nós temos jogando o Ronaldinho, o Roberto Carlos, são os cobradores de falta. Se o Juninho entrar, o Juninho passa a fazer parte desses jogadores que cobrarão falta.

Presidente: O Ronaldinho, Parreira, dá para você pedir para o Ronaldinho não ficar tão sério quando ele vai bater uma falta? Quando ele vai bater uma falta, a câmera pega um close dele, ou seja, ele está com uma seriedade tão grande que a impressão que se tem é que ele está querendo atirar no goleiro. Ou seja, Ronaldinho, pode continuar rindo, que o que combina contigo é essa cara alegre mesmo, essa cara de menino, muito alegre, não essa cara carrancuda que de vez em quando você faz, quando vai bater uma falta.

Parreira: Presidente, essa não dá para pedir, não, sabe por quê? Isso demonstra que ele está focado. É importante estar aí pensando, compenetrado no que vai fazer. O sorriso, ele dá durante o jogo, na hora do drible, depois da vitória, depois do gol. Na hora da falta, tem que estar compenetrado, focado, por isso ele, realmente, está de olho na bola o tempo todo, visualizando o que vai fazer.

Presidente: Parreira, Zagalo e Marco Polo del Nero, eu sei que vocês vão descansar, porque aí já são quanto? Já são 9 horas da noite, são cinco horas de diferença.

Eu queria me despedir de vocês dizendo o seguinte: olhe, nós aqui estaremos rezando. Esses dias eu vi uma entrevista com a mãe do Ronaldinho,



vi uma reportagem sobre a vida do Kaká, e o que deixa a gente feliz é que essa meninada de hoje tem famílias mais seguras, ou seja, a gente percebe que há harmonia na maioria das famílias. São meninos que, mesmo que pobres, foram bem-criados.

E eu queria dizer para vocês que nós sabemos da solidez do nosso futebol, nós sabemos da qualidade de cada um de vocês, sabemos da extraordinária competência da nossa Comissão Técnica, dos dirigentes. Ou seja, finalmente o Brasil chegou ao ápice do profissionalismo. O Robinho está rindo, mas ele ainda precisa marcar uns gols, aí. Vamos ver se o Parreira vai te dar uma colher de chá, Robinho.

Mas eu queria dizer para vocês que nós estamos alegres, orgulhosos. Se tem uma coisa no mundo, que hoje é motivo de orgulho, é a seleção brasileira, Parreira. Eu tenho andado muito, em todos os países que eu vou, seja na Rússia, na Alemanha, na França ou num país africano, no Oriente Médio, não tem um país a que eu vá em que a seleção brasileira não seja motivo de orgulho. Cada um de vocês é por demais conhecido, cada um de vocês virou um símbolo do esportista. Portanto, eu acho que vocês sabem o peso que está nas costas de vocês, a responsabilidade.

Da minha parte, eu, Parreira, só torço para vocês fazerem o que vocês sabem fazer, o melhor: muita harmonia, muita tranquilidade, não permitir que nada perturbe a cabeça de vocês, não permitir que nenhuma futrica atrapalhe o bom ambiente da seleção brasileira. Eu sei que vocês têm comando, eu sei que a Comissão Técnica sabe como coordenar isso, permitir que essa meninada fique solta, alegre, feliz, preparada, porque cada boa jogada, cada gol que vocês fizerem, certamente, 180 milhões de brasileiros estarão aqui vibrando.

Eu tinha pensado em convidar todos os jogadores amigos do Zagalo, da Copa de 58, os que estão vivos, mas me parece que alguns estarão na Alemanha, a convite da Fifa. Mas eu queria convidar todos, para que fossem



em casa, assistir a Copa do Mundo, o primeiro jogo, comigo, dia 13, todos os que estão vivos, mas me parece que alguns estarão na Alemanha. Vou ver se trago o Nilton Santos, que está no Rio de Janeiro, para assistir o jogo comigo.

E podem ficar certos de que o Brasil vai parar, outra vez, para ver vocês. Inclusive eu, na hora do jogo, estarei sentado na frente de uma televisão, vibrando e torcendo com vocês.

Eu quero dizer a vocês que Deus os abençoe, que mantenham a tranqüilidade, a serenidade. Pensem em nós, mortais comuns, aqui, que estamos torcendo, de corpo e alma. Certamente iremos chorar com vocês, iremos rir com vocês, certamente com os parentes de vocês. Mas vocês são motivo de orgulho para nós, são motivo de esperança para nós, e eu acho que todos vocês sabem o que significa para nós esse título. Obviamente que todos os países estão pensando a mesma coisa. Mas como nós nos tornamos, com a graça de Deus, os melhores, eu acho que, mais uma vez, nós vamos ganhar.

Que Deus abençoe vocês. Parreira, muita tranqüilidade, cuidado com esses meninos. Não permita que eles se perturbem. Se tiver algum problema, vamos tratar de resolver esse problema, porque esses meninos, a partir do dia 13, têm que entrar em campo como se estivessem participando da coisa mais séria da vida deles. Eu sei que todos já têm experiência, mas caldo de galinha e cautela não fazem mal para ninguém.

Portanto, meus queridos, boa sorte a todos vocês, um grande abraço. Que Deus os abençoe e, certamente, nós ficaremos cheios de orgulho de vocês. Certamente, mais uma vez, vocês serão motivo... Zagalo, vamos aí, 220 volts, Zagalo, com o mesmo entusiasmo de sempre, para que a gente possa, mais uma vez, merecer a fama de melhores do mundo. Um grande abraço, tudo de bom para vocês. Vocês sabem a inveja que eu tenho, a vontade que eu tenho de estar aí. Eu, uma vez vi a Copa do Mundo de 1990, eu fui a Turin ver um jogo, não gostei porque eu fiquei muito nervoso. Eu sou um péssimo torcedor, porque eu fico nervoso. Certamente, um sonho que eu gostaria de ter,



é ir assistir à final do Brasil com qualquer time. Eu tenho certeza de que nós vamos para a final. Mas, pelas funções que eu tenho, não posso ir, mas vou ficar aqui torcendo. E continue rindo assim, Kaká, que é importante. Essa cara de alegria é o que nós precisamos vender para o mundo e para o Brasil. Boa sorte, que Deus os abençoe.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio da nova linha de financiamento do BNDES no âmbito do Programa Pró-Caminhão

Rio de Janeiro-RJ, 09 de junho de 2006

Eu vou me auto indicar para o Conselho Monetário Nacional, para atender à demanda do Furlan, já que eu não participo. Mas eu penso que nós vamos melhorando.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Quero cumprimentar o Furlan, o Paulo Sérgio, Fernando Haddad,

Quero cumprimento o senador Marcelo Crivella,

A deputada federal Elaine Costa e Jandira Feghali,

O deputado Antonio Biscaia e o Sandro Matos,

Quero cumprimentar todo o corpo de dirigentes do BNDES,

Seus funcionários,

Quero cumprimentar os diretores da Anfavea, que estão aqui presentes, que eu não sei por que não estão na mesa,

Quero cumprimentar os caminhoneiros, que eu também não sei porque não tem um representante aqui na mesa,

Cumprimentar o nosso companheiro Neto, presidente da CGTB,

Cumprimentar os jornalistas,

E dizer para vocês que nós estamos aqui, hoje, realizando um desejo de muita gente no Brasil. Há muito e muito tempo que eu participo de discussões, ainda antes de ser presidente da República, já no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, muitas vezes nós discutimos como renovar a frota de caminhões e de carros no Brasil, já que nós temos uma frota com idade média muito avançada.



E isso não é lucrativo para o Brasil, não é ambientalmente correto para o país, não é economicamente viável para o dono do caminhão, não é economicamente viável para as estradas brasileiras.

Então, era preciso encontrar um jeito de fazermos com que o motorista brasileiro, sobretudo o motorista autônomo, pudesse renovar o seu caminhão, pudesse trocar o caminhão. Depois, nós nos deparamos com um programa que fizemos e não deu certo. Se não deu certo é porque, possivelmente, o financiamento não fosse acessível, possivelmente os motoristas não se interessaram, possivelmente a indústria automobilística não se interessou. O dado concreto é que nós estamos tentando encontrar, com esse novo Programa, uma forma de viabilizar uma idéia que é antiga e que é de muitos. Eu sei que é sonho de muitos motoristas e muitos caminhoneiros no Brasil ter acesso a um carro mais novo.

Mas além de todos os problemas de você construir um programa desses, um dia eu encontrei com o Mário (inaudível) e com outros diretores e disse: parece que a indústria automobilística não tem interesse, porque nós estamos querendo vender caminhões e parece que vocês não estão querendo encontrar uma fórmula para que a gente possa vender caminhões. E por que nós queremos vender caminhões? Além das razões de que nós precisamos melhorar a nossa frota, nós vamos gerar riqueza para este país, gerar emprego neste país, a indústria vai crescer e todo mundo ganha com isso.

Essas coisas não são fáceis de fazer, porque a teoria às vezes é tão simplista e tão fácil da gente falar que, na hora em que a gente tenta colocar um pouco de praticidade nas nossas teorias, a gente percebe que nós temos empecilhos e mais empecilhos. Por exemplo, a engenharia de tentar fazer *leasing* é por conta de que a interpretação da justiça é de que o caminhoneiro não pode dar o seu caminhão como garantia, porque é um bem de sustento da sua família. Do ponto de vista teórico está perfeito, mas do ponto de vista prático, quem vai financiar quer garantia. E se o caminhão não pode ser



garantia, se a Justiça pode proteger, mas ninguém financia. Então, fica a Justiça maravilhosa protegendo o caminhão, que é o sustento do motorista e da sua família, e fica a empresa sem vender porque ela precisa de garantia para vender.

Então, foi um trabalho do BNDES, um trabalho do Ministério do Desenvolvimento, um trabalho dos caminhoneiros. Eu pedi ao Demian para que fizesse reuniões com todos os setores para que a gente pudesse fazer alguma coisa, não da nossa cabeça, mas que a gente pudesse fazer com que o filho que nascesse, fosse um filho coletivo, fosse uma coisa que interessasse a quem produz, a quem vende e a quem vai comprar esse caminhão. Parece que nós chegamos a uma engenharia que contempla, e vamos testar isso, porque nós estamos colocando os 500 milhões de reais. Deus queira que vocês gastem esses 500 milhões até o mês de outubro, porque o Demian vai ter que colocar mais 500, e depois, se precisar, vai colocar mais 500, porque o que nós queremos, efetivamente, é dar uma contribuição para a renovação da frota. Nós só não podemos dar caminhão de presente, mas facilitar o máximo para que vocês possam renovar a frota, é o objetivo do Programa, é o objetivo do BNDES. Eu tenho certeza que esse é o objetivo da indústria automobilística que precisa produzir, não apenas para exportar, mas para fortalecer o nosso mercado interno e nós vamos trabalhar para que as coisas aconteçam.

Já me levantaram um problema ali, que era importante que os bancos públicos entrassem, viu Furlan? É só uma coisa de conversar para ver se o Banco do Brasil, quem sabe BNB ou o Basa, possam participar como cúmplices nesse financiamento, para que a gente possa dar maior sustância e maior garantia a quem vai adquirir um caminhão novo. Bem, eu espero que estejamos fazendo a coisa certa, eu espero que não seja mais uma medida que não dê resultado.

Nós vamos testar e vai ter que ter uma certa propaganda, vai ter que ter um certo anúncio. Possivelmente, o próprio BNDES vai mandar uma carta para



cada proprietário de caminhão neste país, ou o Ministério dos Transportes, ou a própria indústria automobilística, ou os próprios sindicatos, ou as cooperativas, ou seja, agora é preciso fazer o povo saber que pode comprar caminhão com até oito anos de uso, com financiamento mais leve, com prestação mais barata, com juros mais baratos, para ver se as pessoas vão poder comprar. Então, o que nós estamos anunciando aqui hoje, só tem razão de ser se nós conseguirmos fazer com que o público interessado tenha conhecimento do produto que estamos colocando à disposição dele.

Então, eu quero cumprimentar todos vocês e dizer que esse é um processo, se amanhã a gente descobrir que precisa mais uma palavra, mais uma vírgula ou mais uns números na decisão, nós estamos prontos a fazer, porque o objetivo é, definitivamente, vender mais caminhões, renovar a nossa frota, e permitir que os nossos motoristas tenham mais tranquilidade e possam levar um pouco mais de recursos para casa no final do mês, porque vai economizar em óleo diesel, vai economizar em pneu e vai ganhar em velocidade. Isso tudo é importante para quem tem responsabilidade de quase 70% de tudo que é transportado neste país. A segunda coisa, meus companheiros, é que não poderia ser melhor o dia de hoje, termos este evento aqui no BNDES. Este BNDES, que é uma das coisas que mais orgulha aos brasileiros e, sobretudo, quem governa este país, porque é o banco de financiamento mais poderoso do Brasil, é o banco de financiamento mais importante da América do Sul.

O BNDES, obviamente, com os técnicos competentes que tem, porque eu aprendi a conhecer que tem técnicos da mais alta competência, da mais alta importância profissional, mas é preciso também, viu Demian, a gente começar a agilizar um pouco porque a máquina pública de um banco ou do governo tem determinados ritmos de funcionamento que às vezes é preciso a gente dar um pouquinho mais de corda para ela funcionar mais rápido.



Eu vou dar um exemplo: uma vez, não vou dizer para quem, nem quando, eu perguntei a um companheiro do BNDES: quanto tempo, em média, um projeto demoraria entrar aqui e ser aprovado. E eles me disseram que era por volta de 275 dias. Eu confesso a vocês que eu tomei um susto.

Eu acho que para dizer “sim”, pode até demorar um pouco, mas para dizer “não”, tem que ser rápido. Porque, se alguém ficar esperando 270 dias para receber um “não”, é melhor o “não” ser rápido. Essa era uma coisa que, quando o Guido assumiu a Presidência, eu falei: Guido, nós temos que agilizar isso, nós temos que ver como é que a gente faz para que o BNDES possa fazer com que o dinheiro flua com mais rapidez, para que a gente possa ter os grandes projetos deste país liberados. Muitas vezes as pessoas se queixam, não são poucas as pessoas que encontram comigo, desde cooperativas de trabalhadores rurais até grandes projetos: “está demorando muito, então vamos melhorar, está há dois anos lá e não sai”.

Eu acho, Bené, que era preciso a gente trabalhar um pouco para aperfeiçoar essa extraordinária equipe e esse extraordinário Banco de Desenvolvimento que nós temos, porque o BNDES não é apenas uma esperança do governo para o desenvolvimento, o BNDES hoje, é uma esperança para a América do Sul e América Latina, porque todo mundo fala: por que o BNDES é maior do que o BID? O BNDES é maior do que não sei das quantas, e às vezes a gente está financiando muita coisa lá fora, o que é extremamente importante. Tem gente que fala a bobagem de que o Brasil não pode financiar, o Brasil não só pode como tem a obrigação de financiar o desenvolvimento nos países que fazem fronteira conosco, porque nós temos a responsabilidade também com o crescimento deste país, com a segurança e com a paz aqui no nosso continente.

Então, eu acho que este momento aqui, é importante também por outras coisas. Nós estamos vivendo um mês interessante para o Brasil, acho que vocês estão acompanhando. Faz pouco tempo, eu vim aqui ao Rio de Janeiro



anunciar e participar do grandioso gesto da auto-suficiência do petróleo, um sonho acalentado por milhões de brasileiros durante décadas e, finalmente, a Petrobras anuncia ao mundo a auto-suficiência. Mais importante ainda, é que a Petrobras, no mês que anuncia a auto-suficiência, anuncia uma outra coisa que é uma revolução energética no mundo, que é o Hbio. O Hbio é um passo além do biodiesel. O biodiesel era um processo de transesterificação de um óleo vegetal transformado em biodiesel que a gente misturava no óleo diesel.

O Hbio agora é o óleo vegetal colocado diretamente na refinaria e refinado, que tira um óleo diesel de muita boa qualidade, sem enxofre, e que qualquer europeu ou americano pode comprar o nosso óleo diesel sem botar defeito. Ou seja, essa é uma revolução energética, sobretudo, porque nós temos muitas oleaginosas, a indústria automobilística, nós não vamos precisar cumprir aqueles prazos de até 2008, de 2%; depois até 2013, 5%. Vocês podem começar a estudar, meu caro, que logo, logo, nós vamos colocar 20% e não vai acontecer nada nos carros, pelo contrário, o carro vai ficar melhor, mais ágil, mais moderno, menos poluente. Ao invés daquele mau cheiro do óleo diesel, vai sair um cheiro de fritura boa, a gente imagina qualquer coisa que está comendo.

Eu acho que essa é uma revolução na área energética, eu tenho dito que o Brasil será a grande potência energética deste século. A minha tese é de que o Brasil perdeu oportunidades históricas, não foram poucos os momentos... eu estou aqui na frente da Maria da Conceição Tavares, não foram poucos os momentos em que este país parecia que ia dar certo e de repente desandava. Depois parecia que ia dar certo e de repente desandava. Porque este país, lamentavelmente, só é pensado de quatro em quatro anos.

A mediocridade política brasileira obriga que as pessoas só pensem até o final do seu mandato quando, na verdade, um país tem que ser pensado para 30 anos, no mínimo para 20 anos, para que possamos construir grandes projetos de infra-estrutura que podem mudar a base do desenvolvimento do



nosso país. E é isso que nós estamos tentando fazer, não só com a auto-suficiência do petróleo, mas com o biodiesel e o Hbio.

Esta semana, eu tive outro prazer extraordinário. Finalmente, o Ministério dos Transportes, o Ministério da Integração e o BNDES conseguiram, depois de dois anos e meio de brigas e brigas, de vai e volta, nós conseguimos a engenharia financeira para construir uma ferrovia de 1.860 quilômetros de extensão, ligando o Porto de Pecém ao porto de Suape, ou de Suape ao porto de Pecém, passando por Eliseu Martins no Piauí, para tirar a soja do sul do Piauí e do Maranhão, e ainda, logo logo, pegar a da Bahia e a de outros estados. Um projeto que vai custar 4 bilhões e meio de reais e, se não fosse o BNDES, certamente nós não teríamos montado essa engenharia financeira que vai permitir que o Nordeste brasileiro, depois da refinaria em Pernambuco e do pólo siderúrgico em Fortaleza, finalmente tenha a chance de, neste século XXI, deixar de ser o patinho feio da política brasileira, o patinho feio da economia brasileira, para se transformar numa região altamente desenvolvida, numa região que possa competir com qualquer outra região.

Nós não estamos pensando nisso também apenas por conta do Nordeste brasileiro, que é extremamente importante. No próximo dia 14 estarei vindo aqui no Rio de Janeiro para que a gente possa consolidar, junto com a Petrobras e junto com o Grupo Ultra, e certamente com um pouco de financiamento do BNDES, o maior investimento privado aqui no Rio de Janeiro, que é a construção do Pólo Petroquímico em Itaboraí, que será uma obra que marcará uma nova era no desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. Além do Grupo Arcelor... do grupo Tyssen, que está aqui num investimento de 2 bilhões e 400 milhões de dólares para construir o seu pólo siderúrgico.

Também ontem, minha querida Maria da Conceição Tavares, o nosso amigo Fernando Haddad, ministro da Educação, apresentou uma quantidade de medidas para a educação que eu acho que muda a cara do Brasil nos próximos anos. E dentre todas as coisas importantes que foram anunciadas,



teve a Universidade Aberta, um pólo que vai começar com um tipo de ensino envolvendo 300 cidades no Brasil para a formação de professores, para que a gente possa garantir um processo de reciclagem. Me parece que são 90 mil professores por ano. Finalmente a gente vai poder cobrar do professor mais qualidade de ensino e o professor, com mais qualidade de ensino, vai poder cobrar dos governos municipais, estaduais e federal, mais condições de trabalho, mais salário, e tudo vai se ajustando conforme a vida nos ensina.

Mas, a notícia que eu acho extremamente importante, e eu tenho tentado dizer isso ao longo do tempo, é difícil porque é um tempo de maturação das coisas, quer dizer, tudo que você planta leva um tempo para colher. Não é fácil. Às vezes, a pessoa chega em cima da terra, não vê o brotinho da planta, e fala: “aqui não tem nada, isso não vai dar nada, isso aqui morreu.” E nós estamos num momento muito impressionante, muito interessante.

E hoje, minha querida Maria da Conceição Tavares, eu me deparo com a seguinte notícia: “a desigualdade social atingiu o menor nível desde o censo realizado em 1960.” Aí me deparo com outra notícia que para os pobres brasileiros a renda subiu 14,1%, ou seja, mais do que se nós tivéssemos crescendo no PIB chinês, numa demonstração de que é plenamente possível você compatibilizar com uma política fiscal séria, que faça com que você não perca o controle da economia, mas ao mesmo tempo você tenha uma política social muito forte. E a política social forte dá resultado, quer queira, quer não, quer as pessoas falem contra, um dia aparece. Não adianta. Se uma pessoa tomar café da manhã, almoçar e jantar, por mais desnutrida que ela estiver, um dia ela vai aparecer saudável e gordinha. Vai aparecer, não tem como esconder, você pode negar, mas um dia aparece. E é o que está acontecendo.

Ontem, a manchete era a seguinte: “94% das crianças brasileiras estão comendo três vezes por dia.” Vocês estão lembrados que, quando eu tomei posse, eu disse que se terminasse meu mandato e todo brasileiro tomasse café, almoçasse e jantasse, eu já teria cumprido com a missão da minha vida.



E isso vai acontecer. Vai acontecer por quê? Porque nós paramos de dizer algumas asneiras que, historicamente, eram ditas neste país, de que cuidar de pobre é gasto. Era proibido, neste país, cuidar de pobre. Já se dava “de barato” que uma parcela da sociedade estava fora do mercado. Essa parcela que estava fora do mercado, que não aparecia nem nas pesquisas para o consumo das lojas mais populares deste país, porque a propaganda brasileira era feita para 48% da população e não para a totalidade. Essas pessoas começaram a virar consumidores. Primeiro, começaram a ter acesso ao feijão, depois começaram a ter acesso ao arroz, depois passaram a ter acesso ao material de construção civil, passaram a ter acesso a outros benefícios que até então eram inalcançáveis para essas pessoas.

E o que aconteceu – que era uma máxima que aqui sei que tem muitos economistas que acreditam nisso – é que nós mudamos um pouco a regra do jogo, de que era preciso primeiro crescer, para depois distribuir. Vivemos isso durante 30 anos neste país. A lógica é a seguinte: não tem como distribuir se não crescer. Ora, obviamente que você não tem como distribuir se você não cresce, mas por menos que seja o crescimento, se você tiver uma política justa de distribuição, essa distribuição por si só vai permitir um crescimento. E é o que aconteceu no país.

Maria da Conceição Tavares, você não imagina quantas pessoas, que trabalharam comigo durante tantos e tantos anos, ficaram perplexas com o sucesso do crédito consignado. E o crédito consignado não era nenhuma idéia de esquerda. A conclusão era simples: se o país é um país capitalista, precisa de capital girando. E o povo tem que ter acesso a ele. O povo tem que ter acesso a esse capital. E o que está acontecendo é exatamente isso, o BNDES está emprestando mais para a pequena empresa, o BNDES está se interessando em emprestar dinheiro para cooperativa, o BNDES está colocando dinheiro... eu passei dois anos brigando para emprestar dinheiro para o microcrédito, era uma briga ideológica, empresta, não empresta, dá ou



não dá. Vamos dar gente, o dinheiro está aí, para que mofar e sentar em cima dele? Vamos liberar, vamos ver se o risco... e está provado que o pequeno que toma dinheiro, paga, porque o nome dele é o seu maior patrimônio e a maior garantia que ele tem, é a conquista de andar de cabeça erguida neste país.

Então, eu acho, meus companheiros caminhoneiros, empresários da indústria automobilística e funcionários do BNDES, eu acho que nós chegamos a um nível em que depende só de nós, não depende de ninguém, depende da fé que a gente tem, depende de Deus ser mesmo brasileiro e nos ajudar, mas depende só de nós.

Eu lembro que quando nós tomamos posse, logo no começo, o Brasil vivia numa corrida para vender dólar, para ver se diminuía o preço do dólar. Hoje, nós estamos comprando para ver se aumenta o preço do dólar. A gente corria todo ano para Washington para ver ser o FMI dava uma verbazinha para a gente acertar nossas contas. Hoje, nós estamos tranquilos, não devemos mais ao FMI, não devemos mais ao Clube de Paris, pagamos os títulos da moratória de 87, estamos andando nesse mundo de cabeça muito erguida.

Vocês sabem que a gente não pagava a ONU há quase oito anos? Quando eu fui fazer o primeiro discurso, eu falo primeiro, depois fala o Bush. Primeiro, fala o Kofi Annan, depois falo eu, depois fala o Bush. Esse foi o prêmio que nos deram para não deixar o Brasil participar do Conselho de Segurança quando a ONU foi criada mas, de qualquer forma, não é nada pequeno a gente falar primeiro lá. E aí eu fui alertado na hora pelo Celso Amorim: "Presidente, o Brasil está devendo para a ONU há quase oito anos." E eu estava com um discurso duro ali para fazer contra a guerra do Iraque, e eu comecei a falar e eu fiquei com medo do Kofi Annan falar: "baixinho, baixa o tom e paga a ONU primeiro." Graças a Deus ele não falou. Mas aí eu recebi o presidente da FAO no meu gabinete, o Diouf, que antes de falar bom dia, falou: "o Brasil vai ou não vai pagar a FAO?". Então, era assim que o Brasil funcionava.



Hoje eu posso dizer para vocês, as coisas estão arrumadas, a casa está arrumada, não precisa ter lixo embaixo do tapete. A coisa está consolidada para este país crescer, para este país fazer do século XXI o seu século. Se a Europa ganhou o século XIX e metade do século XX, os Estados Unidos ganharam o século XX, por que a gente vai deixar a China, sozinha, ganhar o século XXI? Por que a gente não assume para nós a responsabilidade de fazer deste país uma grande nação? E uma grande nação passa por política séria, passa pelo fato da gente não brincar. E eu digo sempre, a votação do salário mínimo no Congresso Nacional, ontem, não foi uma coisa séria, porque o que estava lá para ser votado era um acordo que tinha sido feito pela primeira vez na história do Brasil, com todas as centrais sindicais e todos os aposentados, representados pelas centrais sindicais. Aí, de repente, alguém resolve que aquilo pode ser bom eleitoralmente, votar favorável, colocar 8 bilhões a mais de gasto na Previdência que já está estourada em 40 bilhões. É, no mínimo, pouco respeitável com o povo.

Então, eu acho que se a gente não brincar, se a gente não ficar tentando proselitismo com a economia em época de eleição, se a gente não achar que o mundo termina amanhã, porque as coisas que nós fizemos, elas têm que ser feitas para os nossos filhos e nossos netos, não é só para nós.

Então, eu quero dizer para vocês, Demian, e quero dizer aqui para esse povo do BNDES, aos empresários: não haverá, eu estou dizendo isso já há um ano e vou repetir outra vez: não haverá, da minha parte, nenhum gesto que coloque em risco a seriedade da estabilidade da economia brasileira, a seriedade da política fiscal dura, por conta da eleição. As coisas serão feitas com a mesma tranquilidade que estamos fazendo até agora.

De vez em quando poderíamos fazer mais rápido, de vez em quando deveríamos fazer pouco, mas estamos conscientes dos passos que estamos dando. Estamos conscientes e sabemos que o Brasil precisa disso. Eu, como já vivi num país em que peguei a inflação a 80% ao mês, não era ao ano não,



80% ao mês. Eu me lembro que eu era dirigente sindical e que eu queria que o patrão me pagasse um salário semanal, o Marconi se lembra disso. Não dá para receber por mês um cidadão que não tem conta remunerada, a inflação come o salário num mês. Tinha prefeito, no estado do Pará e no Amazonas, que ia à capital pegar o dinheiro do município e pagava dois ou três salários adiantados, porque a inflação comia o dinheiro da prefeitura, não tinha banco na cidade para aplicar, e ele tinha medo de ir de barco buscar o dinheiro e ser assaltado no meio do rio Tapajós, no meio do rio Amazonas.

Então, hoje, foi muito sacrifício chegar à inflação no nível que ela está. Os economistas aqui sabem o que foi feito em 2003 neste país, ou seja, nós cortamos na própria carne o que tínhamos que cortar para garantir que a gente desse o passo seguinte, isso está garantido. Agora, nós não iremos voltar atrás, nós não iremos brincar, nós não iremos tomar nenhuma medida. De vez em quando as pessoas falam do câmbio. A minha sala é engraçada, minha sala parece uma sacristia, porque entra um que exporta e quer o câmbio um pouco mais alto, ele vira as costas, entra um que importa e quer o câmbio mais barato. Ou seja, eu acho que o câmbio tem que ser justo.

Eu digo sempre o seguinte: na campanha, eu andava pelo Brasil e todos os empresários falavam assim para mim: “Presidente, o câmbio tem que ser flutuante. Está bom, ele é flutuante. Ele agora está um pouco baixo, pode subir um pouco mais, pode ter equilíbrio, mas isso não será feito nem por decreto, nem por medida provisória e nem por presunção. Isso será feito com políticas ajustadas entre Tesouro e Banco Central, porque nós achamos que é assim que o Brasil vai ter respeitabilidade interna e externa, definitivamente.

Quando a gente é oposição, a gente pode gargantear, a gente pode blefar. Quando a gente é governo, a gente só pode fazer o que a gente pode fazer, porque se a gente prometer fazer e não fizer, o povo compreende logo que você não fez. E eu acho que nós estamos vivendo uma nova era, acho que o BNDES vive um novo tempo, acho que o país vive um novo tempo, então, eu



só quero dizer para vocês: vamos aproveitar, já que chegamos até aqui. E vamos continuar com o colete, não vamos atravessar nadando de forma esbaforida para morrer afogado, vamos dar braçadas devagar, vamos chegar em um porto seguro que este país merece.

Aos caminhoneiros, quando eu encontrar com vocês agora, pelo amor de Deus, não se queixem que não podem trocar de caminhão, porque agora vocês podem trocar de caminhão. A indústria automobilística, quando se encontrarem comigo agora, pelo amor de Deus, não chorem que não tem política para vender caminhão, porque agora tem política para caminhão. E ao povo brasileiro, que Deus o abençoe.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de início das obras do Gasoduto Cabiúnas-Vitória (Gascav), trecho inicial do Gasoduto Sudeste-Nordeste (Gasene)

Município de Serra – ES, 10 de junho de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Espírito Santo,

Meu querido amigo governador do estado, Paulo Hartung,

Meu caro Chen Duqing, embaixador da China no Brasil,

Meu caro senador Gerson Camata,

Meus caros deputados Renato Casagrande e Carlos Mannato,

Meu querido companheiro João Carlos Coser, prefeito de Vitória,

Meu querido companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meus queridos companheiros da Petrobras, toda a diretoria que está aqui presente,

Meus caros Zhang, vice-presidente da Sinotec – o nome chinês é meio complicado para falar, vai levar um tempo de amizade,

Quero cumprimentar o Enéas, presidente do Sindicato,

Quero cumprimentar, aqui, eu estou vendo ali uma delegação chinesa, os trabalhadores chineses que vêm ajudar a construir, são técnicos que vêm ajudar a construir este gasoduto,

Mas eu penso que, depois do Presidente da Petrobras falar do gasoduto, seria desnecessário eu ficar mostrando aqui a importância do gasoduto. Apenas dizer para vocês que nós estamos vivendo, eu diria, o começo de um momento mágico na economia brasileira, no desenvolvimento do nosso país.

Eu sempre fico pensando que, quando eu tomei posse, Paulo Hartung, o



Brasil já existia, as fábricas já existiam, o povo já existia, mas a impressão que eu tinha é que eu estava diante de um Brasil feito aqueles brinquedos “Lego”, desmontado: era um quebra-cabeças para a gente consolidar o Brasil, enquanto Nação.

E você, Paulo Hartung, sabe, como ninguém, do sacrifício que nós fizemos nos dois primeiros anos. A primeira coisa que eu fiz foi arrumar uma briga com meus companheiros sindicalistas na reforma da Previdência Social. E a sociedade vai ter que compreender que a Previdência, de tempos em tempos, tem que passar por uma reforma, porque, quando ela começou, em 1923, nós tínhamos todos aqueles que trabalhavam, pagando, e ninguém recebendo. Hoje nós temos metade trabalhando e metade recebendo, então, entra menos dinheiro e sai mais dinheiro, as pessoas estão vivendo mais. Antes, quando a gente chegava a 50 anos, já era um milagre, hoje, com 70 anos, a gente se sente novo, jovem.

Então, há um avanço, na sociedade, que nós precisamos compreender, porque nenhum sistema de previdência, no mundo, suporta as pessoas viverem mais tempo recebendo aposentadoria do que o tempo que contribuíram, pagando a Previdência. Isso é óbvio e nós sabemos que é um processo de discussão com a sociedade brasileira, até que todo mundo compreenda que nós temos que fazer.

Mas a economia estava desarranjada por outras coisas. A gente vivia um certo descrédito, e nós tivemos que fazer um governo, no primeiro ano, muito duro. Hoje eu posso estar vivendo esse dia 10 de junho de 2006 com a alma mais branda, com a alma feliz, porque, finalmente, nós estamos numa situação sólida. E vou dizer porque eu estou feliz. Faz pouco tempo, a nossa querida Petrobras anunciou ao mundo, e eu tive o prazer de estar na plataforma, a auto-suficiência em petróleo. Desde 1954 que a Petrobras imaginava conquistar a auto-suficiência, chegamos à auto-suficiência. Ainda



não somos um grande exportador, mas vamos ser e, logo, logo, vamos entrar na Opep, para a gente poder baratear um pouco o preço do petróleo no mundo.

Depois que a Petrobras anunciou a auto-suficiência, a Petrobras anunciou uma outra revolução que possivelmente a sociedade brasileira ainda não tenha compreendido, Paulo Hartung, que é o novo combustível chamado Hbio. Todo mundo sabe que nós estamos, há 18 meses, trabalhando intensamente para produzir biodiesel no país, para que a gente possa, não apenas melhorar o nível do nosso combustível tornando-o menos poluente, mas ao mesmo tempo gerar milhares ou milhões de empregos no campo, com trabalhadores plantando soja, plantando mamona, plantando pinhão manso, plantando girassol, plantando algodão, plantando dendê, ou seja, gerar milhões de empregos. E essa combinação, entre a agricultura familiar e os pequenos produtores rurais e uma grande empresa como a Petrobras, é tudo de que o Brasil precisa para que a gente possa se desenvolver muito.

Mas, depois de nós estarmos felizes com o biodiesel, a Petrobras anuncia, na reunião que fizemos há uns 20 dias, no Conselho Nacional de Política Energética, a Petrobras anuncia uma coisa chamada Hbio. O que é o Hbio? O Hbio é uma obra patenteada pela Petrobras, que mistura o óleo vegetal diretamente no petróleo e o refina na refinaria normal. E vamos fazer o teste, o segundo teste, no dia 20, lá no Paraná, para a gente perceber o que vai significar isso para a energia no mundo inteiro.

Não é uma coisa apenas para o Brasil, é uma revolução para o mundo, e é uma revolução que vai ajudar a resolver o problema de parte da agricultura brasileira, porque vai acontecer com os plantadores de soja o que acontece com os plantadores de cana, eles têm duas opções: ou fazem álcool ou fazem açúcar e, de vez em quando, fazem uma cachacinha também da cana-de-açúcar. Mas o dado concreto é que nós vamos poder equilibrar o preço mundial da soja, a partir de nós mesmos, sem que isso afete o pequeno produtor, porque o programa do Biodiesel é um programa com uma cara social muito



grande. Nós estamos dando vantagens na tributação para as empresas que contratam uma produção da agricultura familiar. Até os chineses vão comprar o Hbio nosso. Até os chineses vão comprar o nosso Hbio, daqui para frente. Eu vou encontrar o presidente Hu Jintao em julho, em São Petersburgo, na Rússia, e vou mostrar para ele o Hbio, para ver se a China planta mamona, planta soja, para a gente não ficar dependendo só de petróleo.

Bem, mas depois dessa notícia boa, nós lançamos, esta semana em Brasília, um pacote sobre a educação. Vocês sabem que, aqui no Espírito Santo, eu acho que vai ter dois ou três Cefets, tem duas extensões universitárias, e nós vamos completar 43 extensões universitárias no Brasil, levando cursos de universidades para todo o território nacional. Já temos quatro universidades novas funcionando, ainda precariamente, porque os prédios estão sendo construídos e estão funcionando em prédios alugados, e nós temos seis faculdades que transformamos em universidades. Mas o mais importante é que, neste mês de junho, mais 47 mil jovens vão poder entrar na universidade e se somar aos 204 mil bolsistas do ProUni. Nós vamos para 251 mil jovens que não podiam cursar a faculdade, 40% deles afrodescendentes, para que a gente possa tornar o Brasil mais equânime.

Mas além dessas notícias, outra notícia boa encheu a alma de alegria, que foi a gente concluir, definitivamente, o processo de ferrovia no Brasil. Eu fui a Missão Velha, no Ceará, dar início, Governador, a uma ferrovia de 1.860 quilômetros de extensão, ligando o porto de Suape, em Pernambuco, ao porto de Pecém, em Fortaleza, passando por Eliseu Martins, no sul do Piauí, e pegando a soja na Região de Balsas, no Maranhão. Uma ferrovia orçada em 4 bilhões e meio de reais, que começou a ser construída. Além da ferrovia Norte-Sul, Paulo Hartung, eu era constituinte, a nossa eterna deputada Rita Camata também era, e eu critiquei muito o Sarney quando ele anunciou a ferrovia Norte-Sul. Eu, o Nelson Jobim, não sei se o Camata criticou também, mas eu dizia: essa ferrovia vai ligar o nada ao nada.



Bem, veja o que é o destino. Eu, que fui crítico da ferrovia Norte-Sul, ela começou em 1987, o Sarney fez 100 quilômetros, depois do Sarney até o meu governo foram feitos 115 quilômetros, e eu, que era contra, já fiz 150 quilômetros. Ou seja, em 36 meses nós fizemos mais do que os que eram favoráveis. E vamos fazer mais 350 quilômetros, ligando-a a Palmas, que é para a gente ligá-la diretamente ao eixo ferroviário de Carajás, para que a gente resolva um problema de escoamento da nossa produção.

Uma outra coisa extremamente importante, Paulo Hartung, você que é entendedor de economia, eu não poderia estar mais feliz, porque a gente planta as coisas e quando as pessoas não querem crer, as pessoas passam e falam: “ah, aqui não tem plantado nada, isso aqui não vai dar nada”. e a gente falando que as coisas iam melhorar e as pessoas: “não, não sei das quantas e tal”. Hoje, eu pego as manchetes dizendo assim: “A desigualdade social atingiu o menor nível desde o censo realizado em 1960”. Portanto, é o mais baixo desde 1960. Aí uma manchete diz: “Igualdade recua, apesar do Pib baixo”. E o que diz a matéria? É que, para os pobres do Brasil, a renda cresceu o equivalente à proporção do Pib chinês, do crescimento chinês. Para os pobres deste país, a elevação da renda era como se o Pib brasileiro estivesse crescendo no mesmo nível do Pib chinês. E para que o pobre possa ganhar um pouco mais, alguém tem que deixar de ganhar um pouco mais, é preciso que haja um equilíbrio nas coisas.

E isso me deixou feliz porque, antes de ontem, eu também vi uma matéria que dizia o seguinte: “94% das crianças já comem três refeições por dia”. Depois, outra manchete, um estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas: “Redistribuição de renda fez a renda dos pobres subir 14%”.

Então, eu não poderia estar mais feliz, porque foi para isso que nós queríamos disputar a Presidência, foi para isso que eu virei Presidente da República. Porque, para governar apenas para os ricos, tem muita gente, agora, para governar para todos, ricos e pobres, e preferencialmente estender



um pouquinho mais a mão aos mais fracos, aos mais necessitados, era preciso que o Brasil elegeisse alguém que conhecesse por dentro a situação.

O programa Luz para Todos, meu querido Paulo Hartung, esses dias, você sabe que a Dilma é um pouco mãe desse projeto, não é? O Silas tem tocado ele. Eu, agora, vou à Bahia, porque nós vamos comemorar 3 milhões e meio de ligações. E eu quero chegar numa casa, no escuro, porque eu vou inaugurar o programa Luz para Todos de dia, Rita, imagina! Uma vez eu fui a Vitória da Conquista, meio-dia, acendi a luz e ninguém viu a luz acesa. Então, eu quero que os meus companheiros da imprensa entrem numa casa sem energia elétrica, vejam a mulher acender o candeeiro, ir para o fogão e, depois, acender a luz para todo mundo ver o que é a mágica de, ao apenas apertar um botão, transportar uma pessoa do século XVIII para o século XXI, é como se fosse a máquina do tempo. Quem já nasce na cidade só sabe o que é a falta de luz quando falta luz, mas quem mora no interior deste país, ainda sabe.

Então, eu estou feliz. Feliz por este ato aqui, também, porque é verdade que isto aqui já vem sendo anunciado desde o tempo do presidente Sarney, do Itamar, do Collor, do Fernando Henrique Cardoso. Eu acho que todos já falaram disso. Eu até nem queria falar, porque para mim, o gesto que valeu hoje foi aquele pingo de solda que nós demos ali, naquele cano. Nós demos quem, cara-pálida? Quem deu foi o soldador, nós olhamos.

Mas aquilo é o seguinte: é porque esta obra é definitiva. Nós tivemos dois anos de trabalho intenso com os chineses para construir esta parceria. Nós vamos ligar o gás do Espírito Santo ao desenvolvimento do Nordeste brasileiro, são mil e poucos quilômetros de gasoduto, gerando milhares de empregos diretos e indiretos e gerando riqueza. É o povo do Espírito Santo, com esse coração generoso do capixaba – não é apenas a moqueca que é generosa, o povo é generoso – cedendo o gás do Espírito Santo, para que o baiano possa fazer uma moqueca baiana, com dendê e tudo. É o povo capixaba, cedendo a sua energia, para que o Nordeste possa se desenvolver.



Então, esse gesto, para mim, é muito grande, porque custou a chegar hoje, viu, Paulo? Foram dois anos, dois anos de briga, toda semana ligava para o José Sérgio Gabrielli: “Cadê o gasoduto?” “Não, mas os chineses estão aqui, e há um problema com a Sinotec, há um problema com a China”. “José Sérgio, pelo amor de Deus, se for preciso eu vou ligar para o presidente Hu Jintao outra vez, porque nós fizemos acordo”. “Vai resolver a semana que vem”. A semana que vem eu ligava outra vez: “Zé Sérgio, cadê o gasoduto?”. “Há problema com os chineses outra vez, agora estamos discutindo preço e tal”.

Finalmente estão aqui os chineses, está aqui a Petrobras e está o gasoduto para ser iniciado. É um momento mágico, porque ele vai sair daqui, vai até... Depois nós vamos sair daqui a Cacimbas, de Cacimbas a Icatu, aí vamos ligar ao gasoduto já existente, aí vai chegar em Pernambuco, vai chegar ao Ceará, vai chegar em tudo quanto é lugar, e aí nós vamos ter um país muito mais fértil para o desenvolvimento.

Então, eu não poderia deixar de vir aqui, porque eu atazanei tanto a vida da Petrobras, do companheiro Hildo, do companheiro José Sérgio Gabrielli, atazanei tanto por causa deste gasoduto, eles culpavam tanto os chineses, os chineses culpavam tanto eles que, finalmente, deu casamento, e aí eu espero que a China e o Brasil possam fazer grandes e extraordinárias parcerias, porque acho que a China e o Brasil têm um papel importante no mundo dos negócios hoje, no mundo do desenvolvimento, no mundo da relação comercial. Então, eu vim aqui para dizer para você, Paulo Hartung, que estou com a alma leve vendo as coisas acontecerem neste país, cuidando melhor dos nossos adolescentes, criando oportunidade para eles poderem fazer cursos técnicos.

Vamos terminar este ano com 32 escolas técnicas, que estavam proibidas desde 1998 no Brasil. Então, a minha tese, viu Paulo, a minha tese... participei esta semana do curso dos jovens que estão entrando pela Lei do Aprendiz, para fazer curso na Petrobras, aprender a trabalhar com gasoduto, aprender a trabalhar com navio, aprender a trabalhar com petróleo, ou seja,



aquela meninada tem uma oportunidade histórica. Toda vez que eu me lembro, eu fico emocionado, porque eu tenho muito forte, na minha cabeça, o dia em que a minha mãe pegou no meu braço e me levou para fazer um teste no Senai e eu consegui aprender uma profissão. Aquilo mudou a minha vida radicalmente e me levou até a Presidência da República.

Então, eu quero que os jovens aprendam uma profissão, jovem tem que ter profissão. Ele pode ser bom de bola, ele pode ser bom de computador, ele pode... ele tem que ter uma profissão. Quando alguém perguntar “você sabe fazer”, ele tem que falar: “eu sei fazer isso”. A hora em que ele estiver assim, ele estará preparado para trabalhar em qualquer lugar do país, em qualquer lugar do mundo. Agora, sem profissão, nós sabemos o que é.

Então, eu fiquei muito feliz, dia 14... não é só no Espírito Santo que a gente faz investimentos, não. Dia 14 nós vamos anunciar o maior investimento já feito pela Petrobras e pelo grupo Ultra no grande pólo petroquímico em Itaboraí, no Rio de Janeiro. Vejam, isso é uma demonstração de que o governo não faz discriminação. Aqui pode dizer: “não, porque o Paulo Hartung é amigo do presidente, então ele vem aqui”. Não, tem estado em que as pessoas não são minhas amigas e mesmo assim a gente cuida com o mesmo carinho, porque eu não estou cuidando do governador, eu estou cuidando do povo daquele estado, que é brasileiro.

Nós vamos anunciar um investimento de quantos bilhões de dólares, Zé? O projeto inteiro será de 9 bilhões de dólares, vai ser um projeto, um mega-projeto. Também vamos lá participar de uma aula da Petrobras, seis mil alfabetizados. Então eu acho que as coisas estão andando, andando com muita tranquilidade e, neste momento, tudo o que a gente tem que fazer é não jogar fora o que nós construímos até agora. O meu maior cuidado é não permitir que o processo eleitoral me faça fazer uma bobagem qualquer, porque tem gente que tem que inventar as coisas para ganhar a eleição e depois quebra a cara, e o povo passa dez anos pagando a bobagem que ele fez. O



Brasil já está cansado disso e eu não quero fazer mágica, eu quero continuar no mesmo tom que a gente vem fazendo, passo por passo, medido, pensado, porque quando o passo está errado, quem quebra a cara não é quem errou, quem quebra a cara é o pobre deste país que paga o preço.

Então, eu estou feliz. A Petrobras tem demonstrado, nesses últimos anos, que ela não é grande apenas porque é grande. Ela é grande porque está trabalhando para ser grande, está investindo, por isso cresceu muito, ganhou respeitabilidade. As nossas parcerias, hoje, não são apenas com os estados Unidos ou com a União Européia, hoje nós temos forte parceria com a China, forte parceria com a Índia, forte parceria com a América do Sul. Este gasoduto é uma resposta que a gente quer dar ao mundo: nós não queremos ficar dependentes nem da Bolívia nem dos Estados Unidos, nós queremos ser donos do nosso nariz e por isso nós vamos trabalhar, e por isso nós temos que fazer as coisas.

Eu digo sempre o seguinte: nós temos que trabalhar para governar, Rita, como uma mãe. Não tem nada mais nobre do que uma mãe, uma mãe pode ter 30 filhos, pode ter um bravo, forte, mas ela sempre vai garantir que cada um tenha o seu bifezinho, ninguém vai comer dois, cada um vai comer um. Nós precisamos construir este país assim, onde todos, definitivamente, tenham direito, e a Petrobras é uma peça importante no desenvolvimento do Brasil. Este gasoduto vai ser mais uma grande obra, não da Petrobras, mas do Brasil. E eu quero dizer que é sempre um prazer.

Eu ia esquecendo, mas como a gente está falando de dinheiro, de investimento e um monte de coisas – eu acho que eu perdi minha papelada, Paulo Hartung – eu queria dizer uma coisa, aqui, que está acontecendo neste estado. Primeiro, o meu companheiro João Carlos disse que a cidade melhorou, a qualidade de vida, de 13º para 9º, vai melhorar mais, porque tem um programa chamado Pró-Cidade que vai colocar, na cidade de Vitória, 150 milhões para reurbanizar o centro de Vitória, para deixar a cidade mais bonita.



São cerca de 150 milhões de reais. O BNDES financiou, para o transporte coletivo da região metropolitana, 230 milhões de reais. A Caixa Econômica está financiando 10 mil casas – eu estou falando só desta cidade. E o BNDES e a Caixa Econômica estão financiando 200 milhões para saneamento, na região metropolitana de Vitória.

Ou seja, tudo isso, gente, está acontecendo em todos os estados do Brasil, em todos, sabe por quê? Porque, na verdade, este país passou muito tempo paralisado, este país passou muito tempo em que se anunciava coisas e elas não aconteciam, porque a impressão que eu tinha é que a máquina burocrática talvez emperrasse as coisas acontecerem. Nós, agora, estamos desobstruindo essas coisas, Paulo sabe o quanto de trabalho nós temos para desobstruir. E quero dizer para você, Paulo, que quinta-feira fiz uma reunião com o Presidente da Infraero, e o Aeroporto de Vitória, o Aeroporto de Congonhas e o Aeroporto Santos Dumont são os três aeroportos prioritários, e não vai faltar dinheiro para a gente acabar esses aeroportos.

Então, gente, eu poderia dar os parabéns à Petrobras, mais uma vez. Eu, quando deixar a Presidência, vou montar alguma coisa para vender estas camisas, porque toda semana a Petrobras me dá uma, porque toda semana tem uma inauguração, toda semana tem o anúncio de uma obra. O Presidente que nunca anunciou obra, nunca ganhou uma camisa, como eu vou anunciar muito com eles, eu ganho muita camisa.

Mas eu quero dizer que a Petrobras é motivo de orgulho para nós. A Petrobras é um filho que todos nós gostaríamos de ter, porque ela tem competência técnica, profissional, qualidade, e é uma empresa respeitada. E ela sabe da sua importância no desenvolvimento do Brasil.

Quero agradecer ao Paulo Hartung pelas parcerias que temos feito. Obviamente que essas parcerias dão muito melhor quando o governador tem o nível qualificado que você tem para fazer os acordos com o governo federal.

Quero agradecer aos prefeitos aqui presentes. Eu duvido que tenha um



prefeito, no estado do Espírito Santo ou no Brasil, que diga que no nosso governo foi discriminado por pertencer a esse ou àquele partido político. Eu, toda vez que converso com um prefeito, eu não quero saber de que partido ele é, não quero saber para que time ele torce, e não quero saber qual é a religião dele. Eu quero saber se ele tem problema e se é possível resolver o problema. É por isso que nós temos tido uma parceria extraordinária com as prefeituras deste país.

E ao querido representante dos trabalhadores, aqui, eu quero dizer para vocês: fazia mais de 20 anos – presta atenção, Rita, numa coisa que eu vou dizer. Eu fui um bom dirigente sindical, neste país, fui um bom dirigente sindical. Fazia quase 20 anos que o Movimento Sindical não conseguia fazer um acordo acima da inflação. Quando a gente chegava na inflação, já estava ótimo, quando a gente perdia pouco, estava bom. Faz 3 anos que 90% do Movimento Sindical brasileiro está fazendo acordo com aumento real de salário acima da inflação. Faz 41 meses consecutivos que nós temos saldo positivo de geração de emprego neste país, quarenta e um meses, todo mês cresce o nível de emprego neste país. E faz pouco tempo que nós conseguimos anistiar muita gente que foi punida pela greve da Petrobras, em 1995, não foi? Pois bem, já foram quase 600 companheiros anistiados, e se tiver restolho nós vamos ainda anistiar mais, porque não é possível que alguém seja castigado porque fez greve num país do mundo.

A greve é uma conquista universal, nós, às vezes, ficamos zangados, porque a gente exagera na greve, mas como eu já estive do outro lado e agora estou deste, eu tenho que aprender a conviver com os dois lados, numa boa, sem perder a ternura. Portanto, companheiros e companheiras, tudo o que eu queria era sair daqui e ir para uma praia, mas eu tenho que ir para Brasília.

Um grande abraço, que Deus abençoe todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de formatura dos alunos do programa Mova Brasil**

Nova Iguaçu-RJ, 14 de junho de 2006

Minha querida Maria Isidora da Silva, essa senhora que eu entreguei o certificado, essa senhora de 82 anos de idade. Mas eu queria apresentar para vocês, eu queria saber se pode vir aqui na frente a nossa querida Maria de Lourdes, ela deve estar sentadinha aí. Essa jovem tem 105 anos de idade e ainda não terminou o curso, mas essa jovem sonha em continuar estudando. Ela pode sentar aí na frente.

Sobretudo para a juventude brasileira: quando uma senhora, que não teve oportunidade na vida, atinge 105 anos de vida e tem a primeira oportunidade de voltar a estudar e aceita ir para a escola, com o entusiasmo de um adolescente, é um aviso aos adolescentes brasileiros. Vocês não podem desistir, vocês não podem perder a esperança e vocês não podem desanimar nunca, porque a vida de vocês está começando. E vai depender muito o que vai acontecer neste país, no século XXI, da geração que hoje está com 18 anos, 19 anos, 20 anos, e das crianças que estão nascendo.

Então, a dona Maria de Lourdes deveria servir de exemplo para todos nós, ela é como aquela propaganda que foi feita na televisão: ela é brasileira, é pobre, mas não desiste nunca. Ela está aí, acreditando que é possível.

Quero agradecer ao meu ministro da Educação, Fernando Haddad,

Quero agradecer ao nosso querido prefeito Lindberg Farias,

Quero agradecer ao senador Marcelo Crivella, que tem nos dado um apoio muito grande no Senado,

Quero agradecer à deputada federal Jandira Feghali, ao deputado federal Carlos Santana, ao deputado federal Jorge Bittar, ao deputado federal Fernando Gonçalves, ao deputado federal Luiz Sérgio, ao deputado Sandro



Matos, ao deputado federal Reinaldo Betão,

Quero agradecer aos prefeitos Artur Messias, de Mesquita; Farid, de Nilópolis; Rogério do Salão, de Queimados; Uzias Mocotó, de São João do Meriti; Godofredo Pinto, de Niterói; Alfredo de Oliveira, de Quatis; Aparecida Panisset, de São Gonçalo,

Quero agradecer ao nosso querido, e eu queria pedir para ele, sim, porque se não fosse o dinheiro da Petrobras... uma salva de palmas ao presidente da Petrobras, o nosso companheiro José Sérgio Gabrielli. Quero, aqui, pedir uma salva de palmas, porque ele falou, aqui – e vocês estavam cochichando, aí, não ouviram direito – ao nosso presidente da Federação Única dos Petroleiros, o companheiro Hélio,

Quero agradecer ao nosso querido Moacir Gadotti, do Instituto Paulo Freire,

Quero agradecer aos vereadores aqui presentes,

Quero agradecer à imprensa,

Mas, sobretudo, eu quero agradecer à Cecília Geralda Gonçalves da Silva, que foi a nossa oradora da turma, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os formandos do Projeto Mova.

Gente, eu tinha, eu tenho um discurso escrito aqui para ler, mas não vou ler. Eu vou conversar, se me permitem, eu vou conversar um pouco com vocês. Primeiro, eu queria dizer ao povo da Baixada Fluminense, que estejam certos que está acabando o tempo em que a Baixada Fluminense era tratada pela imprensa apenas como uma região geradora de misérias e de delinqüentes. Quero que vocês saibam que esta região aqui é uma região pobre, mas é uma região de gente honesta, trabalhadora, gente decente, que quer criar os seus filhos com a maior dignidade. Quero dizer ao povo da Baixada Fluminense que o que nós estamos fazendo aqui não é nenhum mérito não, é obrigação nossa fazer as coisas para o povo pobre porque, afinal de contas, o governo federal



não produz dinheiro, quem produz dinheiro é o trabalho, e o dinheiro tem que ser devolvido para quem trabalhou neste país.

A terceira coisa é que vocês têm um prefeito muito esperto. Cada vez que ele fica ali falando de programas, cada vez que ele fica ali falando das coisas, eu sei que, na semana seguinte, ele estará pedindo uma audiência para pedir dinheiro para mim, eu sei disso. Quero dizer a todos vocês que nenhum prefeito da Baixada Fluminense, independentemente do partido que ele seja, deixou de ser tratado por mim com respeito e com seriedade. Embora eu olhe a cara do prefeito, o que eu estou vendo é cara do povo e não a cara de um prefeito ou de um governador, porque nós temos mandato, ele acaba logo, mas o povo continua.

Eu sei que o povo da Baixada sofre, sofre para ir trabalhar. Eu sei de um tal de um viaduto aqui, que ele está precisando de uma verba, o viaduto de Posse, já veio no avião, no meu ouvido ali: “Presidente, eu não posso anunciar?”. Não pode anunciar. Vamos primeiro trabalhar o projeto e, se esse viaduto de Posse for para resolver o problema ou um dos problemas do povo da Baixada Fluminense, podem ficar certos que esse trecho que ele está pedindo vai sair, podem ficar certos. Nós vamos discutir com o Ministro dos Transportes, com o Ministro das Cidades e vamos ver se a gente resolve isso. Eu só não quero prometer antes de conhecer o projeto, antes de conhecer o custo do projeto.

Mas eu quero dizer mais. Eu sei que aqui tem homens e mulheres que levantam quatro e meia da manhã para ir trabalhar, andam a pé, amassando barro. Quando ele me falava dessas pessoas que colocam plástico no sapato, eu me lembro, eu morava numa rua chamada rua Verão, não era uma subidinha não, era uma pirambeira desgraçada de barro vermelho. Eu tinha uma galocha velha, eu levantava de manhã, colocava a galocha, chegava numa padaria onde já tinha asfalto, tirava a galocha, embrulhava no jornal, levava para a fábrica, lavava a galocha, trazia a galocha no ônibus, descia do



ônibus, colocava a galocha e chegava em casa com a galocha entupida de barro e a barra da calça entupida de barro. Eu sei a vida do povo pobre deste país, eu sei como é que o povo sofre neste país, porque eu sou presidente agora, mas eu não fui presidente a vida inteira. Eu sou presidente há pouco tempo e sei como é que esse povo sofre. É por isso que tem algumas pessoas que ficam quase que transmitindo ódio nos discursos deles contra nós. É porque eles sabem que se eu tiver que escolher entre eles e o povo pobre, eu vou ficar com o povo pobre deste país, que é quem trabalha, que é quem produz, quem gera riqueza. Eles sabem que eu não tenho duas caras, eles sabem que eu tenho um lado e eles sabem que, embora eu tenha que governar para todos, tenha que governar para o empresário, tenha que governar para a classe média, porque todos são brasileiros, eles sabem que eu tenho que priorizar a parte mais oprimida da sociedade, a parte mais fraca da sociedade, que são mulheres e homens pobres deste país, que são a maioria deste país.

Mas hoje é um dia de festa para o Rio de Janeiro. Posso dizer para vocês que hoje é um dia de festa para o Rio de Janeiro, não apenas porque eu estou aqui numa festa com a Petrobras, com a Federação dos Petroleiros, com os nossos prefeitos, com o Gadotti, do Núcleo Paulo Freire, com o Fernando Haddad, com os deputados, e estou aqui com a dona Maria de Lourdes, não é só por isso, não. Essa é uma coisa fantástica, porque alfabetizar uma pessoa significa você tirar a pessoa da escuridão e colocar a pessoa para aprender a ler.

Eu me lembro – vou contar um caso para vocês – minha mãe era analfabeta, morreu analfabeta. A minha mãe pegava um ônibus, ia para a Praça da Sé, em São Paulo, na verdade ia para a Praça João Mendes. Às vezes, a coitada se perdia porque não sabia ler a palavra Vila Carioca, e tinha vergonha de perguntar para quem estava no ponto, se aquele era o ônibus dela. E ela ficava tentando esperar o ônibus pela cor, era um ônibus vermelho com uma faixa branca, mas não tinha só ele com faixa branca e, às vezes,



pegava ônibus e ia para outro lugar, não ia para casa.

Então, quando vocês entram na escola, que aprendem o bê-á-bá, o mais nobre de tudo isso não é aprender o bê-á-bá, é que a alfabetização está estendendo uma mão para vocês e dizendo: vamos continuar na escola. Vamos continuar na escola, porque, no meu governo, dinheiro colocado em escola não é gasto, é investimento. Gasto é dinheiro colocado em cadeia, gasto é dinheiro gasto em prisão, em escola é investimento, porque cada menino ou cada menina, cada homem ou cada mulher que aprender a ler e a escrever, que aprender uma profissão, eles vão ganhar a sua independência, sua independência profissional. As mulheres vão ser mais livres, não vão ficar dependendo de esperar o salário do marido em casa, elas vão trabalhar e vão viver com o seu salário. E quando a mulher é independente, ela é mais livre, ela anda de cabeça erguida, ela não tem que ficar pedindo 10 reais para o marido para comprar uma peça íntima, para comprar coisas, ela trabalha e ela compra com o seu salário.

É por isso que nós queremos que vocês estudem. É por isso que nós estamos criando mais universidades, é por isso que estamos criando mais escolas técnicas, é por isso que aumentamos para nove anos o tempo de permanência na escola das nossas crianças. E é por isso que vamos, com outras empresas, como a Petrobras, fazer o que estamos fazendo aqui, para ver a cara de vocês. Não tem idade para a gente conquistar o prazer pela vida, não tem idade para a gente conquistar a nossa independência.

Uma mulher de 105 anos de idade, sair da sua casa para vir aqui participar de uma festa dessa, ela me disse o seguinte: “Presidente, volte para Brasília, porque vale a pena a gente acreditar no povo deste país, porque vale a pena a gente acreditar que este país tem jeito”.

Uma outra coisa importante, gente, é que eu vim hoje anunciar, no Rio de Janeiro, com a Petrobras, nós viemos lançar a pedra fundamental de uma obra que vai começar a ser construída em janeiro, que é um investimento de 14



bilhões de reais, num Pólo Petroquímico no Rio de Janeiro. Vocês vão perceber que nós vamos mudar a cara do Rio de Janeiro, serão milhares e milhares de empregos que serão criados neste estado, será a redenção da cidade de Itaboraí, de São Gonçalo, mas será também a extensão, porque atrás do Pólo Petroquímico virá dezenas ou centenas de outras empresas que irão se instalar nas cidades periféricas do Rio de Janeiro. E a gente vai perceber que o povo pobre começa a ter o direito de comer três vezes ao dia, o povo pobre está percebendo que a comida está mais barata nos supermercados; o povo pobre está percebendo que o material de construção baixou muito, que o cimento baixou muito, está percebendo que a inflação está controlada. Quem é que não lembra, aqui, que há 20 anos, a inflação era 80% ao mês? Hoje ela está 4% ao ano, significa mais dinheiro no bolso do povo trabalhador. Lógico que a gente ainda não pode fazer tudo, porque só Deus conseguiria consertar, em quatro anos, o que não foi feito em 500 anos, só Deus. Mas nós vamos fazer – e tem muita coisa para acontecer – eu quero dizer para vocês que saio daqui mais convencido do que quando cheguei de que vale a pena a gente gastar dinheiro para ajudar o povo pobre deste país.

Outro dia eu fui numa cidade inaugurar o Programa “Luz para Todos”, uma senhora de 107 anos de idade nunca tinha visto uma luz elétrica na vida dela. Quando a gente leva luz na casa de uma pessoa, a gente está tirando a pessoa do século XVIII e levando para o século XXI, nós estamos tirando as pessoas das trevas, estamos dando luz para as pessoas.

Eu vi uma moça levantar a placa do ProUni ali, está ali Fernando. Eu queria, minha querida jovem, agradecer pela lembrança, porque o ProUni é uma revolução da educação brasileira. Nós colocamos 203 mil jovens da periferia deste país, pobre e de escolas públicas, que jamais poderiam estudar numa universidade, para estudar de graça. E isso é extremamente importante, porque eu digo sempre o seguinte: eu tenho cinco filhos, a maior herança que um pai, a maior herança que uma mãe quer deixar para um filho, não é dinheiro



não, não é um carro novo não, não é uma casa, a maior herança que um pai pode deixar para os seus filhos é a sua formação profissional. É ele poder se formar e ser dono do seu nariz, andar de cabeça erguida neste país, arrumar emprego em qualquer lugar do Brasil ou em qualquer lugar do mundo. E, lamentavelmente, os pobres estavam proibidos de ir para a universidade brasileira, como os pobres estavam proibidos de ir para as escolas técnicas, porque em 98 nós tínhamos o ministro da Educação que mandou para o Congresso uma lei tirando do governo federal a responsabilidade pelas escolas técnicas. Sabem por quê? Porque ele já tinha aprendido a sua profissão e ele não sabe o que significa uma profissão para uma menina ou para um menino pobre deste país.

Portanto, eu quero dizer para vocês que eu saio daqui, vou para Brasília com a alma lavada. Primeiro, porque eu vi a cara de vocês, segundo, porque cada vez que eu me encontro com vocês, eu fico pensando assim: quando que o Brasil já pensou que tivesse alguém com a cara deles, alguém vivido com eles, alguém nascido do meio deles chegando à Presidência da República? Então, vocês podem saber de uma coisa, eu sei que nós temos muito para fazer. Então, eu queria dizer para vocês, nós temos muita coisa para fazer. Agora, eu queria pedir para vocês uma coisa, gente, não desanimem nunca, faz 43 meses que o emprego cresce neste país, depois de 20 anos sem crescer. Na década de 80 e 90 o Brasil quase não gerou empregos, faz 43 meses em que todo mês a gente tem um saldo positivo de emprego com carteira profissional assinada.

E quando a gente faz justiça aos mata-mosquitos, a gente faz justiça e nós sabemos que temos que fazer justiça com outros trabalhadores que foram mandados embora, porque um dia este país elegeu um Presidente da República que achou que era deus e começou a mandar servidor público embora, de tudo quanto é lugar, a mandar embora, a tirar trabalhador. E nós precisamos recuperar, porque se tem uma coisa sagrada na vida de um ser



humano, é o direito de trabalhar. Não tem nada que dê mais orgulho a um homem ou a uma mulher do que trabalhar e, no final do mês, levar para casa o sustento da sua família às custas do seu trabalho.

Este país, meus companheiros, este país sem analfabeto, este país com emprego e este país com dignidade, fiquem certos, nós haveremos de construí-lo. Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento da pedra fundamental do Pólo Petroquímico de
Itaboraí e da pedra fundamental do Centro de Inteligência de São Gonçalo
São Gonçalo-RJ, 14 de junho de 2006**

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meus queridos companheiros senadores Marcelo Crivella, Wellington Salgado – o Wellington, embora seja senador por Minas Gerais, é nascido em São Gonçalo. O nosso querido Marcelo Crivella, que tem nos ajudado tanto.

Os nossos deputados federais e deputadas Elaine Costa, Jandira Feghali, Alexandre Santos, Carlos Santana, Jorge Bittar, Luiz Sérgio, Reinaldo Betão e Sandro Matos,

Minha querida prefeita Aparecida Panisset, prefeita de São Gonçalo,

Meu caro Wagner Victor, secretário de Energia da Indústria Naval e do Petróleo do estado do Rio de Janeiro,

Meus queridos amigos e amigas deputados estaduais e deputadas,

Meus caros prefeitos da região, Cosme Salles, de Itaboraí; Godofredo Pinto, de Niterói; André Ceciliano, de Paracambi; José Luiz Alves Antunes, de Rio Bonito; Chiquinho, da Educação de Araruama; e Lindberg Farias, de Nova Iguaçu,

Meu caro José Lima de Andrade Neto, presidente da Petroquisa,

Minha cara Maria das Graças Foster, presidente da BR Distribuidora,

Meu caro Eduardo Eugênio, presidente da Firjan,

Meu caro Paulo Cunha, representando, aqui, o Grupo Ultra, parceiro da Petrobras,

Meus amigos diretores da Petrobras,

Meus amigos e minhas amigas de São Gonçalo,



Eu não sei como é que vocês estão ouvindo aí, porque eu estava sentado ali e dali eu não ouvia quase nada. Então, eu quero saber se vocês estão ouvindo. Eu vou falar muito devagar, porque eu acho extremamente importante vocês entenderem o que está acontecendo no Rio de Janeiro, no Brasil, em São Gonçalo, em Itaboraí e na região no dia de hoje.

O que está acontecendo hoje, no Rio de Janeiro, o que está acontecendo aqui, em São Gonçalo, nós só vamos ter noção daqui a uns 5 ou 6 anos. Isso é como uma planta que a gente planta, coloca embaixo da terra, a gente não vê, muitas vezes a gente nem sabe o que tem lá embaixo e, de repente, ela nasce, vai ficando com o caule mais grosso, dá os galhinhos, as folhas, e daqui a pouco está dando fruto.

O que nós estamos fazendo aqui é uma revolução no estado do Rio de Janeiro, é uma revolução em São Gonçalo, porque o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro é o maior investimento nos últimos tempos no Brasil. Quando ele estiver funcionando, no processo de construção, que vai começar, se Deus quiser, em janeiro de 2007, vai gerar, direta e indiretamente, milhares e milhares de empregos aqui na região.

Quando o pólo estiver funcionando e outras indústrias vierem para cá, vai gerar mais milhares de empregos nessa região, portanto, nós estamos começando desde já, avisando para vocês: São Gonçalo será o maior centro de inteligência na formação de mão-de-obra ligada à Petrobras, ao Pólo Petroquímico, à indústria naval; será o maior pólo de inteligência da América Latina. Milhares de jovens terão a oportunidade de começar e se formar aqui, para quando a empresa estiver funcionando, essas pessoas poderem ter emprego garantido aqui na região.

A nossa preocupação, primeiro, é de reconhecer que o Rio de Janeiro merece este Pólo Petroquímico, segundo, de que este pólo vai marcar uma parceria importante entre a Petrobrás, o Grupo Ultra e o BNDES, que vai financiar e, portanto, nós estaremos entrando na produção de produtos que



hoje nós importamos, grande parte deles. E o Brasil quer se transformar num país exportador.

Eu quero dar alguns números para vocês, que são extremamente importantes. Primeiro, este é o maior projeto, isoladamente, da Petrobras. O investimento, José Sérgio, se o número aqui não bater, você e o Paulo Cunha podem me corrigir. O Investimento é da ordem de 6 bilhões e meio de dólares, o que dá, praticamente, 13 ou 14 bilhões de reais que serão investidos no estado do Rio de Janeiro. É tanto dinheiro que a gente nem consegue imaginar o montante de dinheiro que é

Segundo, já foi prometido uma vez, aqui no Rio de Janeiro, na década de 80, o Pólo Petroquímico. Por “n” razões não pôde acontecer. Mas nós não vamos ficar lembrando o que não deu certo, nós não vamos ficar lamentando os gols que o Brasil não marcou ontem, vamos nos preparar para marcar os gols domingo, vamos nos preparar.

Na economia também, nós não vamos ficar chorando o que não aconteceu. O que não aconteceu já não aconteceu. Nós temos que discutir o que fazer amanhã, e fazer amanhã significa vocês, do Rio de Janeiro, vocês de São Gonçalo, de Itaboraí, da região, estarem certos do seguinte: este projeto reúne uma refinaria, uma central petroquímica e plantas industriais de segunda geração. Tudo numa mesma área, criando assim um pólo de atração para centenas e centenas de empresas que vão transformar os insumos em bens e produtos finais.

A obra, eu disse para vocês, se tudo der certo, se o governo federal cumprir a sua parte, a Petrobras cumprir a sua parte, o BNDES a sua parte, o Grupo Ultra a sua parte, o Ministério do Meio Ambiente a sua parte, o governo do Rio de Janeiro a sua parte, as prefeituras a sua parte, se todo mundo olhar o compromisso que nós estamos assumindo com vocês e cumprir com a sua parte, em janeiro de 2007 começa, definitivamente, a obra do Pólo Petroquímico aqui.



Eu vou dar um exemplo para vocês: 212 mil empregos, prestem atenção, 212 mil empregos serão gerados durante as obras; 200 mil vagas, isso é estimativa, serão abertas na implantação das empresas de segunda geração; 50 novas contratações serão feitas quando o Complexo entrar em operação. E não é só o Rio de Janeiro que ganha com isso, o Complexo marca uma nova conquista tecnológica da Petrobras, só comparável ao arrojo e liderança exercidas na exploração em águas profundas. Vejam que interessante: pesquisas da empresa permitirão que o Complexo de Itaboraí, São Gonçalo e região extraia insumos ainda importados parcialmente pelo Brasil como a nafta, por exemplo, diretamente do Petróleo pesado produzido na Bacia de Campos. Isso resultará numa economia da ordem de 2 bilhões de dólares que deixaremos de importar.

E este não é o primeiro trunfo tecnológico da Petrobras em 2006. Vocês viram que em 2006 a Petrobras atingiu a auto-suficiência de petróleo. Depois vocês viram que em 2006 a Petrobras descobriu uma nova fonte energética, uma nova matriz energética, que é o Hbio, que é a mistura de óleo de mamona, de soja, de dendê, de girassol, no próprio petróleo, para fazer um óleo diesel menos poluente, de melhor qualidade do que o óleo diesel que a gente faz hoje. E eu tenho dito que essa é a maior revolução energética.

Enquanto os países ricos, como os Estados Unidos, estão há 50 anos oferecendo ao mundo carro a nitrogênio, nós estamos oferecendo carro com óleo de mamona, com óleo de soja, com óleo de dendê, com caroço de algodão, coisas produzidas por homens e mulheres do Brasil, colhidas por homens e mulheres do Brasil, industrializados por homens e mulheres do Brasil, permitindo que o Brasil vire um referência mundial na questão de combustível.

Eu queria dizer aos companheiros que durante esse mandato, que termina teoricamente dia 31 de dezembro, vocês acompanharam, e eu faço questão de dizer para vocês, pela televisão, pelo rádio, parece que tem um tipo



de gente que não quer que o Brasil dê certo. Tem um tipo de gente que trabalha o tempo inteiro contra o Brasil. Tem um tipo de gente que fica torcendo para que o governante não faça nada ou erre para poder justificar os seus discursos.

Eu aprendi uma lição de vida. Quando a gente completa 60 anos de idade e quando a gente chega à Presidência da República, eu acho que são dois atos em que Deus demonstra a sua generosidade. Primeiro, me fazer sair de Caetés, de Garanhuns, em Pernambuco e ser presidente da República deste país. Segundo, me fazer chegar aos 60 anos, porque quando eu era criança, quem tinha 50 já era velho. As pessoas morriam com 42, com 45. Hoje, as pessoas estão vivendo com 75, 80, com 90.

Então, eu acho que essas duas generosidades, me permitir chegar aos 60 anos e me permitir ser presidente da República do Brasil me deram a seguinte maturidade: você não pode governar dando ouvidos a determinadas críticas, a determinadas pessoas, porque, no fundo, no fundo, o que eles querem é que eu passe o dia inteiro ouvindo o que eles falam e perca o sono à noite. O que eles não esperavam é que eu tivesse uma coisa especial, que Deus me deu, que é a minha relação direta com o povo brasileiro.

Possivelmente, eles não sabem o que é isso. Vocês, nesses três e meio, nunca me viram falar mal de um prefeito, eu duvido que vocês tenham ouvido uma crítica minha a um prefeito. Eu nunca falei mal de nenhum governador, nunca falei mal... duvido algum deputado dizer que eu já falei mal de deputado, nunca falei mal de senadores. Eu não fui eleito para ficar fazendo brigas menores com adversários.

Eu fui eleito para governar este país para o povo brasileiro e este Pólo aqui é uma demonstração de que alguém que chega à Presidência da República e tem um mínimo de dignidade não pode governar tratando mal aqueles que não são do seu partido. A Prefeita é do PFL, entretanto, desde o dia em que eu conheci esta Prefeita, eu percebi que eu não estava lidando com



uma prefeita do PFL, eu percebi que eu estava lidando com uma prefeita que estava lá em Brasília, reivindicando apenas os interesses do povo de São Gonçalo que a elegeu.

O prefeito César Maia é do PFL, ma já me mandou duas cartas e já fez uns dez discursos dizendo que nos últimos 36 meses, no meu mandato, a cidade do Rio de Janeiro recebeu mais dinheiro do que nos 20 anos antes de eu ser presidente da República. Eu nunca perguntei a nenhum prefeito de que partido ele é e tem aqui vários prefeitos, nunca perguntei e não pergunto de que partido ele é, não pergunto para que time ele torce, não pergunto que religião ele freqüenta porque, para mim, a minha relação com o prefeito é institucional, a minha relação de fé é com o povo das cidades que elegerem esses prefeitos.

É por isso que um homem, quando chega na minha idade, não tem mais espaço para ter rancor no coração. Quem quiser falar bem de mim, eu sou agradecido. Quem quiser falar mal, eu fico agradecido do mesmo jeito, porque Deus sabe quem tem razão e Deus é que fará o juízo final de todos nós. No fundo, no fundo, nós seremos julgados. O que eu quero dizer para o estado do Rio de Janeiro e para as cidades de Itaboraí, de São Gonçalo e região é que o dia de hoje, sobretudo os adolescentes, eu queria que vocês guardassem o dia de hoje, 14 de junho de 2006, e a gente vai conversar daqui a alguns anos para vocês perceberem que o que está acontecendo hoje, aqui, vai mudar o estado do Rio de Janeiro e vai mudar esta região nos próximos cinco anos. Nos próximos cinco anos, Prefeita, São Gonçalo deixará de ser o “patinho feio” das cidades da região metropolitana do Rio de Janeiro; Itaboraí deixará de ser uma cidade do interior e passará a ser uma referência mundial na produção de produtos que o mundo inteiro quer consumir.

E é assim que a gente precisa governar o Brasil, sempre olhando, porque todo mundo tem direito, o empresário tem direito, o rico tem direito, a classe média tem direito, todo mundo tem direito. Mas nós temos que olhar



para a parte mais pobre da população. É da parte mais pobre da população que nós temos que cuidar, porque se as crianças tomarem café de manhã, se as crianças almoçarem, se as crianças jantarem e se as crianças estiverem freqüentando escola, a gente tem a certeza que a gente vai precisar construir menos cadeia e vai construir mais empregos e mais escolas.

Por isso, eu queria dizer aos companheiros da Petrobras, os meus agradecimentos. A Petrobras de vez em quando resistia, porque ela teve uma orientação, não sei de que governo, de que ela só deveria cuidar de prospecção de petróleo. E nós achamos que a Petrobras é tão grande, é tão importante para o Brasil, a Petrobras é um filho que todo mundo gostaria de ter, ela é uma espécie de “Ronaldinho” da indústria brasileira, é verdade. Então, a Petrobras teve apenas que ser educada, apenas reeducar a Petrobras e dizer para a Petrobras: querida Petrobras pense menos em você e pense um pouco mais neste imenso país, pense menos em você e pense em 180 milhões de habitantes que moram neste país. Hoje eu quero render as minhas homenagens ao José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras, à Diretoria da Petrobras, ao Conselho da Petrobras, queria agradecer ao Paulo Cunha, presidente do Grupo Ultra, queria agradecer ao BNDES, porque essa parceria BNDES, Petrobras e Grupo Ultra vai permitir que o Brasil entre no cenário internacional muito mais competitivo.

O Cefet de vocês, o terreno já está garantido, eu posso dizer para vocês que em janeiro do ano que vem, ou melhor, em dezembro do ano que vem, vai estar totalmente pronto e a gente vai ter lugar para os nossos adolescentes estudarem, as mães vão ficar mais tranquilas porque vão saber que os filhos, quando terminarem o ensino fundamental, não vão precisar ficar na rua, vão ter oportunidade de aprender uma profissão e, aprendendo uma profissão, essa menina vai poder ganhar um salário melhor. E eu digo isso, sabe por quê? Porque aconteceu na minha vida. Eu fui o único filho da minha mãe que fiz um curso profissional e, por conta de fazer um curso profissional, eu pude ganhar



um salário melhor, entrar numa empresa melhor e, hoje, sou até presidente da República do Brasil.

Pois bem, tudo o que nós queremos é garantir que os nossos filhos possam viver num mundo melhor do que aquele que nós herdamos dos nossos pais, bem melhor, com mais emprego, com mais justiça social, com mais escola e com mais oportunidade na vida.

Minha querida prefeita Aparecida, eu confesso que fiquei com ciúmes, aqui, pela quantidade de vezes que você citou o nome do Lindberg. Ela citou o nome do Lindberg muito mais vezes do que citou o meu nome. E isso está na minha carteirinha, aqui. Quando você precisar de outras coisas, lá, você vá pedir para ele, que você vai ver.

Eu quero agradecer ao Godofredo, aos prefeitos. Mas este menino aqui, o Lindberg, merece um agradecimento especial porque um dia ele levou 11 prefeitos do Rio de Janeiro para conversarem comigo, no meu gabinete, tinha prefeito do PDT, do PMDB, do PFL, do PT, do PTB e ele não excluiu ninguém, levou todos. E foi graças a essa viagem em que ele levou os prefeitos lá, que eu pude conhecer a prefeita Aparecida e, hoje, estamos aqui anunciando a revolução na cidade dela.

Muito obrigado, gente. Que Deus abençoe vocês e que a gente possa, daqui a alguns anos, vir aqui ver o resultado desta obra extraordinária que é o Complexo Petroquímico.

Até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no 13º
Congresso da União da Juventude Socialista – UJS**

Academia de Tênis – Brasília-DF, 16 de junho de 2006

Eu queria dizer a vocês da alegria de estar participando deste encontro. Mas, antes, eu queria cumprimentar os companheiros da mesa.

Cumprimentar o meu querido Renato Rabelo, presidente do PCdoB,

Cumprimentar o meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

O nosso querido Orlando Silva Júnior, ministro do Esporte,

Eu estou com o nome do Agnelo aqui, na nominata, mas eu não sei se o Agnelo está presente. Está ali, presente. Cumprimentar o meu companheiro Agnelo,

Quero cumprimentar o companheiro Wadson Ribeiro, presidente nacional da UJS,

Quero cumprimentar o nosso querido amigo secretário nacional da Juventude, Beto Cury,

Quero fazer justiça, aqui, e cumprimentar o nosso companheiro Petta, pela dedicação dele em todo o processo e reforma da educação brasileira,

Quero cumprimentar o Marcelo Brito, vice-presidente da UJS,

Quero cumprimentar o companheiro Rafael Moraes, secretário nacional da Juventude do PT,

Quero cumprimentar Josué Freitas, secretário nacional da Juventude do PSB,

Quero cumprimentar o companheiro Ricardo Abreu, secretário nacional da Juventude do PCdoB,



Quero cumprimentar a Elisa Campos, presidente da Associação Nacional dos Pós-Graduandos,

Quero cumprimentar o nosso querido Tiago Franco, presidente da Ubes,

Quero cumprimentar o nosso querido Sérgio Mamberti, o Artur (inaudível),

Quero cumprimentar cada um de vocês, os delegados e as delegadas estrangeiros que estão aqui presentes.

O nosso companheiro Pedro esqueceu de falar o estado de Roraima, falou todos, e também não falou Rondônia. Mas, de qualquer forma, ele falou “Brasil”, está tudo nos conformes.

Eu queria ter uma conversa com vocês, menos discursiva, uma conversa de pessoas da minha idade e do Renato Rabelo, que já atingimos a maturidade e, portanto, temos que conversar com vocês como se fossem, e como são, nossos companheiros, mas todos com a idade dos nossos filhos.

No Congresso do PCdoB, aqui neste mesmo salão, teve um companheiro que tinha utilizado muito a palavra “mudança” no discurso, eu não sei nem quem foi. E depois falou o Renato, depois falaram outros companheiros, depois eu fui falar. E eu chamava a atenção para a compreensão que nós precisamos ter do momento político em que estamos vivendo e das coisas que nós estamos e podemos construir juntos. Mas, se nós perdermos o tempo da política, nós também poderemos perder o tempo da oportunidade.

O processo de mudança, num país da dimensão do Brasil, com a cultura brasileira, com uma aristocracia e uma oligarquia bem plantadas na política ao longo de 500 anos, precisa ser levado muito a sério, e pensado cada passo que a gente dá.

Vocês querem ver um avanço importante que nós temos? Eu conversava com o Orlando e dizia: o que está acontecendo na educação neste



país pode ser pouca coisa, pela expectativa que nós temos dentro de nós. Mas vamos analisar ao longo dos últimos 30 ou 40 anos o que aconteceu na educação brasileira, para a gente saber o salto de qualidade que nós demos nesses 41 meses de governo. Não é pouca coisa.

Se os números citados aqui pelo companheiro Fernando Haddad, de quatro universidades federais novas, de seis faculdades transformadas em universidades e de 42 extensões universitárias por todo o país, é só vocês analisarem o histórico, desde 1920, quando foi construída a primeira, para que a gente possa ter noção do avanço que nós tivemos.

E cada um de vocês – o Petta participou muito, junto conosco – sabe do significado, quando a gente abre uma universidade, mesmo que seja uma extensão com meia dúzia de cursos, numa cidade do interior. Eu vou dar um exemplo para vocês entenderem: imaginem a USP e a Unicamp juntas, elas devem ter por volta de 91 mil estudantes, as duas. Há quanto tempo que não se cria uma universidade nova em São Paulo? A última foi a Universidade Federal de São Carlos. Agora, se a USP e a Unicamp, juntas, geram 91 mil vagas, só o ProUni, em São Paulo, em 14 meses, gerou 64 mil vagas.

Imaginem vocês há quanto tempo – eu vou dar apenas um exemplo, Renato, para ter dimensão – há quanto tempo São Paulo, que é o estado mais importante da Federação, do ponto de vista econômico, do ponto de vista populacional, exatamente São Paulo, que tem 82% dos estudantes universitários em escola particular, apenas 18% estão em escolas públicas. São Paulo está mais privatizado do que a média nacional, que ainda tem 65% dos estudantes em escolas privadas e 35% em escolas públicas. Imaginem que em São Paulo, nesse pouco tempo, nós anunciamos a Universidade Tecnológica do ABC, que quando estiver funcionando na sua plenitude terá, aproximadamente, 25 mil novos alunos. Levamos uma extensão de cursos na área de Saúde para Diadema, Diadema jamais imaginou ter um braço de universidade; levamos um braço de Medicina para Santos; levamos um braço



de cursos de Humanas para Guarulhos; levamos para Sorocaba e vamos levar para Osasco para completar a região metropolitana do maior estado brasileiro e da maior cidade brasileira contemplada com cursos públicos, para não ficar apenas dependendo da USP, ter uma coisa que possa oferecer mais cursos para a nossa juventude.

Uma outra coisa que vocês precisam começar a perceber, porque é importante a gente saber para poder fazer um embate político. Eu, naquele dia, estava aqui nesta mesa, falando de mudança, não mudança, e eu estava olhando: “mas esses companheiros, imagina se não tem mudanças no Brasil”. Primeiro, onde é que a União da Juventude Socialista faria a sua reunião? Aqui, na Academia de Tênis? Essa é uma mudança. Dez anos atrás teria gente chamando vocês de pequena burguesia, traidores da revolução porque vieram fazer aqui na Academia o encontro. Hoje, as pessoas percebem que vocês têm tanto o direito de fazer uma reunião aqui, quanto em qualquer outro lugar do Brasil, afinal de contas... Uma vez, no primeiro programa Vox Populi de que eu participei, em 1978, na TV Cultura, me fizeram uma pergunta, de forma indignada, porque um metalúrgico tinha ido num programa de televisão. Eu disse para o perguntador: “essa pergunta eu compreendo, porque tem gente que acha que metalúrgico tem que andar de sandália e comer no cocho, não permite que a gente possa comer e viver melhor”.

Eu fico imaginando quando é que os comunistas imaginaram, Renato, ter um presidente da Câmara dos Deputados. Bom, vocês não de convir que o Agnelo tinha mais jeito de ministro do Esporte que o Orlando, pelo menos tinha mais jeito de atleta, e dizia que sabia jogar bola, o Agnelo é todo “cheio” de que sabia jogar bola, o tempo que jogou comigo, perdeu. O Orlando parece que é lutador de boxe, não deixa de ser um esporte também, mas ele ainda tem tempo de virar um grande esportista.

Esses dias eu estava olhando a importância, quer dizer, o PSB tem dois ministérios. Quando é que a esquerda imaginou ter essas coisas, porque no



máximo o que a direita dava, quando queria fazer uma concessão com a esquerda, era um ministério da área social, mas dava um ministério da área econômica e os outros para todo mundo e ficava o coitado da área social sem poder fazer política social, porque os outros prendiam o dinheiro.

Eu aprendi na minha vida a conviver da forma mais democrática política na adversidade. Quando eu era presidente do sindicato eu tinha oposição de tudo quanto é facção que vocês possam imaginar, tinha mais facções que hoje, e eu convivia com todo mundo, quem me conheceu naquele tempo sabe que eu convivia com todo mundo. Divergências à parte, quando tinha que decidir os interesses da categoria era pão, pão, queijo, queijo, quem não quisesse caía fora, porque não tinha espaço.

Pois bem, nós agora estamos vivendo um momento excepcional. Eu lamento, companheiro Renato, que a gente não tenha junto conosco aqui, figuras como João Amazonas, figuras como Miguel Arraes e figuras como nosso companheiro Brizola que, mesmo nas divergências, muitas vezes, eu me lembro que na campanha pela redemocratização do país, quantas brigas o PCB teve com o Brizola e me lembro quantas brigas eu mesmo tive com o Brizola, mas eu nunca relevei isso porque eu sempre achei o Brizola uma figura tão importante na política brasileira que, mesmo quando a gente divergia eu o respeitava. Ele era um político de dimensão nacional, de caráter e que a gente, mesmo quando divergia... eu participei de muitas reuniões, tive o privilégio de ser o mais novos deles, e ver o tanto que João Amazonas, Arraes e Brizola brigavam nas reuniões. Era um momento importante da nossa política. Agora, cá estamos nós, 41, 42 meses de governo

Eu fico imaginando, também, a situação da democracia, no Brasil. O Brasil teve o Getúlio Vargas governando este país de 30 a 45 – não é, Renato? – numa mão-de-ferro muito grande, porque ele podia indicar governador e prefeitos de capitais. E, depois, o Getúlio sai, volta em 50 pelos braços do povo, e apanhou tanto e foi levado à morte.



Depois veio o Juscelino. O Juscelino era uma figura fantástica, porque era um médico militar e um sonhador que a chamada “direita ideológica” brasileira não queria. Naquela época, a direita dizia assim: o Juscelino não pode ser candidato, se ele for candidato não pode ganhar, se ele ganhar não pode tomar posse, se tomar posse nós vamos depô-lo. Era assim que eram tratadas as coisas. E quantas vezes Juscelino foi achincalhado. Hoje, não, hoje está recuperado aos olhos da Nação como um grande presidente. Mas tentem recuperar os jornais da época para ver quantas vezes o Juscelino foi chamado de ladrão neste país, quantas vezes tentaram derrubá-lo. Depois veio o João Goulart e, aí, a história mais recente todos vocês conhecem.

Eu fico imaginando essas coisas todas como um esporte, está na moda, agora, o esporte: aquele jogador malandro. O jogador malandro é aquele que fica o tempo inteiro provocando o melhor jogador adversário para tentar cavar uma expulsão do jogador adversário, é aquele que fica infernizando, fica na orelha do outro falando bobagem, fica provocando. Vocês já viram isso, já devem ter visto muitas vezes, aquele jogador que fica passando a mão no outro, chutando a canela do outro, falando palavrão para o outro, até que o cara vai ficando nervoso, faz uma bobagem e pronto, está expulso de campo.

Vocês estão lembrados que na Copa do Mundo de 2002 o Ronaldinho Gaúcho, depois de fazer aquele gol extraordinário de falta contra a Inglaterra, ficou nervoso e foi expulso, não é? O Brasil ficou meio capenga, mas ganhamos o jogo.

Na política também tem esse tipo de gente, que não joga tão bem quanto o outro mas fica tentando provocar, para o outro não conseguir fazer as coisas, ficar nervoso e dar motivo para eles mostrarem cartão amarelo, verde, vermelho, sei lá o quê.

É um pouco isso que eu vejo que está acontecendo no Brasil. Os meninos governaram este país tantos anos, tantos anos os meninos governaram este país, décadas e décadas. Sabe, eu não quero nada. Eu só



quero poder, no final do ano, comparar tudo o que eles fizeram com o que nós fizemos.

Eu não vou falar mal de ninguém, não quero falar mal de ninguém, não tenho mais idade para falar mal de ninguém. Eu, se não puder falar bem, eu fico quieto. Mas eu queria comparar o crescimento econômico, eu queria comparar a distribuição de renda, eu queria comparar programa de educação, programas sociais, eu queria comparar construção de habitações, eu queria comparar geração de empregos, eu queria comparar os acordos com o movimento sindical, eu queria comparar áreas indígenas demarcadas, eu queria comparar tudo. Podem escolher, eles escolhem os temas e nós comparamos. Eu só queria isso.

E o exercício da democracia, porque nesses 41 meses eu participei de 37 Conferências Nacionais, e tantas quantas eu tiver eu vou participar. Até porque o meu maior desejo não é terminar o mandato dizendo: “Olha, o povo ganhou um real a mais”. Não! A consagração para um governante democrático é se, ao terminar o seu governo, estiver consolidada a relação entre o Estado e a sociedade, entre o governo e a sociedade e o poder de determinação pela sociedade é essa a força das coisas que nós precisamos no país.

Mas, ainda assim, nós ficamos pensando: por que tanto ódio? Por que tanta inveja? Por que tanta raiva? Por que tanta coisa? Antigamente, falavam que nós é que éramos assim. Quem foi deputado constituinte comigo viu como a gente sofreu aqui, viu como a gente sofreu. Eles se organizavam e tripudiavam, e votavam, e nós fazíamos o jogo democrático. Quantas vezes nós perdemos as coisas e acatamos o resultado?

Agora, o que nós estamos percebendo? É que há uma certa inquietação no cumprimento da regra do jogo democrático neste país. Há uma certa inquietação. Eu não posso inaugurar uma obra que alguém abre processo dizendo que é campanha eleitoral, possivelmente porque quando governaram não tinham obras para inaugurar, então não iam. E o meu papel, por isso estou



falando aqui muito calmo, é não ficar nervoso. Eu me convenci que eu não posso dar a eles o pretexto que eles querem para ficar nervoso, porque eu tenho convicção do jogo que estamos jogando, eu tenho convicção do jogo que precisa ser jogado e eu tenho convicção das coisas que nós precisamos construir no país. E as obras que nós precisamos construir não são obras de quatro anos, nem de oito anos, nem de 12 anos, são obras que possivelmente podem envolver uma geração inteira, e vamos contar uma geração inteira para 20 anos. São obras que levam muito tempo, o processo de transformação que nós precisamos fazer no Brasil, e fazê-la dentro do jogo democrático, na disputa democrática, porque a democracia é, sobretudo, boa para nós porque nós somos a maioria e, portanto, nos interessa a democracia ser exercitada em toda sua plenitude.

Eu queria dizer para vocês que o jogo está sendo jogado com muita maturidade. Vocês não sabem o que é a gente aprender a apanhar, é mais difícil do que aprender a bater. Mas, ao longo da minha história, eu fui tomado de profundo respeito e respeitei profundamente aqueles companheiros que foram torturados até a morte e não delataram um outro companheiro. Suportar a dor física é tão duro quanto suportar a dor das infâmias, das leviandades, dos discursos fáceis e falsos e nós temos que, com muito carinho, sem perder a paciência, ter noção que o povo é muito mais sábio. Vocês não sabem, ou talvez saibam, quanta indignação houve por parte de alguns neste país, Renato Rabelo, depois de nos baterem um ano e meio sem parar, sai uma pesquisa: eu subo e eles descem.

Lógico que nós não acreditamos em pesquisas como coisa definitiva, é uma fotografia. Mas é que muitos não levaram em conta que existe no meio desse debate – às vezes acadêmico, às vezes um debate eminentemente raivoso – existe uma coisa chamado povo, existe um povo neste país que faz política como vocês, que briga como vocês, que aparece como vocês, que veste a camisa como vocês. Mas tem uma outra parcela do povo que é tão



nobre quanto esses que brigam e não pertencem a partido político, não pertencem a sindicato, mas são pessoas que começam a refletir, começam a perceber que estão podendo comprar um pouco mais de comida para casa, começam a perceber que estão podendo fazer mais uma reforminha na sua casa, começam a perceber... a coisa que eu tenho mais orgulho é, em todo lugar que eu chego, uma menina ou um menino levantar um cartaz dizendo: “eu sou aluna do ProUni”, às vezes com lágrimas nos olhos. Tem uma parcela do povo que começou a sentir que as coisas estão mudando e as pessoas querem que melhorem ainda mais. E querem que melhorem ainda mais porque as pessoas sabem que tem uma possibilidade na vida de fazer com que este país seja governado de forma justa, que a riqueza seja distribuída de forma mais equânime.

Quero dizer para a Juventude uma coisa que eu disse no encontro do PC do B e do PSB. Eu fui, durante um tempo, o mais importante sindicalista deste país, eu fiz as greves mais importantes deste país, num momento muito difícil deste país, e muitas vezes voltava a trabalhar sem ganhar um único centavo. E o meu papel não era ir para a porta de fábrica chorar que tinha voltado a trabalhar sem ganhar nada, o meu papel era tentar conscientizar os trabalhadores que a gente não tinha ganho porque a correlação de forças não permitiu que a gente ganhasse, que tínhamos que nos preparar para o ano seguinte. No nosso governo, faz três anos consecutivos que 90% do movimento sindical brasileiro faz acordos salariais acima da inflação, com ganho real de aumento de salário.

E, agora, as coisas começam a aparecer, porque vocês viram que a Fundação Getúlio Vargas divulga um número importante, que para os pobres deste país a distribuição de renda era como se nós estivéssemos crescendo ao PIB chinês. É verdade que nós vamos priorizar os pobres, vamos priorizar mais, porque neste país o pobre às vezes quer um centavo e, quando ele pede, se fala que está gastando com o pobre. Nós não estamos gastando com o



pobre, nós estamos investindo nas nossas crianças, nós estamos investindo no nosso trabalhador, investindo nas pessoas. Tem um programa que não sei se foi ao ar, ou se vai ao ar, da Eletrobrás, sobre o Programa Luz para Todos. Possivelmente quem nasceu na cidade e já nasceu no hospital, com luz, não sabe o que é isso. Mas, quando você vai ao interior e liga um bico de luz numa casa, você está transportando uma pessoa do século XVIII para o século XXI, como num passe de mágica. Eu vi um pedaço do filme, em que uma mulher ficou acendendo a luz a noite inteira e o marido perguntou: “por que você está acendendo essa luz a noite inteira? E a mulher fala: “é porque eu nunca tinha visto a cara do meu filho dormindo”.

Uma coisa importante que eu queria que vocês acompanhassem, que está acontecendo... muitas vezes, também, talvez nós sejamos muito ruins de comunicação e nem sempre é publicado o que a gente fala, eu acho que nós somos muito ruins de comunicação e nem tudo o que a gente fala..., Às vezes, os adversários são mais competentes e conseguem fazer as coisas fluírem com mais notícia, mas nós vamos aprender. Mas deixem-me contar uma coisa para vocês, algumas coisas que estão acontecendo que mostram o tipo de Brasil que nós vamos ser daqui a algum tempo. Primeiro, nós tivemos uma consolidação da nossa política...

(Falta pequeno trecho em função de problemas na gravação)

O Brasil tem que mostrar a sua generosidade, como maior economia da América Latina. O Brasil tem obrigação de ajudar esses países a se desenvolverem, porque nós não queremos relação hegemônica, nós queremos parceria com os nossos parceiros da América Latina.

Depois, vejam vocês, ficaram horrorizados porque eu fui para a África. Eu visitei, em 36 meses, 17 países africanos. Se vocês juntarem todos os presidentes da República, desde que foi proclamada a Independência do



Brasil, desde que foi proclamada a República, vocês vão perceber que eu, em 36 meses, visitei mais países africanos do que todos os outros juntos. E sabem por quê? Não só porque nós temos a obrigação de ter uma relação privilegiada com o continente africano, mas porque a nossa cara, a nossa cor, a nossa alegria, a nossa feiúra e a nossa beleza estão nessa mistura entre índios, negros e (inaudível).

Depois, fomos ao Oriente Médio. A última autoridade brasileira a ter ido ao Oriente Médio foi Dom Pedro, em 1846. Nós fomos lá visitar sete países. E fomos visitar para a gente dizer, mostrar para eles que existia um mapa mundi e que tinha o Brasil, ali, depois do Atlântico, e que o Brasil queria fazer relações políticas soberanas com eles, o Brasil queria comprar e vender, e que nós não podíamos ficar dependentes apenas das duas partes mais ricas do mundo, de um lado, a União Européia, de outro lado, os Estados Unidos. Nós precisávamos diversificar os nossos parceiros, para que a gente tivesse mais independência.

E aqueles que nos atacaram hoje são obrigados a reconhecer que o maior parceiro comercial do Brasil, hoje, não são mais os Estados Unidos e a União Européia, é a América Latina, onde nós temos a maior exportação brasileira. Não queremos brigar com os Estados Unidos, não queremos brigar com a União Européia, queremos manter uma política de interação e queremos fazer negócio com todos esses países. Mas queremos dizer a todo mundo o seguinte: somos brasileiros, gostamos de respeitar os outros e queremos ser respeitados. A relação tem que ser mais igualitária, mais respeitosa.

E é por isso que o Brasil assumiu o papel que assumiu no G-20. É por isso que o Brasil assumiu... ninguém fala mais em Alca, hoje, está lembrado como era ideologizada a Alca, como era...? Eu me lembro da campanha de 2002, era Alca para cá, Alca para lá. Não precisamos fazer nada, apenas não discutimos mais Alca, vamos discutir Organização Mundial do Comércio, que é o que interessa, vamos ver se os Estados Unidos abrem mão dos subsídios



agrícolas, vamos ver se a União Européia abre mercados agrícolas para os países mais pobres. Senão, como é que a América Latina e a África vão competir? Tem países na África que produzem 400 mil toneladas de algodão, se não tiver comprador de país rico eles vão viver do quê?

Então, nós começamos a mudar um pouco a geografia comercial do mundo. E posso dizer para vocês: ainda estamos longe, mas já andamos muito. Hoje, grandes decisões neste mundo não são tomadas mais sem querer saber o que o Brasil pensa, o que a China pensa, o que a Índia pensa, o que a África do Sul pensa, porque nós somos levados em conta nesse jogo político mundial.

Nunca sido discutido “fome” nesses fóruns. Eu me lembro, quando eu cheguei em Evian, eu nem tinha noção de como é que se participava de uma reunião com tantos presidentes importantes, e discute para lá, discute para cá, o Bush estava, assim, falando da guerra do Iraque, estava num momento tenso e eu disse: Presidente, a minha guerra não é contra o Iraque, que está tão longe de mim. A minha guerra é contra a pobreza do meu país. Eu preciso demonstrar a vocês. E eu sei que derrotá-la não é num passe de mágica, derrotá-la tem o tempo de plantar, tem o tempo de adubar, tem o tempo de amadurecer e tem o tempo de colher. Não é uma coisa que fazemos num passe de mágica. Amanhã, o presidente da União da Juventude Socialista ganha a Presidência do Brasil, faz um decreto e muda tudo. Se for assim, ele cai e nem toma posse. Ou seja, é preciso maturidade.

E veja, nesse processo de maturidade, o que tem acontecido no Brasil: além da nossa política externa consolidada, eu me lembro que em 2002 o Brasil corria o mundo buscando dólar para poder saldar as suas dívidas, pagar os seus compromissos. O Brasil tinha que vender dólar para poder baratear o dólar, que estava muito caro. Hoje, nós precisamos comprar dólar para o dólar subir um pouquinho, para melhorar o câmbio. Hoje, nós já devolvemos 15 bilhões e 600 milhões ao FMI: “Não queremos esse dinheiro, podem ficar”. Já



pagamos o Clube de Paris e já pagamos até os títulos da dívida do presidente Sarney. E ainda temos 61 bilhões de dólares de reserva. As exportações continuam aumentando e nós também queremos que aumentem as importações, sobretudo de máquinas e equipamentos, para que possamos ter a nossa indústria renovada e mais competitiva.

Nós atingimos a auto-suficiência do petróleo. Olha como Deus foi generoso comigo! Uma coisa que começou com Getúlio Vargas. Vocês precisam ler os editoriais dos jornais de 1953, o que escreviam contra Getúlio por causa da Petrobras: “É demagogia, é jogar dinheiro fora”, eles diziam naquela época. Foram 53 anos de espera, meus caros companheiros, e eu tive o prazer de ir na P-50 apertar um botão que tirou a primeira gota de petróleo que consagrou a auto-suficiência de petróleo em nosso país.

E, ainda mais feliz porque as plataformas onde hoje estamos extraíndo petróleo são as plataformas produzidas, na sua grande maioria, por operários brasileiros, em estaleiros brasileiros. Vocês estão lembrados que, em 2002, eles diziam que os estaleiros brasileiros não tinham condições de produzir, e nós estamos produzindo. Esta semana mesmo, Renato, vou ao Rio de Janeiro anunciar a contratação da construção de 26 navios pela Petrobras aos estaleiros brasileiros, para recuperar ainda mais a indústria naval.

Uma outra revolução a que vocês precisam ficar atentos é a revolução do biodiesel. O biodiesel foi um projeto pensado, primeiro, para diminuir a quantidade de enxofre no óleo diesel brasileiro, melhorar a qualidade; segundo, para que a gente pudesse tornar o nosso óleo diesel menos poluente; terceiro, para gerar empregos, onde? No campo. Fizemos uma lei, fizemos um marco regulatório em que criamos um selo social: o empresário que montar uma empresa e fizer a contratação da mamona, do girassol, do dendê, da pequena agricultura familiar, ele vai ter a certeza de que a Petrobras vai comprar o seu biodiesel. Já geramos mais de 100 mil empregos. Na semana que vem eu vou a Passo Fundo lançar a pedra fundamental de outra usina de biodiesel, como



já anunciei em Montes Claros, em Minas Gerais, como já tem em Irineu Rezende, no Piauí, e em Floriano, no Piauí.

Essas coisas vão acontecendo e, de repente, parece um milagre, porque as pessoas ainda não se deram conta. Nessa loucura de procurar combustíveis renováveis, de procurar novas alternativas de produção de energia, eis que a nossa Petrobras, por conta da briga do biodiesel, inventa um novo combustível, chamado H-Bio. O que que é o H-Bio? O H-Bio é, simplesmente, pegar o óleo vegetal, seja da soja, seja do dendê, seja do caroço de algodão, seja da mamona, seja do pinhão manso, é pegar o óleo bruto, misturar ao petróleo e, na própria refinaria, fazer o refino e sai um biodiesel de extraordinária qualidade, sem enxofre, que pode competir no mercado internacional, com muita gente.

E é isso que, agora, me dá autoridade para dizer, todo santo dia: o Brasil será a maior potência energética do século XXI, o Brasil não terá competidor. E, aí, vai resolver vários problemas nossos, da agricultura. Agora, no dia 20, eu vou ao Paraná só para ter o prazer de ver a refinaria refinar o óleo vegetal junto com o petróleo, e sair o H-Bio. Nome tipicamente brasileiro, genuinamente brasileiro, um combustível de qualidade genuinamente brasileira. E essa nós saímos na frente. Essa não é dos Estados Unidos, essa não é da Europa, essa não é do Japão. Essa é do Brasil. Essa é da Petrobras.

Além disso, tem algumas coisas importantes acontecendo e que vão mudar a cara do Brasil. O projeto da refinaria em Recife, na parceria PDVSA-Petrobras; o processo do Pólo Siderúrgico, em Fortaleza; a Transnordestina, que significa 1.860 quilômetros de ferrovia ligando o Porto de Suape ao Porto de Pecém, passando por Elizeu Martins, no Piauí e, futuramente, vai até o sul da Bahia, até vai ter braço para outros estados. É um investimento de 4 bilhões e meio de reais. E tudo isso leva tempo.

Sabe que eu vi uma manchete, Ricardo Carvalho, você que é um jornalista, esses dias eu vi uma manchete engraçada, dizia assim: “Lula vai ao



Rio de Janeiro anunciar um pólo petroquímico que só vai ser inaugurado em 2011”. Eu fiquei pensando, eu falei: “Imagina se a manchete fosse a seguinte: o presidente da UJS anuncia que a sua mulher ficou grávida de um filho que só vai nascer daqui a nove meses”.

Ora, é lógico que um projeto como o Pólo Petroquímico de Itaboraí, no Rio de Janeiro, que vai precisar de 14 bilhões de reais de investimento e que, ao longo do processo de construção vai gerar milhares e milhares de empregos para aquela região mais pobre do Rio de Janeiro – quem conhece São Gonçalo sabe que é muito pobre – que vai ter lá, em São Gonçalo, a construção do maior centro de inteligência para a formação profissional da América Latina, que vai ter um CEFET naquela região, que vamos cuidar da água e do saneamento básico, um pólo petroquímico que vai atrair milhares de pequenas empresas de segunda geração, vai mudar a cara do Rio de Janeiro nos próximos dez anos. E isso tem um dia para começar e um dia para terminar. Não é diferente... Não é uma coisa que eu anuncio hoje e amanhã a fábrica já está... Se Deus me desse esse poder de anunciar a fábrica hoje e amanhã já estivesse produzindo, seria maravilhoso. Não, se eu quiser chupar uma laranja, de um pé, meu, eu tenho que enterrar um pezinho no chão, ter paciência, esperar o tempo e colher. Então, nós estamos colhendo, preparando para colher, preparando para colher uma coisa extraordinária.

E agora entra, Renato, uma coisa que nem discuti contigo ainda, a TV digital. A TV digital vai mudar a história da televisão no Brasil nos próximos dez anos, daqui a algum tempo a gente não vai ter televisão analógica, essa que nós temos agora, vai ser digital, vai ser aquela... Eu vi o jogo em TV digital. Mas aí eu achei que era pouco a TV digital, por que TV digital só? Não. Tinha três modelos disputando o Brasil, ainda estão aí, Estados Unidos, disputando; Europa disputando, Japão disputando. Mandei Celso Amorim, Hélio Costa e Furlan para o Japão e vamos discutir e tal. Agora está vindo uma equipe técnica do Japão, depois vem o Ministro no dia 29, e eles estão se oferecendo



ao Brasil para criar o modelo – que não é o modelo japonês, o modelo europeu – é o modelo nipo-brasileiro de TV digital. Oh, que chique, nipo-brasileiro.

Mas o que nós queremos? Nós queremos convencer a quem quiser fazer parceria conosco que nós não queremos apenas a televisão digital para receber imagem, nós queremos aqui uma fábrica de semicondutores para colocar o Brasil na era da microeletrônica, porque é isso que vai dar valor agregado a este país e essa será a revolução. Então, se quiserem construir conosco, nós estaremos dispostos a participar com as universidades brasileiras que prestaram um trabalho extraordinário, 23 universidades brasileiras participaram de todo o processo, uma coisa extraordinária, e nós estamos prontos aí, prestes, faltam detalhes para a gente poder tomar uma atitude. E tem gente querendo conversar, vamos conversar.

Então, gente, o Brasil está pronto. O Brasil está vivendo um momento que eu diria, é quase... para quem viveu a economia deste país muito tempo, para quem chorou na porta de fábrica às cinco horas da manhã, como eu, muitos anos, por causa do desemprego, para quem ia a uma hora da manhã na porta da Mercedes... o pessoal me chamava de “levanta-moral” porque as empresas mandavam muita gente embora e lá ia o Lula, a uma hora da manhã, às duas horas, fazer assembléia e conversar com os trabalhadores, e chorava todo mundo...

Para quem viveu e vê o momento que nós estamos vivendo aqui, nós estamos vivendo um momento especial. O que é isso? É que as coisas estão plantadas, as coisas já foram adubadas, as coisas estão com solidez. Nós não corremos mais o risco de que uma crisezinha não sei aonde acabe com o Brasil. Não! Nós agora temos café no bule. Eu não vou dizer “bala na agulha” porque não é bom dizer “bala na agulha”, mas nós temos café no bule, agora, nós temos tempo agora.

Então, o que falta? Isso é como um jogo de futebol, falta a gente construir o próximo momento. E a construção desse próximo momento não



pode ser alguém dizer: “Eu quero ser candidato”. Até porque o povo já foi generoso comigo e já me fez presidente da República uma vez. Basta a gente construir: para que a gente precisa de um candidato? O que nós queremos de um candidato, num próximo momento, numa nova etapa? E, aí sim, nós vamos decidir não a candidatura do PT ou a candidatura do PCdoB a candidatura do PSB ou a candidatura não sei de quem. Nós vamos decidir uma candidatura para não permitir mais que este país viva os retrocessos que viveu durante praticamente toda a década de 80 e de 90. E ela não será possível de ser construída sem vocês.

Eu tenho dito, e alguns de vocês têm me ouvido falar, em vários lugares: o maior legado que o pai de vocês pensa em deixar para vocês... se os pais de vocês nunca conversaram com vocês sobre isso, não pensem que eles querem deixar um carro para cada um de vocês, uma casa na praia, de herança, deixar uma casa... não é isso que eles querem deixar. Podem ficar certos que o que faz a mãe de vocês chorarem, o que faz o pai de vocês chorarem e sonharem a vida inteira, é eles sonharem com vocês com um diploma universitário, uma profissão, uma garantia, uma garantia de que essa profissão vai dar para vocês a independência que vocês precisam, sobretudo para a mulher. Ah, como é importante a mulher ter uma profissão, não ficar dependendo do marido, poder comprar suas próprias coisas, poder fazer seus próprios planos.

Uma vez, eu fiquei perguntando: por que em Cuba tinha bastante divórcio? Aí, depois, eu fiquei sabendo: tinha divórcio porque as pessoas tinham independência. Quando as pessoas têm independência, as pessoas não têm medo. A gente vive junto porque ama, porque gosta, no dia em que não ama e não gosta, o que acontece? A gente não é obrigado a viver junto.

Eu acho que, formar vocês, dar uma profissão para vocês, garantir que vocês possam ser profissionais qualificados é garantir que o Brasil possa não jogar fora a oportunidade do século XXI. Já jogamos muitas oportunidades fora. A Europa não jogou o final do século XIX e metade do século XX, os Estados



Unidos aproveitaram o século XX para eles. Agora, a China está aproveitando o século XXI. E nós? Nós vamos ficar parados e olhar? Não. Se a gente não formar mão-de-obra qualificada, nós vamos perder a parada.

Então, é preciso acabar, e está proibido neste governo – vocês podem ter orgulho – está proibido, neste governo, algum ministro dizer que vai gastar dez reais com educação. A gente não gasta com educação, a gente investe em educação, a gente gasta é com cadeia, a gente gasta é com prisão, a gente gasta com coisa que não dá retorno.

Este Brasil que nós queremos construir não será construído se o Brasil for uma ilha e não lembrar que nós temos, de um lado, a Argentina, de outro lado o Uruguai, Paraguai, Colômbia e Equador, Bolívia, Venezuela, Peru, que tem toda a América Central. Se a gente não olhar para os nossos irmãos e falar: Nós queremos ser ricos sozinhos? Não, nós não queremos ser ricos sozinhos, nós queremos que todo mundo – não precisa ser tão rico – mas que todo mundo seja pelo menos bem de vida, que todo mundo possa morar, trabalhar, estudar, ter lazer, ter acesso à cultura. O que mais nós queremos? Nada.

Além disso, a gente quer ter o prazer de ser feliz, de ter uma família harmoniosa. E, aí, Juventude, eu queria pedir para vocês, como eu já sou avô, não se esqueçam: por mais problemas que vocês tenham, cuidem dos pais de vocês, dêem atenção porque, às vezes, o ímpeto da nossa idade não permite que a gente veja o problema que a gente tem dentro de casa e, muitas vezes, por falta de cultura, eles não conversam conosco e nós também não conversamos com eles.

Então, por favor, se nós quisermos construir uma sociedade justa, como todos vocês sonham, começemos a ser justos dentro da nossa casa, com aqueles que nos amam e com aqueles que nós amamos.

Então, meus queridos companheiros, muito obrigado. Que Deus nos abençoe e que permita que a gente possa, daqui a alguns dias, tomar a



decisão que precisamos tomar, com sabedoria, com inteligência, sem criar nenhum problema para quem está preocupado com este Congresso aqui. Isso aqui é um retrato fiel da juventude que nós queremos, para o nosso Brasil. Nós temos milhões e milhões, por aí fora, que podem se espelhar em vocês.

Então, meu querido Gustavo Petta, meus queridos companheiros da União da Juventude Socialista, eu quero terminar dizendo para vocês: muito obrigado por tudo que vocês fizeram comigo e junto comigo, desde 1989.

Muito obrigado, queridos. Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de liberação de recursos do Fundo Nacional de Habitação e
Interesse Social para urbanização de assentamentos**

Olinda-PE, 16 de junho de 2006

Meus queridos e queridas companheiras do estado de Pernambuco,
Minhas queridas e meus queridos companheiros de Olinda, de Recife,
Jaboatão Paulista e das demais cidades em que nós assinamos aqui os
convênios,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro Nelson Machado, ministro da Previdência
Social,

Meu querido companheiro Sérgio Machado Rezende, pernambucano,
ministro da Ciência e Tecnologia,

Meus queridos companheiros Armando Monteiro, Eduardo Campos,
Fernando Ferro, Renildo Calheiros, Humberto Costa, Maurício Rands,

Meu querido companheiro, pai do Armando Monteiro, Armando Monteiro
Filho,

Deputado Inácio Arruda, do Ceará,

Deputado Inocêncio Oliveira,

Minha querida companheira pernambucana de Olinda, presidente da
Caixa Econômica Federal,

Meus caros companheiros e companheiras, prefeitos, Luciana Santos,
de Olinda; João Paulo, de Recife, João Ribeiro Lemos, de Camaragibe; Nilton
Carneiro, de Jaboatão do Guararapes e Yves Ribeiro de Albuquerque, de
Paulista,

Meus companheiros e companheiras líderes da comunidade da região,

Meus amigos e minhas amigas,



Hoje nós viemos fazer duas coisas importantes aqui em Pernambuco. A primeira delas é que nós fomos inaugurar o embrião de um centro de atendimento nacional da Previdência Social, para ver se a gente consegue acabar com as filas do INSS. Aqui, em Pernambuco, vai ter um centro que começou a funcionar, não na totalidade, mas nós pretendemos chegar a 1.300 meninas e meninos para marcar perícia médica e outros benefícios de todo o território nacional.

Se algum metalúrgico de São Bernardo quiser uma informação, ele vai discar o número 135 e vai receber a informação com uma pernambucana ou um pernambucano dando a informação para ele, do Brasil inteiro. Esse número, 135, será o número pelo qual as pessoas deixarão de ir para a fila, é grátis a ligação, portanto, a pessoa não tem que pegar três, quatro ônibus, não tem que chegar quatro horas da manhã, cinco horas da manhã ou, às vezes, meia-noite, para pegar uma simples informação. Ela vai discar 135, vai ter uma voz bonita, de uma menina ou de um menino, com a maior educação do mundo, dizendo aquilo que se tem direito e como é que se deve proceder para que não se sofra nas filas ou nos pontos de ônibus.

Então, eu vim aqui com o Ministro da Previdência inaugurar esse embrião. E, também, vim em Olinda porque eu devia esta visita à Luciana, porque desde que eu virei presidente da República, eu não tinha vindo a Olinda ainda. Então, é minha primeira visita depois de eleito presidente da República.

E o que eu vim fazer aqui? Vejam, o movimento popular conseguiu, depois da Constituição de 88, dar entrada no primeiro projeto de lei de iniciativa popular. Foram milhões e milhões de assinaturas que o movimento colheu na rua e apresentou o Projeto de Lei no Congresso Nacional, criando o Fundo Nacional de Habitação. Esse Fundo Nacional é para cuidar das pessoas mais pobres. Pois bem, demorou 13 anos. No ano passado, finalmente, o Congresso Nacional aprovou o Projeto de Lei que garante o Fundo de Habitação Social.



Pois bem, nós, então, determinamos 1 bilhão de reais para começar esse Fundo. Esse dinheiro está no Orçamento da União. Bem, como é que nós vamos gastar esse dinheiro? Eu acho que de todas as condições de moradias que nós temos no mundo e no Brasil, a pior qualidade de moradia é aquela das pessoas que moram em palafitas, aquelas que moram em condições quase que subumanas, quase competindo com as valetas podres, com a água podre, competindo com tudo que é coisa que não presta.

Aí, meu querido João Paulo, eu me lembrei de Brasília Teimosa, eu me lembrei que, no dia 10 de janeiro de 2003, quando eu tomei posse, vim visitar Brasília Teimosa, e lá nós fomos visitar pessoas que moravam num quarto 3x3. Ali tinha cama, tinha o banheiro, tinha o fogão para cozinhar, ali nascia criança. Eu falei: não é possível. E começamos um projeto para arrumar Brasília Teimosa, ainda falta muito, mas que Brasília Teimosa ficou bonita, ficou. Agora o povo joga bola à noite, lá naquela praia e tal.

Aí eu venho agora visitar o V-8 e o V-9. Eu fiz questão porque também se a gente não toma cuidado, a assessoria da gente pega a gente no avião e coloca no palanque. E eu quis fazer questão de ir lá ver como é que morava o pessoal no V-8 e no V-9. Fui lá e fui conversar com as mulheres, fui ver como é que elas dormem, fui ver a cama, fui ver o chão batido e fui ver a podridão desse canal que a Luciana, se Deus quiser, vai mudar de nome porque não pode ser mais Canal da Malária. Tem que ter um nome mais bonito.

Uma fedentina muito grande, uma podridão, com crianças morando ali, brincando ali, e quando dá enchente, como a da semana passada, a água entra nas casas das pessoas. Eu quero dizer para vocês que eu sei o que é isso, porque não foram poucas as noites em que eu levantei com água batendo na cama, e ter que tirar a minha mãe de cima da cama, ter que levantar o colchão, naquele tempo nem geladeira tinha, era levantar com água batendo nas canelas, depois a água saía pela janela. A maior enchente que eu peguei foi de um metro e meio de água dentro da minha casa, na Vila São José, em



São Caetano. Um metro e meio de água. Era vendo barata passar, rato, fezes, na frente da gente. Somente quem sabe o que é isso é que pode cuidar dessas coisas com um pouco mais de carinho.

Pois bem, eu quero dizer para vocês, então, que nós tomamos a decisão de gastar o dinheiro do Fundo Social de Habitação para enfrentar as palafitas neste país. Essas pessoas que moram nas palafitas têm o direito de deitar e acordar sem medo da enchente, sem medo do rato, sem o mau cheiro de um rio podre ou das fezes passando na porta da casa. As crianças, brincando em esgoto a céu aberto, não é possível! Durante muitos e muitos anos não se investiu em saneamento neste país, porque político, neste país, muitas vezes não gosta de gastar dinheiro em tubo que vai embaixo da terra porque não dá para colocar o nome da mãe, o nome do tio, o nome de um parente para homenagear, e prefere construir ponte e viaduto. E nós achamos que é preciso cuidar da saúde do nosso povo. Cada real que a gente colocar para cuidar de água e saneamento básico, a gente economiza quatro reais na saúde. Aqui tem médico que sabe, tem sanitarista que sabe que a gente gasta muito menos com a saúde se a gente cuidar da água potável, se a gente cuidar do saneamento básico, da coleta de esgoto e do tratamento de água.

Nas casas que eu visitei, eu disse para as mulheres: eu vou voltar aqui sendo presidente ou não sendo presidente, mas eu vou voltar aqui, porque eu quero sentir a alegria dessas pessoas quando não estiverem mais indo dormir com medo de acordar com a água batendo no pé da cama.

Agora, eu queria pedir aos prefeitos, sobretudo você Luciana, João Paulo e os prefeitos, eu queria pedir a assessoria de vocês ao ministro Márcio, à Caixa Econômica. Muitas vezes a gente libera um dinheiro e a gente pensa que a obra já começou. E às vezes a gente passa três meses e a obra não começa. É uma tal de burocracia para cá, burocracia para lá, projeto para lá.

Deixa eu contar uma coisa para vocês, Prefeitos. Quando nós disponibilizamos 884 milhões de reais, eu pedi para o Márcio: Márcio, eu quero



que você convoque todos os prefeitos que têm projeto, tem que ter projeto pronto, projeto para ser executado um mês depois. A grande maioria das prefeituras não tem projeto pronto. Então, às vezes, a gente libera o dinheiro, aí vai fazer o projeto, demora quatro meses, aí vai fazer licitação, demora mais quatro meses e passa um ano, o dinheiro desaparece e a obra não acontece.

Então, eu queria, gente, que nós prestássemos atenção, a gente olhasse na cara dessas mulheres e desses homens que estão aqui, são pessoas pobres, são pessoas que tinham o direito de estar protestando contra nós e são pessoas que estão, aqui, aplaudindo, porque têm esperança de que as coisas vão melhorar. E a gente não pode abusar da boa fé e da crença desse povo a vida inteira. Por isso, eu queria pedir aos meus amigos prefeitos, eu aqui não perguntei se o prefeito era do PMDB, do PT, do PL, do PCdoB, para mim não importa a cara do prefeito, importa a cara do povo daquela cidade porque é aí que a gente vai cuidar com muito carinho.

Então, Márcio, eu queria que você acompanhasse como se fosse a casa da tua mãe que estivesse sendo feita, como se fosse a casa da tua filha. Acompanhasse para a gente ver essas coisas funcionarem, porque se essas coisas funcionarem, a gente vai perceber que o dinheiro vai render mais, a gente vai perceber que o povo vai ter mais saúde, vai ter mais condições de vida e a gente vai, então, saber que vale a pena governar.

Por isso é que eu vim a Pernambuco hoje. Diferentemente daqui, hoje é feriado em todo o Brasil, porque ontem foi feriado, vocês trocaram pelo São João, mas no Brasil inteiro a gente comemorou ontem o feriado. Então, eu fiz questão de vir aqui, nesta sexta-feira, larguei minha família em casa e disse: eu vou lá, porque acabar com as palafitas é um sonho, é um desejo, e nós vamos concretizá-lo. São 884 milhões para a gente fazer isso.

E agora, João Paulo, nós apanhamos em Brasília Teimosa, demorou muito e eu sei que as coisas são assim, mas nós precisamos não deixar



demorar mais. A gente agora tem que tentar derrubar os obstáculos, as burocracias, porque é uma desgraça.

Eu quero terminar dizendo a vocês que nós estamos vivendo um momento especial no Brasil. Esta semana, João Paulo, as manchetes dos jornais eram de que a distribuição de renda para os pobres era maior do que o PIB chinês, porque pela primeira vez esse povo está comendo, os pobres estão tomando café, almoçando e jantando.

Pela primeira vez o povo está percebendo que as coisas nos supermercados estão mais baratas, as pessoas estão percebendo que até material de construção está mais barato, as pessoas estão começando a perceber que o Brasil está chegando a eles, o Brasil não é apenas para quem vive em Brasília, para quem vive no centro de Recife ou no centro do Rio de Janeiro ou no centro de São Paulo, o Brasil tem que ser para as mulheres pobres e para os homens pobres deste país, as crianças, sobretudo os filhos dos pobres, que têm direito à escola e vocês estão percebendo que, por conta disso, tem gente nervosa.

Todo dia aparece alguém para me agredir. Possivelmente porque essas pessoas estão perguntando assim: “puxa vida, nós estamos governando o país desde que Cabral pôs os pés aqui e nós não conseguimos fazer, porque esse metalúrgico está fazendo?” Esse metalúrgico está fazendo porque tem uma coisa que eles não têm, esse metalúrgico tem caráter, esse metalúrgico só é o que é, não é pela quantidade de diplomas que tem ou pelo apoio da elite política brasileira, é pelo sentimento e pela alma do povo deste país. A eles, que vivem transmitindo ódio todo dia, a eles que vivem transmitindo inveja e preconceito todo dia, eu não quero dedicar um minuto, mas certamente quero dedicar a vida inteira para ajudar o povo pobre deste país a viver com dignidade e a viver com decência.

As respostas que nós temos que dar para esses que transmitem ódio todo dia é transmitir mais carinho, é trabalhar mais, é a gente mostrar mais



amor com o povo deste país, é a gente mostrar mais alegria, porque, na verdade, o que eles estão torcendo é que a gente fique nervoso e faça o jogo rasteiro que estão fazendo. E eu não vou fazer porque o povo não merece isso, o povo merece respeito, o povo merece ser tratado com dignidade, e é por isso que eu estou aqui hoje. Onde eles estão? Eu estou aqui no meio de vocês.

Muito obrigado, que Deus abençoe cada um de vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia alusiva ao atendimento de 3,3 milhões de pessoas no Programa
Luz para Todos**

Santo Estevão-BA, 19 de junho de 2006

Meus queridos e queridas amigas e amigos do município de Santo Estevão,

Meu querido companheiro Waldir Pires, ministro da Defesa,

Meu companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, ex-ministro do meu governo,

Deputada federal Alice Portugal,

Deputados federais Josias Gomes, Luiz Carreira, Nelson Pellegrino, Zézeu Ribeiro, Walter Pinheiro e Luiz Alberto,

Meu querido companheiro Dom Itamar Vian, arcebispo de Feira de Santana,

Meu caro Nelson Rubner, secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia,

Meu caro Orlando Santiago, prefeito de Santo Estevão,

Vereador José Ademir Moraes Santiago, presidente da Câmara de Vereadores,

Deputados estaduais Tarcízio Pimenta e Zé Neto,

Senhores prefeitos José Carlos, de São Gonçalo dos Campos; Joederval, de Rafael Jambeiro; Maria Angélica, de Antônio Cardoso; Reinaldo Andrade, de Itatim; Luiz Carlos Cardoso Silva, Matuípe,

Senhor Dilton da Conti Oliveira, presidente da Chesf,

Senhor Moisés Afonso Sales Filho, diretor-presidente da Coelba,

Senhor Marcelo Maia de Azevedo Correia, diretor-presidente da Neo Energia,



Minhas amigas e meus amigos,
Meus companheiros de Feira de Santana,

Na verdade, eu fico pensando, não nas pessoas que estão aqui, que já têm luz na sua cidade, na sua vila e na sua casa. Mas, daqui a pouco eu vou sair de carro e vou a uma casa, que nunca teve luz, para acender um bico de luz. Na verdade, eu não vou acender, eu vou acender o disjuntor e vou deixar a mulher ligar a luz na casa dela, porque quem nunca morou na base do candeeiro, não sabe o valor que tem a energia elétrica.

Só para vocês terem dimensão, eu queria, sobretudo, que a imprensa registrasse uma coisa que eu pensei que o meu ministro ia falar e não falou. O Programa Luz para Todos está gerando, neste momento, no Brasil inteiro, 90 mil empregos. São quase 5 mil frentes de trabalho no Brasil inteiro, andando nos lugares mais distantes do país, colocando luz elétrica. Só para vocês terem dimensão, sabem quanto de fio já foi colocado? 260 mil quilômetros de fios. Isso significa que esse fio todo que nós colocamos até agora daria para dar seis voltas no planeta terra.

Até agora foram 1 milhão e 300 mil postes que nós já colocamos no interior deste país. Até agora já foram 209 mil transformadores que nós colocamos por esse país afora. Cada ligação custa, em média, no Brasil, 5 mil reais, totalmente gratuita para quem recebe o programa Luz para Todos. Na Bahia, em média, está custando 5 mil e 300 reais e, aqui, em Santo Estevão, está custando 3 mil e 900 reais, totalmente gratuito para as pessoas que vão receber. E o companheiro que levantou a placa ali, logo, logo, procure a Coelba aqui, a Chesf, que eles vão ter que colocar luz na tua casa e na casa de seus companheiros, porque nós queremos assumir o compromisso de, até 2008, não ter uma única casa no interior deste país sem luz elétrica. Lógico que pode ter, sempre vai ter uma casa que não tem e, quando não tiver, vai ficar mais fácil colocar em uma do que colocar para 5 ou 6 milhões de pessoas.



Pois bem, no Brasil, até agora, nós já investimos 5 bilhões e 900 milhões de reais. Aqui na Bahia, ao todo, foram investidos, até agora, 629 milhões de reais. O governo federal colocou 346 milhões, o governo estadual colocou 189 milhões, a Coelba e a Sulgipe colocaram 94 milhões, e aqui, em Santo Estevão, tudo isso custou 2 milhões e 200 mil reais nas comunidades onde nós vamos agora inaugurar o Luz para Todos.

Bem, nós vamos ter que fazer muita coisa ainda neste país, afinal de contas, 500 anos de esquecimento não serão resolvidos em quatro, cinco, seis ou nove anos. Quinhentos anos para ser recuperados precisam de muitos anos, de muito trabalho para a gente recuperar. Hoje nós estamos trazendo para duas mil e 790 pessoas, de 29 comunidades rurais de Santo Estevão, e essa luz vocês sabem o que significa. Quando você leva luz na casa de uma pessoa, você está tirando essa pessoa das trevas e colocando essa pessoa no mundo mais claro, você está tirando essa pessoa do século XVIII e trazendo para o século XXI, porque depois da luz pode vir uma geladeira, pode vir uma casa de farinha, pode vir um liquidificador, pode vir uma máquina para você tratar melhor o leite, você vai conseguir guardar a carne sem estragar, como hoje estraga em muitos lugares do país, você pode comprar uma máquina para moer a ração do animal, ou seja, na verdade, a vida das pessoas se transforma e se transforma de forma extraordinária.

O exemplo que nós temos visto até agora é quase como se fosse um milagre. Quem já nasceu com luz elétrica em São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro ou aqui mesmo na cidade, pode não ter dimensão do progresso que significa uma luz na casa de uma pessoa. Este programa é um programa feito em parceria com o governo federal e o governo estadual, alguns governos estão contribuindo, dando a sua parte, outros não estão dando, mas, mesmo que não dêem, a gente vai continuar fazendo. Porque, vejam: quando você chega na Presidência da República e você precisa fazer um benefício, você não pergunta se o prefeito é do partido A ou do partido B, se ele é católico ou



evangélico, se ele torce para o Vitória ou para o Bahia, a gente não pergunta isso. Até porque o compromisso do prefeito não é comigo, e o meu compromisso não é com ele, o nosso compromisso tem que ser o de melhorar a vida do povo deste país, a vida do povo de Santo Estevão, e é por isso que nós trabalhamos com esse objetivo. E nós achamos que o Brasil precisa passar por uma transformação muito grande.

Eu estou vendo ali a faixa dos professores querendo um piso nacional, esse piso nacional já poderia ter acontecido se o Senado tivesse aprovado o Fundeb, que está lá para ser aprovado desde junho, desde junho do ano passado este projeto foi para o Congresso Nacional, ele poderia estar funcionando desde janeiro, mas não está funcionando, são 4 bilhões e 300 milhões de reais a mais para a educação. Mas, ao invés das pessoas pensarem no povo brasileiro, muitos ficam pensando assim, não todos, alguns: “não, não vamos aprovar, porque se aprovar, isso vai favorecer o governo, então nós temos é que não aprovar”. Isso não me traz prejuízo, porque eu não estou na escola e não vou entrar mais na escola. Isso traz prejuízo para as crianças brasileiras, isso traz prejuízo para os professores brasileiros.

É por isso que nós não podemos pensar pequeno, nós precisamos pensar que este programa Luz para Todos, quando chegar 2008 e nós tivermos atingido a totalidade da população que não tem luz hoje, nós teremos feito uma pequena revolução neste país. Porque no dia de hoje, Prefeito, a hora em que eu acender aquela luz, lá, nós vamos estar atendendo 3 milhões e 300 mil pessoas no país, 3 milhões e 300 mil pessoas serão atendidas quando eu acender aquela luz hoje. E não fizemos mais porque o ministro tem razão, o projeto demorou, o Brasil não estava preparado, a gente não tinha fábrica de poste para produzir os postes em quantidade e a gente queria que os postes da Bahia fossem produzidos na Bahia, a gente queria que os trabalhadores fossem da Bahia e não trabalhadores de outros estados. Porque nós queríamos que as empresas, aqui na Bahia, em Pernambuco, no Rio de



Janeiro, cada uma se desenvolvesse, para que a gente pudesse atender não apenas a demanda, mas pudesse atender a manutenção disso, a orientação das pessoas, porque a gente vai começar com duas tomadas, não é isso? Duas tomadas, mas amanhã o cidadão vai querer uma terceira, vai querer uma quarta, todo mundo quer melhorar de vida, ninguém quer ficar estagnado, ninguém quer ficar parado, as pessoas querem crescer. Então, nós precisamos de mão-de-obra qualificada, estruturada em cada estado.

Este Programa, na verdade, está completando 18 meses hoje, Waldir, 18 meses de funcionamento, e já atendemos 3 milhões e 300 mil pessoas. E, certamente, a partir de agora, nós temos chance de, a cada seis meses, atender o que a gente demorou 18 meses para atender. E vocês sabem que levar luz ao campo é mais difícil, porque as casas são muito longe uma das outras, então você precisa de mais postes, mais fio, mas nós vamos fazer, porque a pessoa que mora no campo tem tanto direito quanto uma pessoa que mora na cidade, a pessoa que mora distante tem tanto interesse quanto qualquer pessoa do país. E essa combinação, mais os investimentos que estamos fazendo em outras áreas, vai permitir que este país, nos próximos anos, transforme-se num país definitivamente de todos.

Eu quero agradecer à Coelba, quero agradecer à Chesf, quero agradecer às empresas que participam deste programa, quero agradecer aos governos dos estados que têm contribuído, quero agradecer ao Ministério de Minas e Energia, porque ele sabe que isso é prioridade. Ou seja, nós haveremos de transformar este país em pouco tempo, fazendo com que, a partir de 2008, todas as pessoas tenham na sua casa um bico de luz. Afinal de contas, se eu posso ver um jogo do Brasil na televisão, porque o companheiro que mora no meio do mato não pode assistir o jogo na televisão? Ele não é menos brasileiro do que eu, ele é tão brasileiro quanto eu e, às vezes, pode entender até mais de futebol do que eu, e pode dar uns palpites, quem sabe, para ajudar o nosso amigo Parreira a fazer o nosso time jogar mais e melhor.



Gente, eu acho que nós precisamos ter um pouco de paciência, porque eu também sou assim, a gente nunca está satisfeito com as coisas. Imagina se todo time conseguisse ganhar de um a zero, seria campeão do mundo, no final. Mas nós, brasileiros, nós somos perfeccionistas, nós ganhamos de um, achamos pouco; ganhamos de dois, achamos pouco; ganhamos de três, achamos pouco. Nós sempre estamos tentando achar um defeito aqui, um defeito acolá para a gente poder justificar que nós conhecemos de futebol.

Eu quero dizer para vocês: eu quero que a seleção jogue bem todo dia e toda hora, mas mesmo que não jogue bem, se ganhar de 1 a 0, gol feito de barriga, já valeu a pena. O que nós precisamos é pensar de forma positiva, para que a gente leve energia positiva para os nossos atletas, para que eles entrem dentro do campo com vontade de ganhar todos os jogos e trazer a Copa do Mundo para nós. E isso eu estou acreditando que vai acontecer. Eu acho que é sempre assim, a gente começa ganhando de 1 a 0, depois já ganhou de 2, na outra a gente pode ganhar de 3, é assim que vai melhorando as coisas, não dá para fazer tudo de uma vez. Se ganhasse de 10 no primeiro jogo, nós teríamos ganho só 3 pontos, ganhamos de 1 a 0, ganhamos 3 pontos.

Então, gente, eu sonho, não apenas que a gente vai ser campeão do mundo, eu sonho que a gente vai atingir a casa de todos os brasileiros com luz elétrica, eu sonho que o Bolsa Família está trazendo comida para o povo pobre deste país, eu sonho que as nossas crianças vão ter mais escolas. Vocês sabem o que aconteceu com o Pronaf aqui, na Bahia. Nós, praticamente, triplicamos o número de contratos e o número de dinheiro.

Ou seja, aos poucos nós vamos construindo o Brasil que nós sonhamos há muito tempo. O Brasil que o Waldir sonhou, o Brasil que o Itamar sonhou, o Brasil que o Tiradentes sonhou, o Brasil que o Frei Caneca sonhou, ou seja, o Brasil que vocês sonham deixar para os filhos de vocês, porque todos vocês querem deixar para os filhos um mundo melhor do que aquele que vocês



receberam dos seus pais. Esse é o sonho.

Agora, você sabe, companheiro, que eu não posso falar nome de candidato e de candidatura. Não posso, não posso falar, porque tem gente que todo dia entra com um processo contra mim, na Justiça Eleitoral, todo santo dia. Então, eu só quero dizer para vocês: nós não precisamos falar de eleição. Eu estou aqui para inaugurar um programa institucional do governo, e depois é que a gente vai poder conversar sobre isso.

No mais, eu quero agradecer aos prefeitos aqui presentes. Quero agradecer o carinho das mulheres e dos homens que estão aqui. E quero dizer para vocês que, agora, eu vou ter o prazer de ir numa casa de uma camponesa acender o biquinho de luz, para que ela chegue ao século XXI.

Muito obrigado, gente. Que Deus abençoe todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na entrega das instalações do Cefet de Santo Amaro da Purificação

Santo Amaro da Purificação-BA, 19 de junho de 2006

É importante que a gente ouça a nossa diretora do Cefet. Todo mundo sabe que isso aqui era um prédio que estava um pouco esquecido, um pouco abandonado e, numa parceria entre o governo federal e a prefeitura, nós recuperamos esse prédio.

Agora, a partir do dia 1º de agosto, se Deus quiser, porque falta só colocar os móveis em alguns lugares, que já estão licitados e, portanto, o Fernando Haddad, o nosso ministro da Educação, vai ter que ficar junto com a nossa diretora, porque o que nós queremos é que no dia 1º de agosto comecem a funcionar os cursos aqui, na cidade.

Então, vou passar a palavra para a nossa diretora do Cefet, porque ela, mais do que qualquer um de nós, deve estar emocionada. Depois, se quiser falar o nosso prefeito primeiro, pode falar o nosso prefeito, depois o ministro da Educação dá uma palavrinha. E, aí, nós vamos para outra cidade, inaugurar o programa Luz para Todos.

Os meninos e as meninas em idade de fazer curso técnico precisam se inscrever, não sei se já estão inscritos, porque a dona Canô disse que quer se inscrever para fazer um curso.

Olha, eu vou dizer para vocês o seguinte: eu acho que tanto quanto eu vocês acompanham a situação do nosso país há muito tempo. E nós não temos outra alternativa, se nós quisermos fazer com que o Brasil, daqui a alguns anos, seja um país altamente desenvolvido, que tenha o seu povo com uma qualidade de vida melhor, com emprego e com mais salário, a única alternativa é investir em educação.

Não existe, na história da humanidade, nenhum país que se



desenvolveu sem que antes os governantes tivessem feito investimento muito forte em educação. A educação garante que as pessoas tenham acesso ao conhecimento, a uma profissão. Eu digo isso porque foi graças a um curso técnico que fiz, na minha vida, em São Paulo, no Senai, que me permitiu ter um emprego melhor, que me permitiu trabalhar numa empresa grande, que me permitiu ser dirigente sindical e que me permitiu virar presidente da República.

Se a gente não permitir que essas crianças, que esses adolescentes, meninas e meninos, tenham acesso a uma formação profissional, eles nunca serão tratados como cidadãos ou cidadãs de primeira classe. Nunca!

É muito difícil quando saímos para procurar emprego sem profissão. Quando você tem uma carteira profissional, mas você não tem profissão e chega numa empresa para procurar emprego, o empregador pergunta: “o que você sabe fazer?” E você fala: “nada”, simplesmente ele diz para você: “Não estamos precisando, vá embora”.

Mas se você tem uma profissão, mesmo que a fábrica não esteja necessitando daquela mão-de-obra qualificada naquele instante, certamente o empregador vai fazer uma ficha e vai guardar essa ficha porque ele sabe que na primeira oportunidade que precisar, ele vai ter uma pessoa qualificada que pode mandar buscar na sua casa.

E, sobretudo para as mulheres. A mulher, quando tem uma profissão, não fica subordinada à pressão do marido. Uma mulher com uma profissão, tem independência, tem salário, vai ser muito mais livre para viver a sua vida, para discutir com o seu companheiro, para discutir dentro de casa.

Então, nós sabemos que essas coisas são difíceis, não acontecem do dia para a noite, não acontece com a rapidez que nós gostaríamos que acontecesse, mas nós temos que começar agora, porque se a gente não começar agora, essa juventude que hoje a gente diz que vai ser o futuro do país, meninas com 17 anos, meninos com 17 anos, 16, 15, 18, 20 anos, se a gente tiver medo de fazer investimento em educação agora, daqui a 10 anos, o



dinheiro que a gente não gastou numa sala de aula, a gente vai gastar numa cela, na cadeia. O dinheiro com que a gente não teve coragem de contratar um professor e pagar um salário, a gente vai ter que contratar um carcereiro, vai ter que contratar um policial a mais.

Então, eu penso que esse Cefet, aqui, é um exemplo de que não custa caro, é mentira dizer que custa caro, com pouco dinheiro, com um milhão e meio nós reformamos isso aqui, com pouco dinheiro a gente vai manter os professores e vai manter os alunos. E daqui a três, quatro anos, esses jovens formados valerão muito mais do que valem hoje, do ponto de vista profissional. E Santo Amaro crescerá muito mais, porque na hora que aqui tiver mão-de-obra qualificada, empresas vão querer vir para cá, empresas vão querer se instalar, porque quando uma empresa quer fazer um investimento, ela procura mão-de-obra qualificada, ela procura infra-estrutura, energia, estrada para escoar sua produção, e procura mercado para comprar o seu produto. Se a gente oferecer isso, sobretudo a mão-de-obra qualificada, vai ficar muito mais fácil.

Por isso eu queria agradecer ao prefeito o empenho que ele fez, agradecer ao nosso querido Fernando Haddad, ministro da Educação e agradecer, sobretudo, à nossa diretora do Cefet, porque nós achamos que esta cidade, que é uma cidade histórica, que é uma cidade extremamente importante para a cultura deste estado, tem que ter todas as chances que normalmente só eram dadas para as capitais. Todas as universidades ficam nas capitais, todas as escolas técnicas ficam nas capitais, e o povo do interior, às vezes terminava o colégio, terminava o ensino fundamental, e não tinha o que fazer na vida, a cidade não oferece oportunidades, as pessoas vão perambular pelas capitais deste país. E nós achamos que não é a escola, não é o aluno que tem que ficar andando pelo Brasil atrás de uma escola, são os governantes que têm que fazer as escolas onde estão as pessoas que necessitam das escolas.



Por isso, muito obrigado a todos vocês de Santo Amaro, muito obrigado pelo carinho. Eu sei que tem os companheiros para me entregar um abaixo assinado de uma fábrica de papel aí. Onde está o pessoal? Está aqui em cima. Venha cá, meu filho. Essa questão dos anistiados, eu não sei se está no Ministério da Justiça ou se está na Justiça... É um hospital... vamos dar uma olhada... o companheiro estava dizendo que é um hospital aqui, acho que é a Santa Casa que está na iminência... vamos ver. Eu vou parar de falar.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de teste industrial do H-Bio**

Araucária-PR, 20 de junho de 2006

Excelentíssimo senhor Roberto Requião, governador do estado do Paraná,

Excelentíssimo senhor governador Blairo Maggi, governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Embaixador de Camarões,

Embaixador do Gabão,

Embaixador da Venezuela aqui no Brasil,

Minha companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus companheiros ministros Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

Meu caro senador Flávio Arns,

Deputada federal Selma Schons,

Deputados federais Irineu Colombo e Beto Albuquerque,

Meu querido companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Minha companheira Maria das Graças Foster, presidente da BR Distribuidora,

Meu caro Olizandro José Ferreira, prefeito de Araucária,

Meu caro Samek, companheiro presidente de Itaipu,

Deputados estaduais aqui presentes,

Meu caro Hélio Luiz Seidel, presidente da Federação Única dos Petroleiros,

Meu caro Jefferson Roberto Gomes, pesquisador do projeto H-Bio,



Senhor Emerson de Sousa Teles,
Companheiros diretores da Petrobras,
Companheiros secretários de estado,
Secretários das prefeituras,
Vereadores,
Companheiros petroleiros,
Companheiros do estado do Paraná e companheiras,
Companheiros da imprensa brasileira e estrangeira,

Eu, primeiro, não tenho nada para oferecer ao companheiro Jefferson, mas eu queria que você viesse aqui porque eu não vou te dar um prêmio, eu vou te dar um símbolo. Eu, sozinho, tinha essa bandeira, agora é o Jefferson e eu que temos essa bandeira. Meus parabéns, que Deus te abençoe por este feito. Obviamente, como ele é um engenheiro humilde, ele já disse antecipadamente: “isso não é obra minha, isso é obra minha e de toda uma equipe que produziu.” Mas eu queria, Jefferson, te contar uma pequena história, para você compreender o que você fez.

Eu estou com um discurso escrito. Eu tenho o hábito de começar a falar e esquecer o meu discurso, mas depois eu vou falar o meu discurso. Eu queria que você compreendesse o seguinte: em 1975, na Universidade Federal do Ceará, um cientista chamado Expedito Parente criou o biodiesel. Eu me lembro que passados muitos anos – eu estou falando de 75, eu só cheguei à Presidência em 2003, então já fazia quase 30 anos essa idéia – havia pequenos experimentos. Eu me lembro que um dia me convidaram para ir à porta do Congresso Nacional ver uma maquininha que estava produzindo biodiesel, depois me convidaram para ir a outros lugares visitar pequenas maquininhas tentando produzir o biodiesel. Um belo dia, nós tomamos uma decisão de transformar o biodiesel num combustível de verdade no país. O que eu vou dizer aqui são fatos muito reais, porque as coisas... a gente vê com



muita facilidade quando a gente entra no teatro e a orquestra toca naquela harmonia fabulosa. A gente não leva em conta quantas horas eles tiveram de ensaio, não leva em conta quantas vezes o violino número um errou e o maestro precisou corrigir, até que a orquestra pudesse fazer o seu espetáculo.

Para nós chegarmos ao dia de hoje houve problemas. Houve problemas dentro do governo, houve problemas de falta de compreensão de muitos setores da sociedade, a nossa querida Petrobras não estava habituada a trabalhar com coisas que não fosse petróleo, esse é um dado importante. A Petrobras tinha uma certa distância, não por culpa, individualmente, de nenhum companheiro, mas era uma cultura. A Petrobras, afinal de contas, é uma empresa de prospecção e refino de petróleo, ela não estava habituada a outra coisa. Qualquer outra coisa parecia estranha à Petrobras.

Isso acontece na nossa vida cotidiana também. Nós temos medo do novo, nós não gostamos de fazer alguma coisa que pareça novo, que pareça que não vai dar certo. Eu me lembro que não foram poucos os presidentes que passaram por este país que afirmavam que a Petrobras era uma “caixa preta”, praticamente uma coisa indesvendável. E o que nós estamos provando neste momento? Primeiro, que a Petrobras tem uma equipe de técnicos e funcionários da melhor qualidade que sabem que, antes de qualquer coisa, a Petrobras é uma empresa de coração e de confiança nacional e, portanto, tem que fazer as coisas pensando no Brasil e não apenas na própria Petrobras.

Segundo, a Petrobras, quando nós decidimos fazer o biodiesel, e decidimos fazê-lo dando prioridade à chamada agricultura familiar, porque ele foi pensado, inclusive, com um selo social para quem compra os produtos agrícolas da agricultura familiar... não que a gente não queira utilizar a agricultura empresarial, porque na medida em que nós começarmos a produzir em escala, na medida em que a gente tiver que atender uma parte do mundo, nós vamos ter que utilizar toda a soja que o Blairo Maggi planta no Mato Grosso, mais a que o Requião diz que não quer, que é transgênica, mais a do



Riggotto. Nós vamos utilizar toda a soja disponível, sem perder de vista que nós temos que priorizar o alimento do nosso povo, a ração animal. Mas nós temos muita oleaginosa. Nós temos o dendê, nós temos o caroço do algodão, nós temos o girassol, nós temos o pinhão manso, nós temos a soja, nós temos a mamona e vai por aí afora, procurando coisas com que nós poderemos produzir o biodiesel.

Bem, então nós decidimos fazer. Fizemos um marco regulatório, mandamos para o Congresso Nacional, demorou praticamente um ano para ser aprovado. Foi aprovado. Faz 18 meses que nós estamos vendo essa criança ganhar pernas. Depois, tentamos fazer com que a Petrobras assumisse o compromisso de comprar, porque era um produto novo e tinha que ter o braço do Estado. A Petrobras fica sempre naquela: “não, porque o nosso negócio é petróleo”, aquela coisa toda. Bem, a Petrobras então resolveu assumir de corpo e alma, graças ao presidente da Petrobras, graças a companheiras como a Graça mas, sobretudo, uma homenagem a uma companheira de valor incomensurável nesse processo todo, que é essa moça que falou aqui com vocês, a nossa companheira Dilma Rousseff.

Eu sou companheiro do José Sérgio Gabrielli desde 1980. Vocês sabem que é difícil companheiro brigar com companheiro. Então, quando preciso enquadrar o José Sérgio, eu peço para a Dilma enquadrá-lo. Primeiro, porque a mulher leva vantagem, o homem nunca vai ser indelicado, só alguns, mas a maioria é sempre mais delicada no trato... então, eu acho que a Dilma tem muito a ver com o sucesso desse programa, porque ela acreditou. Depois a Petrobras teve um probleminha: “o leilão, eu não vou participar disso, tal”. A Petrobras entrou no leilão. Quando a Petrobras entrou no leilão, nos deu a tranqüilidade de dizer o seguinte: agora é para valer. E um belo dia, eu estava conversando com o José Sérgio Gabrielli, a Dilma, o ministro Silas e outros companheiros da Petrobrás que estavam lá e, de repente, o José Sérgio falou assim para mim: “Presidente, o senhor vai ter uma surpresa”. Qual é a



surpresa? É que esse processo todo de biodiesel que faz a transesterificação – essa palavra eu demorei para aprender a falar, porque eu tenho a língua presa, mas agora sai com a maior facilidade: transesterificação – ele falou: “Presidente, nós vamos agora acabar um pouco com isso porque agora nós fizemos uma pesquisa, fizemos um teste e deu certo, nós misturamos o óleo vegetal diretamente no óleo diesel, refinamos e deu um óleo diesel de melhor qualidade do que o diesel que até então nós produzimos no Brasil, que tem muito enxofre e não é de muita qualidade.”

Pois bem, a partir daí eu tive consciência de que nós estávamos fazendo uma revolução. Uma revolução, possivelmente, ainda não compreendida com a dimensão que ela tem que ter porque o mundo já teve muitas guerras por causa de petróleo, muitos países já foram invadidos, muitas mortes já aconteceram na história do Planeta por conta de energia, já teve guerras e mais guerras. Hoje o preço está, eu diria, asfixiante para os países mais pobres, para os mais ricos o preço não é grande problema, mas para os países pobres continua sendo um problema. Eu ouvia dizer há muito tempo: “vai ter carro elétrico, vai ter carro a hidrogênio, vai ter carro...” cada um inventava alguma coisa.

Nós, brasileiros, não precisamos fazer nenhuma guerra, não precisamos ofender ninguém, não criamos um único caso, apenas colocamos a nossa inteligência para trabalhar, foi trabalhando, trabalhando, e hoje eu posso, sem nenhuma (inaudível) afirmar, meu caro Jefferson, que o que vocês fizeram na Petrobras é uma revolução de grandeza incomensurável para o século XXI, na área de combustível.

Esta bandeirinha foi a primeira homenagem humilde minha, porque não tinha nada para te oferecer, a não ser o meu carinho e o meu reconhecimento. Mas, certamente, a Petrobras tratará... você não foi para a lua, você não foi para o espaço, você não virou astronauta, mas você conseguiu fazer pelo



menos o Presidente voar um pouco de alegria com esse projeto da transesterificação. Por isso, meus agradecimentos e meus parabéns.

Bem, dito isto, eu queria dizer para vocês que nós estamos vivendo um momento interessante no Brasil. Eu sempre faço comparação da política com o futebol, porque é a coisa que o povo mais entende. Nós, muitas vezes, somos exigentes demais, eu nunca vi um povo mais exigente do que nós. A nossa seleção ganhou de 1x0, ganhou de 2x0, mas nós não nos contentamos, nós queríamos é que ganhasse de seis, sete, nós queríamos que todos os jogadores marcassem três, quatro gols. Imaginem quantos países do mundo estavam torcendo para ganhar de 1x0 magrinho. Nós ganhamos e ainda estamos insatisfeitos porque nós queremos mais. Eu digo sempre que sou daqueles que acham que mesmo que seja de 1x0, o importante é que a gente ganhe todas até chegar à final. Isso é que nem eleger deputado. Tem deputado que tem um milhão de votos, outro tem dois votos, quando chega no Congresso Nacional ninguém se lembra que alguém teve um milhão, o voto dele é um cada um, cada um vale um voto.

Pois bem, o que nós estamos fazendo neste país, neste momento, eu diria que é um momento meio mágico para a cultura brasileira, porque quando nós cobramos muito de nós mesmos, nós nos esquecemos que este país passou praticamente vinte anos estagnado. Muitas vezes nós não nos lembramos que este país teve uma década em que eu fui um dirigente sindical muito importante neste país, modéstia à parte, no tempo em que o Prefeito de Araucária também era dirigente sindical. E eu passei quinze anos da minha vida, quinze anos, indo na porta de fábrica chorar porque os trabalhadores eram mandados embora da fábrica. Fiz as maiores greves deste país e não ganhei 1% de aumento real de salário. Voltava para trabalhar e quando o empresário fazia concessão de negociar o pagamento dos dias, eu ainda achava que era vitória.

Agora, faz 43 meses que o emprego cresce de forma consecutiva neste



país, empregos com carteira profissional assinada. Faz três anos que os dirigentes sindicais brasileiros, mesmo aqueles mais pelegos, que não estavam acostumados a lutar, fazem acordo tendo ganho real de salário, com aumento acima da inflação. É por isso que as pessoas começam a perceber que alguma coisa começou a mudar neste país. É como se fosse uma orquestra, primeiro você afina, que é a harmonia, depois as coisas começam a acontecer sem precisar fazer muito barulho.

Essa data de hoje, eu quero dizer para o Requião, que a minha vinda aqui, hoje, é uma homenagem não apenas a você, enquanto governador, mas ao povo do Paraná, porque a refinaria de Belo Horizonte estava pronta para fazer isso, e nós atrasamos 20 dias para fazer aqui. Porque o Paraná é um grande produtor de soja e nós achávamos que era preciso dar esse sinal de que mesmo os produtores de soja vão ter, daqui a algum tempo, o mesmo equilíbrio, Blairo, que tem hoje o produtor de cana.

Na hora em que a gente transformou o álcool em combustível, e não apenas numa commodities, e o álcool passa a ser uma coisa vista pelo mundo como uma alternativa de combustível para tornar a gasolina menos poluente, para tornar a atmosfera menos poluída, o que acontece, na verdade? Você tem, primeiro, o álcool que você pode produzir para combustível, você pode produzir o açúcar, você mantém um certo equilíbrio no mercado. A soja não, a soja nós somos vítimas dela, quando nós produzimos soja em excesso, o preço despenca no mercado internacional, se a gente produz e outros países produtores produzem mais, desgraçou mais ainda.

Agora, com a possibilidade de introduzirmos a soja no H-Bio, você pode ter um mercado regulador. Se o preço não for conveniente, nós metemos para fazer H-Bio, se for conveniente, nós vamos ter quota para poder garantir, porque quando se trata de combustível, é uma coisa extremamente séria, e nós não poderemos brincar. Quando nós avisarmos que vai ter determinado tipo de combustível, ele tem que estar no posto de gasolina, nós não podemos



anunciar e depois não ter. Então, eu acredito que nos próximos cinco ou dez anos, o mundo, não a Venezuela, que não precisa porque tem muito petróleo, mas o Brasil.

O Brasil este ano teve uma coisa fantástica, gente. Vejam, primeiro nós inauguramos a P-50 que significou a auto-suficiência do petróleo, depois nós estamos, aqui, anunciando definitivamente o processo do H-Bio. E o biodiesel continua. Nenhum pequeno produtor vai sofrer nenhum problema por causa do H-Bio, porque também no H-Bio vai ser introduzido os 2% de biodiesel que estavam previstos no óleo diesel. Esse programa tem todas as funções de combustível, nós queremos que todo mundo possa participar, mas ele tem uma parte que é a sua função social, é resolver o problema dos lugares mais pobres deste país, sobretudo a região do semi-árido nordestino, o Vale do Jequitinhonha, em Minas gerais, porque nós temos que dar uma mão.

Pois bem, não faz mais que 30 dias eu conversei com o primeiro-ministro Tony Blair, conversei com a primeira-ministra Ângela Merkel, conversei com o presidente Chirac, ontem pela manhã conversei com o presidente Bush, e para todos eles com quem conversei, qualquer que seja o assunto, eu introduzo o biodiesel e introduzo o H-Bio. Por quê? Porque o Brasil, nesta área, já somos campeões na produção de etanol, já temos tecnologia e ninguém tem condições de competir conosco. Os Estados Unidos produzem etanol de milho, que fica muito mais caro do que o nosso, o milho poderíamos dar para as nossas galinhas comerem, e a gente produzir da cana e ainda utilizar o bagaço para produzir energia elétrica, ou seja, prestem atenção no que eu estou falando, eu, com 60 anos, possivelmente tenha, geneticamente, mais 15 anos de vida, mais 10, mais 20, sei lá, também se for para ficar carcomido não interessa. Só se eu estiver bem assim. Mas eu quero lembrar, sobretudo à juventude, vocês vão ter que lembrar esse dia de hoje, daqui a 10 ou 15 anos. O Brasil irá se transformar no país mais importante quando se trata de energia renovável. Ninguém vai poder competir com o nosso país. E aí um engenheiro



simples, da Petrobras, da mesma forma que um pesquisador como o Expedito Parente, vão ser lembrados no mundo inteiro como os homens que criaram uma coisa extraordinária para o futuro da humanidade.

A gente apresenta um combustível que gera mais emprego, menos poluente, menos fumacento, não vai criar nenhum macrodomo de poluição em cima da cidade de Curitiba. E a gente vai poder ter um combustível que gera emprego, a gente vai poder dizer, o Blairo vai dizer para os trabalhadores dele: “olha, meus companheiros, agora vocês vão plantar petróleo.” Aí o cara vai plantar soja. Lá no Nordeste os meus conterrâneos vão dizer: “Ah, vamos plantar um pouquinho de petróleo? Vamos plantar uma mamona.” Lá no Amazonas: “vamos plantar um pouquinho de petróleo? Vai plantar um dendê.” Minas Gerais: “vamos plantar um girassol.” Então, ao invés da gente ficar cavando a três mil metros de profundidade, depois de dois mil metro de lâmina de água, a gente vai cavar uma covinha, vai plantar uma semente e depois de um tempo a gente vai levantar a mão e vai tirar uma parte do combustível que este país precisa. É um momento mágico para a Petrobras, é um momento mágico para o nosso país e nós precisamos aprender a tirar proveito disso.

Eu, em cada lugar que eu vou, quem quiser conversar comigo de outro assunto, pode conversar. Eu me lembro como se fosse hoje do dia 10 de dezembro de 2002, quando eu fui aos Estados Unidos a convite do presidente Bush. Ele estava muito irritado, estava muito angustiado, o 11 de setembro tinha marcado profundamente o povo americano, a luta contra o terrorismo é quase que uma obsessão, e ele falava sem parar, para mim, da guerra do Iraque e do terrorismo e que precisava derrubar o governo. Eu dizia: Presidente, o meu problema não é esse, o meu problema é enfrentar a fome no meu país, enfrentar a miséria no Brasil, essa é a guerra que nós queremos fazer.

Então, vejam, o país é auto-suficiente em petróleo, plataforma que era impossível de construir no Brasil, está sendo construída no Brasil; navios, o



que parecia ser impossível, voltaram a ser produzidos aqui. Esta semana, na próxima semana, vamos anunciar 26 novos navios contratados pela Petrobras e, quem sabe, teremos estaleiros com a Argentina, com a Venezuela.

Outra coisa importante, que eu acho que é preciso lembrar aqui: fazia 20 anos que este país não tinha uma nova refinaria. E eu me lembro, não era o José Sérgio Gabrielli ainda, ele era diretor financeiro. Eu me lembro que o meu amigo José Eduardo Dutra dizia assim para mim: “Presidente, nós não precisamos de outra refinaria, nós vamos gastar 1 bilhão e não sei quanto na refinaria do Paraná, nós vamos gastar 900 milhões na refinaria do Rio Grande do Sul, nós vamos gastar não sei quantos milhões na Replan, em Paulínia, em São Paulo, vamos gastar não sei quanto na refinaria em Mauá, vamos gastar não sei quanto na Reduc, no Rio de Janeiro, nós não precisamos de uma nova refinaria. Eu disse ao José Eduardo: é bem possível que pesando do ponto de vista eminentemente empresarial, a Petrobras chegue à conclusão de que não precisa de refinaria, mas vocês não se esqueçam que o governo é acionista majoritário na Petrobras e, portanto, nós precisamos de uma refinaria no Nordeste brasileiro e vamos fazer. E está anunciada a refinaria numa parceria com o presidente Hugo Chávez, da Venezuela, PDVSA e Petrobras estão namorando, são duas empresas muito importantes, logo, logo chegarão a um acordo e nós teremos mais uma refinaria no nosso Nordeste brasileiro.

Mas não é só isso, de vez em quando a gente vai falando o que a gente quer para o futuro sem lembrar o que estamos fazendo no presente. Eu fui, sexta-feira, anunciar um projeto no Rio de Janeiro, governador Requião, um projeto de um pólo petroquímico de 14 bilhões de reais, que estará inaugurado em 2011. Um pólo petroquímico que vai gerar, no processo de sua construção, mais de 270 mil empregos e, possivelmente, 400 mil empregos quando as empresas de segunda geração estiverem lá.

Eu fui, há 15 dias, anunciar a Transnordestina, uma ferrovia de 1.860 quilômetros e 4 bilhões e meio de reais de investimento, financiada pelo



BNDES e por outras instituições financeiras. Nós fomos anunciar o Pólo Siderúrgico no Porto de Pecém, em Fortaleza. E por que estamos tentando descentralizar o desenvolvimento do Brasil? É porque o Brasil precisa ficar mais equânime, o Brasil precisa ficar um pouco mais justo, você não pode ter uma parte do Brasil pobre e a outra parte menos pobre, é preciso que a gente seja mais ou menos desenvolvido em todo o território nacional. O Programa de Biodiesel é pensado para isso, mas eu queria dizer uma outra novidade para vocês.

Agora, estamos numa discussão maluca que eu não sei se todo mundo compreende, que é a TV Digital. Aliás, eu vi um jogo do Brasil na TV Digital. É de qualidade. A TV Digital é o que tem de mais alta definição na transmissão da televisão. Essa televisão analógica, daqui a alguns anos não vai ter mais essa que nós temos hoje, vai ser só digital. Pois bem, então vamos fazer, mas por que fazer só TV Digital? Por que não discutirmos que o Brasil quer um pouco mais? Aí, fomos procurar parceiros. Americanos tinham interesse, europeus tinham interesse, japoneses tinham o modelo. Fomos pesquisar, fomos visitar, mandamos ministros para o Japão, para a Europa, para todo o mundo e tal. Agora, estamos próximos de concluir, não está concluído ainda, mas há uma oferta da construção de um programa, chamado programa Nipo-Brasileiro de TV Digital.

Estamos nos reunindo com empresários esta semana, com ministros japoneses. Se isso der certo, nós não vamos apenas ter a TV Digital no Brasil, nós vamos ter uma fábrica de semicondutores no Brasil, o que significa o Brasil adentrar o mundo da eletrônica; o que significa, ao invés de a gente exportar minério de ferro a um precinho barato e comprar um chip deste tamanho a um preço deste tamanho, nós vamos começar a produzir essas coisas mais sofisticadas no Brasil. E o Brasil vai dando os passos para entrar definitivamente na era de um país, não em desenvolvimento, porque nós já estamos cansados... Metade da minha vida o Brasil era subdesenvolvido, a



outra metade era Terceiro Mundo, agora estamos em vias de desenvolvimento. Está na hora de a gente dar um salto de qualidade e se transformar num país produtivo e num país desenvolvido.

O Brasil está caminhando para isso. Este sinal que a Petrobras dá hoje é uma demonstração de que as coisas estão acontecendo e vão acontecer com muito mais força e quando menos a gente esperar vão se abrir as cortinas e a gente vai perceber que o Brasil mudou de patamar. O Brasil mudou de patamar e só não enxerga quem não quer ver. Eu me lembro que quando eu ganhei as eleições o Brasil era obrigado a vender dólar para poder baratear o preço do dólar. Hoje, nós compramos para poder encarecer um pouco o dólar.

O Brasil vivia com o seu ministro da Fazenda correndo para Washington todo final de ano para poder fechar as contas aqui. Hoje, nós devolvemos ao FMI, não pagamos, nós devolvemos ao FMI 15 bilhões e 600 milhões que estavam aí e que a gente estava pagando juros. Não queremos mais o FMI, não queremos mais o Clube de Paris, nós só queremos dizer ao mundo uma coisa que todo mundo gosta de dizer. Nós só queremos dizer ao mundo: olha, o Brasil é uma nação grande e nós não temos que depender de favor. Nós temos que dizer a todo mundo que queira ouvir: nós só queremos ser respeitados, nós só queremos ser tratados como eles querem ser tratados. Agora, a verdade é que ninguém respeita quem não se respeita, eu tenho que me respeitar em primeiro lugar. E durante muitos anos este país não se respeitou, durante muitos anos este país andou de cabeça baixa. Eu digo sempre o seguinte: respeito é bom, eu gosto de dar e muito mais de receber.

Meus parabéns, Petrobras, pelo respeito que conquistou no mundo do combustível neste momento histórico.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Usina de Biodiesel
BSBios**

Passo Fundo-RS, 20 de junho de 2006

Meu caro Germano Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário – não é interino, é ministro, não é ministro interino,

Meus caros companheiros ex-ministros e ex-governador do estado, Olívio Dutra,

Meu caro Miguel Rossetto,

Meus companheiros deputados federais, Beto Albuquerque, Adão Pretto, Henrique Fontana, Marco Maia, Orlando Desconsi, Paulo Pimenta, Tarcísio Zimmermann,

Meus companheiros,

Senhor Airton Dipp, nosso querido Dipp, prefeito de Passo Fundo,

Meu caro Antônio Roso, presidente da BSBios

Minha querida companheira Maria das Graças Foster, presidente da Petrobras Distribuidora,

Meus amigos deputados estaduais,

Meu caro Luiz Roberto Ponte, secretário estadual de Desenvolvimento do estado,

Meus companheiros prefeitos aqui presentes,

Professor Luiz Getúlio Soares, Magnífico Reitor da Universidade Federal de Passo Fundo,



E vereador Waldir Mendes, presidente da Câmara de Vereadores, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os vereadores aqui presentes,

Eu penso que, primeiro, é importante que a gente agradeça à BSBios e seus empresários, que são dois empresários da região, pela decisão corajosa de acreditar no Programa do Biodiesel e acreditar que é possível, entrando num mercado muito recente e muito novo, fazer a sua indústria, que já nasce como a maior da América Latina, se transformar não apenas numa indústria capaz de produzir para atender o mercado interno, mas para exportar, porque o biodiesel é um combustível que não interessa apenas ao Brasil, mas interessa ao mundo, que tem que cumprir o Protocolo de Quioto, portanto, tem que poluir menos o Planeta. E ninguém, no mundo, tem capacidade de competir com o Brasil em se tratando de combustível renovável.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é o seguinte: o estado do Rio Grande do Sul, eu, desde a primeira vez que vim aqui, em 1975, recém-eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, e aqui encontrava o recém-eleito presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, o companheiro Olívio Dutra, eu voltei para São Paulo com a impressão de que eu tinha visitado um estado diferenciado.

Este estado é um estado que teve o privilégio de ter acesso à escola acima da média dos outros estados brasileiros. Este estado é um estado em que o povo aprendeu a comer primeiro do que a média do povo brasileiro, a gente vê pela bochecha das crianças, andando pelo estado do Rio Grande do Sul. Este é um estado em que a educação fez a diferença. Este é um estado que teve figuras políticas importantes e, se a gente quiser lembrar a mais importante delas, a gente vai lembrar do Getúlio Vargas, mas poderemos lembrar do Brizola, do João Goulart. É um estado que teve um grau de politização acima da média do país. Portanto, é um estado que também teve uma industrialização muito importante, em momentos em que o Brasil ainda



estava capengando. É um estado que teve uma agricultura muito forte, é um estado que teve uma pecuária muito forte. Mais recentemente, teve a indústria automobilística adentrando esse território.

Mas, muitas vezes, as coisas não acontecem sempre do jeito que a gente gostaria que acontecesse. Eu, durante muito tempo na minha vida, jamais imaginei ouvir falar em seca no Rio Grande do Sul e, de uns tempos para cá, tem dado algumas secas que não são normais que aconteçam num estado extraordinário como este. E a seca tem prejudicado uma parte da fonte de geração de riquezas deste estado e, por que não dizer, do Brasil. Deste estado, por conta da agricultura, e do Brasil, por conta que este estado é um dos maiores produtores de máquinas e implementos agrícolas do país. Ora, na medida em que a gente tem a combinação de seca no nosso país, na medida em que a gente tem uma combinação de superprodução de determinados grãos no mercado mundial, nós sofremos um problema de baixa de preço, e aí muita gente perde.

A agricultura é cíclica, ela tem períodos de extraordinários ganhos e tem períodos de prejuízos. O café, quem não se lembra do que aconteceu com o café durante muito tempo? Eu, por exemplo, quando ganhei a Presidência da República, o café estava 37 dólares a saca. Hoje, a saca já chegou a 130 dólares ou chegou a 97 dólares, numa demonstração de que eu sou otimista com relação ao estado do Rio Grande do Sul, Rigotto, muito otimista. Eu acho que essa crise que o estado está vivendo é uma crise temporária. Não é possível que um estado que tem a mão-de-obra qualificada que tem o Rio Grande do Sul, a capacidade produtiva que tem o Rio Grande do Sul, ora, deixou de vender máquinas porque, na medida em que tem uma crise na agricultura, os agricultores não renovam as suas máquinas? Mas essa crise também não pode durar a vida inteira, essa crise vai terminar.

Ainda esta semana eu tomei um susto, porque me disseram que tinha um problema aqui no Rio Grande do Sul, de energia, porque os lagos estão



vazios, passou muito tempo sem chover. E nós assumimos um compromisso de não permitir que tivesse mais “apagão” aqui e em nenhum lugar do Brasil. Porque, graças à competência da ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, e do nosso atual ministro, Silas Rondeau, nós estamos concluindo, em sete anos, tudo o que foi feito em 122 anos, em linhas de transmissões, nós estamos fazendo 22% em apenas 7 anos, tentando interligar todo o sistema brasileiro. Porque, se tiver problema de energia aqui, nós vamos ter que transportar energia de outros lugares do Brasil para trazer para cá, para a gente não permitir que este estado sofra mais um problema, além da seca que já sofreu, além dos problemas em alguns setores da indústria. Como Deus, segundo a música do nosso querido Luan, é gaúcho, as nuvens estão se preparando para chover e encher os nossos lagos, melhorar a nossa produção agrícola. E dizer, Rigotto, que, se Deus quiser, o ano que vem o Rio Grande do Sul não terá nenhuma urucubaca de chuva, de sol, ou seja, vai ser um estado que vai crescer de forma extraordinária.

A segunda coisa que eu acho importante a gente ter em conta, estes dias eu fui a São Paulo e os trabalhadores metalúrgicos da GM me procuraram para me entregar uma carta, porque a GM estava mandando embora mil metalúrgicos em São José dos Campos. Mas, ao mesmo tempo, ela anunciava que ia contratar mil e 300 em Gravataí. Ora, eu, como presidente do Brasil, não posso ficar brigando para a empresa manter aqueles empregados ali, se ela vai levar outros empregados para outra parte do Brasil. Mas eu entendo e acho normal que o dirigente sindical da região, que o prefeito, brigue para o empregado ficar no seu estado. Para mim, se estiver gerando emprego, no Chuí ou Oiapoque, dentro do Brasil, já está ótimo. Agora, sempre é uma preocupação. Esses dias, tivemos problema com a indústria automobilística, discutimos para ver qual a solução que nós tentamos encontrar para ajudar a resolver. E a nós preocupa a questão da indústria de máquinas no estado do Rio Grande do Sul. Nós já orientamos o nosso Ministro do Desenvolvimento e



Comércio Exterior, a nossa companheira Dilma Rousseff, o Ministro da Fazenda, para que a gente estude uma forma, junto à Camex, junto ao nosso setor exportador, para ver se a gente cria mecanismos próprios de exportação e facilidade em vender essas máquinas para os países vizinhos que precisam que nós... comprar a nossa máquina e que nós, muitas vezes, não vendemos porque os mecanismos de financiamento são complicados, da nossa parte e da parte deles.

Mas tudo o que eu quero e que tenho obsessão, na vida, é que o trabalhador tenha trabalho, porque tendo trabalho ele tem salário, tendo salário ele leva as coisas para casa e tem dignidade, vai ser respeitado pela família, vai respeitar a família e o país vai ficar muito melhor. Eu acho que os companheiros do Rio Grande do Sul precisam compreender que isso é uma crise momentânea. Se tem um estado, no país, que tem estrutura, estrutura intelectual, estrutura profissional, para dar um salto de qualidade e sair disso, é o Rio Grande do Sul.

Portanto, é importante que a gente não permita que a depressão caia sobre ninguém. De vez em quando tem pessoas que não se conformam mesmo com nada, reclamam, mas isso faz parte da vida. Você está vendo um negócio, está cheio de time querendo que o time ganhasse de 1 a 0 ou ganhasse no pênalti, e já estaria feliz. O Brasil já ganhou duas partidas e os brasileiros ainda estão reclamando de que a seleção não está jogando tudo o que sabe, porque nós temos muita expectativa e, muitas vezes, queremos mais do que o limite da força humana pode fazer naquele determinado momento.

Então, eu acho que é apenas a gente acreditar sempre, todo santo dia, que as coisas podem melhorar, e certamente vão melhorar. Se o Luan, que eu conheci falando rouco, parecia um meninozinho que tinha uma voz bem rouquinha, está com a voz afinada, daqui a pouco ele estará cantando em qualquer lugar deste país. Se deu esse show hoje, significa que todos nós poderemos vencer na vida, também, e o Rio Grande do Sul, mais que todos



nós. Eu estava dizendo para o Luan que ele está melhorando a cada dia. Na primeira vez que ele foi no Raul Gil, eu achei que esse moleque ia ser um grande apresentador de televisão, porque ele falava mais do que o Raul Gil. Mas, agora, ele está se comportando e está aprendendo a cantar, com uma ajudazinha do Dipp, aí, acho que esse menino vai longe, e também na hora que as fãs começarem a comprar o seu disco, viu, Luan? Você precisa vender disco e fazer um showzinho, está bem?

Bem, mas não foi isso que eu vim fazer aqui. Eu vim falar com vocês da minha alegria, muita alegria. O que está acontecendo no Brasil, neste momento, é uma coisa que eu esperei há muito tempo e que, possivelmente, nem todo mundo compreenda, num primeiro momento. Quando nós começamos a discutir o biodiesel, em 2003, o biodiesel foi criado, foi projetado, foi inventado pela primeira vez pelo professor Expedito Parente, da Universidade Federal de Fortaleza. Depois ficou, de 75 até 2003, sendo um projeto, assim, sabe aquele negócio que brasileiro costuma falar: “não, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo”, mas nunca tinham tomado a decisão de transformar o biodiesel em uma fonte energética alternativa para este país.

Eu pedi para a Dilma coordenar um grupo, ela coordenou um grupo com mais de 60 empresários, trabalhadores, técnicos em ciência e tecnologia e, em 2004, terminaram o projeto. Nós começamos a fazer o marco regulatório, fazer todas as leis possíveis que tinham que ser feitas, o Congresso Nacional prestou um serviço extraordinário, porque aprovou. E nós estamos, há pouco tempo, produzindo biodiesel. O biodiesel, ele vai ter para o Brasil um efeito, na minha opinião, Governador, maior do que teve o Proálcool. O Proálcool também surgiu de uma crise, muita gente pensa que se inventou o Proálcool porque se inventou. Não. No tempo em que se inventou o Proálcool, a cana-de-açúcar tinha chegado a 1.200 dólares a tonelada no mercado internacional. Aí, como de hábito, todo mundo planta cana-de-açúcar. No ano seguinte, ela baixou para menos de 200 dólares. E, aí, qual era a pergunta: “o que se vai



fazer com os canaviais?” E, aí, então, introduziu-se a questão do Proálcool que, num primeiro momento, teve muito subsídio do governo. Todos nós, aqui, da nossa geração, em algum momento fomos contra o Proálcool. Todos nós fomos contra, porque dizíamos que ajudava só usineiro e não sei das quantas.

E, hoje, o que que nós estamos vendo? O Proálcool é responsável pela geração de quase 2 milhões de empregos neste país, está exportando mais de 2 bilhões, faz parte do componente energético de combustível para o nosso país. E hoje nós estamos quase que convencendo o mundo inteiro de que o etanol pode ser uma alternativa extraordinária para que os carros transitem pelo mundo afora. Então, o que nós queremos é que o biodiesel se transforme nessa coisa que foi o Proálcool ou um pouco maior.

E o biodiesel, depois que começou a ser plantado no Brasil, tem sempre as pessoas céticas. Eu sempre sonhei que o biodiesel viria resolver um problema crônico nosso, sobretudo na agricultura familiar, para gerar empregos nas regiões mais empobrecidas do país, mas também para a chamada agricultura empresarial. Porque na hora em que a gente começar a produzir biodiesel em escala, começar, ao invés de dois, colocar 10, 15 ou 20% de óleo vegetal junto ao biodiesel, a gente vai então ter uma necessidade de produção excepcional, e haja mamona, haja soja, haja canola, haja dendê, haja caroço de algodão, haja girassol, haja gordura animal, porque pode também, da gordura animal, produzir o biodiesel. Ou seja, nós vamos precisar de muito, não apenas para atender o mercado interno, mas para vender lá fora. O mundo hoje sabe que o Brasil é ponta de lança em política energética renovável, o mundo sabe que o Brasil saiu na frente.

E depois do biodiesel, nós inventamos mais uma coisa, meu caro Olívio, a Petrobras conseguiu criar uma coisa chamada H-bio, que não precisa passar pelo processo de transesterificação pelo qual passa o biodiesel, vai direto na refinaria, refina e já sai o óleo de qualidade. E isso significa que nós nos tornamos pioneiros nisso, patenteados pela Petrobras.



E eu dizia que nós vamos resolver o problema do produtor de soja no Brasil, por quê? Porque na hora em que o preço no mercado internacional tiver baixo, a gente carrega um pouco mais no biodiesel, no H-bio, como disse a Graça, no biorrefino, ou outro nome qualquer que queira inventar, mas com muita seriedade. Porque nós precisamos garantir ao mercado interno, porque na hora em que a gente disser que vai ter aquele combustível, nós temos que garantir que tenha no posto de gasolina. Então isso, Rigotto, significa uma revolução. É uma revolução que, possivelmente, eu que já tenho 60 anos, não vá ver o seu resultado final. Mas, certamente, os meus filhos, os meus netos, os seus filhos, certamente o Luan, vão ver o significado do que vai acontecer com a questão do H-bio, do biodiesel ou do biorrefino que a Graça falou aqui, porque vai ser uma revolução para a agricultura e para a indústria brasileira e para o mundo. O mundo vai ter que ser curvar diante do Brasil quando se tratar, não apenas de futebol ou de carnaval, mas quando se tratar de energia renovável, combustível renovável, porque nós somos extremamente competitivos. Então, eu estou alegre por isso, porque é um filho que nós geramos, a gente está vendo esse moleque ganhar corpo, ficar com a bochechinha rosada, forte, sem nenhum problema de doença.

E quando eu venho aqui neste estado e vejo se instalar uma fábrica, que a gente já poderia estar inaugurando, se não fosse a burocracia de financiamento, já recebi as reclamações aqui, vamos tomar sérias providências, quando o governo quer ser duro com a sua burocracia eu dou para a Dilma resolver, porque ela consegue ser mais dura do que eu, menos política do que eu e mais administradora. Então, nós vamos resolver esse problema, porque este é um programa que o governo convenceu a Petrobras a adotar, porque a Petrobras gosta mesmo é de petróleo, isto é um intruso na vida da Petrobras. E nós convencemos a Petrobras a adotar, nós falamos para Petrobras que não basta ter um filho único, precisa ter dois ou três. Então, ela agora está trabalhando mais na questão do gás, ela agora está trabalhando na



questão do H-bio e assim nós vamos fazer com que o Brasil seja o país mais importante do século XXI. Em se tratando de combustível renovável e de energia renovável, ninguém conseguirá competir com o Brasil.

Então eu quero, Rigotto, dar os parabéns a você, como governador, ao estado do Rio Grande do Sul. Quero dizer aos empresários que eu fico gratificado em saber que vocês estão acreditando no projeto e, sobretudo, quero parabenizar os produtores, sejam eles grandes, pequenos ou médios, porque nesta casa chamada Brasil há comida para todos, há espaço para todos. Embora eu diga sempre que a gente tem que privilegiar os mais pobres, não significa que a gente não saiba que aquele que produz mais, aquele que tem mais tecnologia, tem que ter o espaço de sobrevivência. Afinal de contas, não é pelo fato de ele ter mais tecnologia que ele tem que ser prejudicado, ele precisa ser premiado porque investiu em tecnologia. É este país de todos que nós queremos concluir, por isso eu disse que estamos vivendo um momento excepcional e por isso eu disse que estou feliz. Eu sei que tem gente nervosa pelo Brasil afora, tem gente que está brava, não tem problema. Eu, nesta altura, estou fazendo política como o Ronaldinho gaúcho joga bola, com alegria, até porque eu estou nisso porque eu quero, não estou nisso porque fui empurrado. E nós vamos fazer e queremos apresentar resultados. E o resultado dessa pedra fundamental, daqui a um ano, será uma fábrica gerando emprego, gerando produção agrícola, gerando combustível novo, e isso é tudo que o povo brasileiro precisa: paz, tranqüilidade, muita democracia, emprego, educação, distribuição de renda e cultura. Se nós conseguirmos oferecer isso, nós poderemos morrer, que o nosso lugar no céu está garantido.

Muito obrigado a todos vocês e boa sorte ao povo gaúcho e aos empresários.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da Semana Nacional Antidrogas**

Palácio do Planalto, 21 de junho de 2006

Eu prometo que não vai ter discurso aqui, hoje, porque o que eu ia falar, na verdade já foi apresentado no filme.

Eu queria cumprimentar o nosso querido José Alencar, vice-presidente da República,

Queria cumprimentar os embaixadores estrangeiros que estão participando deste evento,

Queria cumprimentar e dar os parabéns ao general Félix, pelo trabalho cumprido de forma extraordinária até agora,

Quero cumprimentar o Orlando, ministro do Esporte, que tem a responsabilidade de ter um programa que envolve 1 milhão e 300 mil jovens e adolescentes,

Quero cumprimentar minha companheira Marisa,

Senador Romeu Tuma,

Deputado Robson Tuma,

Quero cumprimentar o Paulo Roberto Uchôa, nosso general, secretário nacional antidrogas,

Quero cumprimentar o nosso querido professor Carlini,

Quero cumprimentar os membros da Polícia Federal aqui presentes,

Os membros do Ministério Público, do Poder Judiciário,

Quero cumprimentar as escolas que se inscreveram e as pessoas que, individualmente, se inscreveram para participar dos mais diferentes concursos feitos pela Secretaria,

Sobretudo quero cumprimentar as crianças e, certamente, os educadores dessas crianças, que os motivaram a escrever tudo isso,



Eu acho, general Félix e general Uchôa, que parece que nós encontramos o caminho. Certamente que é um caminho muito longo, um caminho que encontraremos muitas barreiras, muitos percalços para vencer, mas eu acho que nós encontramos o caminho. Qual é o caminho? Eu penso que tudo o que nós ouvimos e vimos aqui já está consagrado na cabeça do governo e eu acredito que de uma grande parcela da sociedade brasileira, a definição de que ninguém tem hegemonia para cuidar de um problema dessa magnitude.

Houve um tempo no Brasil em que as coisas andavam menos, porque as pessoas achavam que o seu departamento, a sua instituição, era a única que poderia cuidar de determinado problema. Ora a Polícia achava que era ela quem tinha que cuidar da droga, ora era a Saúde, que se achava única e onipotente para cuidar do problema da droga, ora eram psicólogos, assistentes sociais, ora era a Polícia Militar. E o que nós estamos descobrindo agora? Que o compartilhamento de responsabilidade entre os 190 milhões de brasileiros e, entre eles, as instituições existentes no nosso país, envolvendo, sobretudo, a comunidade, é, possivelmente, o caminho da salvação da lavoura no combate à droga, na recuperação dos drogados, no combate ao narcotráfico, porque senão nós ficamos responsabilizando os outros.

Ora culpa-se o presidente da República, ora culpa-se o delegado-chefe da Polícia Federal, ora culpa-se o ministro da Saúde, ora culpa-se o coordenador da Senad, ora culpa-se o general Félix, em outros tempos culpava-se o Tuma, e assim nós vamos procurando culpados, vamos jogando a responsabilidade, e vamos nos eximindo da nossa responsabilidade de não ter cumprido com o nosso papel no enfrentamento de uma situação tão delicada para o futuro do nosso país.

Nós temos hoje, no Brasil, quase 900 mil jovens envolvidos nos mais diferentes programas. Apareceu no filme que o Félix mostrou ali, no começo,



um jovem dizendo: “olha, a gente acha que a juventude vai à droga porque ela está à procura de alguma coisa”. E é verdade, eu acho que o milagre é a gente despertar na consciência das pessoas que existe algo para ela fazer melhor do que as facilidades que as drogas lhes oferecem momentaneamente. Porque, ou é um momento de fraqueza ou um momento de frustração, ou é um momento de muita pressão da própria situação, não apenas social ou econômica, mas muitas vezes a situação dentro de casa, porque nós estamos sempre procurando o problema, muitas vezes longe de onde ele está. É muito mais fácil culpar o apartamento vizinho, é muito mais fácil culpar os amigos da escola, é muito mais fácil culpar os meninos da outra escola do que a gente olhar para dentro da gente e descobrir que, muitas vezes, nós somos a causa e, ao mesmo tempo, a solução desse grave problema.

Atingindo essa compreensão, formando as pessoas que nós estamos formando, eu, por exemplo, na semana passada fui a São Paulo participar de uma formação de jovens aprendizes contratados pela Petrobras, ao todo serão 70 mil jovens no Brasil. Eu chego quase a duvidar que um jovem que foi contratado pela Petrobras para ser aprendiz, para trabalhar na indústria de petróleo, indústria naval, indústria de gás, numa perspectiva de trabalhar na Petrobras, eu quase chego a duvidar que esse jovem se desviará do seu caminho, porque ele tem uma perspectiva de futuro extraordinária.

Na mesma semana participei, em Santo André, de um encontro com 2 mil jovens que estavam participando do programa Consórcio da Juventude, organizado pelo Ministério do Trabalho. Eu duvido que, com uma perspectiva de futuro embutida na consciência daqueles jovens, eles se desviem para a droga. Então, eu acho que a chave está em oferecer aos nossos adolescentes e às nossas crianças uma perspectiva de que não precisam procurar subterfúgios para sobreviver, que eles não precisam fugir do problema.

O problema, nós só vamos conseguir resolvê-lo, enfrentando de frente, debatendo, o pai conversando com o filho, a mãe conversando com o filho,



discutindo o problema na sua mais pura verdade, e não com meias palavras. E o governo agindo com seriedade, sem querer ser o tutor. O governo tem que ser apenas o indutor, o animador, aquele que pode, pela estrutura do estado, organizar as coisas, mas permitir que a sabedoria da sociedade flua com nitidez, com limpidez, para que a gente possa encontrar uma solução. De um lado para combater o narcotráfico, de outro lado para combater aqueles que realmente já estão viciados, e aí sim precisam de tratamento médico, de tratamento psiquiátrico, mas é uma palavra que, eu acho, é a palavra mais extraordinária para a gente evitar tudo isso, que é uma palavra chamada amor, atenção e carinho que cada pai e cada mãe tem a obrigação de dedicar 24 horas por dia àquele que nós colocamos no mundo.

Em segundo lugar, o educador dentro da sala de aula. Nós não podemos exigir que o educador, se não está preparado, entre na sala de aula para dar lições para combater a droga. Ele precisa ser preparado, porque se não for preparado, ele pode falar bobagem dentro da sala de aula. Então, se a gente preparar os pais, e podemos utilizar a televisão para isso, se a gente preparar os educadores e se a gente preparar um pouco mais a sociedade, eu acho que todos nós iremos colher, num curto espaço de tempo, resultados extraordinários no combate à droga, que não é um problema social. Na Inglaterra tem problema de droga, nos Estados Unidos tem problema de droga, na Holanda tem problema de droga, em todo país tem problema de droga, porque em todo país tem gente desesperada, tem gente procurando um jeito de fugir das suas responsabilidades.

Então, eu queria, Félix, te dar os parabéns, e ao general Uchôa, por este chamamento à sociedade. Por favor, quando tiver que fazer uma crítica à política de solução para a droga neste país, não se preocupem em fazer crítica ao que ainda não fizemos, mas ao criticar, por favor, participem, porque individualmente vocês são tão importantes quanto o Presidente da República, quanto o Vice-Presidente da República e quanto os nossos responsáveis por



essa política antidrogas.

Muito obrigado a todos vocês. Parabéns a todos vocês e parabéns ao general Félix e ao general Uchôa.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do Diálogo Aberto dos Presidentes na Cúpula do Mercosul

Córdoba, 21 de julho de 2006

Excelentíssimo companheiro Nestor Kirchner, presidente da República Argentina, e presidente Pro Tempore do Mercosul,

Excelentíssimo companheiro Nicanor Duarte, presidente da República do Paraguai,

Excelentíssimo companheiro Tabaré Vasquez, presidente da República Oriental do Uruguai,

Excelentíssimo companheiro Hugo Chávez, presidente da República Bolivariana da Venezuela,

Excelentíssimo companheiro Evo Morales, presidente da República da Bolívia,

Excelentíssima companheira Michelle Bachelet, presidente da República do Chile,

Excelentíssimo companheiro Fidel Castro, presidente da República de Cuba,

Meu caro companheiro Carlos Chacho Álvares, presidente da Comissão de Representantes Permanentes do Mercosul,

Chanceleres do Peru e do México, representando os seus governos,

Meu caro Humayun Khan, ministro do Comércio do Paquistão,

Meu caro Henrique Garcia, presidente da Corporação Andina de Fomento,

Meus companheiros dirigentes sindicais, representando a coordenadora das Centrais Sindicais do Mercosul,

Companheiros da sociedade civil,



Em primeiro lugar quero expressar meu reconhecimento pelo trabalho da Argentina, que esteve à frente da Presidência Pro Tempore durante o último semestre.

Graças à condução política argentina e ao empenho pessoal do presidente Kirchner, o Mercosul caminhou no tratamento de sua ampla agenda e adquiriu nova dimensão política e econômica.

Ao celebrar seus 15 anos de existência podemos dizer que nosso agrupamento avança para nova etapa de sua vida. Temos, hoje, a satisfação de celebrar a incorporação da Venezuela como membro pleno, e isto tem, seguramente, um significado maior e representa a primeira expansão do Mercosul nesses 15 anos. Nosso bloco tem agora mais de 250 milhões de habitantes, um PIB de mais de 1 trilhão de dólares e um comércio global superior a 320 bilhões de dólares. O Mercosul vai agora da Terra do Fogo ao Caribe e confirma sua vocação natural para acolher novos parceiros da região e construir associações mais ambiciosas.

Devemos, cada vez mais, tratar dos temas do Mercosul tendo presente seu papel na construção da integração sul-americana. A presença de líderes e representantes de países amigos nesta reunião reflete essa capacidade do Mercosul aglutinar idéias e vontades, de encontrar soluções coletivas sem se fechar para o mundo.

Estamos provando que o Mercosul só faz aumentar nossas capacidades individuais de inserção internacional. Hoje, celebramos acordos econômicos e comerciais com Cuba e Paquistão. E são muito boas as perspectivas das negociações com a Índia, o Conselho de Cooperação do Golfo, com a União Aduaneira da África Austral, entre outras.

O Mercosul tem também dado provas de sua união de propósitos em temas centrais da agenda internacional, do que é exemplo a Rodada de Doha da OMC.

Insistimos na necessidade de resultados equilibrados, que levem em



conta os interesses de nossa região. Não se trata somente de buscar maior acesso a mercados para nossos produtos. Nosso objetivo maior, no G-20, é o de garantir a credibilidade do sistema multilateral de comércio como ferramenta de desenvolvimento.

Meus caros companheiros Presidentes,

Creio que temos perfeita clareza das dificuldades e obstáculos que o Mercosul enfrentou nos últimos meses. Mas não podemos deixar de reconhecer os progressos que temos feito na agenda interna do bloco. Nem, muito menos, os grandes avanços em nosso relacionamento externo.

Fomos capazes de encaminhar questões comerciais de grande complexidade, como a eliminação da dupla cobrança da TEC e a abertura de nossos mercados de serviços. Essas são provas de que, respeitados nossos ritmos e tempos, estamos dando passos decididos para aperfeiçoar nossa União Aduaneira, que deve continuar sendo um objetivo maior do bloco, no caminho da construção do Mercado Comum.

Seguimos apostando na soma de nosso potencial econômico, comercial e produtivo. Potencial que se multiplica no momento em que, em cada um de nossos países, estamos resgatando setores sociais tradicionalmente marginalizados.

Avançamos também no desenho do futuro energético da região. A partir de discussões bilaterais e trilaterais estamos ampliando nossos horizontes nos termos do Acordo Quadro Energético. Nosso propósito maior é garantir, de uma vez por todas, a segurança energética do Mercosul e de toda a América do Sul.

Minhas amigas e meus amigos,

Não compartilho a percepção de que o Mercosul está em crise. Em 1998, quando se falava no “fim do Mercosul”, eu insistia que não era o bloco que estava em crise, mas que eram nossos países que estavam em crise. Hoje, vejo que muitas das questões que são apontadas como sinais de um



esfacelamento do Mercosul são frutos de problemas legados por um passado que queremos definitivamente superar.

Nossos objetivos centrais permanecem mais válidos do que nunca. É por isso, também, que rejeito críticas a uma pretensa bilateralização no âmbito do bloco. Estou convencido de que a solução desses problemas dependerá de um diálogo reforçado em todos os níveis.

A intensificação do nosso relacionamento bilateral contribui positivamente para a integração regional, da mesma forma que o fortalecimento do Mercosul enriquece os laços entre nós.

É verdade também que, em todos os nossos países, há setores constituídos contrários ao Mercosul e que defendem estratégias individuais alternativas. E nossa omissão, muitas vezes, tem servido para fortalecê-los.

Devemos reforçar o diálogo com esses grupos e, sobretudo, demonstrar às nossas populações, na prática, a validade de nosso projeto de integração. Temos responsabilidades governamentais e a obrigação de encontrar soluções para as inquietações e desafios que são parte de qualquer processo de integração profunda como o nosso.

O Brasil assume a Presidência Pro Tempore consciente do momento especial que estamos vivendo. Ampliamos o nível de nossas ambições e o alcance de nosso bloco. Ao mesmo tempo, temos de fazer frente a uma série de obstáculos e desafios concretos que estão sobre a mesa.

O Mercosul tem diante de si o desafio de reinventar-se e atender às expectativas de todos os seus membros. Temos de desenhar mecanismos que equacionem em definitivo as assimetrias, inclusive com o aporte de novos recursos. Precisamos encarar de frente as questões relativas ao fortalecimento institucional e à implementação, em cada um de nossos países, das decisões e acordos que tomamos no bloco. Devemos aproximar o Mercosul do dia-a-dia dos cidadãos para atender melhor e de forma mais direta as demandas de nossas populações.



Meus companheiros,

Terei a oportunidade de tratar, em detalhe, de todos esses temas no encerramento da Cúpula, ao assumir a Presidência Pro Tempore. Quero apresentar um conjunto de idéias que possam contribuir para dinamizar os trabalhos do bloco.

Termino com uma nota de otimismo em relação ao futuro de nosso agrupamento. Um otimismo temperado com apreensão e cuidado, é verdade, mas que em nenhum momento me faz duvidar de nossa capacidade coletiva de encontrar soluções para os grandes desafios do desenvolvimento econômico e social de nossa região.

Queria, meu companheiro Kirchner, terminar aqui dizendo que no nosso mapa, aqui, na nossa bandeira falta a estrela da Venezuela e que logo, logo nós iremos ter a da Venezuela, a da Bolívia e, quem sabe, teremos toda a América do Sul envolvida.

Meus companheiros, eu queria dizer a todos nós, aqui: a Argentina presidiu o Mercosul com muita competência, em momentos que tivemos sinais de inquietações entre nós. Eu queria dizer aos companheiros presidentes que nos momentos de maior inquietação, a palavra-chave é paciência. Se nós permitirmos que as inquietações internas dos nossos países determinem a relação entre os estados que governamos, nós teremos muitos problemas. Hoje eu percebo em vários estados. E aqueles que criticam o Mercosul são os setores mais conservadores que durante muito tempo trabalharam para acabar com o Mercosul.

Portanto, eu quero dizer ao governador De la Sota, que quando eu tinha 18 anos de idade, que eu me formei torneiro mecânico, o meu sonho era vir trabalhar na Argentina, em Córdoba, porque pagava mais do que no Brasil. Não pude realizar esse sonho, mas somente hoje eu pude conhecer um pouco de Córdoba.

Meus parabéns, porque ela é tudo aquilo que durante muitos anos eu



ouvi falar, da pujança desta Província.

Obrigado



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento da pedra fundamental do campus da
Universidade Federal de Alagoas em Arapiraca**

Arapiraca-AL, 21 de fevereiro de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras de Alagoas,

Meus queridos e queridas companheiros de Arapiraca,

O nosso companheiro Petta cometeu um pequeno erro ao dizer que o ASA ganhou do Palmeiras e, por isso, o ASA é bom. Ele só não lembrou de dizer que as cores do ASA são preto e branco e que, portanto, tem muita semelhança com o Corinthians, e só poderíamos derrotar o Palmeiras. E amanhã, se tudo der certo, se vocês estiverem com o pensamento positivo e os jogadores com as pernas boas, vocês podem derrotar o Flamengo.

Mas meu caro Luís Abílio de Souza Neto, governador em exercício do estado de Alagoas,

Meu caro companheiro Renan Calheiros, presidente do Senado,

Meu caro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu caro Luciano Barbosa, prefeito de Arapiraca,

Deputados federais Givaldo Carimbão, João Caldas, João Lyra e Rogério Teófilo,

Dom Valério Breda, bispo de Penedo,

Magnífica reitora Ana Dayse Resende Dorea, reitora da Universidade Federal de Alagoas,

Meu querido companheiro Tarso Genro, ex-ministro da Educação,

Meu querido companheiro Petta, presidente da União Nacional dos Estudantes,

Senhor José Márcio Lessa, secretário estadual de Educação,

Deputado estadual Paulo Fernandes dos Santos,



Minha cara Kátia Born, ex-prefeita de Maceió e secretária estadual de Saúde,

Senhores prefeitos da região, Ângela Garrote, de Estrela de Alagoas; Rosiana, de Feliz Deserto; Alay Correia, de Taquarana; Alberico Cordeiro, de Palmeira dos Índios; Arnaldo Lessa, de Campo Grande; Inácio Loyola, de Piranhas; Jair Soares, de Alagoas da Canoa; João Pinheiro, de Jaramataí; Marcelo Lima, de Delmiro Gouveia; Marcos Beltrão, de Penedo; Moacir Vieira, de Pariconha; Pery Vasconcelos, de Viçosa; Renilde Bulhões, de Santana de Ipanema; Siloé Moura, de Senador Rui Palmeiras e Wellington Damasceno, de Olho D'água do Casado,

Pastor Juracy Pedrosa, do Conselho das Igrejas Evangélicas,

Meus queridos estudantes,

Educadores,

Pensadores

E cidadãos brasileiros de Arapiraca,

Agora, sim, a alegria é imensa em estar nesta cidade participando deste evento. A primeira coisa que nós deveríamos fazer é uma reflexão sobre o significado do que vai representar para Arapiraca e para o agreste de Alagoas esta Universidade. O que vem por detrás de uma universidade? Por trás de uma universidade surge o conhecimento e a inteligência. Por trás do conhecimento e da inteligência surge o desenvolvimento de uma região, porque a partir de uma universidade muitas empresas que tiverem idéia de investir no estado de Alagoas ou no Nordeste brasileiro vão pensar onde é que tem mão-de-obra qualificada, onde tem conhecimento e inteligência que possam ajudar a sua empresa a ter a mão-de-obra mais qualificada da região. Além disso, virão estudantes de outras cidades, além disso, virão educadores dos mais importantes, não apenas do estado, mas de outros estados da Federação. E nós, então, estamos contribuindo de forma definitiva para dizer o seguinte: o Brasil não é apenas a capital dos estados. O Brasil não é apenas a



região Sul e a região Sudeste; o Brasil não é apenas Maceió, Recife ou Salvador. A gente tem que dizer que o interior deste país tem o direito de ter as mesmas oportunidades que tem qualquer cidadão que mora em qualquer capital deste país. E por isso esta universidade é importante; e por isso estamos fazendo mais 40 extensões; e por isso estamos fazendo mais quatro novas universidades federais; e por isso estamos transformando seis faculdades em universidades; e por isso criamos o ProUni, que de janeiro do ano passado até agora já concedeu 203 mil bolsas de estudos para jovens da periferia, de escolas públicas, dos quais 30% são jovens negros que eram praticamente proibidos de entrar na universidade brasileira.

Mas não é apenas isso. Há uma preocupação com a formação de mão-de-obra no Brasil. E por isso, também, estamos aportando muito seriamente nas escolas técnicas. O Renan reivindicou uma escola técnica, aqui, para ensinar jovens a trabalhar com aquilo que é parte da riqueza do estado, que é o grande conhecimento sobre a cana-de-açúcar. Mas nós precisamos formar não apenas jovens para trabalhar como técnicos na área da cana-de-açúcar. Na medida em que o álcool passa a ter importância e o açúcar passa a ganhar importância no mercado internacional, nós precisamos formar os nossos jovens para o crescimento econômico brasileiro, formar mão-de-obra qualificada, dar ao nosso jovem conhecimento para que ele possa trabalhar no setor de turismo, já que o estado de Alagoas tem uma vocação extraordinária para o turismo.

Agora, Renan, para trazer turismo para o estado, nós temos que oferecer algumas coisas. Nenhum turismo irá a nenhum lugar do mundo se ele não tiver como contrapartida a oferta de bons hotéis, de água bem tratada, de segurança, de um sistema de saúde, de tratamento de esgoto. Ou seja, nós do Estado brasileiro temos que oferecer essas condições para que a gente possa tornar o nosso estado atrativo para receber os recursos. É por isso que eu nunca perguntei de qual partido é um governador e nunca perguntei de qual



partido é o prefeito de uma cidade. O que me importa é saber se o povo daquela cidade é brasileiro e se a cidade fica no Brasil para a gente atender.

Nós sabíamos que o Luciano tinha sido ministro do governo passado. Portanto, eu poderia dizer: olha, meninos, não vamos a Arapiraca, não, que o Luciano foi ministro da Integração do governo Fernando Henrique Cardoso, vamos escolher uma outra cidade. Não. Primeiro, eu não posso condenar o fato do Luciano ter sido ministro. Segundo, o povo de Arapiraca não tem nenhum problema a ver com qualquer que seja a divergência que um Presidente da República tenha com o governador ou com um prefeito. O povo precisa de respeito e ser tratado em igualdade de condições.

Por isso estou aqui, Luciano, feliz. Hoje é a terceira cidade em que nós participamos de eventos como este. Já fui a Juazeiro, na Bahia, já fui a Petrolina, em Pernambuco, estou em Arapiraca, saio hoje à noite para Parnaíba, no Piauí, amanhã vou a Imperatriz, no Maranhão e, de tardezinha, vou para Marabá, no estado do Pará, anunciar universidades. Anunciar, levar a inteligência brasileira para perto do povo que precisa ter as informações adequadas. E faço isso com orgulho, porque não tive a oportunidade de ter um diploma universitário. E não sinto orgulho disso não, porque gostaria de ter tido. Não pude ter, como muitos milhões de brasileiros não puderam ter.

E, possivelmente, porque eu sinta na carne aquilo que muitos que já conquistaram o diploma esqueceram, que é o sentimento de justiça com a parte mais pobre da população deste país. É por isso que nós estamos tirando as universidades, estamos fazendo com que elas deixem de ser apenas um centro de excelência dentro das capitais para transformá-las em centros de excelências no interior deste país e estamos levando-as para todos os lugares. Não fizemos mais porque o tempo é curto, mas vamos fazer mais. Porque universidade e escola técnica é o que vai garantir que o nosso país construa, com solidez, um padrão de desenvolvimento capaz de ser a vantagem comparativa que nós precisaremos para participar neste mundo globalizado, disputando mercado com os países mais ricos do planeta.



Nós não queremos ser apenas exportadores de cana, exportadores de açúcar, exportadores de minério de ferro, exportadores de soja. Queremos exportar tudo isso, mas queremos exportar, sobretudo, a inteligência desta Nação brasileira, resultado de um cruzamento que transformou o nosso povo nesta coisa mais perfeita, que é o cruzamento do europeu, índio e negros e que criou a nossa cara. Nós somos o resultado desse cruzamento, podemos gostar ou não gostar. Mas se somos feios e bonitos, alegres e tristes, nós somos o resultado da melhor política de miscigenação já havida no planeta Terra. É por isso que todo mundo que fala dos brasileiros fala: “eu gosto do brasileiro porque o brasileiro é, antes de tudo, bom-caráter, boa gente e é, sobretudo, alegre”.

Então, eu estou feliz de ouvir aqui o reconhecimento do Prefeito, de ouvir aqui o reconhecimento do Renan pelas coisas que o governo federal tem feito pelos estados brasileiros, porque nem sempre é assim. Muitas vezes você passa numa cidade ou num estado, a obra está sendo feita com o dinheiro do governo federal e, com a maior desfaçatez, o político vai para a televisão dizer que a obra é dele. E as pessoas não percebem que a gente sabe. E por que a gente sabe? Porque eu sei que um estado como Alagoas, ou o estado da Bahia, ou o estado de Pernambuco, todos os estados dependem fundamentalmente do dinheiro do governo federal. Um estado como Alagoas, só para vocês terem uma idéia, praticamente 83% de todos os recursos de Alagoas vêm do governo federal, entra o dinheiro constitucional, aqueles obrigatórios e não obrigatórios. Mas é assim no Brasil inteiro. Eu fui, agora, à Bahia. Na Bahia, Renan, nós temos um milhão e 80 mil famílias recebendo o Bolsa Família. São praticamente 355 mil famílias que já foram atendidas com o programa Luz para Todos. E, lá, as pessoas dizem que é deles o Programa. E o dinheiro é do governo federal, o dinheiro não é deles.

Então, quando a gente vê um político chegar num microfone e ter o reconhecimento, eu fico pensando: puxa vida, é muito mais fácil a gente ser, pelo menos, verdadeiro, não fingir que as coisas não acontecem. Porque todo



mundo sabe que quase todo o dinheiro da saúde, na maioria dos municípios pequenos, é passado pelo governo federal, e tem mais é que passar. Agora, qual é o problema? Quando falta remédio, a culpa é do governo federal, quando tem, é o prefeito que soube fazer.

Então, essa política é que vai destruindo o nosso país, que passa a não saber das coisas. Passa a não saber das coisas porque, veja, eu estou convencido: nós saímos, Renan, em 2003, de 7 bilhões de reais investidos em todos os programas sociais do Brasil. Nós, hoje, estamos investindo 22 bilhões de reais, três vezes mais estamos investindo.

Os companheiros que trabalham em assentamento sabem o que cresceu em assistência técnica, o que cresceu o Pronaf. Nós saímos de 2 bilhões para 9 bilhões de reais. Estão aqui os companheiros com as placas das cisternas aí, nós tínhamos meia dúzia de cisternas, hoje nós já temos 113 mil cisternas neste país e vamos fazer muito mais. E não vamos fazer porque nós queremos fazer, nós vamos fazer porque a sociedade brasileira exige que a gente faça, porque se a gente não fizer o povo fica escravo do caminhão-pipa, fica escravo daquele que vai carregar um pote d'água, porque nem toda prefeitura tem o carro para levar água. Então, nós poderemos fazer muito mais coisas se não houver mentiras entre nós, se houver uma coisa verdadeira entre nós.

Por isso que eu fiquei feliz, Luciano, fiquei feliz de ver o reconhecimento das coisas que acontecem neste país. E poderia ser assim, eu chego num estado... Esses dias, eu peguei uma cartinha – que eu não vou dar o nome aqui – de um deputado comunicando a um prefeito, ele dizia assim: “Excelentíssimo prefeito, estou lhe comunicando que, atendendo a um pedido meu, Sua Excelência, o governador, está levando o Luz para Todos para a sua cidade”. E é um deputado de oposição ferrenha a mim. E ele utiliza um programa em que o governo federal põe 85% do dinheiro como se fosse dele.

Eu estou dizendo isso porque é raro ouvir o que eu ouvi aqui hoje. Quero te dizer, Luciano, que é raro. Normalmente, a gente está tendo uma pauta de



reivindicação e, quando vai participar de um ato de comemoração ao atendimento, as pessoas não agradecem, fazem outra pauta de reivindicação.

E eu queria dizer, Luciano, Renan e companheiros deputados, Presidente da UNE – que tem sido um baluarte – que nós estamos fazendo para a educação o que o Brasil precisa fazer para a educação. Se Deus quiser, o Congresso, ainda este ano, vai aprovar a reforma universitária para dar autonomia de verdade à universidade brasileira. Se Deus quiser, o Senado vai aprovar o Fundeb, que já foi aprovado na Câmara, que é o Fundo Nacional de Educação.

Nós já assinamos a lei aumentando em um ano o ensino fundamental, passando para 9 anos, garantindo que a criança, a partir de 6 anos, entre na escola. Por que hoje, como é que é? Um cidadão que pode um pouco mais coloca seu filho aos seis anos numa pré-escola, quando esta criança chega aos sete anos, que vai entrar na Escola Fundamental, essa criança está mais preparada que a outra que não freqüentou a escola, que não freqüentou a pré-escola. Então, o que nós queremos é dar igualdade de oportunidades para que o filho do mais pobre possa ter a mesma chance que tem o filho daqueles que podem mais, ou a mesma chance que tem o filho do Presidente da República de colocar o seu filho mais cedo na escola.

E depois do Fundeb... É importante que seja votado logo, é importante votar logo porque nós temos que colocar no Orçamento, porque só este ano é um bilhão e 300 milhões a mais no Orçamento para cuidar do Fundeb. E, por que o Fundeb é importante, sobretudo para Nordeste brasileiro? Porque vai ser a primeira vez que o Nordeste brasileiro vai poder ter as mesmas condições de educação que tem a região centro-sul do país.

Este ano, Renan, não sei se você já conversou com o ministro Sérgio Rezende, nós tínhamos assumido o compromisso, no começo do ano, de formar 10 mil doutores até o final do meu mandato. Pois bem, já formamos 10 mil e quinhentos, em 36 meses, portanto nós estamos com um ano de lucro para formar muito mais gente. E não permiti que esses doutores sejam



formados apenas para trabalhar nas grandes universidades brasileiras do centro-sul. É preciso espalhar essa gente pelo Brasil inteiro, para que a gente possa formar doutores no Nordeste. Senão, até quando o Nordeste vai esperar a sua vez? Até quando nós vamos ser tratados como filhos de Deus? Até quando nós vamos ser a parte pobre deste país? Até quando?

E veja uma coisa interessante: o Brasil nunca teve o que ele tem hoje, um presidente nordestino, um presidente do Senado nordestino e um presidente da Câmara nordestino. Eu vou dizer para vocês: se vocês não tiverem aquilo que o Nordeste precisa, eu, Renan e Aldo um dia vamos ter que pedir desculpas para vocês, porque chance nós estamos tendo de fazer. E vou fazer. Vou fazer porque acredito, vou fazer porque eu não quero que os filhos de vocês façam o que fiz quando eu tinha sete anos de idade, de ter que ir para o centro-sul para sobreviver. Um jovem não tem que sair da sua cidade para estudar em São Paulo, ele tem que estudar aqui, tem que estudar no seu estado, fica mais barato, ele fica perto da família, não há separação.

Então, meus amigos e minhas amigas, eu saio daqui um pouco com a alma lavada. Primeiro, de saber que Arapiraca vai ter a sua universidade. Daqui a 10 ou 15 anos, não sei se estarei mais aqui neste mundo, mas certamente os mais jovens estarão vendo o que aconteceu em 10 anos na vida de Arapiraca. E eu quero dizer uma coisa para vocês. Está o meu ex-Ministro da Educação, Tarso Genro, está o meu atual Ministro da Educação, e eu tenho dito o seguinte: é proibido no meu governo, é proibido a qualquer ministro, ao se referir a dinheiro para educação, falar em gasto. Dinheiro em educação é investimento puro.

E quero dizer para vocês que, o dinheiro que alguns que governaram antes de mim economizaram na educação, tiveram que gastar em cadeia, tiveram que gastar contratando policial, tiveram que contratar gastando em coisas para punir um povo que não teve a formação adequada. Eu não tenho dúvida. Eu digo sempre que eu sou um cidadão que tenho que agradecer a Deus todos os dias, porque ser filho de uma mulher nordestina, que vai para



São Paulo com oito filhos, e consegue criar os oitos sem permitir que nenhum fosse desajustado em relação ao bom comportamento da sociedade, é um milagre. E, por isso, eu tenho consciência: cada centavo que eu investir numa criança, hoje, eu sei que eu não estarei investindo numa prisão daqui a 10 ou 15 anos.

Quero agradecer a todos vocês. Eu saio daqui com as reivindicações feitas. E a nossa Prefeita de Feliz Deserto sabe que a gente não nega promessa. Ela teve uma enchente na cidade dela, foi lá, muito triste, precisando de um dinheirinho, o dinheiro já saiu. O Canal do Sertão, o Renan falou comigo, o Lessa tinha falado comigo, essas coisas nem sempre são fáceis, mas saiu o dinheiro. E vai sair outras coisas. Vai sair porque é esse o nosso papel. A única coisa que eu acho que as pessoas precisam compreender é que nem tudo é feito com a rapidez que a gente gostaria de fazer, às vezes demora um pouco mais, às vezes tem dificuldades, às vezes não acontece com rapidez.

Mas nós estamos aqui, todo mundo de cabeça erguida, estou vendo todo mundo com a cara boa, para dizer o seguinte: vale a pena a gente sonhar, vale a pena. Vocês sonharam há muito tempo com esta universidade, e hoje vocês estão dizendo: “Nós acordamos”. E como disse a nossa Reitora, aqui, em agosto nós já teremos aulas na Universidade de Arapiraca.

E, aí, quem sabe, Luciano, quem sabe, se a legislação eleitoral não proibir, quem sabe a gente possa até voltar e fazer uma festa maior.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês. E meus parabéns pela conquista.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do II Encontro de Habitação da Agricultura Familiar
Chapecó-SC, 23 de junho de 2006**

Eu queria pedir compreensão aos ministros e à mesa, porque eu não vou ler a nominata. A nominata tem muitos nomes, eles já foram falados por muita gente e se eu repetir os nomes, daqui a pouco todo mundo vai querer ser candidato a alguma coisa, porque acha que já ficou muito conhecido.

Então, eu não vou dizer nome de ninguém, vou apenas cumprimentar o Ministério das Cidades,

Cumprimentar o MDA,

Cumprimentar a Caixa Econômica Federal com quem o Tortelli cometeu um equívoco. Se o Tortelli me permitir... na verdade, eu disse para o Tortelli que ele deveria ter dado a casa para a Presidente da Caixa Econômica Federal. Ele, obviamente, que justificou para mim, corretamente, que o Superintendente da Caixa para quem ele deu a casa, lá de Passo Fundo, é um companheiro da mais alta ligação com o Movimento. Então, eu queria pedir o seguinte, Tortelli: quem fez esta casa pode fazer outra. Então, vá lá entregar para ela. É sempre bom a gente fazer justiça, reparar.

Meus amigos, primeiro, esta é a 13ª vez em que eu participo de um evento da Fetraf-Sul, e agora tenho que participar mais, porque já não é só Fetraf-Sul, é Fetraf-Brasil. Então, eu quero cumprimentar, neste momento, os companheiros e companheiras da Fetraf-Sul do estado do Paraná, da Fetraf-Sul do estado do Rio Grande do Sul e da Fetraf-Sul do estado de Santa Catarina. E dizer para vocês que a minha vinda aqui, hoje, é apenas para consolidar o trabalho que o governo vem fazendo para reparar erros e deficiências históricas que se cometia com os trabalhadores do campo deste



país.

Há um conjunto de políticas públicas visando ao atendimento da agricultura familiar neste país. Se nós tivéssemos começado 20 anos atrás, certamente nós teríamos muito mais gente no campo, certamente não teria acontecido o êxodo rural com a força que aconteceu e, certamente, o Brasil estaria muito melhor do que ele está hoje.

E por que estamos fazendo isso? Porque normalmente, quando vamos ao supermercado fazer uma compra de produtos para a nossa casa, muitas vezes nós compramos e nunca fazemos a ligação entre aquele produto que estamos comendo e as pessoas que produziram aquele produto. Muita gente pensa que, às vezes, é apenas um grande produtor rural de milhares de hectares que plantou aquilo quando, na verdade, parte das coisas que nós consumimos são produzidas pela agricultura familiar brasileira. E a importância de fortalecer a agricultura familiar brasileira é a gente ter a certeza de que mais homens e mulheres vão continuar trabalhando no campo mas, sobretudo, nós vamos convencer, com coisa muito prática e concreta, as pessoas mais jovens a continuarem a trabalhar no campo.

Na casa em que fui abrir a porta e entregar a chave para o dono, ele tem uma filha que mora com ele e o sonho dela é trabalhar no campo. Mas, se o Estado brasileiro não der condições para que essa moça possa estudar, ter um aprendizado mais técnico-científico para cuidar da propriedade dos pais, certamente ela não vai ficar trabalhando na roça apenas para pagar dívida no final do ano. Ela vai para a cidade construir a sua vida, sobretudo porque um dia ela vai se casar e vai querer ir embora com o marido.

Então, quando a gente estabelece uma política em parceria com as cooperativas, com as entidades sindicais para construir casas para as pessoas que trabalham no campo, nós estamos construindo mais do que uma moradia, nós estamos construindo uma moradia e dizendo às pessoas mais jovens que elas já não precisam, porque se casaram, sair da sua terra ou deixar a casa do



pai, porque elas podem ter o financiamento de uma casa para elas nas mesmas condições que nós vimos hoje, aqui na cidade de Chapecó.

Eu tinha que vir aqui porque muitas vezes a gente fala em habitação e a gente não sabia que no campo tinha muita gente que, embora tenha o seu pedacinho de terra, tinha uma casa em péssimas condições e não tinha recursos para melhorar a sua casa. Eu espero, Maria Fernanda, eu espero, Márcio Fortes, eu espero, meu caro Guilherme, eu espero, meu caro Tortelli, que vocês continuem aprimorando e aperfeiçoando esse financiamento, porque essa é a forma de a gente garantir que as pessoas fiquem no campo por opção e não por obrigação, fiquem no campo por prazer e não por castigo.

Há algumas coisas que nós fazemos que têm me deixado orgulhoso. Por exemplo, quando nós tomamos posse na Presidência da República o Pronaf era um dinheiro que chegava aos três estados do Sul: mais ao Rio Grande do Sul; no meio, Santa Catarina; menos no Paraná e, em São Paulo chegava menos ainda.

Hoje a boa notícia não é que nós apenas triplicamos o dinheiro do Pronaf, a boa notícia é que hoje, no estado do Acre, no estado de Rondônia, no estado da Paraíba, no estado do Amazonas, no estado de Pernambuco, no estado do Piauí e no estado do Ceará, são milhares de pequenos agricultores que nunca tinham conseguido chegar sequer à porta do Banco do Brasil, porque também tinha uma orientação deficiente de que pobre que estava de sandália não podia entrar em banco ou, se entrasse, era malvisto. Nós precisamos de um processo de reeducação dos nossos gerentes de bancos para que eles pudessem atender o pequeno com o mesmo sorriso na cara com que ele atendia o grande. Aí, o pequeno sertanejo do Nordeste, que não tinha o hábito que tem o povo do Sul do país, aprendeu que também podia ir ao banco e pegar o seu dinheiro.

O último acordo que nós fizemos, e fizemos um acordo bem melhorado, aumenta o financiamento, diminui a taxa de juros, ou seja, é um acordo que a



gente vai conquistando e aperfeiçoando cada vez. E por que vamos aperfeiçoando? Porque a cada ano vocês vão aprendendo a ter novas necessidades, vão descobrindo novas técnicas, novas formas e vão exigindo do governo que vá aperfeiçoando. E nós vamos continuar, Tortelli, fazendo acordo. Nós queremos, todo ano, poder chegar nesta época do ano e ter concluído os acordos, para que a gente possa garantir que a agricultura familiar seja uma agricultura competitiva, seja uma agricultura forte, geradora de empregos e geradora de renda.

Mas nem tudo acontece como a gente gostaria que acontecesse. E eu quero dizer para vocês que isso vale para a vida da gente, vale para a agricultura da gente. Às vezes, a gente planta o negócio e fica dizendo: bom, este ano eu vou fazer uma colheita extraordinária. E, de repente, não chove, vai-se embora o nosso sonho; ou, de repente, a gente planta e chove demais, vai-se embora o nosso sonho; ou, de repente, a gente planta e quando colhe não tem preço, vai-se embora o nosso sonho.

Então, nós precisamos cuidar e criamos uma coisa que eu não sei porque não tinha sido criada 50 anos atrás neste país, que é o Seguro Agrícola. O Seguro Agrícola, quando teve, no ano passado, a primeira forte seca no Sul do país, numa semana nós colocamos 500 milhões de reais para a agricultura do Sul do país. Primeiro, eu espero que a gente não tenha mais seca, espero que o castigo que Deus tinha que nos dar, já tenha dado. Não sei se vocês perceberam mas, no ano passado teve seca no Pantanal, teve seca no estado do Amazonas e teve a maior seca dos últimos 50 anos no Rio Grande do Sul, coisas a que as pessoas não estavam habituadas. E aí, quando tem uma seca, as pessoas logo culpam o governo federal, porque o governo é a última instância. Como a gente não pode culpar Deus, a gente então culpa o governo federal, a gente tem sempre que procurar um culpado.

E o que nós precisamos fazer? Ao invés de ficar zangados e nervosos, porque as pessoas nos cobram, nós temos que ir criando mecanismos para



que seja quase uma coisa automática. Se tem uma crise por falta de chuva ou por excesso de chuva, nós temos que ter o trabalhador trabalhando com a tranqüilidade de que ele não tem que fazer nenhum sacrifício, porque a estrutura do Estado brasileiro está preparada para atendê-lo. E esse Seguro Agrícola é, na minha opinião, Guilherme, a coisa mais importante que nós fizemos, é a coisa mais sagrada, porque vai permitir que vocês plantem e não fiquem com dor de barriga cada vez que der um trovão ou quando passar uma semana com o sol esquentando cada vez mais. Lógico que vocês vão querer produzir mas, se vier uma coisa que a gente não estava esperando, a gente sabe que vai ter parte do nosso lucro garantido pelo Seguro Agrícola.

E essas coisas vão acontecendo por causa da nossa relação. Se dependesse só de mim, lá em Brasília, ou se dependesse só do Ministério, do MDA ou do Incra, não aconteceria, porque os problemas são tantos... a gente acaba de fazer uma reunião sobre um problema, aparecem 500 outros problemas. Se não fosse a nossa relação, uma relação em que vocês nunca abaixaram a cabeça para nós, nunca deixaram de fazer as críticas que têm que fazer... Eu nunca pedi para nenhum companheiro deixar de fazer crítica ao governo. Quando o governo estiver errado, façam as críticas que tiverem que fazer, porque muitas vezes uma boa crítica é melhor do que uma má "puxação de saco", é melhor do que uma coisa que não nos agrada. Não me interessa isso.

E você me conhece, Tortelli, os companheiros me conhecem há muito tempo, eu prefiro uma boa crítica quando ela tem consistência, quando ela tem sustentação técnica. Agora, de vez em quando as pessoas reivindicam coisas que precisaria 80 anos de mandato para atender.

Bem, eu estava dizendo que nem tudo anda bem. Faz uns dois ou três meses que, lá no Palácio do Planalto, eu assinei um Decreto permitindo que os trabalhadores da agricultura familiar do Sul do país pudessem vender os seus produtos além dos seus municípios. Porque até agora, o cidadão fazia um



salame bonito, uma cuca bonita, uma coisa qualquer gostosa e só podia vender dentro do município, ele não podia sair de Chapecó e ir vender no outro município, porque tinha uma proibição na questão da sanidade animal.

Então, eu fiz um Decreto criando um sistema único de atenção à sanidade animal. O que era isso? Nós íamos, com um sistema único, permitir que um trabalhador do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, um trabalhador do Paraná, um trabalhador de Pernambuco, um trabalhador do Rio Grande do Norte pudesse produzir um produto de muita qualidade e colocar no supermercado de qualquer lugar do país. Ele não tem que ficar preso ao seu município.

Eu então, estava perguntando para o Guilherme, agora: Guilherme, como é que está andando o Suasa? Ele falou: “Presidente, tem problema.” Tem problema porque o Decreto que eu fiz tinha que ser regulamentado e não foi ainda. Então, veja, já faz três meses que eu fiz, achei que já estava todo mundo vendendo e ainda não foi regulamentado. Isso acontece todo santo dia. Você pensa que a criança nasceu e, quando você vai ver, o casal nem tinha pensado na criança.

Então, essas coisas Guilherme, eu quero que você e o Ministro da Agricultura, se tiverem divergência, a divergência tem que ser tirada na minha mesa, porque a gente não pode ficar mais uma semana, mais um mês, mais 15 dias com esse problema. Não é possível porque, vejam, você tem a decisão de fazer, você faz o Decreto, tem apenas que regulamentar e demora muito. Isso acontece todo dia, a toda hora e em todo lugar. Acontece nas prefeituras, no governo do estado, o Fritz foi prefeito, ele sabe, acontece na Caixa Econômica Federal, acontece no Incra, acontece até na casa da gente. Quantas vezes a gente pede para o filho fazer um favor para a gente, hoje os filhos estão tão ligados que a gente não manda mais, a gente pede favor, ele fala que vai fazer e depois de três horas você percebe que não tem nada feito. Então, nós temos que fazer algumas correções para que a máquina possa funcionar



corretamente.

Por fim, eu estou vendo a reivindicação de universidade desde que eu cheguei ao aeroporto. Vou contar uma coisa para vocês. Nós estamos completando 42 meses de governo. Nesses 42 meses de governo nós já estamos fazendo quatro universidades federais novas, uma universidade tecnológica no ABC Paulista, uma universidade na cidade de Dourados, uma universidade em Bagé, que é a Universidade dos Pampas, no Rio Grande do Sul e uma universidade federal no Recôncavo Baiano.

Estamos transformando seis faculdades em universidades e já fizemos 42 extensões universitárias. Ou seja, estamos levando cursos das universidades federais, que normalmente estão nas capitais, para o interior do país. Por quê? Porque a gente quer ver se a nossa juventude, que mora numa cidade de 100 mil habitantes, de 150 mil habitantes, que tem uma qualidade de vida com muito mais tranquilidade, não precise sair da sua terra natal para ir estudar numa grande metrópole. Ela tem que ter condições de estudar. Então, ao invés de o estudante ficar procurando, no Brasil, uma universidade, é melhor que a universidade vá atrás de onde estão as pessoas necessitadas. São 42.

Ao mesmo tempo, vocês estão sabendo que no Brasil era proibido fazer escola técnica desde 1998. Nós mudamos a lei e este ano vamos inaugurar 42 escolas técnicas, já inauguramos algumas. Vejam, se você pega um jovem... Chapecó inaugurou já? Em Chapecó está pronto. Não é que eu não quis inaugurar, eu tenho Chapecó e tenho Joinville, eu tenho as duas, o problema é que a minha agenda está apertada. Mas considerem inaugurada.

E por que nós estamos fazendo isso? Porque hoje você tem uma menina de 19 anos, 18, anos, 17 anos, você tem um menino de 16, 17 e 18 anos, se você não der para ele uma perspectiva de que ali, na sua terra, perto de seus pais, ele vai ter oportunidade de progredir, porque hoje as mulheres estão muito “bam-bam-bans”, a mulher não se contenta mais em ser chamada



de doméstica. Nada. Elas já estão exigindo ser chamadas de executivas do lar, já estão exigindo ser executivas do lar. E eu acho que a garantir da profissão é uma coisa sagrada. Eu fico olhando a cara das pessoas que já têm filho, do pai e da mãe, vamos ser francos, nenhum de nós – eu tenho cinco – sonha em deixar dinheiro como herança para os nossos filhos, porque a gente não tem, a gente não pensa em deixar uma grande casa para os filhos, porque a gente não tem.

Qual é a herança que nós sonhamos em deixar para os nossos filhos? É que eles tenham possibilidade de ter uma formação profissional, de chegar a uma universidade e de serem independentes, porque tanto para o homem quanto para a mulher, na hora que tem uma formação, vai ficar independente, o marido não vai chegar em casa gritando com a mulher, porque ela fala: “espera aí, meu, não estou precisando do teu dinheiro, não, porque eu ganho até mais do que você.” Mas para isso ela tem que ter uma profissão, porque se não tiver, ela vai ficar sempre esperando que sobre dinheiro do marido para comprar uma coisinha para ela. Às vezes ela tem necessidade, se o marido sabe... mas se ela estiver trabalhando, não, ela vai ser dona do seu nariz e vai viver muito mais em harmonia porque o marido pensa duas vezes antes de brigar com ela, vai trazer uma certa harmonia dentro de casa. Quem é casado sabe disso.

E, ao mesmo tempo, o menino homem, se a gente não cuidar dele, ele vai embora mesmo, porque são uma tentação as luzes da cidade. O cara fica pensando em ir para a praça, o cara fica pensando em ir para o cinema, ir para o teatro, fica pensando nas meninas da cidade e ele quer ir embora. Quer ir embora porque pensa em trabalhar, fazer qualquer coisa. Então, se ele tiver uma profissão ligada à região dele, ligada à particularidade das coisas que a sua região produz, certamente esse jovem ficará no campo por uma opção, e vai produzir muito mais, e vai ser muito melhor para a vida dele. Por isso que nós estamos fazendo isso. E aí eu vi a história da Universidade dessa região



Meso não sei das quantas que vocês falaram aí, MesoSul.

Vejam, nós temos interesse em criar muitas universidades, até porque todos nós estamos convencidos, e vocês sabem disso, de que não há exemplo, na história da Humanidade, de qualquer país que tenha progredido sem investir no conhecimento do seu povo. Não conheço país que cresceu ou ficou rico porque o povo era analfabeto; não conheço nenhum país que cresceu e ficou rico porque o povo vivia na ignorância. Para que o país cresça é preciso investir em educação. Vejam que eu utilizei a palavra educação.

E por que eu utilizei a palavra investir em educação? Porque até outro dia a palavra utilizada era gasto com educação. E quando a gente investe em educação, que a gente forma um menino em engenheiro, forma um menino em técnico agrícola, forma em qualquer profissão, é um investimento que tem retorno extraordinário a curto prazo, não apenas para ele, pessoa física, mas para a Nação brasileira.

Então, nós vamos continuar investindo. Você já conversou, Tortelli, com o Ministro da Educação, os deputados já conversaram e você pode ficar pronto. A gente só não vai anunciar aquilo que a gente não pode fazer agora, porque também a gente não tem tempo. Depois do dia 30 eu não posso mais ficar anunciando muita coisa. Mas quero dizer para vocês que podem ficar certos que essa universidade vai sair, porque o Estado brasileiro precisa muito. Agora, no Rio Grande do Sul, ao anunciarmos a Universidade dos Pampas, que é lá em Bagé, ao mesmo tempo anunciamos dez extensões dela. Então, em dez cidades em volta de Bagé vai ter cursos para que as nossas meninas e os nossos meninos possam continuar estudando.

No mais, eu queria dizer para vocês que não há possibilidade de retrocesso no que nós avançamos até agora. Vocês sabem que a economia brasileira está bem, vocês sabem que o país está se arrumando, está se arranjando, vocês sabem que o salário tem crescido, os sindicatos têm conquistado mais aumento de salário. O salário mínimo atingiu não um nível



importante, mas hoje pode-se comprar duas cestas básicas contra 1,3 que a gente comprava algum tempo atrás. O programa Luz para Todos é uma revolução neste país. Esta semana eu fui à Bahia, cheguei às sete horas da noite numa casa, estava a família em volta de um candeeiro. Eu peguei o candeeiro, peguei a dona da casa e levei, na hora em que eu meti o dedo na tomada e acendi a luz, aquilo era como se fosse um milagre, porque você tirou uma pessoa do século XVIII para o século XXI, numa fração de segundos.

Então, o que nós precisamos é ter tranqüilidade. Tem muita gente nervosa, tem muita gente nervosa na praça, tem muita gente falando muita coisa, tem muita gente me xingando, tem muita gente fazendo muito desaforo. Eu agora estou vendo, eu acompanho muito o Ronaldinho Gaúcho jogar, pela televisão, e de vez em quando eu vejo o pessoal dar botinada dura nele, ele cai no chão, mas ele se levanta rindo, ele não se levanta bravo. Então, agora eu vou fazer política como o Ronaldinho joga bola, eu vou deixar as pessoas que não gostam da gente muito nervosas e, quanto mais nervosas elas estiverem, mais significa que nós temos que estar calmos, porque nós temos mais responsabilidades do que elas, nós temos mais compromissos do que elas, e se a gente ficar nervoso, sobretudo você, Tortelli, que está meio rechonchudinho, na delicadeza a gente fala “está um pouquinho obeso”, você não pode ficar nervoso porque você viu o nosso querido Bussunda morrer com 43 anos de idade, de infarto. Então, nós precisamos tomar cuidado. Tranqüilidade é a nossa arma, tranqüilidade é a resposta que nós temos que dar a quem está nervoso. E posso dizer para vocês que já estou convidado, sendo ou não presidente da República, a participar do próximo encontro da Fetraf-Sul, seja ele onde for.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.

Eu estava falando e estava vendo, ali fora, a fumaça do churrasco. Eu pensei comigo: como este povo é bondoso, porque ficar vendo uma pessoa falar, falar, e a carninha queimando ali, e todo mundo com a barriga vazia,



vocês têm muita paciência, tem o coração muito grande. Por isso, muito obrigado pelo carinho de vocês. Até outro dia, se Deus quiser.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do jantar em comemoração aos 50 anos da Anfavea

São Paulo-SP, 26 de junho de 2006

O Cláudio Lembo lembrou um pouco do que representa a indústria automobilística para o estado de São Paulo. E eu penso que nós estamos aqui, comemorando os 50 anos de uma empresa de um setor da indústria brasileira que, ao longo desses 50 anos, representa muito, e muito, para o Brasil.

Eu tenho uma nominata, aqui, com muitos nomes, que eu não vou ler porque senão vai demorar muito e as pessoas vieram aqui para jantar. Mas quero dizer a todos vocês da minha alegria de poder participar desta festa de 50 anos. Eu estou, desde 1969, ligado direta ou indiretamente, à indústria automobilística, mesmo nunca tendo trabalhado numa indústria automobilística, porque fiquei no Sindicato muito tempo. Pude conhecer, por conta da indústria automobilística, praticamente todos os presidentes de sindicatos que vieram depois de mim e que são da indústria automobilística. Pude negociar com vários empresários que estão aqui, que na época representavam a indústria automobilística, pelo menos uns cinco eu já encontrei aqui.

Foi com a Anfavea que nós fizemos o memorável acordo de 1978, depois das primeiras greves feitas pelos trabalhadores brasileiros. E foi com a Anfavea que eu penso que, depois, o Meneghelli, o Marinho, o Giba, o Feijó, o Vicentinho fizeram acordos que significaram paradigmas para que outras categorias fizessem acordo neste país.

Uma vez, um grupo de empresários brasileiros ficou chateado porque eu tinha dito que muitas vezes negociar com uma empresa multinacional era mais fácil do que negociar com uma empresa nacional, pela experiência que a empresa multinacional tinha de negociação, no seu país. Alguns não compreenderam, mas o fato concreto é que nesse tempo todo os melhores



acordos são feitos a partir da indústria automobilística. É a partir da indústria automobilística que nós fazemos acordos com outros setores.

A indústria automobilística tem responsabilidade direta pelo que o Brasil é hoje. Se é verdade que houve um tempo em que ela esteve acanhada, a verdade é que a indústria automobilística, hoje, é indústria de ponta, não apenas porque gera muitos empregos e produz muitos carros, porque a indústria automobilística, hoje, investe em tecnologia. Já acabou o tempo em que nós recebíamos, aqui, projetos que já tinham 10 anos de uso na Europa e estávamos usando um carro defasado, achando que era novo quando, na verdade, ele já tinha saído de moda na Europa. Hoje já temos modelos desenhados, projetados e fabricados aqui. A indústria automobilística brasileira sabe que se não houver uma competitividade na nossa engenharia nós vamos perder espaço, portanto, investir numa engenharia altamente capaz é tão importante quanto chegarmos a 3 milhões de carros.

O acordo que o Furlan acaba de assinar com a Argentina é uma demonstração de que o Mercosul veio para ficar e outros países vão se introduzir no Mercosul. E o Brasil tem muitas chances de ter oportunidade de colocar mais carros fabricados no Brasil em toda a América do Sul.

Portanto, esses 50 anos a indústria automobilística precisa comemorar, não só pela quantidade de carros que fabrica agora, mas pela qualidade dos carros que fabrica, pela capacidade de competitividade. E eu penso que não tem retorno para a indústria automobilística, cada vez mais ela vai ter que competir num mundo cada vez mais difícil. Todo mundo sabe o que representa a entrada dos chineses na indústria automobilística e, portanto, se nós quisermos ganhar a parada, vamos ter que investir, e investir muito, muito em educação, sobretudo na questão de engenharia especializada na indústria automobilística. Por isso que resolvemos fazer no ABC Paulista uma universidade tecnológica, exatamente para atender o berço onde estava ou está grande parte da indústria automobilística brasileira e dizer a vocês,



empresários, que nós temos chances que outros países não têm. Eu acho que alguns países estão chegando no limite e nós estamos começando uma nova vida.

E, dentre todos os setores aqui presentes, eu queria, de público, elogiar a nossa Petrobras. Todo mundo sabe o que aconteceu com a indústria do álcool no Brasil, todo mundo sabe o que representa, hoje, o etanol, não apenas para dentro do Brasil, mas para o mundo; todo mundo sabe da coragem da indústria automobilística de resolver produzir o flex-fuel, todo mundo sabe que foi uma ousadia que deu certo e hoje grande parte dos carros vendidos no mercado interno é, exatamente, essa opção extraordinária, e a Petrobras apresenta uma outra alternativa. Depois de anunciarmos a produção do biodiesel no Brasil enquanto combustível, porque o biodiesel, todo mundo sabe, existe no Brasil, foi descoberto em 1975 pelo professor Expedito Parente, da Universidade Federal do Ceará, mas ficou uma experiência bonita e, de vez em quando, alguém levava uma maquininha para fazer um experimento aqui, outro ali. Eu mesmo vi uns cinco experimentos do biodiesel. Foi quando nós tomamos a decisão de transformar o biodiesel em um combustível de verdade para ser utilizado pelos veículos brasileiros.

O acordo feito entre o governo e a indústria automobilística foi humilde porque pensamos em 2% até 2008 e 5% até 2013. Eu acho que a realidade vai fazer com que a gente ultrapasse essa quantidade em um tempo menor. Quando nós estávamos satisfeitos com o que o biodiesel está produzindo no Brasil hoje, gerando já 100 mil empregos no campo e várias fábricas se implantando no Brasil – na semana passada fui à cidade de Passo Fundo onde estava começando a maior fábrica de biodiesel da América Latina – eis que a Petrobras apresenta, ao Brasil e ao mundo, uma revolução que coloca o nome de H-Bio, ou seja, misturar o óleo vegetal diretamente no óleo diesel sem o processo de transesterificação que tinha no biodiesel e sair um produto, um



óleo diesel, de extrema qualidade, sem a quantidade de enxofre que tem o nosso óleo diesel.

Eu tenho feito questão, me desculpem aqui todos os empresários da indústria automobilística, mas eu tenho feito questão de ligar para os nossos parceiros no mundo inteiro. Nesses últimos 30 dias eu falei com a Ângela Merkel, na Alemanha, falei com o Tony Blair, falei com o Chirac, falei segunda-feira com o presidente Bush e, para todos, eu falo cinco minutos dos problemas que nós temos e meia hora do biodiesel, do H-Bio e do etanol, porque eu acho que nenhum país do mundo tem condições de competir, nesses combustíveis renováveis, com o Brasil. Nenhum país do mundo. Junta-se a competência da nossa indústria automobilística com um combustível novo em que a gente não vai precisar mais ficar dizendo que vai prospectar petróleo, mas a gente vai ficar dizendo que vai plantar petróleo, um hectare de petróleo, uma saca de petróleo, ou seja, é uma coisa que o mundo não está preparado e nós vamos precisar de muito tempo para convencê-lo disso.

Então, imaginem juntando a indústria automobilística com essa capacidade tecnológica que tem a Petrobras, com a qualidade da terra no Brasil, com a qualidade do sol e da chuva e com a qualidade do trabalhador brasileiro, imaginem no que nós podemos transformar este país. É por isso não há espaço para chorar. Tem hora que a gente chora porque falta uma coisa, na outra a gente chora porque falta outra. O dado concreto é que nós temos que pensar que, com todas as reclamações com que nós vivemos, a indústria automobilística brasileira é uma indústria vitoriosa por produzir 2 milhões e 600 mil carros por ano, podendo chegar a 3 milhões, podendo aumentar as exportações. E porque há uma torcida cambial aqui inimaginável. E todos vocês sabem que, ao mesmo tempo em que todo mundo quer uma melhora no câmbio, e nós sabemos que ele não pode ser feito por decreto nem por medida provisória, ele tem que ser regulado exatamente pelo mercado, e nós vamos



tratar de trabalhar para que isso aconteça, aí nós estaremos atingindo um momento extraordinário.

Por isso, meus parabéns Rogélio, meus parabéns aos empresários da indústria automobilística, às revendedoras, às empresas de autopeças. Eu penso que o Brasil tem motivos de sobra para em qualquer lugar do mundo, mesmo dentro de uma fábrica automobilística na Suécia, nos Estados Unidos ou no Japão, nós temos motivo de sobra para nos orgulharmos da nossa indústria automobilística. Juscelino cumpriu o seu papel quando teve a visão. Cabe a nós agora continuar cumprindo o nosso papel, permitindo que as futuras gerações tenham tanto orgulho de nós como hoje nós temos de Juscelino.

Meus parabéns à indústria automobilística!



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da I Conferência Nacional de Economia Solidária – “Economia Solidária como Estratégia e Política de Desenvolvimento”

Brasília-DF, 27 de junho de 2006

Eu espero que daqui a uma hora e meia a gente esteja com esse mesmo entusiasmo, vendo o Brasil ganhar de Gana,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu querido Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro Altermir Gregolin, secretário especial da Aqüicultura e Pesca,

Meu querido companheiro Eduardo Suplicy,

Deputada federal Terezinha Fernandes,

Minha querida Maria do Carmo Ferreira da Silva, secretária especial interina de Políticas de Promoção para a Igualdade Racial,

Minha querida Márcia Lopes, secretária executiva do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro de muitos e muitos anos, Paul Singer, secretário nacional de Economia Solidária,

Meu querido Ademar de Andrade Bertucci, representante do Fórum Brasileiro de Economia Solidária,

Meu querido companheiro José de Filippi, prefeito de Diadema, onde nós temos uma experiência muito bem-sucedida de uma cooperativa de metalúrgicos,

Minha querida companheira Arlete Sampaio, deputada distrital aqui de Brasília,

Meu querido companheiro Chico Vigilante, deputado distrital,



Meu caro Jacques de Oliveira Pena, presidente da Fundação Banco do Brasil,

Minha querida companheira Ângela Maria Schwengber, representante da rede de gestores de políticas públicas de economia solidária,

Meu caro Pedro Rafael Lapa, diretor de gestão de desenvolvimento do Banco do Nordeste,

Senhor Niro Barrios, presidente da Cooperativa Geralcoop e diretor da Unisol Brasil,

Senhor Vicente Falqueto, diretor executivo do Instituto Marista de Solidariedade,

Senhor Carlos Alberto Ribeiro de Figueiredo, gerente-geral da Petrobras em Brasília,

Meus queridos companheiros e companheiras participantes da I Conferência Nacional de Economia Solidária,

Meus amigos e amigas jornalistas,

A primeira vez que eu fui escolhido para ser presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em 1975, nós estávamos fazendo, Paul Singer, um curso de psicodrama, que era para a gente despertar em cada um dos dirigentes a sua visão de mundo, a sua visão de sindicato. E uma das cenas que me fez ser escolhido para presidente do Sindicato, porque tinha outros pretendentes, é que tinha uma pergunta que dizia o seguinte: agora vocês vão representar a visão de vocês sobre o sindicato. E o meu concorrente pediu para um companheiro agachar, subiu em cima desse companheiro e ficou com os braços abertos como se fosse um avião. E quando chegou a minha vez, eu reuni todo mundo que estava na sala, nós demos as mãos e fizemos uma roda de pessoas. E por conta disso eu fui escolhido pela diretoria para ser presidente do Sindicato de São Bernardo do Campo. Foi a primeira visão de acreditar no coletivo, de acreditar na união.



Depois que eu assumi o Sindicato, o Marinho, muito jovem, peão novo na categoria, ele sabe que nós cunhamos um personagem chamado “João Ferrador”. O João Ferrador era um bonequinho bravo que tinha um chapeuzinho e na camiseta estava escrito assim: “hoje eu não estou bom”. Se fosse hoje, estaria escrito na camiseta: “hoje eu estou bem”. Mas naquele tempo, o clima político exigia que nós colocássemos “hoje eu não estou bom”.

Eu descobri que os trabalhadores tinham dificuldade de ler os boletins que a gente fazia, porque a gente fazia um boletim e, primeiro, tinha uma dissertação ideológica, sempre xingando alguém e, no final, a gente colocava o que a gente queria. Mas entre a gente distribuir o boletim e a portaria da fábrica eu descobri, um belo dia, que não dava tempo para o trabalhador ler o que a gente queria. Ele lia todos os xingamentos, mas na hora dos entretanto, ele jogava fora o boletim.

Então, nós inventamos de fazer história em quadrinhos com o “João Ferrador”, o maior símbolo que a gente utilizava dizendo que uma vara só era muito fácil de quebrar, mas que um feixe de varas era praticamente impossível de se quebrar. Por que eu contei essas duas histórias para vocês? Porque esse momento que nós estamos vivendo aqui, para quem acredita em cooperativas, para quem acredita em economia solidária, é uma espécie de momento mágico. É uma coisa muito forte por quê? Não pelo que nós já fizemos, mas pelo simbolismo desta Conferência, que nos diz o que nós poderemos fazer daqui para frente. E quando eu digo nós fazemos, não é o Lula fazer, porque eu acredito numa outra coisa mais sagrada até do que a figura da pessoa, é um padrão de relacionamento que o Estado brasileiro precisa criar com a sociedade para permitir que a sociedade não dependa da decisão de um homem, mas dependa das decisões emanadas dos próprios fóruns coletivos de que participa.

O que eu quero dizer para vocês, no fundo, no fundo, é que nós temos que criar uma organização tão forte e tão sólida que, independentemente de



quem venha a ser presidente da República, essa pessoa saiba que não pode desmontar o que está enraizado, que não pode desrespeitar a vontade de um coletivo da sociedade brasileira, e esse é o maior legado que um presidente da República pode deixar para o seu povo, é a organização sólida, é o convencimento da sociedade de que valeu a pena acreditar naquilo.

Eu vou dar um exemplo para vocês: durante muito tempo no Brasil, e a Arlete se lembra disso, nós só tínhamos uma conferência que era a Conferência Nacional de Saúde. E a Conferência Nacional de Saúde conquistou tanto espaço que poderia ser ministro da Saúde do PFL, do PMDB, do PT, do PSDB, não importava de quem fosse o ministro da Saúde, essa Conferência era realizada com a presença de milhares de pessoas, os ministros estavam lá e eu fui convidado para várias delas.

Nesses 42 meses de governo, que nós completaremos no dia 1º de julho, essa, Paul Singer, é a 38ª Conferência Nacional que nós realizamos aqui no Brasil. Ainda no final de semana, eu participei de um ato cooperativo, lá em Chapecó, com os trabalhadores da agricultura familiar, onde praticamente 10 mil pessoas participaram, não só de apoio, mas de assinatura de convênios de construção de casas para o homem do campo. Nós estamos fazendo isso com a pesca, estamos fazendo isso com a Secretaria da Igualdade Racial, estamos fazendo com os estudantes, com os portadores de deficiência, por quê? Porque nós queremos criar uma rede muito sólida da sociedade civil organizada, porque aí ela tem um muito mais força para fazer as coisas acontecerem.

Em segundo lugar, porque eu estou feliz não pelo que nós já fizemos, mas pelo que a gente pode fazer. É porque quando nós tomamos posse, há 42 meses, vocês se lembram, cooperativa era uma coisa quase proibida pela orientação do Banco Central, era muito limitada, tinha muito empecilho, porque no Brasil tem um determinado tipo de político que desconfia de todo mundo até prova em contrário. Então, “não podemos abrir cooperativa, não podemos



financiar microcrédito, não podemos fazer isso porque vai ter inadimplência, porque as pessoas não vão pagar, porque as pessoas, não sei das quantas”...

E nós fomos descobrindo, com o tempo, que o melhor pagador do Brasil é o pequeno, porque ele tem como valor patrimonial o seu nome, o nome da sua família e a sua honra. Então, quando ele toma um dinheiro emprestado, pagar, para ele, não é uma questão eminentemente econômica, é uma questão de caráter.

Bem, eu acho que nós estamos chegando num momento importante. Em um primeiro momento, nós tivemos que convencer o Banco Central a fazer a flexibilização que tinha que fazer. Eu achava que era mais fácil, mas a teoria e a prática têm uma distância do tamanho do Oceano Atlântico. O Djavan é que fala que o teórico só vê o dia com 24 horas e o prático vê o dia com manhã, tarde, noite e madrugada. Então, eu achava que era tudo mais fácil, e aí eu fui percebendo que criar mais ou menos cooperativa, fazer mais ou menos microcrédito, não é apenas uma questão de lei, é um processo político-cultural, é um processo de convencimento, até porque determinadas coisas só darão certo se vierem de baixo para cima. Se o governo achar que por conta de um Decreto Lei pode resolver os problemas da cooperativa, ele está predestinado ao fracasso, porque é preciso que haja a maturação das pessoas, é preciso que haja o amadurecimento. E esse amadurecimento, normalmente, é coletivo.

Eu me lembro que lá em São Bernardo nós tínhamos uma empresa chamada Conforja, não sei se tem alguém aqui da Conforja, Maria, mas eu me lembro que a Conforja era uma grande metalúrgica com mais de 3 mil trabalhadores. Quando ela faliu, a maioria das pessoas não recebeu nada. Então, o Sindicato propôs criar uma cooperativa. A maioria dos trabalhadores não acreditou, alguns foram até para a porta da fábrica fazer assembleia contra o Sindicato, dizendo que o sindicato estava traindo os trabalhadores, não é, Remigio, que era preciso brigar, não sei das quantas.



O que aconteceu de lá para cá? Os que entraram na Justiça até hoje não receberam a sua indenização. Os que optaram pela cooperativa estão ganhando muito mais do que ganhavam enquanto trabalhadores, e a empresa está crescendo. E aí tem outros exemplos, tem outros exemplos em vários lugares do Brasil.

Então, esta Conferência, Paul Singer, para mim é a consagração. É a consagração de um desejo, é a consagração de um sonho. Hoje, o Banco do Brasil tem mais noção de que é bom emprestar para o pequeno; hoje, o BNDES – eu pensei que estava aqui até o Maurício Borges, não está aqui, que é o nosso diretor especial para Microcrédito – mas hoje o BNDES está convencido de que tem que colocar dinheiro para o microcrédito, o Basa, o BNB, a Caixa Econômica Federal com a inclusão bancária. O que nós criamos até agora, na verdade, não foi ainda a realização de todo o nosso sonho, mas foi a prova de que nós somos capazes de construir algo diferente neste país.

Vocês percebem que com apenas 42 meses... o Paul Singer fazia parte de um grupo de economistas que durante muitos e muitos anos debateram comigo. Eu, cada vez que perdia uma eleição, montava um grupo de economistas: Aloízio Mercadante, Paul Singer, Eduardo Suplicy, Paulo Nogueira Batista e tantos outros que não vou ficar citando, Maria da Conceição Tavares. E a gente discutia, discutia. E a discussão era sobre o FMI, sobre dívida externa, sobre “não sei das quantas.” Hoje, o que nós estamos provando? Primeiro, nós estamos provando o seguinte: nós temos que fazer a lição de casa. Qual é a lição de casa? Nós temos compromisso? Nós temos que cumprir os nossos compromissos. São compromissos internacionais, são compromissos feitos por governos anteriores. E quando a gente casa com a viúva a gente tem que herdar os filhos também. A gente não pode querer ficar com a mulher e não ficar com os filhos, ou a mulher com o marido e não com os filhos. Nós temos que casar com o conjunto da alegria e dos problemas também.



Hoje, o que nós fizemos? Hoje nós somos um país que provou ao mundo o quê? Isso é o que me dá mais orgulho, porque eu lembro, Eduardo, que uma vez eu ganhei um avião de presente para o meu filho e um avião todo escrito em inglês, aquelas cartilhas para montar. Eu cheguei em casa, peguei aquele avião e falei: o que diabos eu vou fazer com isso aqui? Eu não sei ler inglês, eu não conheço nada de avião, como é que eu vou montar? A primeira impressão que tive foi de jogar fora, deixar lá. Aí eu lembrei que era possível procurar alguém que soubesse montar para mim. Arrumei uma pessoa que montou o avião e ficou bem.

O Brasil, quando nós o pegamos, era assim. Ele era uma coisa um pouco desarranjada, as pessoas achavam que não ia dar certo. Economistas sérios, como o Paul Singer, a Maria da Conceição Tavares, achavam que a gente ia ter muita dificuldade. Alguns achavam até que o Brasil estava quebrado. De vez em quando eu dizia para eles: “diabos”, vocês são meus amigos e dizem que o Brasil está quebrado e querem que eu seja presidente da República. Por que eu vou ser presidente da República?

O que aconteceu? É que nós conseguimos arrumar a Casa de tal ordem que alguns críticos do passado não sabem explicar como é que a gente resolveu o problema da economia brasileira ao ponto de chegarmos no ano passado e decidir devolver ao FMI 15 bilhões e 600 milhões de dólares que nós pagávamos de juros e que não precisávamos dele. Saldar o Clube de Paris e até pagar as dívidas das moratórias, ainda do tempo do presidente Sarney. E, além disso, fazer a poupança interna saltar de 17 para 25%, fazer o crédito pular para 32%, fazer uma inclusão bancária de mais de 6 milhões de pessoas que jamais pensaram em passar na porta de um banco, reeducar o sistema financeiro público brasileiro a atender o pobre, porque até então o pobre não sabia nem como entrar numa agência bancária, porque não era atendido. Ou seja, o Brasil não estava preparado para cuidar da parte mais pobre da população. Não estava preparado, não sabia como fazer.



Quando nós começamos, o próprio Banco do Brasil, que é um dos bancos mais extraordinários que nós temos, tinha muito gerente, de muitas partes do Brasil, que não tinha mais o hábito de atender o coitadinho que chegava lá de sandália. Não tinha mais o hábito. Não era nem maldade dele, é que ele não foi preparado para aquilo, ele foi preparado para receber um cidadão só, que pegava logo um monte de dinheiro e levava embora todo o dinheiro. É por isso que nós estamos saltando de 900 milhões de contratos no Pronaf para praticamente 2 milhões de contratos este ano. É por isso que nós estamos deixando de ter uma política agrícola para a região Sul do país, onde a gente atendia 80% o Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e um pouco de São Paulo, e hoje nós estamos atendendo o Acre, o Amapá, Roraima, a Paraíba. Tinha muitos estados em que o pequeno produtor não sabia como chegar ao banco e, se chegasse, não tinha recursos, porque alguém já tinha tirado na frente, ou seja, não tinha café no bule.

Então, hoje, nós estamos com uma coisa muito sólida. Primeiro, nós temos consciência da importância do microcrédito. Segundo, nós temos experiências exitosas; terceiro, nós temos experiências em cooperativas muito exitosas; quarto, nós estamos provando a nós mesmos que a inadimplência junto à parte menor da sociedade, a parte com menos recursos, é muito menor do que junto a outros segmentos mais altos. E aí, uma vez o governador Jorge Viana me disse uma coisa. Ele dizia assim para mim: “Presidente, fala uma coisa que vai ser bom dizer para o povo, diga para o povo o seguinte: dinheiro, mesmo que pouco, nas mãos de muitos, significa distribuição de renda, dinheiro muito nas mãos de pouca gente, significa concentração de riqueza”. Então, o que nós estamos fazendo é pegar uma parte desse quinhão, do dinheiro gerado por vocês mesmos, e fazendo com que ele chegue nas mãos de vocês.

Para os mais diferentes tipos de atividade econômica, para as mais diferentes ações, seja no campo ou na cidade, o resultado para mim tem sido



extraordinário. Eu vim a esta Conferência, primeiro, com a perspectiva de que vocês consigam sair daqui com um Conselho montado; segundo, com a perspectiva de que vocês possam trabalhar para fazer mais sugestão para o governo. Vejam, uma coisa que vocês precisam ter clareza da relação que eu tenho com a sociedade organizada, é que mesmo quando eu estou de cara feia, eu não fico nervoso com uma reivindicação, porque eu passei a minha vida fazendo reivindicação, eu sou um reivindicador-mor, eu reivindico todo santo dia, então, eu acho que vocês têm que aprovar aqui as coisas que vão poder tornar mais sólida essa questão do microcrédito, mais sólida a questão da cooperativa. Se tiver que convencer o Congresso, vamos tentar convencer o Congresso.

Ninguém é totalmente ruim e ninguém é totalmente bom. Nós temos é que pegar o lado das pessoas que a gente pode aproveitar e fazer as coisas andar bem. E eu acho que vocês podem sair daqui com o exemplo de que o Brasil não depende mais do FMI, o Brasil não depende mais do sorriso do presidente americano, o Brasil não depende mais do sorriso de ninguém. O Brasil depende só de nós, e o Ministério do Trabalho tem consciência do papel que joga nisso. O companheiro Marinho também nasceu disso, montou uma equipe preparada para isso.

Então, vejam, nós temos vocês, vocês têm a nós. Nós temos um governo com decisão política para fazer as coisas, vocês sabem o que precisa ser feito, então, isso tudo juntou a fome com a vontade de comer e a comida está na mesa. Vamos aproveitar e vamos saciar a nossa fome.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de anúncio de investimentos da Gerdau Açominas**

Ouro Branco-MG, 28 de junho de 2006

Meu caro Jorge Gerdau,

Meus caros ministros que me acompanham nesta visita à Açominas,

Meus companheiros trabalhadores,

Clientes da Gerdau,

Fornecedores,

Convidados,

E jornalistas que estão aqui,

Um abraço especial aos prefeitos que estão aqui, o nosso prefeito de Belo Horizonte, o Pimentel; o Padre Rogério, de Ouro Branco; o Júlio César de Almeida, de Conselheiro Lafaiete; o Anderson Costa, de Congonhas,

Nosso querido Dom Luciano,

Meu caro Wilson Brumer, secretário de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais,

Meu caro Renato Moreira Figueiredo, vice-prefeito de Ouro Preto,

Deputados estaduais,

Deputados federais,

Vereadores,

Meu caro Luiz André Rico Vicente, vice-presidente executivo da Gerdau Açominas,

Meu caro Marco Antônio Pepino, presidente do Clube de Participação Acionária dos Empregados da Açominas,

Meus amigos e minhas amigas,

A minha visita hoje é, na verdade, um tributo, uma homenagem que nós



fazemos a quem acredita no Brasil, a quem investe no Brasil e a quem deposita parte da sua vida neste país.

Acho que todo mundo aqui conhece um pouco a vida do Gerdau, todo mundo sabe que com 14 anos de idade ele já era fabricante de pregos, obrigado, certamente, pelo seu pai, pelo seu avô, pelo seu tataravô. E o resultado do comportamento do teu pai, ao te levar, com 14 anos, para uma oficina, para trabalhar, Gerdau, é a confirmação de que o trabalho não faz mal a ninguém, é a confirmação de que o trabalho é um instrumento de dignificação da espécie humana.

Tem gente que gosta de um feriado, todos nós gostamos, mas eu não sei o que seria o mundo sem o trabalho e acho que ele seria melhor se nós começássemos a trabalhar, eu diria, no tempo certo. Eu comecei a trabalhar possivelmente com a mesma idade de muitos de vocês que estão aqui, com 14 anos de idade. Era um tempo em que a gente começava a trabalhar com 14 anos de idade. Hoje, todos nós, que temos condições, queremos que os nossos filhos tirem diploma universitário para depois trabalharem.

Mas eu acho que visitar uma empresa como esta, de um empresário que acredita no Brasil, de um empresário que ousou virar um empresário multinacional – o Gerdau sabe que na primeira viagem que eu fiz para a África, em Angola, eu fiz um depoimento dizendo que estava na hora dos empresários brasileiros pararem de pensar pequeno, de ser covardes e começar a virar empresas multinacionais.

Hoje, nós temos várias empresas brasileiras que estão comprando empresas fora. Tem gente que acha que isso é ruim, porque gera emprego lá fora, acontece que se não comprar lá fora, não compra aqui dentro, porque compra, na verdade, é oportunidade. E eu acho que o Gerdau é um exemplo disso.

Mas um outro exemplo, aqui, é exatamente aqui, na Açominas, e nesta região, de Paraopeba – eu achava que Paraopeba era uma região só do Pará,



mas já vi que é aqui, em Minas Gerais –, pois bem, aqui, eu, desde que desci do helicóptero, estou ouvindo falar: “porque o Pepino é isso, porque o Pepino é aquilo, porque o Pepino ajudou...”. Ou seja, quando a gente vai fazer alguma coisa, quando a gente vai disputar uma eleição, o cara fala: “Ih, você vai pegar um pepino que você vai ver. Isso é um pepino”. Eu já vi que a Açominas tem um único Pepino, que é motivo de orgulho, que dá certo.

Quero dizer para vocês que o Gerdau me contou um pouco a história e outros companheiros também, do esforço que os trabalhadores fizeram para esta empresa estar nessa situação. Há quem diga que, se não fosse a dedicação de alguns trabalhadores, possivelmente esta empresa não estivesse festejando, hoje, os seus 20 anos. Trabalhadores que pegaram o seu Fundo, que eles tinham para garantir a sua própria aposentadoria, e jogaram na empresa, acreditando que assim era possível sobreviverem por conta da geração dos empregos que eles tanto precisavam aqui, dos impostos que as cidades precisavam para sobreviver. E, depois, na visita à empresa, eu cumprimentei bastante gente. Eu tenho o hábito de cumprimentar as pessoas, eu tenho o hábito de pegar na mão, às vezes o meu cerimonial acha ruim, a minha segurança acha ruim, mas eu acho impossível vir a um lugar e não cumprimentar as pessoas, não pegar na mão. Um aperto de mão é o mínimo que se espera que um presidente da República dê às pessoas que trabalham neste país.

Uma coisa, Gerdau, que me chamou a atenção, é a quantidade de pessoas jovens, mas que já têm 15, 18, 20 anos de empresa. Quando um cidadão chega a fazer 20 anos em uma empresa – eu trabalhei 17 em uma empresa – aquilo passa a fazer parte da vida da gente. É como se fosse um filho, é como se fosse um parente, ou seja, a gente não consegue mais viver sem o cotidiano daquela empresa. Segundo, o motivo extraordinário e o orgulho das pessoas novas que eu cumprimentei ali, ou seja, pessoas que estão aqui exercendo o seu primeiro emprego formal, pessoas que aprenderam



uma profissão, estão aqui trabalhando. E também, Gerdau, o orgulho teu. O Gerdau, se fosse um jogador de bola, seria mais ou menos como o Ronaldinho, alegre, otimista, acreditando que é possível fazer as coisas, porque o Gerdau fala da recuperação desta empresa, dos investimentos que estão fazendo aqui, como se estivesse falando de um filho que estivesse nascendo, como se fosse uma coisa saída do ventre da esposa dele, pelo orgulho, pelo carinho e pela perspectiva que ele tem. Só faz isso quem acredita no Brasil, só faz isso quem acredita no povo brasileiro, no trabalhador brasileiro. Não está preocupado se tem eleição este ano, no ano que vem, em dois anos. Eleição passa, de quatro em quatro anos mudam as pessoas, agora, os projetos estruturais, ficam para sempre, geram riqueza, geram trabalho e geram cidadania.

Por isso, eu não poderia deixar de vir aqui dizer para vocês que eu vi aqui muito bem a reivindicação do Pepino e a reivindicação do Gerdau. Primeiro, Gerdau, você sabe que nós estamos trabalhando já há algum tempo, por pedido do companheiro ministro Luiz Furlan, nós estamos tentando encontrar um meio de fazer com que o investimento não seja onerado por impostos. Por enquanto, o que nós podemos fazer é discutir a parte federal, que não é a maior parte. A maior parte dos impostos são os impostos estaduais e eu acho que haverá um momento em que o presidente da República, os ministros, os governadores de estado e o Congresso Nacional estarão convencidos de que nós não podemos cobrar impostos de alguém que vem fazer um projeto e vai pagar impostos depois que começar a produzir e ganhar dinheiro. Nós não podemos cobrar do investimento. Isso já tem quase que uma massa crítica formada dentro do governo e nós precisamos fazer com que essa massa crítica perpassse os governos dos estados, os prefeitos, para que a gente possa desonerar os investimentos, porque nós fazemos um sacrifício enorme para atrair o investimento, quando ele vem, um investimento de 1 bilhão de reais, você paga 250, 300 de impostos. Então, esse dinheiro poderia ser investido para fazer um pouco mais. Quando é que o governo vai



arrecadar? Quando a empresa começar a produzir e começar a ganhar dinheiro, aí o governo vai arrecadar. Nós estamos caminhando para isso, viu, Gerdau. Isso não pode ser feito na base do rompante, isso tem que ser pensado, porque cada vez que o Estado deixa de receber de um lado, ele precisa criar condições de sobreviver sem aquele dinheiro. Então, essa é uma coisa que nós estamos pensando muito a sério.

Eu estou convencido, Gerdau, que a diminuição dos impostos é o aumento da arrecadação do Estado. Nós estamos vendo, agora, com a construção civil, quando nós desoneramos 38 produtos da construção civil, que permite se fazer uma casa comprando desde a telha ao vitrô, à lajota, ao azulejo, sem impostos, o que está acontecendo com a construção civil? A construção civil brasileira voltou a crescer tanto que, só no mês de maio, gerou 70 mil novos empregos, coisa que estava parada há 20 anos. Há 20 anos que a construção civil neste país estava parada, estava andando para trás. E nós achamos que crescendo a construção civil, vai crescer mais o Grupo Gerdau, que vai vender mais ferro e tudo vai melhorar neste país. Então, essa é uma coisa. A outra coisa é a respeito da educação. Eu vi a reivindicação do Pepino, eu queria dizer o seguinte: nós vamos terminar este mandato agora, nós já consagramos quatro universidades federais novas, nós já transformamos seis faculdades em universidades e estamos inaugurando 42 extensões universitárias para todo o interior do país. E todas começam a funcionar, a maioria, em agosto e, uma meia dúzia, em janeiro do ano que vem. E estamos fazendo mais 42 escolas técnicas, que iremos inaugurar até dezembro, porque no Brasil estava proibido fazer escola técnica desde 1998, tinham tirado do governo Federal a responsabilidade de fazer escola técnica.

Quem viaja o mundo sabe que não há nenhuma possibilidade do país se desenvolver se não tiver uma mão-de-obra altamente qualificada. Se não tiver essa mão-de-obra qualificada, nem o país cresce, nem o país será competitivo, nem as empresas brasileiras poderão competir com qualquer outro país do



mundo. Portanto, nós estamos convencidos de que a educação é a peça primordial para que o Brasil dê um salto de qualidade que não deu no século XIX e que jogou fora no século XX. E nós não vamos perder o século XXI, não vamos permitir que outro país cresça (inaudível).

E aí, por conta das reivindicações feitas por todo mundo, desde que cheguei aqui, de helicóptero... Eu liguei para o ministro da Educação, Fernando Haddad, expliquei para ele o projeto, que a empresa já fez a concessão para que o ex-escritório pudesse se transformar numa extensão da Universidade Federal de São João Del Rei, já me falaram que dezenas de ônibus saem daqui com trabalhadores com macacão e tudo que vão estudar. Obviamente que não dá para fazer isto até amanhã, porque teria que fazer Medida Provisória, teria que contratar gente, depois do dia 30 não se pode contratar mais ninguém, é proibido por lei. O Brasil é o único país em que as eleições impedem que a gente governe. Mas é assim para todo mundo, não é só para mim, então, eu não tenho do que me queixar. Eu tenho apenas que dizer para vocês que este ano não é possível fazer. Mas dizer para vocês que esta semana, Gerda, o Ministro da Educação vai mandar fazer uma vistoria na área, eu sei que o reitor da universidade já veio aí. E quero dizer para os trabalhadores: estejam certos que em janeiro vocês já poderão ter feito vestibular para começar a estudar aqui mesmo, na região onde vocês moram. A idéia é tentar tirar o atraso do tempo que não se investiu em educação. Se você quiser, Gerda, você que é um homem estudioso, você pega os investimentos em universidades brasileiras desde 1920 para você ver o que aconteceu no Brasil e para você ver quantos descasos houve neste país com a educação. E aí o país não conseguiu dar o salto de qualidade. A gente fica admirando a Coréia, fica admirando Singapura, fica admirando a China, que foram países que investiram no momento certo e na hora certa. Até outro dia no Brasil quando se falava em educação, falava-se em gasto. Hoje, a consciência que está perpassando na nossa consciência, qual é? O que está



passando na nossa cabeça hoje é o seguinte: se a gente não investir em educação hoje, a gente vai ter que investir em cadeia amanhã, a gente vai ter que investir em mais segurança, cada um vai ter um cachorro mais forte dentro de casa, cada um vai fazer o muro mais alto. Assim é o mundo. Então, não tem salvação se não for a educação. Eu, quando vi aquelas meninas – o Gerdau estava comigo quando eu as cumprimentei – que se formaram, uma fez um curso “daquilo”, outra fez um curso técnico, e todas estão trabalhando com alegria, o prazer de a pessoa trabalhar, porque não tem nada mais dignificante do que chegar ao final do mês, levar para casa o ganha-pão para a nossa família às custas do nosso suor, às custas do nosso conhecimento.

Por isso, Gerdau, quero te dar os parabéns. Parabéns por acreditar no Brasil, parabéns por este investimento, parabéns por encontrar um parceiro como todos esses trabalhadores aqui, representados pelo nosso querido Pepino, e dizer para você, Gerdau, que da parte do governo federal – você sabe porque é chamado a participar de muita coisa junto conosco – você sabe que nós estamos em uma rota muito interessante. Eu, de vez em quando, falo que nós estamos vivendo um certo momento mágico no Brasil, porque a economia do Brasil está sóbria, os juros estão baixando. Você viu que a TJLP vai cair outra vez, você viu que os juros da Taxa Selic estão caindo, e isso vai significar o quê? Aumento de emprego neste país, aumento de investimento. O BNDES tem dinheiro para investir, nós estamos discutindo como encontrar outros Fundos para que a gente possa fazer investimento em infra-estrutura, você tem o sonho de produzir trilhos aqui... Você está lembrado que, há pouco tempo, o Brasil não produzia um vagão sequer, um único vagão. A gente importava vagão da China e hoje nós já estamos produzindo. Só a fábrica lochpe já tem 7 mil vagões de encomenda, logo, logo, estaremos produzindo locomotivas no Brasil. Estou convencido do seguinte: este século tem que ser nosso. O século XIX foi da Europa, o século XX foi dos Estados Unidos, a China tentou pegar o final do século XX e o começo do XXI, mas nós não



temos por que não transformar esses primeiros anos do século XXI no século do Brasil, para que a gente se transforme em uma nação desenvolvida, em uma nação geradora de riquezas, em uma nação geradora de conhecimento e em uma nação que possa distribuir essa riqueza de forma mais justa.

Hoje estou duplamente feliz. Não sei se vocês têm acompanhado, tem momentos muito importantes. Hoje, por exemplo, eu fui a Contagem, hoje nós conseguimos atingir a meta que eu disse, em janeiro de 2003, no meu discurso de posse. Hoje nós completamos 11 milhões e 100 famílias recebendo o Bolsa Família. É um recorde de tempo extraordinário. Há pouco tempo a Petrobras anunciou a sua independência de petróleo. Na semana passada eu fui ao Paraná anunciar o novo combustível chamado H-Bio, que é brasileiro, patenteado pela Petrobras, portanto, quem quiser utilizar H-Bio vai ter que pagar royalties para nós. Esta semana estarei assinando o Protocolo da TV Digital, com a possibilidade de termos, no Brasil, uma fábrica de semicondutores, fazendo o Brasil entrar na revolução da microeletrônica.

Então, está tudo preparado, Gerdau. Mais uns 50 empresários com a sua disposição e mais uns 200 Pepinos espalhados por este país, nós estaremos certos que o Brasil... E Deus queira que eu seja um Pepino igual ao teu Pepino aqui.

Muito obrigado. Parabéns e que Deus nos ajude.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia alusiva ao cumprimento da meta do Programa Bolsa Família
Contagem-MG, 28 de junho de 2006**

Meus queridos companheiros e companheiras de Contagem, Minas Gerais,

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu caro ex-governador de Minas Gerais, Newton Cardoso,

Meus companheiros ex-ministros do meu governo, Nilmário Miranda e Saraiva Felipe,

Senhores e senhoras, deputados federais Fernando Diniz, Maria do Carmo Lara, Maria Lúcia Cardoso, Reginaldo Lopes e Virgílio Guimarães,

Deputados estaduais aqui presentes,

Minha querida companheira Marília Campos, prefeita de Contagem,

Meus companheiros prefeitos,

Eu queria saudar o nosso querido prefeito, além da Marília, o nosso prefeito Fernando Pimentel, de Belo Horizonte, e em nome dos dois eu quero cumprimentar todos os prefeitos que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar o presidente da Câmara Municipal de Contagem, Arnaldo Luiz de Oliveira,

Quero cumprimentar a nossa querida Luciana da Silva Souza, que fez o discurso aqui,



Quero cumprimentar o presidente da FIEMG, nosso amigo Robson Andrade,

Quero cumprimentar o Olavo Machado Júnior, presidente do CIEMG,

Quero cumprimentar os estudantes do Sesi aqui presentes,

Na verdade, o companheiro Patrus já disse o que eu deveria dizer. Este é o problema da gente falar por último, é que as pessoas que falam primeiro falam aquilo que a gente vai falar, sobretudo quando você tem um discurso por escrito.

Mas eu penso que hoje, mais do que estar aqui comemorando 11 milhões e 100 mil famílias que estão recebendo o Bolsa Família, Patrus, é um dia de agradecimentos. Agradecimentos a você, pessoalmente, e às pessoas que trabalham no Ministério do Desenvolvimento Social, pela dedicação, porque nós estamos completando apenas 42 meses de governo. O Programa começou a ser implantado em 2003 mas, na verdade, só começou a pegar fôlego em 2004. Em pouco mais de dois anos nós conseguimos a proeza de incluir 11 milhões e 100 mil famílias no maior programa de transferência de renda existente hoje em qualquer país do mundo. Então, agradecer às pessoas do teu Ministério, agradecer à Caixa Econômica Federal.

A Caixa Econômica Federal fez mágica, demonstrou competência, dedicação exclusiva dos funcionários, que se dedicaram para que a gente pudesse realizar esse sonho de atender a grande maioria das famílias que estão abaixo da linha da pobreza. E não foi fácil. Agora que está pronto, parece que foi fácil, mas a Caixa Econômica Federal teve que se virar para que a gente pudesse ter uma renovação de cadastro, porque nós tivemos que pegar todas as pessoas do ex-programa Bolsa Escola, do ex-programa Vale Gás e renovar o cadastro. Esse cadastro não estava, muitas vezes, correto. Mais de 2 milhões de pessoas saíram desse cadastro e a gente transferiu para o Bolsa Família, num trabalho extraordinário, merecedor de respeito e dos nossos



aplausos, feito pela Caixa Econômica Federal, que é a nossa Caixa, o nosso banco e por que não dizer, motivo de orgulho de todos nós.

Quero agradecer às prefeituras de todos os partidos políticos, do PFL, do PMDB, do PSDB, do PSB, do PT, do PTB, do PDT, do PC do B. Por que eu estou agradecendo às prefeituras? Porque esse Programa, embora seja do governo federal, quem cadastra as pessoas não é o governo federal, são as prefeituras. É uma transferência de responsabilidade para as prefeituras, para demonstrar a isenção do governo nesse projeto. Eu nunca perguntei de que partido é o prefeito. Se naquela cidade tiver gente vivendo com uma quantia mensal abaixo da linha da pobreza, ele pode ser um prefeito do PFL, do PSDB, pode passar o dia inteiro falando mal do presidente da República, mas os pobres na sua cidade serão tratados igual aos da cidade de Belo Horizonte, ou igual aos da cidade de Contagem.

Todos os prefeitos brasileiros e todas as cidades já estão dentro do Programa. Não existe, hoje, um único município que não esteja no Programa. Certamente, meu caro Robson, poderemos ter cometido alguns erros porque, como é cadastrado pela prefeitura, muitas vezes acompanhado pelo Ministério Público Estadual e, ainda, em muitas cidades tem Conselhos Municipais que ajudam a fiscalizar, ainda assim a gente pode estar cometendo erros, pode ser que tenha uma pessoa que não tem direito e está recebendo, e ainda pode ser que tenha uma pessoa que tem direito a receber e não foi cadastrada.

Na semana passada, eu fui a Petrolina, ou melhor, eu fui a Olinda, em Pernambuco, e visitando umas casas numa palafita, eu comentei com o Patrus que as mulheres que estavam morando nas palafitas recebiam o Bolsa Família e uma, que era tão pobre quanto as outras, não estava recebendo. Então, eu falei para o Patrus: é preciso que agora a gente converse com os prefeitos outra vez, converse com o Ministério Público, converse com a sociedade porque, na verdade, agora o governo está precisando da ajuda da sociedade para que possa atender as pessoas pobres que ainda não foram cadastradas,



e certamente terá. E, lá de Brasília, é muito difícil o Patrus descobrir, o Ministério descobrir. Se a sociedade brasileira não souber e não comunicar, a gente poderá estar cometendo injustiças, apesar do sucesso do Programa até agora.

Então, é um apelo que eu faço aos prefeitos, é um apelo que eu faço à sociedade, ao Ministério Público, ou seja, se a gente procurar, a gente vai encontrar, ainda, pessoas pobres que não foram cadastradas por “n” motivos, e nós queremos cadastrar essas pessoas porque elas têm direito. Da mesma forma que nós temos feito o apelo, se uma pessoa estava recebendo o benefício e o marido arrumou emprego e, portanto, a renda ultrapassou a renda que o Programa estabelece como limite, nós queríamos pedir que as pessoas devolvessem o cartão para que a gente pudesse dá-lo a uma outra pessoa mais necessitada.

Aqui, meus agradecimentos, e eu quero, Patrus, fazer agradecimentos porque no Brasil, de vez em quando, tem coisa que nos surpreende de forma extraordinária. No ano passado, eu vi na televisão um grupo de mulheres que recebia o Bolsa Família e depois uma dessas mulheres começou a comprar franguinhos novos, galinhas, essas galinhas foram crescendo, com o segundo Bolsa Família comprou mais, daí a pouco ela já tinha uma porção de galinhas que botavam ovos, nasceram pintinhos, e daí a pouco essa mulher estava vendendo na feira os franguinhos dela. E ela procurou o Ministério para devolver o cartão, porque ela já estava vivendo às suas próprias custas. Exemplos como esse são milhares e milhares pelo Brasil afora.

Outra coisa, Patrus, que eu queria dizer a você e ao povo de Contagem, é que seria tão fácil e tão mais fácil, meu caro Newton Cardoso, você que foi governador, a gente governar um país, um estado, uma cidade, se a gente tivesse que cuidar só dos pobres. Os pobres, na verdade, não dão trabalho. Por isso é que durante muito tempo eles ficaram esquecidos, porque os pobres não têm dinheiro para ir protestar em Brasília, os pobres não têm dinheiro para



alugar ônibus, os pobres, muitas vezes, não estão nos partidos políticos, muitas vezes não entram na universidade. Muitas vezes os mais pobres não vão sequer até o sindicato, eles vão à igreja rezar e pedir ajuda a Deus e, muitas vezes, os governantes não olham para eles porque eles não estão na rua fazendo passeata e fazendo protesto contra os governos.

Muitas vezes o pobre quer apenas um pão, enquanto muitas vezes o rico, cada vez que encosta perto, quer 1 bilhão. Então, fazer política para pobre é uma coisa prazerosa, porque a gente sente que a comida chega na casa das pessoas. Disse bem a nossa companheira, ela disse muito bem, quem ganha 4, 5, 6, 7, 8 mil reais por mês, gasta 95 reais tomando cerveja no final de semana, e aí acha que 95 reais é proselitismo, é assistencialismo. Isso não vai resolver o problema. Olha, não precisa ser 95 reais. Uma pessoa que passa o ano inteiro sem ver uma nota de 5 reais no bolso, quando tem a chance de receber 50 reais por mês, a vida dessa pessoa já tem uma melhora substancial.

Por isso Patrus, nós vamos continuar fortalecendo esse Programa, nós sabemos que é pouco, e sabemos que mesmo que pudéssemos pagar o dobro, ainda não iríamos pagar a dívida social que se tem com este país. Mas uma escada de 30 degraus, a gente começa a construí-la degrau por degrau e a subi-la degrau por degrau. Então, o que nós estamos fazendo é o primeiro degrau, dando as calorias e as proteínas necessárias às crianças deste país. Elas estão indo à escola, não estão abandonando a escola, 90% das escolas brasileiras estão comunicando ao governo a presença das crianças, o que antes não se fazia. Então, se a criança come e está na escola, já é meio caminho andado para não se desviar na vida.

Ainda tem muita gente no Brasil que acha que não adianta gastar dinheiro com pobre, e ainda utiliza a palavra gasto. Quando a gente empresta 3 bilhões de reais a uma empresa, e é importante emprestar, quando uma prefeitura dá um terreno para uma grande empresa se instalar, muitas vezes é



importante dar, quando uma prefeitura consegue fazer isenção de impostos para uma empresa se instalar e, muitas vezes, tem que fazer, as pessoas tratam como investimento. Aí, quando a prefeitura ou o governo federal pega 10 reais para gastar com o pobre, aparecem uns especialistas dizendo: “está gastando dinheiro”.

Sabe por que eles falam isso? Porque para eles, tudo que vai para os pobres é gasto, e para mim, tudo que vai para o pobre é investimento em ser humano, é investimento em gente. E eu vou dizer, meus amigos de Minas Gerais, que se a gente não tiver coragem de fazer o investimento na hora certa para essas crianças comerem e para essas crianças estudarem... tem uma hora para isso. Se a gente não fizer o investimento na hora certa, quando eles estiverem com 18, 19 anos, a gente vai estar fazendo o quê? Aí, sim, gastando dinheiro para contratar policial, gastando dinheiro para fazer cadeia, gastando dinheiro para fazer cela, porque não tivemos coragem de fazer o investimento na hora certa para nossas crianças.

Eu tenho certeza que quando a gente vê um bandido de 20 anos ser preso, de 25 anos, porque a maioria que está presa é dessa idade, na década de 80 essas crianças tinham quantos anos? Quatro anos de idade, eram tão bonitinhas e meigas como essa criança que está aqui. Mas como ela não foi cuidada adequadamente, como ela não foi cuidada no momento certo, como não recebeu a comida necessária, a escola necessária e, muitas vezes, o carinho da própria família e da sociedade na hora certa, depois a gente fica dizendo que a pessoa nasceu ruim, que a pessoa é do mal, que a pessoa não é do bem. Ninguém nasce ruim, ninguém nasce do mal, ninguém tem sangue ruim. Se medirmos o sangue de todo mundo, nós vamos perceber que pode ter uma ou outra diferença. A gente fica mau porque nós aprendemos isso na própria sociedade em que vivemos.

Portanto, eu quero dizer para vocês que nós vamos continuar fazendo isso. Tem duas coisas que não abrimos mão: é cuidar dos pobres deste país e



cuidar da educação. A educação deste país é a única condição pela qual o Brasil deixará de ser um país eternamente emergente e em desenvolvimento para se transformar numa nação desenvolvida. E nós vamos fazer isso. Eu sei que isso precisa de investimento, nós estamos com o Fundeb para ser votado no Congresso Nacional. Desde junho do ano passado que o projeto está no Congresso Nacional, já foi votado na Câmara dos Deputados, agora está lá no Senado para ser votado, e pelas informações que eu recebo parece que tem gente que não quer votar, porque se votar são 4 bilhões e 300 milhões a mais para a educação, e isso poderia beneficiar o governo do presidente Lula.

Eu, muitas vezes, não quero acreditar nisso, viu Robson, porque eu não acredito que tenha gente que pensa de forma tão pequena, que seja capaz de prejudicar as crianças brasileiras, pensando que está prejudicando o presidente da República, pensando que está prejudicando o governo federal. O governo tem tempo para entrar, tem tempo para sair. Essas crianças não pediram para nascer e a gente não sabe quanto tempo vão viver. E será muito melhor para o Brasil se nós cuidarmos delas com carinho, amor e dando a educação correta.

Por isso eu quero, Patrus, dizer que hoje é dia de festa, é dia de alegria, porque o que nós estamos fazendo aqui não é dar um simples cartão, o que nós fizemos aqui, hoje, e 22 mil famílias em Contagem recebem, o que nós estamos fazendo é preparar o futuro do Brasil e, sobretudo, preparar o futuro dessas crianças. Certamente, dizia Paulo Freire, não tem criança burra, não tem criança que não seja inteligente, tem criança que come e criança que não come, tem criança que tem oportunidade e criança que não tem oportunidade. Se a criança estiver com a barriguinha cheia e tiver oportunidade de estar numa escola de qualidade, essas crianças todas serão inteligentes e essas crianças todas vencerão na vida.

Muito obrigado, boa sorte Marília, boa sorte ao povo de Contagem e boa sorte a Minas Gerais.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de contratos na área de habitação**

Palácio dos Bandeirantes – São Paulo-SP, 29 de junho de 2006

Meu caro amigo governador de São Paulo, Cláudio Lembo,
Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,
Deputado Rodrigo Garcia, presidente da Assembléia Legislativa de São
Paulo,
Companheiro Aloizio Mercadante, senador da República, Eduardo
Suplicy,
Deputados federais e deputadas,
Deputado Arnaldo Faria de Sá, Luiz Eduardo Greenhalgh, João Paulo
Cunha, Mariângela Duarte, Telma de Souza, Vicente Cascione,
Meu caro prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab,
Deputados estaduais,
Meus amigos,
Minhas amigas,
Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,
Meus companheiros prefeitos José Roberto Tricoli, de Atibaia; Hélio de
Oliveira, de Campinas; Clermont Silveira Castor, de Cubatão; Joel Fonseca,
vice-prefeito de Diadema; Geraldo Leite da Cruz, de Embu; Jorge do Carmo
Silva, secretário de Habitação de Ferraz de Vasconcelos; Farid Said, Guarujá;
Elói Alfredo Pietá, Guarulhos; Jorge José da Costa, Itapeverica da Serra;
Emídio, de Osasco; João Avamileno, de Santo André; Marcelo de Souza
Candido, de Suzano; Evilásio Farias, de Taboão da Serra; Décio Garcia, São
Vicente,

Meu caro Governador, eu, quando vim para cá, embora tenha trazido um



discurso por escrito, vim com a disposição de não precisar fazer discurso aqui, porque o gesto da assinatura é mais nobre do que as palavras que eu possa proferir. Entretanto, já que eu estou em pé, na frente do microfone, vou dizer umas coisas.

Veja que interessante: eu tenho uma relação de amizade com o Cláudio Lembo desde 1978. O governador deste estado, até então, era Paulo Egídio Martins, governador que, por conta da relação com ele e por conta do clima político, nós visitamos muitas vezes o Palácio dos Bandeirantes. Depois, essa relação de amizade continuou e, nesse tempo todo, embora em partidos diferentes e posições diferentes, eu faço questão de dizer, e disse isso em São José dos Campos, outro dia: a relação com o governador Cláudio Lembo tem sido, historicamente, uma relação civilizada, numa demonstração de que dois seres humanos podem pensar ideologicamente diferentes, podem comungar e conviver com religiões e clubes de futebol diferentes. Entretanto, na hora em que têm que tratar das coisas institucionais, a pequenez do ser humano tem que ser jogada fora, e temos que tratar com a grandeza com que os entes federativos têm que ser tratados neste país.

E tem sido assim a nossa relação. Esses dias, encontrei com o Governador e com o Prefeito. Este ato de hoje era para ter sido feito em São Vicente, a idéia era fazer uma visita a São Vicente, visitar palafitas, porque mais importe do que o discurso é a gente visitar e (**falha na gravação**). Mas hoje você não pode fazer uma visita comum, porque você terminou a visita e tem um palanque, e eu não queria esse tipo de palanque. Eu falei: então, acho que é melhor, já que são muitos prefeitos, vamos conversar com o Governador e vamos fazer isso dentro do Palácio, da forma mais civilizada, como tem que ser, até porque um prefeito pode ficar chateado porque ele tem que ir à cidade do outro para receber um dinheiro que está disponibilizado para ele.

E eu acredito que os quase 180 milhões que a Caixa Econômica, os prefeitos e o Ministro das Cidades assinaram aqui, é apenas uma pequena



parcela daquilo que é preciso para resolver os graves problemas urbanos das cidades brasileiras.

E, quando foi aprovado o Fundo Social, eu tomei uma decisão de que esse dinheiro deveria começar do pior, da pior situação que vive uma pessoa, que é a palafita. Quem conhece o que é uma palafita sabe que é a forma de degradação humana pior que vive um ser humano. Não tem nada pior do que uma palafita.

E começamos a fazer os investimentos. Num primeiro momento tivemos dificuldades, porque muitos prefeitos não tinham projetos prontos. E, Governador, você conhece bem, às vezes os prefeitos dão entrada num pedido, tem dinheiro disponibilizado, mas às vezes não tem projeto, e passam anos, a prefeitura necessitando, o dinheiro disponibilizado, e não tendo o projeto, não executa.

Eu exigi que o nosso amigo Márcio Fortes fizesse contato com todas as prefeituras possíveis, independentemente do estado e do partido político, porque muita gente pensa que quando a gente delibera uma coisa, você olha a que partido pertence um prefeito. Isso é o que menos interessa quando você tem que tratar da miséria desse (**falha na gravação**) apresentou um conjunto de cidades que tinham projetos prontos e, portanto, a gente poderia fazer o convênio e o dinheiro ser liberado. Porque no Brasil, também, nós temos as eleições agora e fica proibido de se fazer convênio a partir de amanhã. Só depois do processo eleitoral.

Eu penso que a Caixa Econômica Federal, o Ministério das Cidades, o presidente da República, o governo do estado, vão ter que fazer uma reflexão, quem quer que seja que governe este país nos próximos dez, 15, 20 anos, cinco anos, nós temos um problema hoje. É que nós temos dinheiro disponibilizado na Caixa Econômica Federal, nós temos dinheiro para emprestar no BNDES, e qual é o problema? É que no Brasil as prefeituras estão, praticamente todas, proibidas de ter financiamento, porque todas estão



endividadas. Então, fica a pior situação do mundo. Você sabe que a cidade precisa, você tem dinheiro disponibilizado para fazer o financiamento e você não pode fazer porque tem, como diria o Cláudio Lembo, tem um monte de embaralhamento jurídico que não permite que se empreste o dinheiro. E nós precisamos resolver isso. Agora mesmo, nós estamos com um bom problema no Brasil, que é excesso de dinheiro no Fundo de Garantia. Nós temos 20 bilhões de reais de patrimônio líquido e estamos tentando encontrar jeito de fazer investimento desse dinheiro em infra-estrutura. E qual é o problema? Nós precisamos do projeto e do parceiro.

Então, governador Cláudio Lembo, eu penso que haverá um dia em que todos nós colocaremos de fora as nossas paixões partidárias e ideológicas e vamos medir concretamente quais são as principais necessidades do povo deste país e das prefeituras. E, com muita simplicidade, sem olhar para a cara de ninguém, sem olhar para a data, se vai ter eleição ou não, a gente fazer as coisas fluírem com maior rapidez e com maior nitidez. Não tem pior coisa – e vocês são prefeitos, sabem aqui, e quem não é prefeito já foi prefeito – não tem pior coisa no mundo do que você saber que tem o dinheiro, você saber que tem a necessidade e você saber que não pode emprestar porque tem um empecilho que não permite emprestar.

Aliás, eu vou contar uma coisa para vocês. Nós mudamos agora, mas tinha uma fila chamada “fila burra” para pegar dinheiro para saneamento básico. Entrava aquele monte de cidades na fila, às vezes a cidade não tinha projeto, às vezes a cidade não tinha condições de pegar o dinheiro, mas ela ficava na fila meses e anos, atrapalhando outras que tinham projetos. E era assim porque havia instituições que gostavam que fosse assim para poder não liberar o dinheiro.

Então, meus amigos, eu queria pedir para vocês o seguinte: olhe, este convênio que foi assinado aqui só tem sentido e só faz sentido se vocês começarem a tratar de gastar este dinheiro amanhã, porque este dinheiro é



para gerar benefícios para a cidade, mas, sobretudo, para gerar empregos na maioria das cidades deste país. O Fundo, Hélio, no ano que vem deve ter um pouco mais dinheiro e nós vamos ter que aprender que, para cuidar de saneamento básico, uma parte do dinheiro tem que ser do Orçamento Geral da União, não pode ser apenas financiamento. Nós temos que começar a perceber que, com a mesma qualidade que nós colocamos o dinheiro para saúde, nós temos que colocar para o saneamento básico, porque você é médico e sabe que, colocando no saneamento, a gente vai evitar que a pessoa fique doente.

Então, eu quero dizer, Cláudio, que eu também considero um momento importante este dia de hoje. Acho que o fato do governador do estado de São Paulo e do presidente da República se encontrarem, nós começamos na mesma data, em funções diferentes, ele agora está governador de estado e, eu, presidente, o nosso mandato está para terminar. E seria muito ruim que terminasse o teu mandato e eu não pudesse te fazer uma visita aqui no Palácio Bandeirantes. Da mesma forma que será muito ruim, já que nos encontramos tantas vezes, que você não vá a Brasília e que a gente não possa discutir nada. Eu não sei, não tem nenhuma coisa, Governador, não precisa ter nenhum grande convênio, apenas passar para a sociedade a idéia de dois seres de berços diferentes, de formação diferente, de concepções ideológicas diferentes, podem ser amigos, podem conviver democraticamente na adversidade. Esse é um símbolo que os democratas deste país não podem deixar de passar todo o santo dia para a sociedade brasileira.

Quero agradecer a você, ao prefeito Kassab, aos prefeitos que vieram aqui – eu acho que vocês foram convidados ontem e não é fácil sair de uma cidade e vir para cá – quero agradecer porque eu não esperava que você tivesse tempo de fazer o convite para tanta gente. Inclusive, todos os deputados aqui, foi uma surpresa para mim, porque neste momento eu nem quero que os deputados venham comigo porque estão dizendo que tudo é



política, então, eu estou evitando. Mais um gesto que um professor de Direito deu de que não é crime, pelo contrário, é garantia de que os deputados estejam sempre do nosso lado e atrás de nós quando estamos fazendo as coisas.

Prefeitos, boa sorte, obrigado meu caro Kassab, muito obrigado ,deputados e deputadas, obrigado pela presença de vocês. E quero dizer para vocês que não tenho nenhum problema, a nossa Caixa Econômica tem recursos, viu Cláudio, tem recursos e esta pernambucana é mão aberta, viu? Tendo projeto, é só comparecer que a Caixa lhe atenderá. Muito obrigado e boa sorte para todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de decreto sobre implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital

Palácio do Planalto, 29 de junho de 2006

Meu caro Renan Calheiros, senador e presidente do Senado,
Meu caro Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos Deputados,
Minha querida ministra Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Senhor Heizo Takenaka, ministro do Interior e das Comunicações do Japão,

Meus caros ministros Samuel Pinheiro Guimarães, interino das Relações Exteriores; Hélio Costa, das Comunicações; Sérgio Machado Rezende, de Ciência e Tecnologia; Luiz Fernando Furlan, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Embaixador Takahiko, embaixador do Japão no Brasil,
Senador Romero Jucá,
Deputados federais,
Senhor Roberto Franco, presidente da SET, Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão,

Senhora Elizabeth Carmona, presidente da TVE Brasil,
Senhor Eugênio Staub,
Professor Marcelo Zuffo,
Professor Luiz Fernando Gomes Soares,
Senhoras e senhores representantes dos radiodifusores privados, das emissoras públicas de televisão, da indústria de eletroeletrônicos e das universidades públicas e privadas,

Jornalistas presentes aqui,
Meus amigos e minhas amigas,



Primeiro, um agradecimento às universidades brasileiras. O que nós presenciamos hoje, aqui, com o resultado desse trabalho, Hélio, Dilma, Sérgio Rezende, Furlan, é que habitualmente a gente fica dizendo que o que falta para as pessoas são oportunidades.

As universidades brasileiras, quando chamadas, a pública e a privada, mostraram do que são capazes. Portanto, meu reconhecimento, meus parabéns às universidades brasileiras. Meus parabéns aos empresários da microeletrônica, sobretudo aqui na presença do Staub, que tem sido um parceiro, pelo discurso de hoje, com a esperança renovada, acreditando que agora vai acontecer, definitivamente, e teve uma dedicação extraordinária nesse processo. E todos os empresários, sem nenhuma distinção – só não vieram aqueles que não quiseram – que quando foram convidados, participaram ativamente.

Quero cumprimentar também os empresários da radiodifusão no Brasil, porque não foram poucas as reuniões. Vocês viram que o Hélio terminou dizendo que nós marcamos um gol. Vocês estão lembrados que faz quatro meses que ele colocou a bola na marca do pênalti, e nós demoramos para bater o pênalti porque era preciso construir mais fortemente essa relação democrática com a sociedade brasileira, para concluir esse projeto que estamos concluindo agora.

Quero agradecer aos diretores da nossa Agência Nacional de Telecomunicações, e quero agradecer, sobretudo, ao companheiro Miro Teixeira, que teve um papel crucial, na verdade foi, no início, o maior entusiasta para que nós pudéssemos chegar até aqui. Depois o ministro Eunício Oliveira continuou o trabalho e, realmente, o Hélio Costa pôde concluir.

Queria enaltecer aqui o trabalho da ministra Dilma Rousseff. Eu não sei se por ser mulher e ter uma ascendência muito grande sobre os homens, a Dilma, ao trazer para a Presidência da República a coordenação desse



processo, eu penso que a Dilma está virando especialista em TV Digital, porque em todas as reuniões... eu me lembro que um dia eu estava numa manifestação não sei onde e vi um cidadão com uma placa: “queremos discutir TV Digital.” Eu falei para a Dilma: temos que procurá-lo. Nós temos que encontrar aqueles que não estão no meio de nós, que querem discutir, porque isso não é uma coisa de um governo, isso não é uma coisa de um presidente, isso é uma política de Estado, e se é de Estado, nós temos que procurar quem na sociedade brasileira queira discutir, porque nós somos passageiros, mas o sistema ficará para todo o sempre, até que apareça um outro melhor.

Quero agradecer aos ministros que foram para o Japão, o Hélio, o Furlan e o Celso Amorim, porque foi uma decisão pensada, repensada, porque tinha muito trabalho para que nós não fôssemos ao Japão, e nós resolvemos ir porque entendíamos que o Brasil precisava ter uma indústria de semicondutores e precisaríamos procurar parceiros.

Eu acho que a viagem foi exitosa, o resultado disso está aqui e eu quero cumprimentar o governo japonês. Recebi uma carta, hoje, do ministro Koizumi e quero cumprimentar o ministro Takenaka por estar aqui neste dia memorável para as relações Brasil e Japão, que não é nova mas se fortalece extremamente. Quem sabe, já com TV Digital instalada na casa de todo mundo, nós vamos assistir um dia o Japão ser campeão do mundo ou disputar uma final com o Brasil numa Copa do Mundo.

Portanto, eu quero reconhecer, com muito carinho, a dedicação de todo mundo, foi muita gente envolvida no processo, e se a gente pudesse fazer uma tomografia de todo o processo, a palavra que iria aparecer seria “democracia tecnológica”, porque nós não tivemos preocupação de ouvir apenas parceiros, nós tivemos o compromisso de ouvir todos, sem distinção, que tinham um palpite ou um conhecimento a dar. Eu acho que nós produzimos um material e um resultado extraordinário, portanto, estamos realizando hoje um ato de grande transcendência, o início da implantação do Sistema Brasileiro de



Televisão Digital que nos próximos 10 anos vai revolucionar, não apenas a TV brasileira, mas a relação da sociedade com a informação no seu sentido mais amplo.

A TV Digital não é apenas um sistema que melhora a transmissão e a captação do sinal de TV. Ela é, ao mesmo tempo, uma fabulosa síntese tecnológica, um poderoso fenômeno econômico e um forte avanço democrático. Da maneira que decidimos implantá-la no Brasil, será também um grande vetor de desenvolvimento, geração de empregos e ampliação de renda, com benefícios para todos os setores da sociedade.

Transformamos a TV Digital em prioridade porque ela está plenamente afinada com a meta do nosso governo, de conciliar avanço social com avanço tecnológico. Foi por isso que nos últimos três anos começamos a torná-la realidade, buscando o padrão tecnológico mais avançado e a equação política e financeira que melhor atendesse aos interesses nacionais e melhor protegesse os direitos da população. A decisão final pelo padrão japonês foi tomada de acordo com esses princípios, da maneira mais transparente possível, e com a participação de amplos setores da sociedade brasileira.

Meus amigos e minhas amigas,

Quando assumimos o governo, encontramos a discussão sobre a TV Digital em um beco sem saída. Apenas se discutia, de maneira vaga e superficial, qual dos três padrões existentes no mundo o Brasil deveria adotar. Não se cogitava a hipótese de aproveitar essa oportunidade única para se fortalecer uma política industrial e tecnológica voltada para a ampliação de conhecimento, a produção de bens inovadores e a transformação de novos investimentos.

Mudamos essa realidade porque uma das principais metas do governo sempre foi a implantação de uma nova política industrial e tecnológica, e não abrimos mão de encaminhar o processo de implantação da TV Digital de forma



participativa, com envolvimento da sociedade, como é normal neste nosso mandato.

Houve, em todo esse período, um diálogo intenso com as emissoras de televisão, com a indústria eletroeletrônica, com as empresas de telecomunicações, com a universidade brasileira, com produtores culturais e com o Congresso Nacional. E os pesquisadores brasileiros foram mobilizados de uma forma inédita, para levar a bom termo a estruturação desse projeto de interesse estratégico do país.

Era fundamental que isso ocorresse, afinal, a TV Digital vai moldar em boa medida o futuro das comunicações, da produção, difusão e absorção de cultura em nosso país. Vai permitir um amplo acesso a serviços e bens culturais, especialmente para a população mais pobre, que muitas vezes tem na televisão seu único meio de informação e diversão gratuita. Fará, entre outras coisas, com que o televisor deixe de ser um mero receptor de programas para se transformar em uma fonte de acesso a um mundo cheio de possibilidades. Não está longe o dia em que as famílias poderão marcar uma consulta médica pelo SUS usando a TV; não está tão longe o dia em que as pessoas também poderão ter acesso às suas contas de Previdência Social pela Internet, via digital; não está longe o dia em que a sala de aula poderá ter uma extensão dentro da sala de visita de todos os lares brasileiros, de todas as classes de renda.

O contribuinte poderá ter melhor acesso e controle das informações e dos serviços prestados pelo Poder Público, bem como de seus impostos e taxas. Com mais informação disponível de forma digital e organizada com custos menores, o Estado também tenderá a ser mais eficiente na oferta de serviços. Mais oportunidades vão surgir para a juventude em termos de produção de cinema, de programas esportivos, educacionais, de novela e outros bens culturais e de lazer.

Trata-se, na verdade, de uma poderosa ferramenta de interação do



usuário com o mundo, do indivíduo com a sua comunidade e com os centros de formação do saber, e do cidadão com as instituições que o representam e o protegem. Em suma, é um fato de grande magnitude política, social e cultural. E tinha que ser tratado com a importância e a responsabilidade necessárias.

Minhas senhoras e meus senhores,

O Sistema Brasileiro de Televisão Digital é mais uma prova da capacidade criativa dos brasileiros, da afirmação da nossa capacidade de escolher e da nossa soberania de decidir, do nosso talento de firmar parcerias e trocas intelectuais saudáveis e vantajosas.

A implantação da TV Digital enseja uma oportunidade de desenvolvimento de tecnologias brasileiras que serão adotadas no Sistema Brasileiro de Televisão Digital, em parceria com os nossos irmãos japoneses. Possibilita uma efetiva política industrial que contemple a associação de empresas brasileiras e japonesas. Ela é uma vitória de toda a sociedade, mas não ocorreria sem o esforço individual e a visão de algumas pessoas.

Meu primeiro ministro das Comunicações, Miro Teixeira, teve o mérito de colocar o problema para a sociedade, de convocar o debate e mostrar que havia, sim, como vencer o ceticismo sobre a capacidade brasileira de trazer avanço nessa área. Propôs um sistema brasileiro para TV Digital que não significasse a compra de um pacote fechado, mas estimulasse a constituição de uma rede nacional de pesquisas capaz de produzir o conhecimento necessário à opção estratégica do país.

O ministro das Comunicações, Eunício Oliveira, intensificou o debate, formou os consórcios e organizou o encaminhamento das ações. Meu atual ministro, Hélio Costa, deu celeridade aos trabalhos de pesquisa, organizou a alocação de 60 milhões do Fundo Nacional de Telecomunicações e batalhou incansavelmente pela realização deste projeto grandioso.

Desde o começo deste ano, tivemos um trabalho notável do ministro Furlan e do ministro Sérgio Rezende, bem como dos ministros Gilberto Gil, da



Cultura, e Fernando Haddad, da Educação.

A ministra Dilma e o chanceler Celso Amorim exerceram a coordenação dos esforços do governo, inclusive nos contatos e reuniões com autoridades de outros países, interessados no Sistema Brasileiro de TV Digital.

No final, não apenas chegamos a um excelente resultado, como aperfeiçoamos um estilo de formular políticas públicas para setores altamente estratégicos. Não cedemos a soluções fáceis e prontas, mas buscamos caminhos corretos e inovadores que nos façam recuperar perdas do passado e nos projetem, com mais dinamismo, para o futuro.

Além dos benefícios que nos trará no futuro imediato, a política de implantação da TV Digital vai nos permitir também recuperar uma grave lacuna do passado. No início da década de 90, mais de duas dezenas de fábricas de componentes semicondutores fecharam as suas portas no Brasil e foram para a Ásia. Aqui, ficamos com a montagem de kits importados já prontos, apenas agregando o custo da mão-de-obra barata. Nos colocamos fora do mercado global. Isso aconteceu quando a indústria de semicondutores tornava-se uma das indústrias mais decisivas do nosso tempo, pois o chip começava a disseminar-se pelo mundo e ia ser um componente imprescindível em centenas de produtos de ponta.

O acordo que hoje assinamos com o Japão, e que me leva a exaltar a grande visão do governo japonês, representado pelo ministro Heizo Takenaka, aqui presente, nos ajudará a recuperar esse tempo perdido na indústria de semicondutores, e de avançar ainda mais na área de software em geral.

Isso, através da elaboração de um plano estratégico para a implantação no Brasil da indústria de semicondutores e a reestruturação da indústria de microeletrônica nacional. De uma coisa tenha certeza, ministro Takenaka: o Brasil será um grande e valioso parceiro na construção do Sistema Nipo-Brasileiro de TV Digital. Registro aqui, aliás, que foi seu o mérito de chamar assim – Nipo-Brasileiro –, o sistema de TV Digital que nossos países decidiram



desenvolver juntos.

Na verdade, inauguramos hoje um capítulo novo e extremamente promissor no relacionamento bilateral entre Brasil e Japão. Estou certo de que se inicia uma etapa que vai se caracterizar pelo compartilhamento crescente de conhecimentos, sobretudo nas áreas de ponta da ciência e da tecnologia, voltadas para a produção de inovações.

O Sistema Nipo-Brasileiro de TV Digital, bem como a parceria que estamos inaugurando na área de microeletrônica são mais uma ponte para a plena inserção do Brasil na sociedade do conhecimento. Não vamos apenas absorver o conhecimento e tecnologia japoneses, mas contribuir criativamente para o aperfeiçoamento tecnológico do Sistema, fazendo com que essa parceria se afirme aqui e além das nossas fronteiras.

Estamos, portanto, dando início a um empreendimento conjunto, de longo alcance. Vamos produzir um sistema flexível, que dialogue com os demais padrões de TV Digital existentes no mundo hoje. Nossa intenção é abri-lo à participação de nossos vizinhos do Mercosul e do Continente. Para isso, temos mantido contatos freqüentes com nossos sócios na região e vamos, de agora em diante, aprofundá-los. Esta é uma área onde tal cooperação é mais que bem-vinda.

Várias inovações no Sistema de TV Digital já foram produzidas por 22 consórcios brasileiros, entre 106 universidades e centros de pesquisa, entre elas o Middleware, Ginga, os sistemas corretores de erros e o sistema de compressão de vídeo H-264. Alguns dos autores dessas inovações estão aqui presentes e já falaram, inclusive. Aproveito para mais uma vez parabenizá-los pelos resultados já conseguidos que, tenho certeza, só vão fazer com que vocês se aperfeiçoem daqui para frente.

O Brasil, aliás, revela hoje uma extraordinária capacidade de pesquisa e inovação tecnológica. Estão aí para comprová-la, nossas conquistas de vanguarda na produção do etanol, na exploração de águas profundas, nas



ousadas e originais soluções técnicas da Embrapa e, principalmente, na descoberta do H-Bio pela Petrobras, que vai revolucionar a produção de combustível nas próximas décadas.

Queria, por fim, fazer um agradecimento especial à equipe técnica que trabalhou intensamente nos últimos meses, especialmente Roberto Pinto Martins, secretário do Ministério das Comunicações; Augusto César Gadelha, secretário do Ministério de Ciência e Tecnologia; Jairo Klepacz, secretário do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; André Barbosa Filho, assessor da ministra-chefe da Casa Civil Dilma Rousseff; embaixador Antonino Marques Porto, diretor do Departamento de Temas Científicos e Tecnológicos do Itamaraty, e Edmundo Machado de Oliveira, da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, assim como outros técnicos da Casa Civil e do BNDES.

Meu agradecimento é ainda maior porque vocês estão ajudando não apenas a implantar um novo sistema mas, também, a consolidar uma política de Estado fundamental para o novo modelo de desenvolvimento que estamos construindo no nosso país.

Um modelo que está possibilitando abrir novos caminhos de futuro que ajudarão a conciliar, de forma ainda mais vigorosa, uma política de alto desenvolvimento tecnológico com eficiente ação social. É assim que avançamos a cada dia, passo a passo, na construção do Brasil moderno e justo que tanto nós precisamos.

Meus parabéns a todos vocês, empresários, cientistas, políticos aqui presentes. Quero dizer para vocês que hoje está consagrado, definitivamente, e que o dia em que nós acreditarmos na sociedade brasileira, na nossa inteligência, nos nossos empresários, nos políticos brasileiros, juntos, a gente poderá construir coisas que até então pareciam impossíveis. Eu quero dizer para vocês que na semana passada eu já tive um dia de alegria imensa porque levantei um pote de H-Bio, que será uma revolução na área de combustível.



Hoje não me deram nada para levantar, nem eu ganhei nada até agora, mas eu quero dizer que é um dia memorável para mim, para a minha geração, para vocês e, sobretudo, para quem vier depois de nós.

Meus parabéns a todos vocês, muito obrigado e só poderia dizer: viva o Brasil e viva o Japão.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de inauguração do Centro de Oncologia do Hospital das Clínicas

São Paulo-SP, 29 de junho de 2006

Bem, primeiro quero cumprimentar o nosso governador Cláudio Lembo,
Cumprimentar o nosso ex-ministro Adib Jatene,
Cumprimentar os nossos companheiros senadores Aloizio Mercadante e Eduardo Suplicy,

Os nossos deputados, eu não posso citar o nome de todos porque são muitos e eles estão em campanha, e eu não posso ser culpado ou processado por estar fazendo promoção,

Meu caro amigo Luiz Roberto Barradas, secretário estadual de Saúde,
Nossa querida doutora Suely Vilela, reitora da Universidade de São Paulo,

Meu caro Giovani, diretor da Faculdade de Medicina,
Funcionários,
Médicos,
Amigos e amigas,
Companheiros e companheiras,

Chegar no Complexo do Hospital das Clínicas, aqui, é como encontrar com as bancadas dos partidos políticos lá em Brasília. A demanda é tão extraordinária que por mais que a gente pense que tenha feito nós sempre chegamos à conclusão de que ainda falta muito e muito por fazer no nosso país, sobretudo quando se trata de Centros de Excelência que, normalmente, são caros, com equipamentos cada vez mais sofisticados, com doutores, pesquisadores e cientistas cada vez mais bem formados, portanto, cada vez



precisam ser melhor remunerados. E nem sempre o Estado brasileiro se preparou para isso.

Eu quero dizer para vocês que quando eu indiquei o Humberto Costa para ser ministro da Saúde eu, possivelmente, por ser freqüentador desse Complexo desde 1983, quando aqui, pela primeira vez, o meu filho se internou e, depois, eu fui fazendo amizade com algumas pessoas e passei a ser um freqüentador assíduo do Complexo, graças a Deus nem sempre para mim, eu disse ao Humberto: nós precisamos construir alguns Centros de Excelência no Brasil, nós precisamos pegar algumas coisas, em alguns estados importantes, e tentar pelo menos ir transformando alguns hospitais... Eu, por exemplo, não agüentava ver, na televisão, um hospital, não sei se é o Miguel Couto, no Rio de Janeiro, não sei qual é, que é um hospital público que tem muita gente e só aparece desgraça na televisão. É gente tomando injeção em pé, é gente tomando injeção sentado no corredor, sentado no cimento, ou seja, era preciso fazer essa transformação. Aí, criou-se o QualiSUS. E, aí, a gente percebe que também não basta ter a decisão política, porque a burocracia entre você deliberar e elas começarem a acontecer demora um tempo extraordinário.

Mas, de qualquer forma, nesses últimos dois anos já foram investidos 162 milhões em 14 estados, 14 capitais, para ver se a gente consegue qualificar melhor alguns hospitais brasileiros, porque tem outros que são bons, tradicionalmente bons e que, normalmente, quando você vai ver, todos estão um pouco meio quebrados. E exatamente porque esses hospitais fazem o atendimento de uma camada da população muito pobre, pago pelo SUS e, normalmente, o SUS paga, pelo menos é a coisa que eu mais ouço dizer é que a taxa que o SUS paga, por pessoa, está muito aquém do custo operacional – viu, Suplicy, Aloizio Mercadante e demais companheiros? É muito aquém – está aqui, meu caro Gouveia, você que é tão pertinente na luta, a verdade é essa. A verdade é que o SUS não cobre esse atendimento qualificado e de excelência que todo mundo queria ter.



Eu lembro que o meu amigo Cláudio, eu vim aqui um dia fazer um exame e notei que tinha uma máquina que não era ocupada e eu disse ao Cláudio: “Por que essa máquina não é ocupada 24 horas por dia?”. Pois bem, entre decidir fazer e acontecer isso levou... não sei se já aconteceu, mas o dado concreto é que há decisão do Ministro da Saúde de fazer, há decisão do Presidente da República de fazer, há decisão do Secretário-Executivo do Ministério que diz, que é quem manda no dinheiro do Ministério. Você que já foi ministro, Jatene, sabe quem é que manda ali dentro. E as coisas não acontecem porque tem sempre uma gaveta ou uma mesa em que aquele documento pára, aquele papel pára e as coisas não fluem com a rapidez que nós gostaríamos com que fluíssem no Brasil.

Eu acredito que nós estamos vivendo um momento em que dinheiro já não é o grande problema da saúde. Eu penso que, quando o ministro Guido Mantega era ministro do Planejamento, ele adotou, estabeleceu o novo sistema de compra de remédios, tentando o tal pregão eletrônico para as coisas na área da Saúde, na perspectiva de que a gente pudesse minimizar o que aconteceu agora com essa coisa que a imprensa está dizendo de “sanguessuga de ambulância”, para ver se a gente consegue fazer com que o dinheiro que vai para o Ministério da Saúde, que é uma determinação constitucional, é o único dinheiro, o da Ciência e Tecnologia e da Educação garantido. Só a saúde, sozinha, tem mais dinheiro do que todo o conjunto dos outros ministros para investimento, entretanto, nós sabemos que é pouco. E muitas vezes sabemos que o país funciona, em muitos municípios, por conta do dinheiro do Ministério da Saúde, e que muitas vezes a gente repassa e muitas vezes o controle é muito difícil. E algumas coisas só podem ser feitas se nós estabelecermos um outro padrão de relacionamento entre a comunidade científica, entre a comunidade médica e o Estado brasileiro.

Eu estou dizendo isto, porque eu cheguei aqui, agora há pouco, e não é a primeira vez, chego no Rio de Janeiro é a mesma coisa, eu chego em Recife,



é a mesma coisa, eu chego em Porto Alegre... Eu fui inaugurar uma parte daquele Hospital Central de Porto Alegre, na inauguração me apresentaram uma pauta de reivindicação de coisas que precisavam ser feitas, o que eu acho normal e acho justo que apresentem. Mas se nós criarmos um mecanismo, e aqui nós sabemos que o Congresso Nacional tem como partido mais forte, a bancada médica. Ainda na semana passada, para mandarmos o projeto de reforma universitária para o Congresso Nacional, reitora, tivemos uma pendenga muito forte, se o dinheiro gasto com os hospitais universitários sairia do Ministério da Educação ou sairia do Ministério da Saúde. A bancada da saúde não quer que o dinheiro saia do Ministério da Saúde e a bancada da educação não quer que saia da educação. Eu, como conheço a força dos dois partidos dentro do Congresso Nacional, mandei o projeto sem a definição para eles brigarem lá dentro e lá eles vão encontrar uma solução para isso.

Eu penso que era necessário que a gente atentasse para algumas coisas. Do ponto de vista da saúde da família, que nós imaginávamos que seria a grande solução para a saúde brasileira, nós estamos, hoje, atendendo, praticamente, 94% dos municípios brasileiros e, ainda assim, nós temos um problema sério no atendimento da saúde. Nós descobrimos, quando entramos no governo, e era uma briga minha que eu disse uma vez, aqui mesmo no INCOR, quando me convidaram para um debate, que o Brasil era o único país do mundo onde a saúde bucal não era tratada como uma questão da saúde pública. Eu me lembro de que aqui eu disse que a gente tratava a unha do pé como uma questão de saúde pública e a boca a gente não tratava. Pois bem, nós vamos terminar, em dezembro do próximo ano, governador, com 400 centros de saúde bucal, onde nós vamos fazer aquilo que todo país civilizado faz, que é cuidar inclusive da ortodontia para que os filhos dos mais pobres tenham o direito a colocar alguns aparelhos. Mesmo assim, nós achamos que não atende a demanda da sociedade pelo atraso e pelo tanto de tempo que nós ficamos sem cuidar disso.



Nós criamos o SAMU. O SAMU é um programa que eu acho... Lamentavelmente o Arlindo Chinaglia não foi salvo pelo SAMU, mas o SAMU tem diminuído a barbaridade contra as pessoas que sofrem acidentes ou pessoas que estão na periferia, tem evitado que muita gente morra. E nós achamos que quanto mais nós fizermos, ou seja, hoje, pelo volume de ambulâncias que nós temos, já atendemos 85 milhões de pessoas na estimativa do Ministério da Saúde. E, se colocar mais o dobro de ambulâncias, ainda assim nós vamos ter uma deficiência.

Outras coisas que nós fizemos na área da Saúde, que era uma briga histórica, e hoje nós conseguimos fazer uma parceria extraordinária porque – eu não sei se vocês, médicos, compreendem, Davi, sobretudo você e o Kalil, nos consultórios aqui nos Jardins – vocês sabem que, no meio mais pobre, a maioria das pessoas que sai daqui sai com a receita, e se não tiver o remédio do SUS, morre, porque não pode comprar o remédio. Se tiver o remedinho do SUS, eles vão para casa e ficam tranquilos. Se não tiver, eles não têm como comprar. Nós fizemos um convênio, agora, com uma rede de farmácias, já estamos em quase 1 mil e 800 farmácias pelo Brasil, onde as pessoas podem comprar os principais remédios a um preço mais barato. Eu dou sempre o exemplo da insulina. Eu, como já vi muita gente nas reuniões que eu faço pelo mundo afora tomando insulina, um cidadão gastaria 130 e poucos reais por mês, hoje ele vai gastar 13 reais, é apenas 10% do valor, o que pode garantir que as pessoas, neste país, sobrevivam.

Aqui nós temos o nosso companheiro Jatene, que já foi ministro da Saúde, um dos médicos mais conceituados do Brasil. Eu dizia sempre o seguinte: quando as pessoas vêm para o hospital e morrem na mão do Jatene, mesmo que ele tenha feito um erro, todo mundo morre satisfeito, morreu na mão do melhor. Isso é como o Zico perder um pênalti, ninguém nunca vai dizer que ele é grosso, ele errou. O Jatene sabe que o problema da saúde, hoje, não é só dinheiro, é um problema de gestão. É um problema de gestão, é um



problema de definição de prioridades corretas, você sabe, você amargou no Ministério da Saúde, independentemente de quem fosse governo. Essa não é uma questão ideológica porque, se tem uma coisa no Brasil que dentro do Congresso Nacional é uma unanimidade, é a questão da saúde. Eu vi várias votações no Congresso Nacional em que os ideologicamente de extrema direita votavam igualzinho aos ideologicamente de extrema esquerda e contava com a maioria das pessoas de bom senso no centro. E a gente conseguiu aprovar todas as coisas importantes, inclusive aprovamos o SUS por conta disso. Então, não é uma questão de dinheiro, é uma questão de a gente definir algumas coisas que precisam ser feitas no Brasil.

Posso contar um caso para vocês, aqui, que é *sui generis*? Eu estou há pelo menos quatro ou cinco meses ou mais com o governo cubano... mais, porque ofereceu para o Humberto Costa, ofereceu médicos oftalmologistas para fazer operação de catarata, oferecia avião para vir buscar os nossos doentes aqui, levava para operar de graça, sem cobrar passagem, sem pagar diária, sem pagar nada. Eu achei que era uma coisa fantástica porque, de graça, até injeção na testa. Mas depois, eu não sei porque é que não foi encaminhado, eu sei que houve uma reunião do Centro de Oftalmologia e chegaram à conclusão de que o Brasil tinha um atendimento da demanda normal. Isso pode ser verdade para os grandes centros urbanos, mas eu não sei se, para os grotões deste país, nós temos esse atendimento. E depois eu fiquei surpreso porque eu vi um avião da Venezuela vir buscar um monte de brasileiros para operar com os médicos cubanos, em Caracas. Eu chamei o nosso Ministro da Saúde e falei: “eu quero, pelo menos uma resposta de que eu não preciso. Eu quero que você me dê uma resposta de que, cientificamente, eu não preciso, que nós estamos dando conta do recado”. Até agora não recebi a resposta, mas do ponto de vista da quantidade de médicos que nós temos, pela quantidade de pacientes, certamente o Brasil tem médico suficiente para isso. Se eles estão nos locais em que as pessoas precisam, é



uma outra história. Daí porque eu estou discutindo com o Ministério da Educação para ver se a gente consegue fazer uma outra universidade grande, de medicina, numa região mais empobrecida do país, ou Nordeste ou Norte, para a gente formar os médicos em função da realidade daquela região. Porque convencer o Roberto Gouveia de que ele tem que sair da capital paulista e ir trabalhar no agreste de Garanhuns é muito difícil, mesmo que a gente pague um bom salário.

Então, meus amigos, eu vim aqui, a priori, diziam que eu vinha aqui para inaugurar o Instituto de Oncologia. Eu viria aqui, mesmo que o Instituto de Oncologia tivesse sido feito pelo Antônio Carlos Magalhães, eu não tenho nenhum problema. O que interessa para mim é o resultado final, se alguém, depois, estiver doente e tiver espaço para se tratar, não tem problema nenhum.

Mas, para evitar polêmica, num período em que tudo o que a gente faz, e fazia antes com normalidade, vira anormal, eu prefiro me despedir de vocês aqui, agradecer o carinho que o Cláudio Lembo tem tido na relação conosco, relação de ente federativo, respeitosa e democrática, o que é importante, até porque eu sou pernambucano de nascimento, naturalizado paulista, e o que eu sou devo a São Paulo.

Mas eu queria fazer um desafio para vocês. Eu, de vez em quando, encontro com muitos de vocês em época de crise: “Ah, falta uma máquina aqui, vamos conversar”, aí procura o Cláudio Lembo, procura a mim, procura o prefeito. Eu acho que era preciso organizar um desafio para nós, um desafio coletivo, em que a gente não pudesse permitir, em hipótese alguma, que um Centro de Excelência que é referência para o Brasil, que cada cidadão, quando tem uma dor de barriga, em Brasília ou em outro lugar, vem para cá para se cuidar, e nós não temos o direito e não podemos nos dar ao luxo de permitir que um Centro como este entre em crise econômica, por qualquer que seja a razão. Nós temos que fazer funcionar. Os Centros de Excelência são tão poucos no Brasil, que aqueles que existem nós temos que fazê-los funcionar.



Então, eu quero dizer para vocês do nosso compromisso. Aí não é apenas o compromisso de Presidente, não, é o compromisso de quem conhece isso aqui há mais de 25 anos que frequenta porque precisa, que traz sua mulher, que traz seu filho, e quando não tem mulher e filho para trazer, traz parente; quando não tem parente, traz gente do Brasil inteiro que fala: “Presidente, vê se me arruma uma vaguinha lá no INCOR, vê se me arruma um negocinho lá. Vê com seu médico”. Eu não tenho nem médico, eu tenho um companheiro aqui que, de vez em quando, cuida de mim.

Mas o dado concreto que eu quero dizer para vocês é que nós vamos fazer o que estiver ao nosso alcance, eu tenho certeza que o Cláudio Lembo da mesma forma, para que a gente faça com que este Complexo sobreviva, possa pesquisar, da forma mais humana e mais econômica possível, que a gente possa equacionar os problemas que surgiram até agora.

Eu acho que, nessa altura do campeonato, nós não temos que ficar procurando quem é o responsável por uma coisa ter dado errado, nós temos, agora, é que procurar a solução do problema. Eu só quero que vocês saibam que comigo vocês contarão, porque eu estou numa idade em que eu vou precisar mais de vocês do que eu precisei até agora. Eu já estou com 60, o mandato de Presidente tem prazo para terminar, mas a vida, eu ainda pretendo ficar mais uns 15 anos, 20 anos perambulando pelo mundo, e espero que quando eu precisar, isso aqui esteja em pé, funcionando, cada vez mais qualificado, cada vez mais com pesquisadores competentes, para que a gente possa, cada vez mais, oferecer melhores serviços à população brasileira.

Meus companheiros, eu agora vou visitar o meu companheiro Arlindo Chinaglia que sofreu um acidente essa semana, e já está há quantos dias, Kalil? Oito dias, nove dias, na UTI. Quando a gente ultrapassa os 50 anos, é bom a gente não cair, não bater carro.

Então, eu quero agradecer a vocês. Quero dizer aos companheiros que fizeram o debate anterior comigo, que tenham a minha parceria, utilizem



melhor os deputados, cobrem deles, porque a bancada médica é muito forte. Se vocês não derem demandas boas para ela, eles ficam pensando coisas ruins. Ficam pensando em aumentar a despesa do orçamento. Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: vamos tentar corrigir o que precisa ser corrigido enquanto é tempo. Mas eu queria, Roberto, fazer um desafio para os deputados e para os médicos aqui, sobretudo os médicos, porque tem médico que é médico profissional, que trabalha, mas tem o médico que tem dupla função, ele é médico e é um ativista político juramentado, mesmo que diga que não é. Você, por exemplo, Davi, você é um agente político nato. Você também, Kalil, o Jatene também e tantos outros.

Eu acho que é preciso constituir um núcleo em que a gente pudesse... porque, veja, quando você discute, Jatene – você viveu essa experiência – quando você discute com o ministro da Saúde, ele tem toda a sensibilidade, todo o conhecimento. Você sai do Ministério da Saúde e vai para o Ministério da Fazenda, a sensibilidade já diminui em 50%. E aí, vai descendo na cadeia de quem tem que fazer a distribuição dos recursos, a sensibilidade vai diminuindo cada vez mais. Então, se nós não construirmos um núcleo e colocarmos, junto, alguém ligado ao dinheiro, alguém ligado à Saúde, alguém ligado ao Planejamento, alguém ligado ao Parlamento, para juntos irem vendo as coisas que precisam ser feitas, no seu tempo, nós vamos continuar trabalhando como pronto-socorro. Surge uma demanda grande, corre todo mundo atrás, ficamos com metade do prejuízo. Aí passa a tranquilidade, não tem problema. Passa mais um ano, tem problema? Tem. Vamos correndo atrás outra vez.

Eu acho que nós temos que tentar dar uma equacionada com uma solução mais duradoura, coisa de longo prazo, sobretudo nos Centros de Excelência deste país porque, na chamada demanda ligada ao SUS, eu acho que o Brasil tem um trabalho muito grande. Eu acho que nós estamos atendendo uma parcela extraordinária das pessoas. Mas eu viajo muito pelo



Brasil, então eu fico com pena, porque você sabe que, aqui, se alguém for amigo de uma pessoa importante, a pessoa tem acesso a um instrumento importante, a uma máquina daquelas que a gente entra dentro, parece que está morrendo sufocado ali. Quem é que pode entrar naquela máquina? Quem é que pode ir lá? O coitado do pobre tem mais dificuldade, tem acesso mais difícil. Então, nós precisamos aumentar essas possibilidades. Quando se trata de saúde, não é doutora Nana, não tem que ter, efetivamente, a qualificação monetária. Eu acho que é um direito humano, Paulinho, exemplar, e eu acho que nós vamos aprimorando isso. Eu só posso terminar, dizendo: tenham a mim como parceiro sem criar a certeza de que a gente pode resolver tudo em pouco tempo. A demanda é de muitos anos e nós vamos levar alguns anos, ainda, para consertar. Mas eu, por exemplo, fiquei muito sensível a esse negócio dos laboratórios de (inaudível). Se pudermos juntá-los... quando o Lembo diz que tem muito dinheiro em São Paulo, nós temos um pouco, vamos ver se a gente consegue resolver.

No mais, gente... o pessoal já quer aumento de salário ali. No mais, eu quero agradecer a vocês por este convite, e dizer que, possivelmente, como vamos entrar em um momento importante da vida brasileira, quem sabe poderíamos ordenar aí, depois, debates e debates para a gente ir aperfeiçoando uma saída para a nossa saúde pública.

Obrigado, gente, e muito prazer em estar com vocês.